

ANUÁRIO DO **FESTIVAL DO**  
**34<sup>o</sup> FOLCLORE**

9 A 16 DE AGOSTO DE 1998

Parafusos-Lagarto-SE

**OLÍMPIA - SP**  
CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE



JUBILEU DE ÂMBAR

COLABORAÇÃO:



**Bradesco**



## PARAFUSOS

"Quem quiser ver os alegres integrantes do grupo folclórico Parafusos, do município de Lagarto, estado de Sergipe, tem que sair às ruas e vê-los cantar e dançar, para tomar um banho de alegria e humor. O grupo é integrado por homens, que se vestem com trajes femininos, lembrando uma seqüência de anáguas brancas, ornadas com rendas.

Segundo a tradição, na época do cativo, era comum as sinhazinhas deixarem no coradouro, durante a noite, as peças das suas indumentárias, principalmente as anáguas, ricamente bordadas e cheias de rendas francesas.

Os negros escravos, na calada da noite, saíam para roubar essas vestes, com as quais eles se "fantasiavam" para tentar fugir dos seus senhores, em busca de novos cominhos, à procura da liberdade.

Com elas, os negros fugitivos cobriam todo o corpo, sobrepondo peça por peça, até o pescoço.

Assim, vestidos de branco e ao sabor do vento, saíam pelas estradas, dando pulos, rodopiando e fazendo assombração. A superstição da época fazia o povo acreditar em almas sem cabeça e outras visagens. Os moradores da região, amedrontados com as "terríveis" aparições, abstinham-se de sair de casa para proteger algo que estava sendo roubado, em sua propriedade. Tinham medo. Mais que isso, tinham verdadeiro pavor.

Após a libertação dos escravos, os negros saíam às ruas vestidos tal qual faziam, quando escravos. Trajando uma seqüência de anáguas, saíam em bando, cantarolando, pulando, em movimentos torcidos e retorcidos, numa aberta e livre gozação aos seus antigos senhores, agora derrotados. Pareciam parafusos. Representando os negros escravos, com a cara melada de tabatinga (barro branco), pasta d'água, ou pomada minâncora, e vestidos numa profusão de anáguas brancas, com rendas, bicos e ornadas com pregas tipo "palito" ou bordadas em palmas cheias, eles não mais espalham o terror, como antigamente. Espalham, sim, muita alegria, muito humor, muita descontração. Por baixo das anáguas, os Parafusos usam blusa branca, com decotes redondo, mangas compridas, com elástico nos punhos, e calça comprida, com elástico no cós e nas pernas.

Ao todo, são cinco anáguas, distribuídas pelo corpo. Na cabeça, usam chapéus de rafia branca, ornados com fita vermelha.

São poucos os instrumentos musicais que acompanham o grupo: triângulo, acordeão e bumbo.

Mas a empolgação fica por conta dos próprios integrantes que, com as suas vestes, criam um belo visual e, com as

suas músicas e danças, repetem o ritual ancestral, dançando e cantando tudo que os seus reminiscentes criaram".

Do Calendário Sergipano.

**Foto:** Grupo Folclórico "Parafusos", de Lagarto - SE, comandado por Gérson Santos Silva - 33.º FEFOL - Olímpia - 1997.

## Jubileu de Âmbar

(34 anos)

Âmbar - resina fóssil originada de gigantes coníferas que floresceram no Terciário (oligoceno) há cerca de 60 milhões de anos. Seu estudo fornece preciosas informações sobre insetos e plantas fossilizados em seu interior. É encontrada na forma de nódulos irregulares de cor de amarelo-pardo, às vezes muito turva em virtude da inclusão de minúsculas bolhas de ar. Atritada contra certos tecidos adquire carga elétrica.

Quimicamente, é uma mistura de resinas e substâncias betuminosas. Insolúvel na água, é solúvel em muitas outras substâncias, como o éter, o clorofórmio e a acetona. Funde, produzindo fumaça branca, entre 280 e 290°C. Sua densidade é inferior à da água.

Empregado desde a Antigüidade na confecção de ornamentos, contas, amuletos, rosários, estatuetas, piteiras, boquilhas de cachimbo, é extraído por mineração, escavação ou drenagem. Os mais importantes depósitos são os do mar Báltico. Mas o âmbar ocorre também na Romênia, na costa da Sicília, e em Myanma (ex-Birmânia), perto de Myitkina. É habitualmente amarelo, com matizes de marrom, laranja e vermelho.

### ANO CIVIL DE 1998

Ano comum (365 dias)

506.º ano do  
Descobrimento da América

498.º ano do  
Descobrimento do Brasil

176.º ano da  
Independência do Brasil

109.º ano da  
Proclamação da República

95.º ano da  
Fundação de Olímpia

80.º ano da  
Emancipação Política de Olímpia

34.º ano do  
Festival do Folclore de Olímpia



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA  
ESTADO DE SÃO PAULO



**ANUÁRIO DO 34.º FESTIVAL DO FOLCLORE**  
**9 a 16 de agosto de 1998**  
**Jubileu de Âmbar**  
**OLÍMPIA - CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE**

**ANO XXV - N.º 28**

**22 DE AGOSTO DE 1998**

<b>Diretor:</b>	José Sant'anna
<b>Assessores:</b>	Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Ivete Fernandes, J. José Abra e Patrícia Alves Rodrigues Lopes
<b>Panorama Folclórico:</b>	Iseh Bueno de Camargo
<b>Sumário:</b>	André Luiz Nakamura
<b>Fotografias e cromos:</b>	Agnor Guevara, Hélio Garcia Filho, Francisco de Assis Madalena e Paulo de Tarso Pereira
<b>Desenhos:</b>	João Carlos Oliveira da Rocha, Paulo César Férri e Willian Antônio Zanolli
<b>Organografias Musicais:</b>	Fernando de Souza Faria (estudante de Música) sob a supervisão do Maestro Antônio Possato
<b>Diagramação Eletrônica:</b>	José Antônio Arantes
<b>Revisão:</b>	André Luiz Nakamura e José Sant'anna
<b>Composição, Fotolitos Internos e Cópias:</b>	Folha da Região (Rua David de Oliveira, n.º 1255, Patrimônio de São João Batista - Telefone: (017) 281-1261 - Olímpia - SP)
<b>Fotolitos em Cores (capas):</b>	Quadricolor - Estúdio de Reproduções Gráficas Ltda. (03 649-030 - Rua Tobiasaras, n.º 436 - Vila Esperança - São Paulo-SP - Telefone: (011) 6091-2033 e Fax (011) 6091-2196)
<b>Impressão e Acabamento:</b>	Centrograf (Praça Rui Barbosa, n.º 47, Patrimônio de São João Batista - Telefone (017) 281-7060 - Olímpia-SP)

**EXPEDIENTE**

Rua David de Oliveira, 420 - Caixa Postal  
60 - Patrimônio de São João Batista -  
15400-000 - Olímpia - SP - Telefone: (017)  
281-6786 - Fax: (017) 281-6941

Edição do Departamento  
de Folclore  
do Museu de História e Folclore  
"Maria Olímpia"  
da Prefeitura Municipal de Olímpia

*Todo trabalho de redação assinado é de total  
responsabilidade do autor. Quaisquer artigos  
ou ilustrações podem ser reproduzidos, des-  
de que citada a fonte.*

## SUMÁRIO

### CONTOS FOLCLÓRICOS

#### VAMOS CONTAR ESTÓRIAS

O Prof. José Sant'anna publica nesta edição mais quinze contos, sob os seguintes títulos: 1 - A briga do leão com a raposa/ 2 - A mulher parálitica/ 3 - A raposa e o homem/ 4 - A raposa lograda/ 5 - A sentença do juiz/ 6 - A velha ranzinza/ 7 - Dona Piedade/ 8 - O casal de sete anos/ 9 - O casamento da franga/ 10 - O gato e a raposa/ 11 - O leão e outros bichos/ 12 - O macaco e a espiga de milho (variante)/ 13 - O Papa-figado/ 14 - O português e o burro/ 15 - O vendedor de peixes.

Página 3

### FOLGUEDO

#### O AUTO DAS CABOCLINHAS.

Presidente do Núcleo Folclórico "Beatriz Vasconcelos", de Chã Preta - AL, o folclorista Pedro Teixeira de Vasconcelos discorre sobre o Auto das Caboclinhas, folguedo que apresentou com seu grupo em diversas oportunidades no Festival do Folclore de Olímpia. Página 11

### A SAUDADE NO FOLCLORE

#### SE A SAUDADE MATASSE...

Por meio de provérbios, quadrinhas, da música, entre mais, o Prof. José Sant'anna mostra-nos como a saudade é sentida pela gente do povo, além de proceder a uma efetiva análise etimológica e semântica desse vocábulo tão especial.

Página 13

### FOLCLORE E FÉ

#### DEVOÇÃO AO ROSÁRIO - EXPRESSÃO DE FÉ E CULTURA FOLCLÓRICA.

Ulisses Passarelli, Secretário da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore, fala sobre Nossa Senhora do Rosário e sobre o Rosário, que, para o autor, representa uma ponte entre a religião e o folclore.

Página 22

### SIMPÓSIO DE FOLCLORE

#### CONCEITUAÇÃO DO FOLCLORE NO BRASIL

Em homenagem póstuma ao emérito antropólogo e folclorista Veríssimo de Melo, publicamos a íntegra de sua exposição (cujo tema intitula este artigo) no I Simpósio Nacional Sobre Folclore, que

se realizou de 14 a 17 de agosto de 1986, na Casa da Cultura "Álvaro M. Cassiano Ayusso", de Olímpia, como parte das atividades do 22.º Festival do Folclore (10 a 17/8/86).  
Página 23

### ADIVINHAÇÕES

#### RACHA-CUCAS

Este é o título da nova coletânea de adivinhações recolhidas por Anali de Oliveira, do Departamento de Folclore de Olímpia, junto a estudantes das instituições pedagógicas olímpenses. Nesta edição são publicadas cinquenta adivinhas, ressaltando-se algumas versificadas.

Página 25

### ARTESANATO

#### PALHA DE MILHO DELEITA NOSSOS OLHOS

Maria Jesus de Miranda, coordenadora do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", apresenta uma entrevista que fez a D. Maria S. Pegorário, na qual fala sobre seu trabalho.

Página 27

### COSTUMES E CRENÇAS

#### MOÇA, CASAMENTO & ORAÇÕES

O antropólogo e folclorista Mário Souto Maior, da Fundação Joaquim Nabuco - Recife - PE, trata neste artigo do drama das "vitalinas" (solteironas), publicando, ainda, orações dirigidas a santos católicos para arranjar casamento.

Página 29

### FUTEBOL E FOLCLORE

#### A GÍRIA NO FUTEBOL - VISÃO INTRODUTÓRIA

O professor e folclorista José Carlos Rossato dá seqüência à sua pesquisa sobre o folclore que se verifica no esporte preferido dos brasileiros, versando, nesta edição sobre a gíria a ele peculiar.

Página 31

### FOLCLORE

#### O CALO DE ESTIMAÇÃO AINDA EXISTE:

#### À PROCURA DE UM RÓTULO PARA O FOLCLORE

O antropólogo e folclorista José Ma-

ria Tenório Rocha, de Maceió - AL, relata a efetiva contravérsia travada acerca de uma conceituação para o folclore no âmbito acadêmico.  
Página 47

### RELIGIÃO E FOLCLORE

#### PROCISSÃO DE SÃO CRISTÓVÃO

Antônio Clemêncio da Silva descreve esse evento que se realiza anualmente em Olímpia, no dia 25 de julho, apresentando ainda uma iconografia do santo, orações a ele dedicadas, e um esboço histórico do Córrego dos Olhos D'Água, sobre o qual, em grade de ferro, está a imagem do Santo e em cuja marginal dá-se a cerimônia.  
Página 49

### MEDICINA FOLCLÓRICA

#### DOR DE CABEÇA, UMA FERROZ INIMIGA

A professora e folclorista Iseh Bueno de Camargo fala a respeito de dor de cabeça, publicando orações, benzimentos e simpatias para curá-la, e, bem assim, o sentido conotativo daquela expressão.

Página 56

### FOLCLORE DEVOCIONAL

#### A DANÇA-DE-SÃO-GONÇALO EM OLÍMPIA

O folclorista José Sant'anna retrata neste artigo as modalidades da Dança-de-São-Gonçalo encontradas em Olímpia: a sapateada e palmeada, a simplesmente sapateada, e a de encenação claudicante.

Página 65

### REGISTRO

#### PANORAMA FOLCLÓRICO

A jornalista e folcloróloga Iseh Bueno de Camargo faz uma retrospectiva do 33.º Festival do Folclore de Olímpia, trazendo ainda um amplo noticiário acerca do folclore e dos folcloristas.

Página 76

### CORRESPONDÊNCIA

#### MENSAGENS E MISSIVAS

Esse espaço é destinado à publicação da opinião dos leitores deste Anuário e, bem assim, da intensa correspondência que mantemos com folcloristas. Célio José Franzin é o responsável pelo arquivamento da correspondência.

Página 135

# VAMOS CONTAR ESTÓRIAS

José Sant'anna

Departamento de Folclore - Olímpia

Contar estória é a mais antiga das artes e chegou a ser profissão. Quase todas as pessoas gostam de ouvir estórias, porque é um modo agradável de passar o tempo. Outrora, as pessoas se reuniam no alpendre, em frente à porta da sala ou da cozinha ou ao redor do fogão de lenha, principalmente no inverno, para ouvi-las.

As estórias estão incorporadas à nossa cultura. No tempo das babás e dos pretos velhos elas invadiram nossas casas. E continuaram sendo narradas por nossos familiares e amigos. Hoje

os velhos contadores estão esquecidos, poucos existem. Embora grande parte delas esteja nos livros, ainda restam muitas a serem recolhidas. Para contar uma estória é preciso que o narrador possua muita habilidade, porque o principal nessa arte é saber despertar emoção, principalmente se o ouvinte é criança.

Muitas estórias são maravilhosas, fantásticas, apresentam muita surpresa e fixa a diferença entre o bem e o mal. Inserimos algumas que versam sobre animais.

Para o mundo infantil é uma “mina de ouro”, pois servem para deleitá-lo, incutir-lhe o amor à beleza, desenvolver-lhe a imaginação e o poder de observação, ampliar-lhe a beleza e o gosto artístico e estabelecer uma distinção íntima entre o mundo da realidade e o da fantasia.

Este nosso trabalho consta de quinze estórias (contos) das quais seis se referem a animais, recolhidas em Olímpia. Mantivemos a linguagem dos narradores. Para ser aplicado nas escolas, terá que ser adequado o linguajar.

## 1 - A BRIGA DO LEÃO COM A RAPOSA

“Numa época os animal não tinha uma gota d’água pra bebê. No verão secaro até os grande rio. A bicharada tava morreno de sede por falta de um poco de água. O tatu, cavadó de buraco, começô a cavá a terra muito seca e depois de muito trabaiaí, encontrô um fiozinho d’água que não dava quase nada, mas foi avisá o leão. Afinal de contas ele é o rei da floresta. O leão quando recebeu a notícia, marcô uma reunião com os bicho, pra dá conhecimento da descoberta do tatu. Os animal correro todos pra matá a sede, na fonte encontrada pelo tatu. Mas quando lá chegaro, ficaro desanimado porque a água não dava nem pra um bicho, além de sê muito difíci para quarqué um deles bebê.

O macaco, por sê inteligente, teve uma grande idéia de furá um poço bem fundo, assim todos teria muita água.

A bicharada deu viva de muita satisfação e começaram o trabaio. Todos trabaio, menos a raposa, que por sê muito preguiçosa, ficô de longe, observano o trabaio dos companhero.

Quando o poço ficô pronto, a bicharada bebeu água à vontade, matano a sede de muitos dia.

Mas o macaco, que era vingativo, pediu a palavra e disse:



— Agora, amigos, nós vamo tomá conta do poço pra que a raposa não venha bebê. Ela não moveu uma paia nesse trabaio.

Todos concordaro com o macaco, e o leão, por sê muito forte, disse pr’os amigo:

— Eu que vô tomá conta do poço! Se a raposa aparecê por aqui, vô dá fim nela.

A raposa ovuiu tudo, mas não ficô com medo. Saiu dali e foi para o meio da floresta. Quando os otro bicho se

retiraro, permaneceno só o leão, a espertaiona vortô com uma cabaça cheia de mel. Sentô perto do leão e começô a tomá um poquinho de mel, levano a cabaça na boca, muito alegre, dando muita vontade no leão.

— O que é que ocê está bebendo com tanto gosto?

— É mel, amigo leão. Qué exprementá um poquinho?

O leão que era muito chegado em mel, não resistiu. Levô a cabaça de mel na boca, mas poco pôde saboreá. O furo era muito estreito e nem cabia a pontinha da língua dele.

—É muito gostoso, falô o leão, lambeno os beíço, mas é muito difíci pra bebê. Sai poco mel.

A raposa, muito esperta, disse pr’o rei leão, aproveitano sua golodice:

— Deita de costa, amigo, que eu despejo o resto de mel na sua boca.

Assim ele fez. Enquanto o leão bebia com muito desejo, a raposa disse:

— Espere aí, que eu vô buscá otra cabaça cheinha. E saiu correno.

Quando vortô, encontrô o leão dormino um sono gostoso. Era isto o que ela queria.

Arrumô uns cipó grosso e forte e, com muito jeito, amarrô as pata do leão. E foi para a bera do poço bebê água fresca. Bebeu água com tanto

## CONTOS FOLCLÓRICOS

gosto, fazeno um baruío tão arto, que acordô o leão.

Quando o leão quis levantá, sentiu tão amarrado que sortô um rugido feio que deixô a raposa repreta de temor. Ela quis fugi, mas o leão disse:

— Amiga raposa, a senhora é uma criatura muito bondosa. Por isso a senhora vai desamarrá as minha pata. Os otro animal vão dá muita risada

quando chegá aqui. E não fica bem. Eu sô o rei da floresta. A senhora me sorta e eu dô a minha palavra de rei que nada vai acontecê. E a senhora pode vim bebê água à vontade, quando tivé com sede. Corta os cipó.

A raposa ficô meio desconfiada, pensô um poco e falô pra ela mesma: Se eu não sortá ele, otro bicho sorta e ele pode vingá de mim. Vô

confiá na palavra dele. E desatô as pata do leão.

Quando o leão se viu livre, deu uma patada tão bruta na raposa, que matô ela ali mesmo. E ainda devorô ela interinha.

Viu só! A raposa foi castigada por querê abusá da força do leão.”

Contado por *Jesus Francisco de Miranda*.

## 2 - A MULHER PARALÍTICA

“Diz que quando Nosso Senhor Jesus Cristo andava no mundo, ia andano, numa tarde de muito sol, e tava muito cansado.

Não demorô muito tempo, ele ovuiu o cantá dos exo de um carro de boi. Levantô os óio e viu que o carro tava seno puxado por seis boi amarelo, guiado por um candeeiro ainda menino. O carrero tava sentado na parte traseira do carro, com uma vara de ferrão no ombro, cochilano de tanto sono. Na mesa do carro ia dois home, já idoso, jogano baraió.

Nosso Senhor, com os pé sangrano, de tanto andá a pé, pediu, com muita educação, pr'os dois jogadô um lugarzinho pra continuá a viage mais descansado. E mostrô o seu estado de sofrimento.

Os dois home oiô pr'o pedinte e, ve-no que tava esfarrapado, riro dele e

nada respondero. Neste momento, o carrero acordô com a prosa deles e disse pr'o pedinte:

— Venha cá, meu senhor, pode viajá sentado aqui onde tou.

E foi viajano a pé, tocano os boi.

Quando já ia chegano numa cidade próxima, já era noitinha, o pobrezinho falô pr'o carrero:

— Amigo carrero, eu sei que a sua mulher, há muitos ano, vive numa cama, sem podê andá. Quando você chegá em casa, vai encontrá ela andano, muito feliz e preparano a comida pra você.

Quando o carrero se vortô para o peregrino, ele já havia desaparecido, mas quando chegô em casa encontrô sua esposa, que era paralítica, já fazia dez anos, do jeitinho que o véio disse: cantano e cuidano da refeição.”

Contado por *Jesus Francisco de Miranda*.



## 3 - A RAPOSA E O HOMEM

“Havia uma raposa muita esperta que conhecia o mato de fio a pavio, e sabia o caminho por onde um lenhador passava todos os dias. E queria saber se aquele visitante do mato era bom ou mau. E o que fez, então? Deitou no caminho e fingiu-se de morta.

Vinha vindo o homem, viu a raposa deitada no caminho e percebendo que estava morta, disse:

— Raios! Coitadinha da raposa!

Fez um buraco raso, colocou ela dentro, não o fechou com terra e foi-se embora.

Depois que o homem deu alguns passos, a matreira correu pelo mato, fez um atalho, passou adiante do homem, deitou-se no caminho e fez-se de morta.

Quando o homem chegou, disse com muita tristeza:

Eh! Outra raposa morta! Pobrezinha!

Arredou-a do caminho, cobriu-a



com algumas folhas e seguiu adiante.

A raposa correu outra vez pelo mato cerrado, deitou adiante no caminho,

e, novamente, fingiu-se de morta.

O coitado do homem, indignado, disse:

Ó meu Deus! Quem teria matado tanta raposa?

Arredou ela para fora do caminho e continuou andando.

A vagabunda da raposa saiu correndo e foi fingir-se outra vez de morta no caminho.

O homem, já nervoso, disse:

— Levou a breca! Pegou a raposa pela orelha, sacudiu ela umas três vezes e jogou com muita força no meio do mato cerrado, sobre uma moita de arranha-gatos. E o falso defunto machucou-se tanto que nem pôde, por muitos dias, sair do local.

Quando a raposa pôde andar, disse:

— Não é que o homem era bom! Mas ninguém deve abusar das pessoas que fazem o bem.”

Contado por *Antônio de Sousa*.

## CONTOS FOLCLÓRICOS

### 4 - A RAPOSA LOGRADA

“Era uma vez um patinho desobediente que não gostava de ficar junto com os irmãos, nadando no córrego.

Um dia, eles foram nadar e o danadinho deixou os irmãos e foi pr'o meio do mato caçar alguns insetos. E foi muito longe.

De repente, ele encontrou uma raposa, muito desesperada, engasgada com um osso.

O patinho, muito gentil, chegou perto da raposa e disse:

— Como vai senhora Raposa? O que é isso? Está engasgada com um osso?

A raposa respondeu com muita dificuldade:

— É isso mesmo, meu amiguinho. Estou engasgada com osso de peru.

— Quer que eu retire para a senhora?

— Quero sim, meu filho. Faça essa caridade.



A raposa abriu bem a boca e o patinho enfiou sua pata e retirou aquele enorme osso.

Suspirou aliviada e agradeceu muito o caridoso amigo. Depois começou

a fazer umas perguntas esquisitas:

— Onde é sua casa? Você tem mais irmãos? Mora muito longe daqui? Passeia todos os dias? A que horas você dorme? O seu dono é muito bravo?

O patinho começou a desconfiar da raposa esperta. Por que queria saber tanta coisa? E logo compreendeu a intenção dela.

Então, carinhosamente, perguntou:

— Senhora Raposa, não acha melhor eu passar uma pena, com água, na sua garganta. Parece que ela está tão machucada. Assim, a senhora poderá falar melhor.

A raposa concordou e abriu, novamente, a boca. O patinho, com jeito de enfermeiro, antes que a raposa percebesse, colocou o mesmo osso na goela dela e saiu correndo para longe.”

Contado por *Antônia do Carmo Batista de Carvalho*.

### 5 - A SENTENÇA DO JUIZ

“Conta que um senhor foi intimado a comparecer no fórum, acusado de ter esbofetado, num ônibus, uma senhora.

No interrogatório, o juiz perguntou:

— Então! Conta o motivo que levou o senhor a espancar, no ônibus, a senhora Faustina, durante uma viagem.

O réu explicou assim:

— Sabe, doutor juiz, eu tava viajando de ônibus, sentado sozinho num dos bancos. Na primeira parada, entrou esta senhora, toda saída, e veio sentar justamente comigo.

Sentou e abriu a carteira. De dentro da carteira tirou uma bolsinha. Fechou a carteira. Abriu a bolsinha e tirou de dentro dela dez cruzeiros. Pôs novamente o dinheiro na bolsinha. Fechou a bolsinha. Abriu a carteira, guardou dentro dela a bolsinha e fechou ela novamente.

Nisto, vem o cobrador. A senhora, então, abriu a carteira e de dentro da carteira tirou uma bolsinha. Fechou a carteira. Abriu a bolsinha e tirou de dentro dela dez cruzeiros. Fechou a bolsinha. Abriu a carteira, guardou dentro dela a bolsinha e fechou a carteira. Depois entregou ao cobrador os dez cruzeiros e recebeu a passagem.

Em seguida, abriu a carteira, tirou a

bolsinha e fechou a carteira. Abriu a bolsinha e guardou a passagem. Fechou a bolsinha, abriu a carteira, guardou nela a bolsinha e fechou a carteira.

— Chega! Chega!, falou o juiz. Já falou demais. Você acaba me deixando louco!

— Foi isto que aconteceu comigo, doutor juiz. Eu me enlouqueci e dei um tapa nela.

O juiz, então, falou:

— Você está absolvido.”

Contado por *Antônio Miranda Sobrinho*.



### 6 - A VELHA RANZINZA



“No tempo em que Nosso Senhor andava pelo mundo, num dia ele foi visitar o sertão onde morava uma velha viúva muito egoísta.

Nosso Senhor estava com São Pedro e os dois ficaram indignados de conhecer essa pessoa tão ambiciosa. Quando eles chegaram no terreiro do sítio, a velha já foi dizendo:

— Minha casa não é lugar para desocupados ficar. Vocês pode ir dando o fora daqui.

Nosso Senhor respondeu:

— Nós não vamos dar nenhuma despesa para a senhora. Só queremos um lugarzinho para pernoitar, nem

## CONTOS FOLCLÓRICOS

que seja no paiol.

Com muita má vontade, a velha consentiu, mas ficou vigiando os dois estranhos. Pra que eles não desconfiasse dela, ela pegou uma peneira de bambu e ficou por perto, agitando ela no vento, limpando feijão, fazendo cair as cascas.

São Pedro pôs um pouco de fumo no cachimbo e pediu licença à velha para tirar uma brasa do fogão, lá na cozinha, pra acendê.

A velha, meio desconfiada, disse:

— Pode ir buscar a brasa, mas quando voltar vocês vão me ajudar a limpar este feijão.

Quando São Pedro voltou, veio com um tição de fogo para deixar o cachimbo sempre aceso. Nosso Senhor deu uma soprada no tição e as faíscas caíro na peneira. A velha ia xingar, mas percebeu que o fogo queimou só a parte que não prestava, deixando o feijão limpinho.

Então, a infeliz quis fazer a mesma coisa. Soprou o tição de fogo e as faíscas queimaro num instante tudo: as cascas do feijão, o feijão e também a peneira de bambu.

A velha, muito nervosa, ia xingar os dois homens, mas ficou muito assustada: Nosso Senhor e São Pedro tinham desaparecido. Acabou a estória.”

Contado por *Antônio Miranda Sobrinho*.

## 7 - DONA PIEDADE

“Num dia Nosso Senhor saiu andano a pé com São Pedro pelo meio de um mato muito fechado e o tempo ameaçava uma chuva muito braba. Era noite. Eles avistaro uma casinha, um rancho. Batero parma e foro atendido por uma senhora que se chamava dona Piedade. Era velha e vivia na miséria. Tinha duas ou três cabrita que criava sorta perto do rancho, mas recebeu os dois com muito carinho, dano um lugarzinho para eles se abrigá da chuva. E no ranchinho eles posaro.

No otro dia, de manhã, quando foro saíno, São Pedro falô pra Nosso Senhor:

- Senhor, dá riqueza pra esta mulher que acolheu nós muito bem, com boa vontade.

Nosso Senhor respondeu:

- Pedro, você não sabe das coisa. Se esta mulher ficá rica, ela vai ficá muito ruim, muito má. E pra prová isto, vou fazê com que ela fique rica.

Foro embora. A velha, de uma hora



pra otra, foi fazeno negócios, comprano muitas cabeça de gado, emprestano dinheiro a juro. Ficô muito rica dentro de pocos mês.

Nosso Senhor chamô São Pedro e

foi fazê uma visita pra ela. Foro como dois mendigo e pediro um poso.

Ela estava numa casa muito bonita, sentada na varanda, numa cadeira de descanso e falô com muita estupidez:

- Desocupados! Dois homens ainda forte e pedino esmola. Vão arrumá serviço, seus vadio.

E, com muita raiva, chamô uns cachorro perigoso que tinha no quintal para atiçá nos dois pobre.

Nosso Senhor olhô para São Pedro e falô:

- Não le disse?

São Pedro, arrependido, respondeu:

- Perdão, Senhor!

E, antes que os cachorro chegasse, os dois foro embora. Num instante eles desaparecero.

Dona Piedade, em poco tempo, ficô cega e vivia de esmola num povoado próximo de onde morava”.

Contado por *Raquel Miranda*.

## 8 - O CASAL DE SETE ANOS



“Há muitos anos atrás, havia um casal que vivia brigando. A mulher andava apavorada, não dava conta das obrigações. O marido chegava do serviço, não encontrava a janta pronta e aí começava as brigas.

Um dia, o marido resolveu contar para os amigos que ele já estava desanimado da vida. Seus amigos lhe diziam:

- Isso é o diabo que anda atentando. Não briga mais com sua mulher. Vai a tal lugar. Lá existe uma figueira muito grande. Você sobe nela e fica esperando os capetas chegarem. Eles vêm contando as vantagens que fazem.

Assim ele fez. Chegou em casa e disse à mulher:

- Hoje eu vou sair à noite.

A mulher achou estranha a conversa do marido, mas ficou quietinha. Não lhe disse nada.

Ele encontrou a tal figueira, subiu nela e ficou esperando a capetada chegar. Não demorou nada, eles chegaram. Um deles chegou rindo demais e contou ao outro:

- Olha rapaz, eu escondi o colar da fulana. O marido dela deu-lhe uma surra, fez uma pampeiro danado, e quase que os dois se separaram por causa disso.

Quando terminou a reunião dos capetas, o homem foi embora.

No dia seguinte, o homem chegou da roça e a comida não estava pronta. A mulher, rapidamene, espetou a carne e pôs para assar, mas a carne caía na cinza. Era o diabo que derrubava.

## CONTOS FOLCLÓRICOS

### 9 - O CASAMENTO DA FRANGA

Ela lavava a carne, punha novamente no espeto para assar, mas a carne tornava a cair na cinza.

O marido ficou louco de nervoso. Tomou o espeto, deu espetada por todos os cantos da casa. Furou todas as paredes e depois foi lá para a figueira e subiu nela. Quando os capetas chegaram, um estava mancando, todo descadeirado.

Os outros perguntaram para ele:

- O que foi que aconteceu com você que está todo machucado?

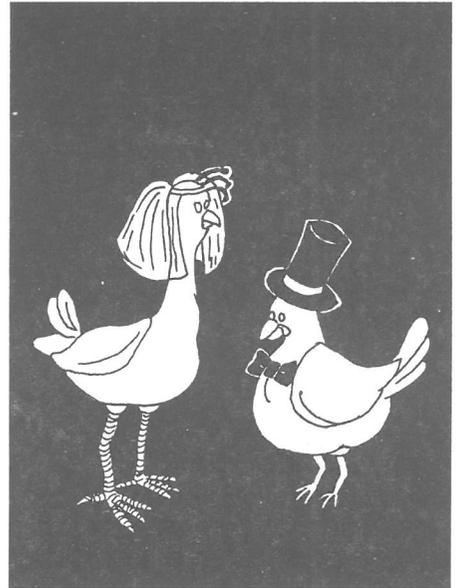
Ele respondeu:

- O' rapaz, hoje deu uma loucura no marido da fulana. Em vez de brigar com ela, ele virou contra mim e me furou o corpo todo com um espeto.

Aí, o homem ficou certo de que era mesmo o diabo que estava tentando a vida deles. Desse dia em diante nunca mais brigou com a esposa e viveram felizes pr'o resto da vida".

Contado por *Antônia do Carmo Batista de Carvalho*.

"Disse o galo pra galinha:  
- Vamos casar nossa filhinha?  
Disse o pombo enfurecido:  
- Estô pronto pra ser o marido.  
Disse o rato em seu buraquinho:  
- Estô pronto pra ser o padrinho.  
Disse a moça bailarina:  
- Estô pronta pra ser a madrinha.  
A aranha em seu aranha:  
- Estô pronta pra dar o enxoval.  
A cabrita em seu cabrital:  
- Estô pronta pra dar o jantar.  
O burro em seu paiolão.  
- Estô pronto pra tocar violão.  
O porco em seu mangueirão:  
- Estô pronto pra dança no salão.  
Disse o gato valentão:  
- Estô pronto para ser o escrivão.  
O papagaio na grade:  
- Estô pronto para ser o padre.  
O lagartinho matreiro:  
- Estô pronto para ser o porteiro.



E assim o casal Franga e Pombo Tivero um casamento de arrombo".

Contado por *Rosa Pereira dos Santos*.

### 10 - O GATO E A RAPOSA

"Diz que um dia o gato, já muito cansado de sabê se defendê só trepando em muro, casa e árvore, saiu procurando a raposa pra vê se ela dava novas lição pra ele.

Andô, andô, pelo mato até encontrá a raposa, que era um animal muito admirado pela esperteza e inteligência. Foi chegando perto dela e com muita educação, disse:

- Bom dia, dona Raposa! Como anda passano seus dias aqui na mata?

A raposa achô o gato muito atrevido em cumprimentá ela, porque eles não era conhecido e disse:

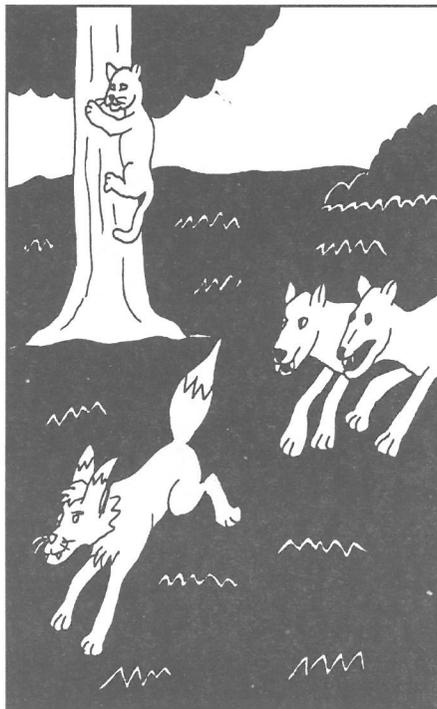
Quem é você? Como se atreve a conversá com quem ainda não tem amizade? É melhor você sabê que cada um deve procurá amizade com otro da sua iguala.

O gato, com muito jeitinho, disse:

Mas quem não conhece a senhora? A senhora é conhecida no mundo inteiro por ser muito inteligente. É também muito admirada pelo seu jeito de andá e pelo lindo rabo que possui.

A raposa, muito vaidosa, gostô dos elogio do gato e começô um papinho co'ele.

- Isto é verdade! Todo mundo co-



nhece isso. Sabe da minha esperteza. Sô conhecida como o mais esperto dos animal. E você, o que sabe fazê?

O gato, quereno aprendê alguma coisa diferente, respondeu, cheio de sofrimento:

- Eu, muito poco sei para me defendê. Se sô atacado por um cachorro, o meu maió recurso é subi numa árvore, mas depois tenho dificuldade

pra descê.

- Mas é só isso que você sabe? Que pena! Pois eu conheço muitas esperteza e ainda não usei todas elas.

Continuaro andando e nisto oviro os latido de cachorros caçadô, que tava muito perto.

O gato não esperô por mais nada. Deu um salto e subiu na árvore mais próxima, escondendo entre os galho. E gritô:

- Corage, amiga raposa! Aplique logo uma das esperteza!

A pobrezinha da raposa nem ovio o que o gato le disse. Pôs a corrê feito uma doida e os cachorro atrás dela. E o fim foi triste. Morreu estraçaiada e serviu de comida pr'os cachorro.

Depois de passado o perigo, com um poco de dificuldade, o gato desceu da árvore e suspirô:

- Pobre raposa! Sabia tantos truque e não aplicô nenhum deles. Eu, que me julgava muito incapaz, por conhecê um só, me salvei. Vô voltá para minha casa e não quero sabê de novas descoberta. Deus fez tudo certinho. E não adianta querê modificá as coisa. É só isso."

Contada por *Raquel Miranda*.

## CONTOS FOLCLÓRICOS

### 11 - O LEÃO E OUTROS BICHOS

“Dizem que no tempo que os animais falavam, o leão chamou o tigre, o urso e o lobo e combinou com eles o seguinte:

- A partir de hoje, nós vamos ser sócios. Vamos caçar juntos. Quando um cão conseguir, sozinho, matar uma caça, qualquer um de nós corre para auxiliar. Assim, nunca faltará comida para nós. E também não haverá mais briga. Eu, como sempre fui o rei da floresta, todos os dias faço a divisão dos bichos que matarmos.

O tigre, o urso e o lobo concordaram, dizendo:

- Está bem, nosso rei.

No outro dia, o leão convidou os três sócios para uma grande caçada.

Começaram a caçar de madrugada e antes do meio-dia já tinham conseguido mais de cem coelhos. Todos eles foram levados para a casa do leão. E o leão, como rei, cheio de sabedoria, começou a fazer a repartição.

- Um para o tigre. Um para o urso. Um para o lobo. Dois para mim!

Um para o tigre. Um para o urso.



Um para o lobo. Dois para mim!

Os três sócios não tiveram a mínima coragem de protestar. Aceitaram a divisão quietinhos.

Naquela hora, ouviram uma voz que vinha do outro lado de um grande rio:

- Majestade, essa conta está errada! Era uma onça que gritava.

O leão ficou furioso, mas como não podia atingir, com as garras, a grande atrevida, dava fortes urros e gritava:

- Venha cá, sua vagabunda, provar que a minha conta está errada.

- Venha cá, vossa majestade. Atravesse este largo rio. Não vejo vantagem nenhuma ir até aí. Mas que a conta está errada, está. Os seus três sócios sabem melhor do que eu que o rei não está sendo honesto.

O leão ficou muito nervoso e perguntou pr'os três amigos, com muita raiva:

- A conta está certa ou errada?!

Todos responderam, com muito medo:

- É claro que está certa! A onça está longe e não sabe como está sendo feita a divisão. Qualquer um de nós se estivesse do outro lado também pensaria que a conta está errada.

- Ainda bem! Exclamou o leão.

E acabou a estória.”

Contado por *Antônia do Carmo Batista de Carvalho*.

### 12 - O MACACO E A ESPIGA DE MILHO - variante

“Tinha um macaco muito danado. Um dia ele robô uma espiga de milho num roçado e foi comê em cima de um esteio oco. Comeu todo milho, mas enquanto ele comia, caiu um grão dentro do esteio. Pelejô demais pra tirá o grão, mas não conseguiu. Ficô desesperado.

Nisso ia passando um mosquito. O macaco falô:

- Mosquito, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado.

O mosquito respondeu:

- Quem pode te ajudá é a aranha, que é mais poderosa que eu.

O macaco procurô a aranha:

- Aranha, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado e que o mosquito não pode tirá.

A aranha falô:

- Quem pode te ajudá é a barata, que é mais poderosa que eu.

O macaco encontrô a barata:

- Barata, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado e que o mosquito e a aranha não puderô tirá.

A barata respondeu:

- Quem pode te ajudá é o rato, que é mais poderoso que eu.

O macaco procurô o rato:

- Rato, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado, e que



o mosquito, a aranha e a barata não puderô tirá.

O rato falô:

- Quem pode te ajudá é o gato que é mais poderoso que eu.

O macaco encontrô o gato:

- Gato, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado, e que o mosquito, a aranha, a barata e o rato não puderô tirá.

O gato respondeu:

- Quem pode te ajuda é o cachorro, que é mais poderoso que eu.

O macaco viu o cachorro:

- Cachorro, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado, e que o mosquito, a aranha, a barata, o rato e o gato não puderô tirá.

O cachorro respondeu:

- Quem pode te ajudá é o lobo, que é mais poderoso que eu.

O macaco achô o lobo.

- Lobo, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado, e que o mosquito, a aranha, a barata, o rato, o gato e o cachorro não puderô tirá.

O lobo respondeu:

- Quem pode te ajudá é a onça, que é mais poderosa que eu.

O macaco encontrô a onça.

- Onça, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado, e que o mosquito, a aranha, a barata, o rato, o gato, o cachorro e o lobo não puderô tirá.

A onça respondeu:

- Quem pode te ajudá é o home, que é o mais poderoso dos animais.

O macaco encontrô o home.

- Home, vem tirá o grão que caiu no esteio, o grão da espiga de milho, da espiga que eu robei no roçado, e que o mosquito, a aranha, a barata, o rato, o gato, o cachorro, o lobo a onça não puderô tirá.

O home respondeu:

- Sim, eu vô, porque eu sô o mais poderoso dos animais.

Pegô o machado, cortô o esteio no meio, e o macaco comeu o grão de milho.”

Contado por *Rosa Pereira dos Santos*.

## CONTOS FOLCLÓRICOS

### 13 - O PAPA - FÍGADO

"Faz muito tempo anda pelos mato um home esquisito, mais parece um bicho do que um home. Tem três metro e meio de artura, o corpo interinho coberto de pêlo, a barba muito comprida e as orelha igual a de um jumento.

As criança têm pavor dele, porque ele é um terror. Os mais velho também, porque ele parece um monstro. Então ele é temido por todo mundo.

Ele é chamada de Papa-figo, porque quando ele tá com fome, só come figo (fígado) de criança de até dez ano de idade. Mas não é quarqué uma crian-



ça que ele mata só pra comer o figo.

Ele ronda as casa e só come o figo das criança, menino e menina, que é desobediente, malcriado, respondão, que não obedece ninguém, que roba as coisa, que briga, que xinga; que não pára em casa, que vive só na casa dos otro. Ele é tão poderoso que sabe da vida de cada criança. Quando ele tá com fome, de qualquer jeito ele procura uma criança ruim, pra tirá o figo. E não erra nunca. Com fome ele não fica.

Por essa razão, toda criança nem pode ouvi falá no nome dele.

As mãe, quando qué resolvê um

problema com um filho sem-educção, basta dizê:

- Vou chamá o Papa-figo!

E assim é atendidas, porque as crianças treme de medo dele.

Quando ele é visto no mato, mesmo não estando com fome, até os marmanjo sai em disparada, porque ele é horrive.

Muita gente pode até não ter ouvido falá nele, mas ele existe. É espírito de terror, principalmente do pessoal que mora em sítio.

Então quando você ouvi alguém dizendo:

- Olha o Papa-figo!

Bota atenção e fica com as orelha em pé".

Contado por Rosa Pereira dos Santos.

### 14 - O PORTUGUÊS E O BURRO

"Diz que uma vez um português estava derrubando uma árvore na beira de uma estrada. Era uma árvore torta, que já estava querendo cair pr'o lado da estrada. E o português batia o machado justamente neste lado torto.

Nisto passa um outro português montado num burrico: toque, toque, toque e diz para ele:

- Eh! Irmão! Estás a cortar esta árvore deste lado? Ela vai cair em cima de ti.

- Será que cai?

- É lógico que sim. Corte do lado de lá. E seguiu montado no seu burrico.

E o português continuou a cortar sua árvore. Corta que corta. E a árvore caiu mesmo pr'o lado da estrada. Ele indignado, pensou:

- Raios! Aquele homem que passou aqui no burrico é o Cristo. Ele adivinhou o lado que a árvore ia cair. Ele adivinha. Então eu preciso perguntar pra ele quando é que eu vou morrer.

E saiu correndo atrás do português gritando:

- Pare aí, pare aí. Eu preciso falar contigo.

- O que queres? O que queres comigo?

- Tu és adivinhão, então tu deves saber quando vou morrer.

- Por que sou adivinhão?

- Tu achaste que a árvore ia cair pr'aquele lado. E não é que ela caiu mesmo? Diga-me quando é que eu vou morrer.

- Ah! Tu vais morrer quando o teu burro der três puns.

- Então eu vou morrer logo, pois o diabo do meu burro anda a dar puns



à toa.

Daí, ele voltou pra trás triste e aborrecido.

- Este burro a qualquer hora me mata.

E lá vai, e vai, vai indo e daí a pouco o burro soltou o primeiro vento.

- Ó meu Deus! Está por dois.

E lá vai, vai indo, vai indo e não demorou muito soltou o segundo vento.

- Raios! Está por um só. Tô morto!

E prosseguiu andando e levou o burro num açude para beber água. Então o burro entrou na água. Bebeu água e bebeu muita água. Ele deixou o burro à vontade, pensando no que o outro português tinha falado pra ele.

Aí o burro já não queria mais sair da água.

Ele enfezou e "cram!", enfiou a espora no burro. Quando ele enfiou a espora na anca do burro, ele "pum!", soltou o terceiro vento. Então, tibus! caiu de costas dentro d'água e ficou só com a cabeça de fora, pensando que estava morto. Então o burro saiu da água, mas o morto ficou dentro, no papel de morto.

Não demorou muito, chega na aguada um carreiro para dar água pr'os bois. Os bois quando chegaram na aguada não quiseram entrar de jeito nenhum. E o carreiro, nervoso:

- Vamos! Vamos! Entra boi!

Cutuca um boi daqui, cutuca outro boi de lá.

- Por que não querem entrar na água?

E chegando bem perto da aguada vê aquele homem dentro, parado, só com a cabeça de fora.

- O que está fazendo aqui?

- Tô morto!

- Está morto e está falando?

- Tô morto.

- Sai daí pra fora. Está morto o quê!

Então o carreiro cutucou nele com a vara de ferrão. Ele saiu feito um corisco da água e se pôs a correr.

- Está morto e saiu correndo, seu sem-vergonha?

Então ele perguntou ao carreiro:

- Qual o morto que agüenta uma ferroada dessas?

E foi assim que o carreiro ressuscitou o português. Com o ferrão."

Contado por Antônio de Sousa.

## CONTOS FOLCLÓRICOS

### 15 - O VENDEDOR DE PEIXES

“Numa cidade um senhor vendia peixe na feira. Era um homem trabalhador, honesto e muito educado. Tinha uma boa freguesia. Sua barraca era muito limpa. Mandou pintar numa placa de latão os seguintes dizeres: **Peixe absolutamente fresco**.”

Um dia, passou por lá um freguês, leu o letreiro e disse:

- Por que você escreveu a palavra **absolutamente**. Não é preciso. Além de ser demais, os fregueses pode até desconfiar de que o peixe não é fresco.

O vendedor aceitou, mandou tirar a placa e escreveu:

**Aqui se vende peixe fresco.**

No outro dia, passou por lá outro freguês, leu a placa e falou:

- Por que você escreveu **aqui**? Todos os fregueses sabem que é aqui mesmo, não em outro lugar. Esse aqui é demais.

O vendedor achou de acordo, retirou a placa, e escreveu: **Vende-se peixe fresco**.

No dia seguinte, outro freguês, foi comprar um peixe, leu com atenção a placa e disse ao vendedor:



- Por que você escreveu na placa **vende-se**? Todo freguês sabe que tem que pagar. O peixe não é dado e nem emprestado. Por isso esse vende-se é demais.

O vendedor retirou novamente a placa, e nela escreveu: **Peixe fresco**.

No outro dia, apareceu outro freguês, leu a placa e disse pro vendedor:

- Por que você escreveu Peixe fresco. Tire a palavra **fresco**, porque os

fregueses sabem que você é honesto e não iria vender peixe podre. A palavra fresco está demais.

Mais uma vez o vendedor tirou a placa e nela escreveu: **Peixe**.

E falou: Desta vez acho que não aparecerá mais ninguém pra me aborrecer.

Passados mais alguns dias, voltou novamente na barraca aquele freguês, o primeiro, e deu outro palpite:

- Você sabe que eu sou seu amigo. Todos os seus fregueses sabem que aqui só vende peixe. Quando chegam aqui eles vêem a mesa cheia de peixes. E não leitoa ou frango. Não tem necessidade de placa. Por que você não retira ela?

O vendedor ficou maluco. Retirou a placa e jogou ela, com toda a força, na cabeça do implicante, matando ele na hora.

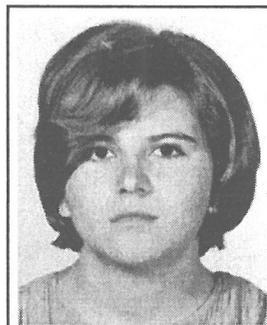
O caso foi parar no juiz.

O juiz, depois de estudar bem o caso, não achou culpa nenhuma no vendedor e absolveu ele.”

Contado por *Antônio Miranda Sobrinho*.

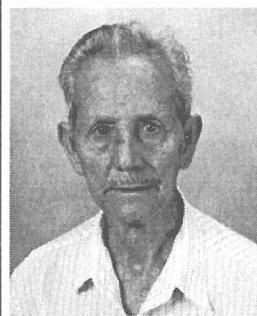
Ilustrações: Paulo César Férris

## NARRADORES DOS CONTOS



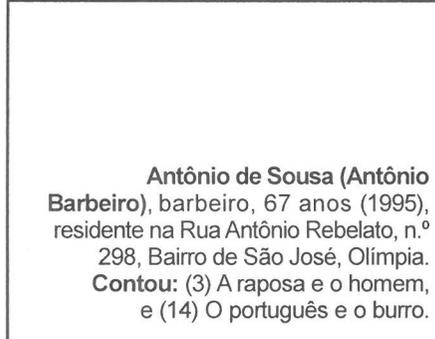
**Antônia do Carmo Batista de Carvalho (Tonica)**, do lar, 20 anos (1969), residente na Rua Eugênio Storto, n.º 1, Vila Mouco, Olímpia.

**Contou:** (4) A raposa lograda, (8) O casal de sete anos, e (11) O leão e outros bichos.



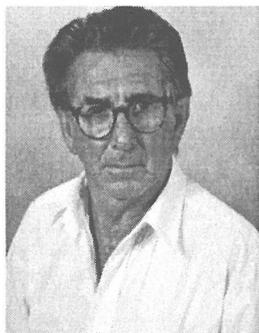
**Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)**, lavrador, aposentado, 83 anos (1995), residente na Avenida Júlio Ferrânti, n.º 237, Bairro de São José, Olímpia.

**Contou:** (1) A briga do leão com a raposa, e (2) A mulher paralítica.



**Antônio de Sousa (Antônio Barbeiro)**, barbeiro, 67 anos (1995), residente na Rua Antônio Rebelato, n.º 298, Bairro de São José, Olímpia.

**Contou:** (3) A raposa e o homem, e (14) O português e o burro.



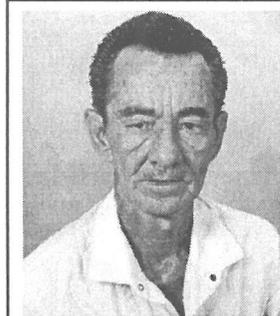
**Raquel Miranda (Raquelzinha)**, do lar, 67 anos (1997), residente na Fazenda Santa Maria, Bairro Alto Alegre, Olímpia.

**Contou:** (7) Dona Piedade, e (10) O gato e a raposa.



**Rosa Pereira dos Santos (Rosinha)**, cozinheira, aposentada, 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

**Contou:** (9) O casamento da franga, (12) O macaco e a espiga de milho (variante), e (13) O Papa-Figado.



**Antônio Miranda Sobrinho (Tô)**, jardineiro, 60 anos (1995), residente na Rua Manuel Loureiro, n.º 164, distrito de Ribeiro do Santos, Olímpia.

**Contou:** (5) A sentença do juiz, (6) A velha ranzinza, e (15) O vendedor de peixes.



## FOLGUEDO

# O AUTO DAS CABOCLINHAS

Pedro Teixeira de Vasconcelos  
Folclorista - Maceió, AL

De origem indígena, as Caboclinhas são bastante antigas.

Querem alguns que, à época da colonização, os padres jesuítas, responsáveis pela catequese dos índios, aproveitavam as danças dos mesmos e faziam com os curumins ligeiras modificações no ritual, apresentando pequenos divertimentos como motivação para os seus trabalhos doutrinários.

E assim, ao lado das danças rituais iam surgindo outras manifestações criadas pelos sacerdotes com a participação dos silvícolas.

Já outros não aceitam esta versão e apresentam uma diferente.

Com a posição de relevo que vinha adquirindo o Carnaval paulatinamente começaram a aparecer as troças, as brincadeiras, os deboches e entre estes as imitações de muitas coisas.

Aproveitou-se então a imitação das danças indígenas e por que não dizer, os próprios índios, assim procederam.

Desta imitação surgiu nesse momento o Auto das Caboclinhas.

Em Pernambuco é um folguedo que se apresenta pelo carnaval.

Aqui em Alagoas ele tomou uma outra feição. É folguedo natalino e dança com os figurantes vestidos de tangas de penas coloridas de aves, com arcos e flechas ou com roupas de panos grosseiros cheias de penas



e outros enfeites.

Tem as seguintes personagens: Ao centro posta-se o Cacique que é também chamado de “Pai Véio” que dirige toda a “fonção” inclusive os cantos.

Ao lado direito dança a Lira, vestida de amarelo e do lado esquerdo fica a Naia, de veste verde, uma vez que representa a deusa da Floresta, a rainha das matas, “habitat” dos indígenas.

Os dois cordões formam-se de cada lado, puxados pelas “puxacordão”, seguidos dos restante do “figurá”, sete ou oito para cada cordão. Trazem arcos e flechas nas mãos e cocares na cabeça.

No meio, por trás do “Pai Véio” dançam cinco índios que fazem as evoluções diferentemente das demais figuras assim como diferente é a coreografia executada por eles.

O ritmo é muito dinâmico e assemelha-se ao das danças de origem

africana.

Ultimamente alguns mestres introduziram no folguedo umas partes, outros meios como os Cinco Continentes, a Lira, a Naia, a Tapuia e a Lua Branca.

A figura da Lira continua a ser bastante discutida. Ela faz parte do Guerreiro e das Caboclinhas.

Como surgiu?

O que significa?

Que os respondam os folcloristas e os que estudam a nossa cultura popular.

Os instrumentos musicais usados na dança das Caboclinhas são o “pife”, o ganzá, o maracá e o tambor; são eles de origem indígena como sabemos.

As jornadas são bonitas, pois a melodia das mesmas encantam os ouvidos de quem assiste à exibição do folguedo.

Infelizmente está quase extinto em nossa região. Ninguém quer

## FOLGUEDO

mais dançar pois acabaram-se os mestres e, os poucos que restam, não podem arcar com as despesas para a montagem do mesmo.

Em Roteiro, mestre Sebastião Mandu apresentava um Auto das Caboclinhas que teve muita fama e fez época.

Aqui em Maceió mestra Gerusa da Silva ensaiou e apresentou diversas vezes um formidável Auto das Caboclinhas muito bonito que se exibiu em inúmeras oportunidades. As mestras convocaram alguns alunos do Grupo Escolar "Pedro II" cujo prédio abriga hoje a Academia Alagoana de Letras e que na época era dirigido competentemente pela Prof.<sup>a</sup> Élide Vanderlei Barbosa.

Foi um dos mais belos espetáculos a que eu assisti.

Mestra Gerusa mudou-se para São Paulo e nunca mais soubemos notícias delas.

Talvez tenha ensaiado e apresentado as Caboclinhas nas terras bandeirantes.

A grande folclorista Laura Della Mônica, na publicação do boletim "Agosto, mês do Folclore", comentando a expansão do nosso folclore e as transferências dos nossos mestres para outras regiões, nesse contínuo êxodo, vamos encontrar folguedos e danças, de um lugar surgindo noutros, com mudanças de nomes e até mesmo de estrutura. Diz a ilustre escritora: "E nós daqui, na simplicidade, mostramos a ele que o folguedo Guerreiros das Alagoas hoje é Reisado de Alfredo Marcondes; que o Boi do Norte foi o Boizinho de Ubatuba e de Pindamonhangaba. O Moçambique está em pleno vigor em todo o vale do Paraíba. O Cateretê resiste ao tempo por todo o Estado de São Paulo, principalmente no vale do Rio Grande. E ainda mais que todas as lendas das matas, rios e lagos, montanhas também sobrevivem adaptadas à nossa região. O canto da criança, criança que brinca de ciranda, ciranda que os adultos, de mãos

dadas cantam em uníssono o mesmo hino "Brasil, eu te amo." A isto nós chamamos de divulgação.

Nós não podemos fazer modificação alguma nesses folguedos e nessas danças, porém os mestres, o homem "folk" legítimo o pode uma vez que foi ele o criador, o inventor destas manifestações.

O Prof. José Sant'anna, criador e mantenedor do Festival Folclórico da cidade paulista de Olímpia, festival este agora com mais de 30 anos, num dos boletins do Festival, publicou um belíssimo trabalho sobre as festas juninas.

Um trabalho daquele quilate não podia ficar restrito apenas a um Boletim, mas devia ser divulgado num opúsculo e espalhado pelo país inteiro. É um trabalho bem digno do seu autor, pois o Prof. Sant'anna é um profundo conhecedor do nosso rico folclore não só como pesquisador mas como participante. Nesse trabalho ele conclama todos os brasileiros para lutarem pela preservação das nossas tradições, dos nossos costumes.

Em toda aquela região do Triângulo Mineiro e do norte do Estado de São Paulo o Prof. Sant'anna trata com tanto carinho os mestres e componentes dos folguedos e danças que, assim estimulados, eles trabalham pela preservação de todas estas manifestações populares.

Se fecharmos os olhos e os ouvidos ao clamor da nossa cultura, se ficarmos encantados com os programas de rádio e de televisão, achando que somente os "roqueiros", as xuxas, os chacinhas, as angélicas, os faustões e tantos outros têm vez, nós iremos assistir ao fim do nosso folclore, deste acervo que insiste e resiste ao desmoronamento das nossas tradições e dos nossos costumes.

Não estamos condenando estes programas sofisticados da televisão, admiramos até a técnica e a criatividade dos seus promotores mas reprovamos o desprezo e a repulsa

ao nosso folclore.

Hoje estão utilizando as danças folclóricas no setor de turismo com apresentações em hotéis e clubes sociais.

Aplaudimos este proceder. É uma maneira de se mostrar as belezas das nossas tradições àqueles que nos visitam, que as acham lindas. O que não aceitamos é a maneira como são feitas essas apresentações.

Dão um espaço muito pequeno de tempo como se pudesse cronometrar uma dança folclórica, às vezes o folguedo canta a jornada inicial, uma segunda e a derradeira. Como pode ser isso? E há gente que se sujeita a tanto; O espaço maior fica reservado aos Conjuntos Musicais com seus números importados, muitas vezes obscenos até.

Assim nosso folclore vai passando para trás!

Prepara-se um Guerreiro, um Maracatu, uma Baiana, uma Taieira, um Pastoril, etc. leva-se a um ambiente desse quilate, para apresentar-se apenas em 10, 15 e 20 minutos! Um verdadeiro atentado à nossa cultura popular.

Mais uma vez afirmo que não estou contra estas apresentações, de forma alguma, sou contrário à maneira como procedem os promotores dos eventos, diminuindo o espaço do tempo determinado para exibição dos folguedos convidados. Se acham uma apresentação folclórica maçante, por que convidam o folguedo?!

Que seja dado o devido valor às nossas danças, ao nosso folclore.

Onde estão os folcloristas da nossa terra? Que se levantem e protestem contra esse estado de coisas!

Incentivem os nossos mestres, dêem forças aos nossos folguedos, levem-nos a todas os lugares, decantem sua beleza, peçam palmas para suas exibições, mas não permitam que essas apresentações sejam profanadas, sejam desvirtuadas!

É este o meu parecer, salvo melhor juízo!

# SE A SAUDADE MATASSE...

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore - Olímpia

Água passada não volta,  
Ensina velho ditado,  
A **saudade** é um moinho,  
Mói com água do passado.

Do latim **solitate** (solidão, desamparo), que deu o arcaico **soedade**, **soidade**, **saudade**, que sofreu influência de **saudar**, segundo alguns gramáticos de antanho.

Do significado de **solidão**, **desamparo**, passou ao de sentimento de quem se encontra **solitário**, longe do que se ama. **Soidade** apareceu grafado **soydade**, assim como **suidade** (também se grafou com y: **suydade**). Gonçalves Viana aceitou a influência de **soudade**, pronúncia popular a que correspondeu outra que foi mais vulgar em Portugal: **sodade**.

**Solitate** sofreu a queda da consoante sonora **l**, intervocálica, passando-se a **soitate**. A consoante **t** medial surda latina sonorizou-se, em nossa língua, na homorgânica **d**: **soidade** (forma arcaica e popular). **Soidade**, por influência de **saúde**, passou a **saudade**, forma atual da língua.

Há que se ter em conta que cada transformação que se verificou no vocábulo deu-se de maneira inconsciente, isto é, sem que as criaturas as efetuassem deliberadamente. Foi gradual, ou seja, resultou de uma série de transformações sucessivas e, às vezes, tão lentas que levaram séculos para o seu processamento definitivo. Foi também regular, efetuou-se de maneira uniforme dentro da mesma época em face das mesmas condições.

É uma palavra que, pela beleza da comunicação do pensamento, torna a língua portuguesa formosa, muito doce, a mais expressiva de todas línguas do mundo, pois nenhuma outra exprime com a força e justeza do sentimento humano o que é **saudade** por não ser apenas uma lembrança, mas o reviver momentos felizes que não voltam jamais.

Com este sentido de "quem se encontra solitário, distante daquilo que ama, da pátria, da família", é que se



diz que a palavra **saudade** é um idiomatismo (ou idiomatismo), isto é, de uso próprio, especial, do povo de língua portuguesa. Só podemos vertê-la para outra língua por meio de um equivalente perifrástico, pois sua tradução exata é impossível. Olavo Bilac expressou que **saudade** é a presença dos ausentes.

No plural – **saudades** – tem o significado de cumprimentos, lembranças afetuosas.

A poesia **Saudade**, do inspirado poeta pernambucano **Manuel Bastos Tigre** (1882 – 1957), versificador perfeito e culto, em 12 estrofes (quartetos) heptassilábicas, nos diz:

**Saudade**, palavra doce,  
Que traduz tanto amargor!  
**Saudade** é como se fosse  
Espinho cheirando a flor.

**Saudade**, ventura ausente,  
Um bem que longe se vê,  
Uma dor que o peito sente,  
Sem saber como e por quê.

Um desejo de estar perto  
De quem está longe de nós;  
Um ai, que não sei ao certo  
Se é um suspiro ou uma voz.

Um sorriso de tristeza,  
Um soluço de alegria,

O suplício da incerteza,  
Que uma esperança alivia.

Nesta três sílabas há de  
Caber toda uma canção:  
Bendita a dor da **saudade**,  
Que faz bem ao coração.

Um longo olhar, que se lança  
Numa carta ou numa flor,  
**Saudade** – irmã da esperança,  
**Saudade** – filha do amor.

Uma palavra tão breve,  
Mas tão longa de sentir;  
E há tanta gente que a escreve  
Sem a saber traduzir.

"Gosto amargo de infelizes"  
Foi como a chamou Garrett.  
Coração, calado, dizes  
Num suspiro o que ela é.

A palavra é bem pequena,  
Mas diz tanto de uma vez;  
Por ela valeu a pena  
Inventar-se o português.

**Saudade** – um suspiro, uma ânsia,  
Uma vontade de ver  
A quem nos vê à distância  
Com os olhos do bem-querer.

A **saudade** é calculada,  
Por algarismos também:  
"Distância" multiplicada  
Pelo fator "Querer bem"

A alma gela-se de tédio  
Enchem-se os olhos de ardor...  
**Saudade** – dor que é remédio,  
Remédio que aumenta a dor.

**Dois pequenos comentários:**

**Há de caber...** Houve o cavalgamento – **Há de** (no 1.º verso da 5.ª estrofe) e **caber** (no 2.º verso). **Há de caber** é o futuro do presente analítico, equivalente a **caberá**.

**Foi como a chamou Garrett** (ou

## A SAUDADE NO FOLCLORE

como lhe chamou Garrett): Pronuncia-se Garré – João Batista da Silva Leitão de Almeida Garrett, poeta português nascido no Porto.

A primeira estrofe deste poema, depois de tornar-se conhecida nos meios estudantis olímpenses, mereceu do alunado uma paródia irreverente, popularizada e divulgada nos meios escolares de Olímpia:

“**Saudade**, palavra azeda,  
Que traduz tanta bobeira!  
Saudade é como se fosse  
Alma cheia de besteira.”

A palavra **saudade** designa uma qualidade espiritual conhecida independentemente do ser de que provém, ou em que se manifesta. É portanto, um substantivo abstrato, a menos que essa qualidade seja personificada. Neste caso, será naturalmente concreto, como, por exemplo, numa peça teatral, a personagem chamar-se **Saudade**.

Como recurso poético, pode haver alteração no número de sílabas da palavra **saudade**, de três para quatro, para ajustar-se ao ritmo do verso. Ela passará de trissílaba a tetrassílaba. Ocorrerá a diérese, transformação de ditongo em hiato. Em outros tempos o **u** da palavra **saudade**, neste caso, era sinalizado com trema: **saüidade**. A esse ajustamento dá-se o nome de licença poética.

O amor é tal como doce,  
Despertando nossa vontade,  
Mas doce é doce um momento  
O amor é sal na **saüidade**.

(**Saüidade**: emprego antigo)

Do livro Rosário de Capiá (poemas caboclos), de Nhô Bento (José Bento de Oliveira), 1.ª edição, 1946, página 192, “Graphicars F. Lanzara”, São Paulo-Rio, transcrevemos a poesia, na qual o autor emprega a palavra **sodade**:

### A Riqueza da Sodade

O tempo co’o esquecimento  
Vevem trabaiando junto.  
Levando o contentamento  
Como quem leva um defunto...

No sumitério da vida  
O pobre fica enterrado;  
E o tempo começa a lida  
Pr’ele não sê mais lembrado.

E a sodade, arma perdida  
Da alegria que morreu,

Anda pra noite da vida  
Campeando o que perdeu...

O tempo judia dela  
C’o companheiro birrento;  
Mas as veis ela atropela  
O tempo c’o esquecimento!

Já vai fazê vinte ano  
Que eu perdi a felicidade,  
Mas ganhei no desengano  
A riqueza da **sodade**!

Co’ ela eu vô adonde entendo  
Amostrá pr’o coração,  
Que sonha ainda tá tendo  
Tudo o que perdeu de bão!

\* sumitério: cemitério

Ainda hoje, entre as pessoas simples do povo, ouve-se a forma antiga e vulgar **sodade**, empregada em composições musicais e poesias populares.

A toada **Sodade, Meu Bem, Sodade**, de Zé do Norte, é interpretada na suave voz da exímia cantora Ely Camargo, em disco Chantecler-SP (Minha Terra), e que também figura na trilha sonora do filme o Cangaceiro, da Vera Cruz, na voz docemente lírica de Vanja Orico.

ANTICARTINO

So - da - de, meu bem, so - da - de, so -  
da - de do meu a - mi, For - tu - na - ra, não des - se  
na - da, Nem u - ma nar - ta de - so, For - tu - na  
ho - ra, não des - se na - da, Nem u - ma nar - ta de -  
so.

**Sodade**, meu bem, sodade,  
Sodade do meu amô.  
Foi-se embora, não disse nada,  
Nem uma carta dexô.  
Etc.

### Nas quadrinhas anônimas:

Minha namorada é preta,  
Mas é muito bonitinha.  
Eu tenho **sodade** dela,  
Ela tem sodade minha.

Num fais má que os contrário  
Quera a **sodade** matá,  
Até as pedra se encontra,  
Nós tamém há de encontrá.

Parte, ó pombinha branca,  
Vai vuano pelo além.  
Vai levá **sodade** minha  
Praquela que eu quero bem.

Que será de minha vida  
Se dexá de sê quem sô,  
Que será de ti, **sodade**,  
Que será de minha dô?

A foia da laranjeira  
De noite parece prata,  
Tomá amô não me custa,  
A **sodade** é que me mata.

A perdiz pia no campo,  
Comeno seu capinzim,  
A morena quando canta  
Tem **sodade** do benzim.

Baxa, baxa, serraria  
Qu’eu quero vê a cidade,  
Meu amô aqui tão perto  
E eu morreno de **sodade**.

### E nesta curtíssima composição musical folclórica de versos irregulares:

ALZONE

Yem - pi - nho bom Pua - sa de ri -  
pen - te, de - zan - do u - da - de, Ma - lan - do co'a  
gan - te.

Tempinho bom  
Passa de repente,  
Dexando a **sodade**,  
Matando co’a gente.

### Bem como nos versos irregulares da estrofe nesta composição com a palavra saudade.

Sua - da - de que eu te uho,  
Do meu ben - ei - sho,  
Tão lou - cu de sim - fi - cou,  
Ai, coi - tadinho,  
Al - cui - tu - di - nho.

**Saudade** que eu tenho,  
Do meu benzinho,  
Tão longe de mim ficou,  
Ai, coitadinho.  
Etc.

E, ainda nas toadas dos entremeios de algumas danças de grupos folclóricos: **Moçambique** e **Congada**, de Olímpia:

Eu sou velho demais,  
Ela é um brotinho,  
Mas por que a **saudade**  
Não sai do meu caminho?  
(Congada)

## A SAUDADE NO FOLCLORE

**Saudade**, me deixe,  
Me deixe em paz,  
Eu estou sofrendo,  
Sofrendo demais.  
(Moçambique)

O registro que faz Aurélio Buarque de Hollanda, 10.<sup>a</sup> edição do Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa sobre **Saudade** é “lembrança triste e suave de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las; pesar, pela ausência de alguém que nos é querido, nostalgia”.

Uma grande parte das composições poéticas e musicais brasileiras se serve da **saudade** como motivo de suas criações. Há pessoas tão dominadas pela saudade, que chegam a problemas depressivos.

A saudade está nos **provérbios folclóricos**, como ensinamentos de vida: A **saudade** é a companheira dos que não têm companhia; A **saudade** é um bichinho que rói, rói e dói; **Saudade** abafada é mágoa; Se a **saudade** matasse, muita gente morreria; Bom é largar a **saudade** quando o tempo desengana; A saudade maltrata, mas não mata. Vamos encontrá-la também na **sabedoria romântica dos pára-choques de caminhão**: Quando acordares e a **saudade** estiver contigo, durma novamente e sonharás comigo, e **nos poéticos**: A **saudade** me fez voltar; **Saudade** – palavra fácil de pronunciar, mas difícil de esquecer; Por onde passo, deixo **saudade**; Longe sinto **saudade** do lar. Nas estradas moro, de **saudade** choro; Se não houvesse distância, não haveria **saudade**; Em cada coração uma **saudade**. E neste **pensamento do povo**: A **saudade** é um lago transparente que reflete a imagem da pessoa amada. **Saudade** aparece também numa fórmula de pular corda:

- Ai, ai./-Que tens?/-**Saudade**./  
- De quem?/-Do cravo, da rosa,  
da açucena e do meu bem.

**Saudade** é o nome de um **lindo pássaro**, próprio das grandes altitudes da Serra do Mar. É também nome de uma **ave assobiante**, também chamada piadeira, assobiador (ou assoviador).

**Saudade** é ainda a designação de **várias plantas** e das **suas flores**, entre elas, a escabiosa, perpétua e suspiro.

O povo interpreta o sonho com **saudade** como fonte de avisos e informações, o que pode, por coincidência, dar certo. Assim, sonhar que está com **saudade** de alguém é **luto**; do lugar onde nasceu é **viagem longa**; de parente ou amigo ausente é **notícia agradável**; de

uma pessoa amada é **briga** e de uma pessoa morta é **aumento na família**.

Existe, inclusive, uma simpatia para pôr fim à **saudade**. Se a **saudade** anda a perturbar muito a pessoa, nada melhor que a realização desta **simpatia**: Na primeira noite de lua cheia, apanhar três rosas brancas, três xícaras (chá) de arroz e três xícaras (chá) de milho branco. O arroz e o milho devem ser cozidos separadamente. Depois juntá-los numa tigela branca e enfeitá-los com as rosas brancas. Pôr a tigela em água corrente. Basta fazer esta simpatia uma só vez e adeus à **saudade**.

Interessante que **saudade** invade a culinária denominando algumas guloseimas preferidas por nossa gente. Colhemos, em 1960, uma receita chamada **Biscoito Saudade**, que nos foi cedida por D. Sebastiana Narciso, do Bairro de São José, de nossa cidade. Disse-nos D. Sebastiana chamar-se a quitanda **Saudade** porque quem a come pela primeira vez não a esquece jamais. Fica com muita saudade, quer sempre saboreá-la.

Receita: **Ingredientes**: 6 (seis) ovos cozidos duros / 250 (duzentos e cinquenta) gramas de manteiga / 250 (duzentos e cinquenta) gramas de farinha de trigo / 250 (duzentos e cinquenta) gramas de goma de araruta / 130 (cento e trinta) gramas de açúcar / 1 (um) cálice de conhaque / (claras batidas / açúcar / canela).

**Modo de fazer**: Amassar as gemas dos ovos cozidos com os demais ingredientes, menos os três últimos: claras batidas, açúcar e canela. Fazer pequenos biscoitos, pincelá-los com a clara batida e polvilhar com açúcar e canela. Forno regular.

### Quadrinhas da Saudade

À proporção que avançamos em anos, a experiência, mestra da vida, nos desafia, uma a uma, as decepções que nos esperam.

O que era encanto e poesia aos olhos infantis, agora se transforma em aborrecimento e monotonia.

E as saudades estranhas e místicas rondam-se dia e noite. Saudade de nossa infância. Saudade de nossos entes passados. Saudade dos sonhos primaveris. Saudade de alguém distante. Saudade das poéticas e formosas visões que nos povoaram a mente juvenil e com uma leve esperança de encontrá-las em outra parte. Saudade de todos e de tudo.

Então, conhecemos as decepções.

Através da saudade, uma doce sensação de paz desce sobre nós, pois a saudade não é apenas o recordar, mas o ir através do tempo e do espaço, o reviver instantes felizes que não mais voltam.

As trovas seguintes, criadas inteligentemente pela alma brasileira, pela alma de um povo de muito sentimento, podem reafirmar nossas considerações.

**1 – Saudade** e mais saudades,  
Saudade que não tem fim;  
Que adianta ter saudade  
De quem não gosta de mim?

**2 – Saudade**, doce saudade,  
Que não deixa esquecer  
Aquele primeiro amor  
Que me faz enlouquecer.

**3 – Saudade** de quem não existe,  
Saudade de quem nem me vê;  
Saudade está em meu peito,  
Saudade só de você.

**4 – Saudade** é como se fosse  
A planta que vicejou,  
No imenso campo da vida  
Quando o inverno passou.

**5 – Saudade**, roxa saudade,  
É a dor de um coração  
Que já sentiu a tristeza  
Da grande separação.

**6 – Saudade**, flor da lembrança,  
Maireira recordação  
Que a gente traz bem guardada  
No fundo do coração.

**7 – Saudade**, teu nome é doce,  
Parece que nada diz;  
No entanto quem de ti sofre  
Nunca pode ser feliz.

**8 – Saudade** bate no peito,  
Resvala no coração;  
Só não sente a saudade  
Quem nunca teve paixão.

**9 – Saudade** é folha caída  
Na sombra do coração,  
Desprezada pelo vento,  
Chamada recordação.

**10 – Saudade** de ter saudade,  
Saudade de querer bem,  
De provar na sua boca  
O gosto que o beijo tem.

**11 – Saudade** parece praga,  
Parece mato insistente;  
Mato que nasce da flor,

## A SAUDADE NO FOLCLORE

Da flor que nasce na gente.

**12 – Saudade** não é saudade,  
Saudade é só lembrança,  
Saudade só é saudade  
A quem não tem esperança.

**13 – Saudade**, minha saudade,  
Saudade do bem-querer,  
Por sua causa saudade,  
Corre água sem chover.

**14 – Saudade** é nome doce  
Que amarga o meu viver,  
Por sua causa, saudade,  
Eu vivo a padecer.

**15 – Saudade**, traço de dor,  
Que Deus do céu desenhou,  
Para unir duas almas,  
Que o destino separou.

**16 – Saudade**, perfume triste,  
De uma flor que não se vê,  
Esperança que se encontra  
Num crente que já não crê.

**17 – Saudade**, terna saudade,  
Flor da minha simpatia,  
Tu és a cópia fiel  
Da minha melancolia.

**18 – Saudade**, doce lembrança,  
De alguém que já nos quis,  
Ainda tenho esperança  
De com você ser feliz.

**19 – Saudade**, quanta saudade  
De quem não está aqui;  
Saudade, quanta saudade!  
Não sei como não morri.

**20 – Saudade** que mais maltrata  
É aquela que a gente sente  
Por uma pessoa ingrata  
Que não se lembra da gente.

**21 – Saudade**, eterna saudade,  
Saudade do meu jardim,  
Saudade do meu amor,  
Só saudade resta em mim.

**22 – Saudade**, coisa que passa,  
Que nasce e torna a morrer;  
De tudo eu me esqueço,  
De ti não posso esquecer.

**23 – Saudade** é um parafuso  
Que quando na rocha cai  
Só entra se fô troceno,  
Pruquê bateno num vai.

**24 – Saudade** quanta saudade  
Dos doces beijinhos teus,  
Saudade é gota de pranto

Num lenço acenando adeus.

**25 – Saudade**, tanta ternura  
Nesta palavra encerra;  
Há chuvas de rosa e beijo  
Dos anjinhos sobre a terra.

**26 – Saudade**, traço de luz,  
Que Deus no céu desenhou,  
Unindo sempre dois seres  
Que o destino separou.

**27 – Saudade** é uma dor que impera  
Onde antes houve ilusão;  
Por ser meu amor sincero,  
Brotado em meu coração.

**28 – Saudade**, terna saudade,  
Único bem que restou,  
Eu sinto um cheiro de rosas  
E sei que a rosa murçou.

**29 – Saudade** é uma tristeza,  
Gosto amargo de sofrer,  
É vontade de lembrar  
O que se quer esquecer.

**30 – Saudade** é sofrimento,  
Lembrança de alguém ausente,  
É vontade de estar perto  
De quem não está presente.

**31 – Saudade**, sombra fantasma,  
Coisa que bem não se explica;  
Algo de nós que alguém leva  
E algo de alguém que fica.

**32 – Saudade**, eu nem pergunto  
De onde é que ela vem,  
Basta lembrar do sorriso  
E do olhar do meu bem.

**33 – Saudade**, coisa esquisita,  
Que ninguém nunca entendeu,  
Vontade de ter de novo  
Aquilo que se perdeu.

**34 – Saudade**, funda saudade,  
Saudade que punge e mata;  
Saudade dos seus olhares,  
Saudade daquela ingrata.

**35 – Saudade** mora comigo,  
Não sei como, nem por quê,  
Penso até que é castigo  
Por eu gostar de você.

**36 – Saudade**, rapa de tacho,  
Pra quem provou e gostou,  
Não pode sentir saudade  
Aquele que nunca amou.

**37 – Saudade**, grande saudade,  
Saudade do meu benzinho;  
Cada vez que nele penso,

Vou morrendo um pouquinho.

**38 – Saudade**, palavra triste  
Que dói no meu coração,  
Saudade, palavra amarga,  
Que me traz recordação.

**39 – Saudade**, dura saudade,  
Que destrói como uma traça,  
Se não houvesse saudade,  
A vida não tinha graça.

**40 – A saudade** vai e volta,  
Vai à noite e vem o dia,  
Só meu bem é que não volta  
Pra minha vida vazia.

**41 – A saudade** e a lembrança  
Caminha de lado a lado:  
A saudade traz a dor,  
A lembrança, o passado.

**42 – A saudade** já é tanta  
Que eu por você padeço,  
É tanta e assim sendo  
Por mais que eu coma, emagreço.

**43 – A saudade** é um poema,  
Poucos sabem definir;  
O coração de quem ama,  
Compreende e pode sentir.

**44 – A saudade** é uma oração  
Que eu não sei como aprendi  
E que eu rezo a toda hora,  
Quando estou longe de ti.

**45 – A saudade** não tem asas  
E nem perna pra correr,  
Está em todo lugar,  
Fazendo a gente sofrer.

**46 – A saudade** é sentimento,  
Sentimento de verdade,  
Só para dar um exemplo:  
Eu sou a própria saudade.

**47 – Na saudade** vou morrendo  
E na morte vou pensando,  
Meu amor por que partiste  
Sem me dizer até quando?

**48 – Matar saudade** é tolice;  
Ela não desaparece;  
Se de um lado ela morre,  
Do outro lado ela cresce.

**49 – Uma saudade** tristonha  
Que trago comigo agora,  
É o meu único consolo  
Depois que você foi embora.

**50 – Se a saudade** matasse  
Quanta gente morreria,  
Eu seria das primeiras

## A SAUDADE NO FOLCLORE

Que a saudade mataria.

**51** – Mandei a **saudade** embora,  
Ela tornou a voltar,  
Chegou bem devagarinho  
Pra acabar de me matar.

**52** – Dizem que a **saudade** espera  
A ausência para chegar,  
Eu tenho saudade tuas  
Bem antes de te deixar.

**53** – Se a **saudade** matasse  
Morto por ti estaria;  
Mas saudade só maltrata,  
Roubando nossa alegria.

**54** – Meu amor **saudade** minha,  
Vais partir, hás de voltar,  
Vou pedir à louvaminha  
Para a Deus por ti rezar.  
(**louvaminha**: louva-a-deus)

**55** – Se a **saudade** engordasse  
Como faz emagrecer,  
Eu seria um porco gordo  
Já no ponto de morrer.

**56** – Dizem que a **saudade** mata,  
Saudade não mata ninguém;  
Eu também sinto saudade  
E não morri por meu bem.

**57** – Dizem que a **saudade** mata,  
Saudade não mata não;  
Se a saudade matasse  
Estaria morta no chão.

**58** – Aceite a **saudade** minha,  
Aceite o suspiro meu;  
Já que de perto não posso,  
De longe quero ser teu.

**59** – Antes morrer de **saudade**  
Que de saudade viver,  
Pois quem vive de saudade  
Tem duas vezes a morrer.

**60** – Esta palavra **saudade**,  
Aquele que a inventou  
A primeira vez que a disse  
Com certeza até chorou.

**61** – Quem chora por ter **saudade**  
Eu bem sei que não pensou  
Que a saudade é a corrente  
No peito de quem já amou.

**62** – Quem inventou a **saudade**  
Não soube bem o que fez,  
Fez a palavra mais triste  
Que existe em Português.

**63** – Eu quis matar a **saudade**  
E muito tempo esperei,

Agora tenho saudade  
Da saudade que matei.

**64** – Sinto uma louca **saudade**  
Do meu tempo de criança,  
Daquele amor e ternura,  
Daquela eterna esperança.

**65** – Entre a ausência e a **saudade**  
Um contrato foi lavrado:  
Jamais viver a ausência  
Sem a saudade ao seu lado.

**66** – Para matar a **saudade**  
Para te ver fui correndo;  
Fui pra matar a saudade,  
Vim de saudade morrendo.

**67** – Quem chora por ter **saudade**,  
Certamente não pensou  
Que o amor é uma medalha  
No peito de quem amou.

**68** – Vou esconder a **saudade**  
Debaixo de um pé de arruda,  
É duro quem tem amor  
E que a sorte não ajuda.

**69** – Quem quiser comprar **saudade**  
Tenho muita pra vender,  
Tenho um canteirinho delas  
Que não tarda florescer.

**70** – Se você não tem **saudade**  
Se você nunca chorou;  
Se você não tem ciúmes,  
Então você nunca amou.

**71** – Quem quiser comprar **saudade**  
Me procure que eu dou,  
Eu tenho um canteiro cheio  
Que aquela ingrata deixou.

**72** – Como dói uma **saudade**  
Até parece balão  
Que sobe para as alturas  
E explode num coração.

**73** – O suspiro e a **saudade**  
Não servem pra companheiro;  
Saudade vem devagar,  
Suspiro chega ligeiro.

**74** – A paixão e a **saudade**  
São as fiéis companheiras:  
A paixão dura tão pouco  
E a saudade a vida inteira.

**75** – É duro sentir **saudade**  
Quando se perde um amor,  
A saudade fere tanto  
Como fere uma dor.

**76** – Eu sou filho da **saudade**  
E sou neto da paixão;

O amor é meu parente  
Não gosto da ingratidão.

**77** – Quem parte leva **saudade**  
Quem fica saudade tem,  
Muito mais sofre quem parte  
Sem ter saudade de alguém.

**78** – Às vezes tenho **saudade**  
De quando era feliz,  
Mas tudo isso eu perdi,  
Pois saiu pelo nariz.

**79** – Quem parte desta cidade  
**Saudade** já vai sentir,  
Esta cidade tão bela,  
Olímpia, onde nasci.

**80** – Amizade no presente,  
**Saudade** para o futuro,  
Felicidade pra sempre  
É tudo que lhe auguro.

**81** – Contemplando seu retrato  
Numa **saudade** sem fim,  
Já nem vivo, porque és tu  
Quem sempre vives em mim.

**82** – Na vida o que vale é a vida,  
Uma **saudade** e uma dor,  
Da vida vive só a vida  
Quem vive a vida do amor.

**83** – A solidão me maltrata,  
A **saudade** não tem fim;  
Eu não posso ser feliz  
Com você longe de mim.

**84** – Meu sofrimento é profundo,  
A **saudade** me maltrata,  
Tudo isto por maldade  
De uma garota ingrata.

**85** – Uma ausência me retira,  
Uma **saudade** me mata,  
Uma pena me atormenta  
Uma dor é que maltrata.

**86** – Vivo sofrendo no mundo,  
Tenho **saudade** medonha  
De um alguém que partiu  
Deixando-me tão tristonha.

**87** – Meus olhos viraram preces,  
Quando a **saudade** chegou;  
Mas o que valeu chorar,  
Se você não mais voltou?

**88** – Tudo neste mundo acaba  
Até mesmo a **saudade**,  
Uma não se acabará;  
A nossa grande amizade.

**89** – Foi depois que tu partiste  
Que aprendi o que é **saudade**,

## A SAUDADE NO FOLCLORE

Pois antes só me ensinaste  
O que era felicidade.

**90** – O amor que foi embora  
Sem deixar uma **saudade**,  
Não foi amor verdadeiro,  
Foi uma simples vaidade.

**91** – Corte a raiz da limeira,  
Corte a raiz da **saudade**,  
Mas nunca corte a raiz  
Da nossa grande amizade.

**92** – Sou caboclo apaixonado,  
No peito tenho **saudade**,  
Coração que eu mais amei  
Só me usou falsidade.

**93** – Tudo achei sem procurar:  
A dor, o amor, a **saudade**;  
Mas eu não tive ventura  
De achar a felicidade.

**94** – A ausência tem uma filha  
E que se chama **saudade**.  
Eu sustento mãe e filha  
Bem contra a minha vontade.

**95** – Quem tiver grande tristeza,  
Aberta pela **saudade**,  
Não encontrará na vida,  
Descanso ou tranqüilidade.

**96** – O tempo carrega o tempo,  
O tempo traz a **saudade**,  
Foi no tempo de estudante  
Que nasceu nossa amizade.

**97** – Amar, palavra bonita,  
Que faz a gente viver;  
**Saudade**, palavra amarga,  
Que faz a gente sofrer.

**98** – Nossa Senhora das Dores  
Tem sete flechas no peito,  
**Saudade** tem sete letras  
Que ferem do mesmo jeito.

**99** – A lágrima nasce nos olhos,  
O amor no coração,  
A **saudade** de nós dois  
É de uma grande paixão.

**100** – Alegria dura pouco,  
Ilusão é passageira,  
A **saudade** neste mundo  
É que dura a vida inteira.

**101** – Todos amam e esquecem,  
Amei e não esqueci;  
A **saudade** é como prece,  
Como castigo aprendi.

**102** – Não consigo mais sorrir  
Nem acalmo o sofrimento,  
É a **saudade** de um amor

Que não sai do pensamento.

**103** – Nem tudo o que é luz é ouro  
Nem todo o rifão é certo;  
Pois a **saudade** é capaz  
De fazer do longe, perto.

**104** – Quando vires a garça branca  
Pelos ares ir voando,  
É ela **saudade** minha  
Que daqui estou mandando.

**105** – Amanhã eu vou m'embora  
Que me dará pra levá?  
Eu levo **saudade** vossa,  
No camim eu vô chorá.

**106** – Não sei que mágoa mais funda  
Destas tristezas decorre:  
Se da **saudade** que vive,  
Ou da esperança que morre.

**107** – Alguém que pra longe vai,  
Alguém que pra perto vem,  
Uma **saudade** que morre,  
Outra que nasce também.

**108** – Findou-se o dia de hoje  
O amanhã logo virá,  
Vamos deixar a **saudade**  
Que o amor não voltará.

**109** – Andei sempre à procura  
E nunca mais te encontrei,  
Sempre guardarei **saudade**  
Do dia em que te deixei.

**110** – Eu vou fazer uma casa  
Sem porta e sem janela  
Para prender a **saudade**  
Que já não posso com ela.

**111** – Mandei buscar na farmácia  
Remédio para ausência,  
Mandaram-me a **saudade**,  
Embrulhada na paciência.

**112** – Com um futuro incerto  
Tenho medo de te amar,  
Tenho medo que a **saudade**  
Venha comigo morar.

**113** – Aqui os morros são altos  
Que de cima nem se vê,  
Mas é maior a **saudade**  
Que eu sinto de você.

**114** – Tudo muda neste mundo  
Só meu mal não tem mudança;  
O bem de ontem é **saudade**,  
O bem de hoje é esperança.

**115** – Logo, logo eu vou-me embora  
Do lugar onde eu te vi;  
Deixo a sombra da **saudade**,  
Deixo as dores que sofri.

**116** – Ando triste pelo mundo,  
Nesta grande imensidão  
Por causa de uma **saudade**  
Que maltrata o coração.

**117** – Mesmo que a felicidade  
Vá-se embora de avião,  
É sempre a pé que a **saudade**  
Caminha no coração.

**118** – Carreiro que tomba o carro  
Não pode mais carrear;  
Carro vai buscar **saudade**,  
Vá co'o carro devagar.

**119** – Quem diz que a vida acaba  
Na verdade nunca amou,  
Pois quem ama tem **saudade**  
Daquela a quem deixou.

**120** – Cantaria noite e dia  
No gomo de uma taboca  
Pra me livrar da **saudade**,  
Porque saudade sufoca.

**121** – Eu queria descobrir  
O autor das invenções,  
Ao inventor da **saudade**  
Daria dois corações.

**122** – Seriemá piou fino  
No fundo do meu sertão,  
Eu senti tanta **saudade**  
Que doeu meu coração.

**123** – Ausente do seu amor  
Você diz que vai morrer,  
Ninguém morre de **saudade**  
Saudade faz reviver.

**124** – O verso que eu te mandei  
Veio o vento e levou,  
Somente uma **saudade**  
No meu coração ficou.

**125** – No rio navega canoa,  
E no mar, embarcação;  
No mar de tua **saudade**,  
Navega meu coração.

**126** – Não há a felicidade  
É o que toda gente diz,  
Mas quem chora de **saudade**  
É porque já foi feliz.

**127** – Eu não canto por cantar  
Nem por ser bom cantor,  
Canto pra matar **saudade**  
Que tenho do meu amor.

**128** – Se você na mocidade  
Muitos beijos recebeu,  
Pode morrer de **saudade**,  
Mas de amor você viveu.

**129** – Sobre o mal que me consome,

## A SAUDADE NO FOLCLORE

Disse o doutor com razão:  
É a doença da **saudade**,  
Destruindo o coração.

**130** – Se os meus suspiros pudessem  
A teus ouvidos chegar,  
Verias que uma **saudade**  
É bem capaz de matar.

**131** – O que me importa a sorte  
Que te deixou a caminho?  
Enquanto existir **saudade**  
Ninguém vive com carinho.

**132** – Toda vez que eu estou dormindo  
Eu sonho com o sertão;  
Ai, como dói a **saudade**  
Dentro do meu coração.

**133** – Amanhã eu vou embora,  
Que me dão para levar?  
Levo apenas a **saudade**,  
No caminho eu vou chorar.

**134** – A vida é como uma rosa  
Nas pétalas, a ilusão;  
Nos espinhos, uma **saudade**  
Espetando o coração.

**135** – Ando triste, triste, triste,  
Que nem mesmo sei dizer,  
Desconfio que é **saudade**,  
Que é saudade de te ver.

**136** – Toda vez que o galo canta  
No retiro aonde eu moro,  
Então me aperta a **saudade**,  
Saio pr'o terreiro e choro.

**137** – O rio passa e não volta,  
Onda do mar vai e vem;  
Meu amor foi como rio,  
**Saudade** é onda também.

**138** – Não sorria da tristeza  
Que trago nos olhos meus;  
É tristeza dos meus olhos,  
**Saudade** dos olhos teus.

**139** – Dentro do meu coração  
Seja quarta, quinta ou sexta,  
Não há dia que eu não sinta  
Uma **saudade** tão besta.

**140** – Sentado lá na areia  
Seu lindo nome escrevi,  
Contando letra por letra  
De **saudade** adormeci.

**141** – Você está diferente  
Desde que te conheci,  
Mesmo estando ao seu lado,  
Sinto **saudade** de ti.

**142** – Adeus, palmeira querida,  
Tem pena do meu sofrer;

Tem pena de quem te ama,  
De **saudade** vou morrer.

**143** – Até a flor de laranjeira  
De noite parece prata;  
Querer bem não custa nada,  
A **saudade** é que me mata.

**144** – Lá do céu caiu um cravo,  
De tão alto desfolhou;  
Pra dizer ao meu querido,  
Que a **saudade** me matou.

**145** – Se você chegasse agora  
Ó meu Deus que bom seria,  
Mandava a tristeza embora  
E a **saudade** morreria.

**146** – Jurei não tornar a ver-te  
Nunca mais, não resisti;  
Mais forte que o juramento  
Foi a **saudade** de ti.

**147** – Tudo cansa nesta vida:  
O amor, o ódio, a esperança;  
A glória nunca se atinge,  
Só a **saudade** não cansa.

**148** – Vivo tão longe de ti,  
Triste é o meu padecer;  
Se for indo deste jeito,  
De **saudade** eu vou morrer.

**149** – Fui à fonte beber água  
O capim cortou meu pé,  
Não foi sede, não foi nada,  
Foi **saudade** de José.

**150** – Com pena pego na pena,  
Com pena de escrevê;  
A pena caiu no chão  
Com **saudade** de você.

**151** – Eu vou dar a despedida  
Como deu uma rainha;  
Menina dos olhos verdes,  
Não leve **saudade** minha.

**152** – Co'a pena da falsidade  
Eu peguei pra escrevê,  
Com palavras de saudade,  
Com **saudade** de te vê.

**153** – Vai cartinha da esperança  
No dia dos namorados,  
Já não suporta a **saudade**  
Meu coração desprezado.

**154** – Se você já vai embora  
Me faça uma caridade;  
Vá dizer ao meu amor  
Que aqui morro de **saudade**.

**155** – Quando eu te conheci  
Eu fui feliz de verdade;  
Mas quando eu te perdi,

Sofri, morri de **saudade**.

**156** – Senhor Deus que está no céu,  
Responda por caridade;  
Por que foi, meu grande Deus,  
Que Tu fizeste a **saudade**?

**157** – Julgava ter por você  
Apenas grande amizade,  
Isto é amor, meu amigo,  
Que segredo a **saudade**!

**158** – Eu queria ser um louco  
Pra sair pela cidade,  
Rabiscando na parede  
Essa palavra **saudade**.

**159** – Infeliz quem pela vida  
Só busca a felicidade;  
A ilusão dura um segundo  
E a vida toda a **saudade**.

**160** – Ontem nós éramos três:  
Eu, você, a felicidade;  
Hoje apenas somos dois:  
Eu e a tristonha **saudade**.

**161** – O tempo que tudo apaga,  
Com defeito e maldade  
Não pode apagar da vida  
Esta palavra **saudade**.

**162** – Como queres que eu esqueça  
Nossa simples amizade,  
Se em cada ilusão que morre,  
Renasce uma **saudade**?

**163** – Eu tenho que ir embora,  
Mas não de livre vontade,  
Pois meu coração te adora,  
Receio morrer de **saudade**.

**164** – A infância é feliz  
Assim como a mocidade,  
Mas ao chegar a velhice  
Só nos resta a **saudade**.

**165** – Aproveite minha gente,  
Aproveite a mocidade,  
A velhice quando chega,  
Chega cheia de **saudade**.

**166** – Adeus, querido filhinho,  
Que partiu na flor da idade,  
Levando ao céu a esperança,  
Deixando aqui só **saudade**.  
(**Epitáfio**)

**167** – Já tive amores na vida,  
Mas não a felicidade;  
Pois quando começo a amar,  
Vêm o adeus e a **saudade**.

**168** – Faça da vida um sonho  
E do sonho, realidade.  
Do pensamento, lembrança;

## A SAUDADE NO FOLCLORE

Da lembrança, a **saudade**.

**169** – Lá se vai o meu amor  
De mudança pra cidade,  
Aqui fico eu sozinho,  
Morrendo desta **saudade**.

**170** – De manhã há um sorriso;  
À tarde, uma bondade;  
De manhã há esperança,  
À tarde, uma **saudade**.

**171** – Gosto muito de você  
Por ser fiel de verdade,  
De perto sinto alegria,  
De longe sinto **saudade**.

**172** – Por ser moça tão bonita,  
Vive cheia de vaidade;  
Deixando meu coração,  
Morto de tanta **saudade**.

**173** – Não seja tão egoísta,  
Não tenha tanta maldade;  
Porque nós dois somos três:  
Eu, você e a **saudade**.

**174** – Você planta uma roseira,  
Guarda as rosas da amizade,  
Que eu guardarei comigo  
Os espinhos da **saudade**.

**175** – Joguei um cravo pra cima,  
Espalhou-se pra cidade,  
O meu bem está tão perto  
E eu morrendo de **saudade**.

**176** – **Saudade** é uma dor que dá,  
Mas não é dor de doer,  
É vontade de lembrar  
Com vontade de esquecer.

**Variante:**

**Saudade** é dor que fere,  
Fere mas não pra doer,  
É uma vontade de lembrar  
Com vontade de esquecer.

**177** – **Saudade** não se explica  
Nesta quadra que te dou,  
**Saudade** é falta que fica  
Daquilo que não ficou.

**Variante:**

**Saudade** quase explico  
Nesta prova que te dou,  
**Saudade** é o que resta  
De alguém que não ficou.

**178** – **Saudade**, palavra linda,  
Inventada pra dizer:  
Já te quis, inda te quero,  
Sempre hei de te querer.

**Variante:**

**Saudade**, palavra doce,  
Ela muito quer dizer:  
Eu te quero, sempre quis,  
Nunca hei de te esquecer.

**179** – **Saudade** anda comigo  
Não sei como, nem por quê,  
Até penso ser castigo  
Por amar tanto a você.

**Variante:**

**Saudade** vive comigo  
Não explico o porquê,  
Penso até que é castigo  
Por eu gostar de você.

**180** – **Saudade**, febre que mata,  
A dor que nos faz chorar;  
Mas não mata de repente,  
Vai matando devagar.

**Variante:**

**Saudade** é grande febre  
Que podemos apanhar;  
Nunca mata de repente,  
Mata sempre devagar.

**181** – **Saudade**, palavra bela,  
Que só traz desilusão;  
**Saudade** é como se fosse,  
Espinho no coração.

**Variante:**

**Saudade**, palavra triste,  
Traz muita desilusão;  
**Saudade** até parece  
Espada no coração.

**182** – **Saudade** que nasceu hoje  
E amanhã se esqueceu,  
Não é **saudade**, é lembrança,  
**Saudade** nunca morreu.

**Variante:**

**Saudade** que nasceu ontem  
E hoje mesmo esqueceu,  
Não é **saudade**, é lembrança,  
**Saudade** jamais morreu.

**183** – **Saudade**, triste palavra,  
Parece que nada diz,  
Mas quem sente uma **saudade**  
Nunca pode ser feliz.

**Variante:**

**Saudade**, teu nome é doce  
Parece que nada diz,  
Mas aquele que te sente  
Não poderá ser feliz.

**184** – **Saudade**, tenho **saudade**  
Do tempo em que nem sabia

Que essa palavra **saudade**  
Infelizmente existia.

**Variante:**

Lembrança, quanta lembrança,  
Do tempo que eu não sabia  
Que a malvada **saudade**  
Infelizmente existia.

**185** – A **saudade** se matasse  
Como faz emagrecer,  
Eu já teria morrido  
De **saudade** de te ver.

**Variante:**

Se a **saudade** matasse  
Como faz emagrecê,  
Eu já estaria morta  
De **saudade** de você.

**186** – Se é triste sentir **saudade**  
Muita **saudade** de alguém,  
Maior infelicidade  
É não tê-la de ninguém.

**Variante:**

É triste sentir **saudade**  
Muita **saudade** de alguém,  
Maior a tristeza ainda  
Não senti-la por ninguém.

**187** – Quem nunca teve **saudade**  
Não amou jamais na vida,  
Não conhece o que é amor  
Nem a dor da despedida.

**Variante:**

Quem nunca sentiu **saudade**  
Não amou jamais na vida,  
Não sabe o que é amor  
Nem a dor da despedida.

**188** – Com esse escreve **saudade**,  
Com erre, recordação,  
Com ele escreve Luís  
Que guardo em meu coração.

**Variante:**

Com erre escreve roseira,  
Com pê escreve paixão,  
Com esse escreve **saudade**  
Que eu tenho no coração.

**189** – Nossa Senhora das Dores  
Tem sete espadas no peito,  
**Saudade** tem sete letras  
Que ferem do mesmo jeito.

**Variante:**

Nossa Senhora das Dores  
Tem sete facas no peito,  
**Saudade** tem sete letras  
E ela dói do mesmo jeito.

## A SAUDADE NO FOLCLORE

**190** – De longe hei de te amar  
De uma calma distância  
Em que amar é **saudade**  
E o desejo é constância.

### Variante:

De longe quero te amar  
Não me importa a distância,  
O amar é uma **saudade**  
E o desejo uma constância.

**191** – Você diz que sou criança  
E criança eu sei que sou,  
Um dia terá **saudade**  
Da criança que te amou.

### Variante:

Você diz que sou criança,  
Criança eu já não sou;  
Mas sentirá a **saudade**  
Da criança que te amou.

**192** – Meu coração anda triste  
A razão não sei por quê,  
Não sei se é mesmo tristeza  
Ou **saudade** de você.

### Variante:

Meu coração sofre tanto  
E eu mesmo não sei por quê,  
Agora estou me lembrando:  
É saudade de você.

**193** – Há flores que simbolizam  
Aspectos da humanidade,  
Morre logo o amor-perfeito,  
Dura muito uma **saudade**.

### Variante:

Há flores que simbolizam  
Coisas da humanidade,  
Morre cedo o amor-perfeito,  
Vive muito uma **saudade**.

**194** – O coqueiro de tão alto,  
Joga coco na cidade,  
Meu amor aqui tão perto  
E eu morrendo de **saudade**.

### Variante:

Coqueiro da minha casa,  
Joga coco na cidade,  
Meu benzinho está tão perto,  
Eu morrendo de **saudade**.

**195** – No tronco de uma roseira  
O seu nome escrevi,  
Pensando letra por letra  
De **saudade**, adormeci.

### Variantes:

Sentada em uma cadeira  
Seu belo nome escrevi;

Contando letra por letra,  
De **saudade** adormeci.

Sentado numa cadeira  
Seu lindo nome escrevi;  
E lendo letra por letra  
Com **saudade**, adormeci.

**196** – Dizem que a distância  
Apaga o amor e a amizade,  
Mas se não houver distância  
Não haveria a **saudade**.

### Variantes:

Dizem que a distância  
Apaga a nossa amizade,  
Mas se não fosse a distância  
Não haveria a **saudade**.

Dizem que a distância  
Apaga amor e amizade,  
Mas nem mesmo a distância  
Consegue apagar **saudade**.

**197 – Saudades**, roxas saudades,  
Saudades que não têm fim;  
O que vale ter saudades  
De quem não gosta de mim?

**198 – Saudades**, fim de um sonho  
Que perdi não sei por quê,  
Tudo isso que escrevo  
São saudades de você.

**199** – Fui chorar minhas **saudades**  
Aonde o riacho corre,  
Os peixinhos me disseram:  
De saudade também morre.

**200** – Se as **saudades** matassem  
Eu havia de morrer,  
Só não morro porque tenho  
Esperança de te ver.

**201** – Sentei-me a chorar **saudades**  
Debaixo de um pessegueiro,  
Veio uma flor e me disse:  
Chora bem teu cativoiro.

**202** – Sou nesta tarde da vida,  
Cheio de **saudades** minhas;  
Como um telhado de igreja;  
Todo cheio de andorinhas.

**203** – Quando lembro do passado,  
Das coisas que mais amei,  
Ainda tenho **saudades**  
Dos beijos que já lhe dei.

**204** – Quando bem velhos estivermos,  
Da vida já bem cansados;  
Lembraremos com **saudades**  
Dos nossos dias passados.

**205** – Parte, ó pombinha branca,  
Vai voando pelo além,  
Vai levar minhas **saudades**  
Àquele que quero bem.

**206** – Na hora da Ave Maria  
Fico triste e a chorar  
Com **saudades** de alguém  
Que nunca mais quis voltar.

**207** – Eu não quero nem brincando  
Dizer adeus a ninguém:  
Quem parte leva **saudades**,  
Quem fica, saudades tem.

**208** – Vou devolver tuas cartas  
E os teus retratos também;  
Mas vou guardar as **saudades**  
Porque são minhas, meu bem.

**209** – Achei uma diferença,  
Quando de novo te vi,  
Estando em tua presença,  
Tive **saudades** de ti.

**210** – A fogueira quando apaga  
Deixa cinza e calor;  
E o amor quando se apaga,  
Deixa **saudades** e dor.

**211** – Minha barquinha dourada  
Que rumo queres levar?  
Sei que estás ansiosa,  
Sentes **saudades** do mar.

**212** – Ao longe, cortando espaço,  
Vai um bando de andorinhas  
Que te leve um grande abraço  
E muitas **saudades** minhas.

**213** – Eu vivo sem esperanças,  
De glórias destituído!  
Só tenho prantos, angústias,  
**Saudades** de um bem perdido.

*Quadrinhas recolhidas por José Sant'anna com o auxílio de seus alunos do extinto Colégio Olímpia (1955-1963) e os da atual Escola Estadual de Segundo Grau "Capitão Narciso Bertolino" (1964-1978), estabelecimentos de ensino de Olímpia.*

**NOTA:** A palavra **saudade** traduz um sentimento tão especial que mereceu, em nosso calendário, um dia para homenageá-la: 30 de janeiro.

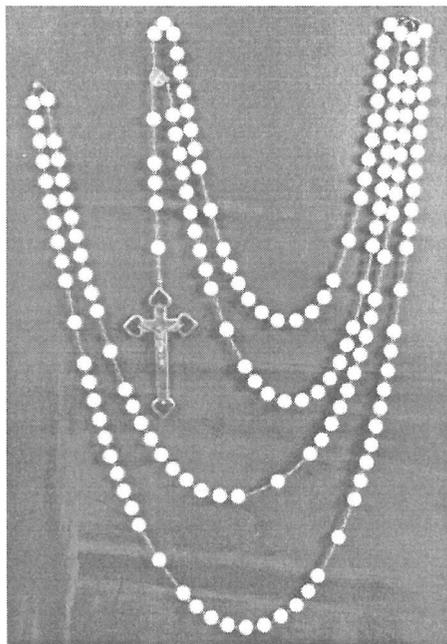
*Se a **saudade** matasse  
Muita gente morreria,  
Eu seria o primeiro  
Que a saudade mataria.*

# DEVOÇÃO AO ROSÁRIO

- EXPRESSÃO DE FÉ E CULTURA FOLCLÓRICA -

Ulisses Passarelli

Secretário da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore



Através de fé e cultura folclóricas do povo é possível avaliar o quanto Nossa Senhora do Rosário e o rosário em si, despertam no devoto a esperança de salvar-se dos males do mundo e de vencer pela fé, especialmente manifestada por esta formidável corrente de oração que é o rosário. Um hino à Senhora do Rosário, que recolhi em São João Del Rei – MG de um congo (grupo folclórico ligado às festas do Rosário), é um verdadeiro retrato das expectativas em torno do rosário.

Diz a primeira quadra: “Estamos pedindo ao terço, / o terço é a nossa alegria; / pedindo a Nossa Senhora, / para ser a nossa guia.” (O terço: é a terça parte do rosário – cinqüenta Ave-marias, cinco Pai-nossos e cinco Glórias, intercalados com a contemplação de mistérios cristãos e seus frutos).

Observa-se a amplitude desta fé mariana, rogando que Nossa Senhora seja a guia dos devotos, orientando-os pelos caminhos da vida, caminho de Cristo, caminho certo de Deus! Segue-se o hino: “Senhora do Rosário /

é a nossa proteção! Valei-me nesta hora, de tão grande aflição.” Nossa Senhora protege seus filhos como uma mãe muito carinhosa, compreendendo-os em suas aflições, prestando seu valioso auxílio maternal.

Todos queremos ter nossa mãe. Esse instinto de filho desamparado buscando sua mãe protetora, persiste vivo e puro nestes versos. “Nossa Senhora do Rosário, / é a nossa proteção! / Feliz de todo homem / que vive com o terço na mão!” A felicidade, tão massacrada nos dias atuais, por tanta calamidade, é buscada por meio do rosário de Maria, proteção das provas e instrumento de união familiar em torno da oração diária. “Infeliz do pobre homem, / que o demônio perseguia, / por não trazer consigo, / o rosário de Maria!”

O rosário se for compreendido em sua real extensão, se da contemplação de seus mistérios, o homem firmar-se no sentimento religioso cristão, então não haverá espaço em seu coração para que sataná, a raiz de todo o mal, nele habite.

“O rosário de Maria / derrubou o inferno no chão! / Nós rezamos o terço, / temos sua proteção!” Maior é o poder celeste, da Santíssima Trindade e de Maria, contemplado no rosário, e capaz de precipitar no inferno a malignidade.

E o devoto da Virgem do Rosário, que tudo isto espera por meio dela, graças às orações de seu rosário, conclui o hino triunfalmente: “Virgem do Rosário, / chamamos com fervor, / com o vosso rosário, / seremos vencedores!”

O rosário foi muito utilizado na catequização do povo negro, que ainda é muito devoto da Senhora desta invocação. O oprimido viu no rosário um consolo e um meio de vencer as agruras da vida. E o pecado, como reza esta oração, de Bias Fortes – MG: “Virgem do Rosário, / que vós não

permitais: / que eu viva e nem morra / em pecado mortal...” Portanto, está aí o exemplo da integração folclore-religião.

Mas não só de Minas trago exemplos, mas também daqui: o Congo de ponta Negra, que teremos oportunidade de ver nesta festa do Rosário este ano, canta: “Alma perdida anda no mundo, / no mundo sem alegria, / somente porque não reza, / o rosário de Maria!” Somente porque não reza. Só por isto. Que formidável expressão de fé! E os congo de São Gonçalo, que também estarão nesta festa, lembram respeitosamente sua Mãe, no reconhecimento de sua santidade: “Minha Virgem do Rosário, / vamos cantar em seu louvor. / Cantam os anjos no céu, / e na Terra os Pecadores”.

Ao vivo e a cores, e com toda sonoridade, verão aqueles que vieram a esta festa, na igreja do Rosário de Natal, na primeira semana de outubro, o trabalho formidável do Cônego Lucilo Alves Machado, que com muita fineza de raciocínio e compreensão, bem como, espírito cristão, atuou junto à comunidade local, no resgate e valorização (religiosa e cultural) de uma festa antiquíssima e muito tradicional, que se havia esquecido, mas que foi retomada das cinzas em 95. O rosário é catequizador, e um dos elos entre o folclore e a religião católica, sendo assim, um excelente meio de manter o espírito religioso do povo e de valorizar a sua cultura espontânea, pura, sincera e duradoura - o folclore.

É fundamental que o natalense venha conhecer esta festa, notar nela a extensão da fé e da cultura negra. Infelizmente no Rio Grande do Norte, estes aspectos ainda são muito desprezados e desconhecidos, pouco prestigiados e desvalorizados. Já é hora de se acordar para o que se tem em casa, e valorizar mais as maravilhas da terra. Venha prestigiar a festa de nossa Mãe!

# A CONCEITUAÇÃO DO FOLCLORE NO BRASIL

---

Veríssimo de Melo  
Folclorista - Natal, RN

---

Mais do que fundamental e absolutamente indispensável é colocarmos, de início, uma palavra de saudação afetuosa a todos os companheiros que integram este I Simpósio Nacional sobre Folclore. A começar pelo seu extraordinário idealizador, Prof. José Sant'anna, que há mais de vinte anos luta bravamente pela valorização das manifestações folclóricas brasileiras e fez de Olímpia mais do que uma cidade do interior paulista: ela é hoje um símbolo da resistência e da flama amorável do folclore no país. Saudação igualmente ao nosso anfitrião, Prefeito Wilson Zangirami, que nos ofereceu generosamente condições necessárias à realização deste Simpósio. À folclorista Laura Della Mônica, competente secretária-executiva do conclave, que nos acompanha desde o 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, em 1951. A todos, enfim, que participam ativamente deste Simpósio, trazendo as luzes do seu saber e da sua experiência, reafirmamos nossos calorosos cumprimentos.

Ao tentar oferecer alguma contribuição à temática deste Simpósio em torno de conceituação do folclore no Brasil - desejamos, preliminarmente, dividir o assunto em dois itens: 1.º) **Posição do Folclore entre as ciências.** 2.º) **Características do fato folclórico.**

## **Posição do Folclore entre as Ciências**

Parece-nos que não há contestação quanto à verdadeira posição do Folclore

como ciência: ele é um ramo da Antropologia Cultural, a ciência mais ampla da cultura universal.

Definida e redefinida mil vezes, por toda parte, pelos mestres mais reputados, a Antropologia Cultural se subdivide em Arqueologia, Etnografia, Etnologia, Lingüística, Folclore, Antropologia Social, Cultura e Personalidade. Cada uma dessas ciências estudando aspectos particulares da cultura total: a **Arqueologia** estudando os restos das culturas do passado; a **Etnografia** descrevendo as culturas; a **Etnologia** comparando e interpretando as culturas dos povos atuais; a **Lingüística** estudando as formas de comunicação verbal e escrita entre os indivíduos de todas as latitudes; o **Folclore** estudando as maneiras de pensar, sentir e agir das coletividades, conservadas oralmente e consagradas pela sua popularidade; a **Antropologia Social** estudando processos culturais e estruturas sociais, com interesse voltado para a sociedade e as instituições; **Cultura e personalidade** estudando a inter-relação entre a cultura e a personalidade - isto é, a de terminação de um tipo de personalidade básica face a uma atividade profissional.

Não vamos nos deter exaustivamente na discussão a propósito do campo de estudos do Folclore. Basta lembrar, apenas para prefigurar os fatos, que a posição dos teóricos norte-americanos ou europeus nem sempre é concordante, como igualmente a nossa, brasileira, em relação a dos especialistas sul-ame-

ricanos. Para o antropólogo norte-americano Clyde Kluckhohn, o folclore estuda apenas a cultura espiritual: os contos, as baladas, a poesia, as lendas, os mitos, etc. A cultura material - as técnicas de trabalho, o artesanato já estariam fora do seu campo de estudo. Esta visão, a nosso ver, é antiquada e ultrapassada. Já os portugueses situam a cultura material, sob a denominação de **ergologia**, como matéria de estudo da Etnografia. Ponto de vista que se aproxima da posição norte-americana e até de outros povos europeus.

No Brasil, a partir do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951 ficou definido que o folclore estuda tanto a cultura espiritual quanto a cultura material. Posição que nos parece, nesse ponto, absolutamente correta. Portanto, para nós, e possivelmente para a totalidade dos componentes deste Simpósio, Folclore é aspecto da Antropologia Cultural. É ciência. Como tal tem seus métodos próprios de abordagem e estudo. Tem suas implicações e convergências com outras ciências antropológicas e não antropológicas. Tem campo de trabalho definido, que é a cultura popular - e já nesta altura se observa que o Folclore se diversifica de outras ciências como a Sociologia e a Psicologia e se afirma na sua identidade particularíssima.

## **Características do Fato Folclórico**

Para qualquer um de nós, componentes deste Simpósio, que há longos

## SIMPÓSIO DE FOLCLORE

anos vimos convivendo com o folclore - fácil é detectar o que é o que não é folclore. E até o que é e não é ao mesmo tempo folclore - como é o caso da literatura de cordel. Todavia, para jovens estudantes da nossa ciência - e sempre haverá jovens estudantes de todas as ciências - as dificuldades se agravam quando eles procuram identificar as características do fato folclórico. Como já se sabe, uns autores ampliam essas características. Outros, as restringem.

Nosso Mestre Luís da Câmara Cascudo, em vários dos seus livros e especialmente na caracterização do conto popular, considera quatro fatores indispensáveis à conceituação do fato folclórico: a **antigüidade**, o **anonimato**, a **persistência** e a **oralidade**. Aceitamos, em parte, seu ponto de vista, para restringi-lo apenas a três características fundamentais: **anonimato**, **oralidade** e **popularidade**.

As características apontadas por Cascudo - **antigüidade** e **persistência** - já se acham implícitas na nossa conceituação acima mencionada. Se o fato folclórico é **popular**, no sentido mais amplo da territorialidade brasileira, embora em suas variações regionais, certamente ele é tradicional e sendo assim é antigo e atual. Preferimos, por outro lado, o vocábulo **popularidade** em lugar daquele **persistência**, empregado por Cascudo.

O fato folclórico é anônimo - sabem todos - porque não tem autor conhecido, embora toda criação tenha um pai. Esse autor - antigo ou mais recente - não se conhece, tendo o povo, através dos anos e dos séculos, reformulado e readaptado a manifestação folclórica de tal forma que ela surge em nossos dias como um fato de autoria coletiva: do povo, afinal.

O fato folclórico se transmite normalmente pela boca e o ouvido do povo. É essencialmente oral. Se hoje a manifestação folclórica está registrada em livro, isso não significa que a sua transmissão não se tenha procedido e continue a proceder oralmente, verbalmente.

O fato folclórico, por último, é absolutamente popular. Isto é: o fato folclórico é do domínio de toda a coletividade.

de. Não apenas de uma casta, de um segmento da sociedade, de um grupo privilegiado de indivíduos, como ocorre entre as tradições das cortes européias. Embora as tradições dessas casas reinantes apresentem as características do anonimato e da oralidade - faltam-lhes a da popularidade. Não são de todo o povo, mas apenas de uma parcela. Não são folclore genuíno, porque lhes falta a característica da **popularidade**.

### Duas Observações Críticas

Antes de concluir a comunicação e apresentar o nosso conceito de Folclore - eis aqui duas observações que julgamos pertinentes e merecedoras de anotações críticas.

O 1.º Congresso Brasileiro de Folclore aprovou sugestão que jamais aceitamos e sempre nos insurgimos contra ela: referimo-nos à que se convencionou chamar de "folclore nascente". O que seria isto? Seriam manifestações populares de autores conhecidos, que alguns consideravam também folclore. A característica do anonimato cairia por terra para esses teóricos. E então iríamos ouvir novamente aquela cantora proclamar a blasfêmia:

- Agora eu vou cantar uma canção folclórica de **minha** autoria.

É evidente que a sugestão infeliz permaneceu apenas nos anais do Congresso. Ninguém, jamais, voltou a falar em "folclore nascente." O folclore é ciência nascida há mil anos como poderá ter nascido ontem, mas não compete a nenhum de nós declarar que isso ou aquilo é ou será folclore, antes da consagração popular.

Outra consideração de ordem geral: com a democratização da cultura, fenômeno universal proporcionado pelos modernos meios de comunicação de massa, como a televisão e os computadores, não há mais sentido situar-se o folclore como um saber apenas "das classes populares", como preconizava Saintyves. O folclore no Brasil, por exemplo, é hoje um saber de todas as classes. O saber erudito convive com o saber popular, democraticamente. Leiam-se os jornais dos grandes centros urbanos e vejam-se as emissoras de televi-

são. Onde o limite do que é popular e do que é erudito? A medicina popular e a medicina oficial convivem lado a lado. No passado, houve cabimento para se falar nessa dicotomia do saber. Hoje, diluiu-se a distinção. Os dois saberes interpenetram-se. Há só uma cultura brasileira, embora para efeito de estudo, possamos detectar o que é de fonte erudita e o que é de fonte popular. Nesse último sentido, nem sempre é fácil a identificação. O que é hoje popular já foi erudito, embora a recíproca talvez não seja verdadeira.

De maneira que, concluindo a comunicação - afirmamos que o Folclore é aspecto da Antropologia Cultural que estuda a cultura espiritual e material dos povos. A manifestação folclórica é sempre anônima, transmite-se oralmente - mesmo aquela que recebemos de fonte escrita - e é essencialmente popular.

Posto tudo isto, podemos definir o Folclore - salvo melhor juízo - como a **Ciência que estuda o conjunto das maneiras de pensar, sentir e agir das coletividades, conservadas oralmente e consagradas pela sua popularidade**.

Terminamos com palavras do sábio Ortega y Gasset, adequadas ao momento e à nossa contribuição: "Dou o que tenho; que outros, capazes de fazer mais, façam o seu mais, como eu faço o meu menos."

### Bibliografia consultada

CASCUDO, Luís da Câmara - "LITERATURA ORAL", vol. VI da História da Literatura Brasileira - Liv. José Olympio Editora - Rio de Janeiro, 1951.

KLUCKHON, Clyde - "ANTROPOLOGIA - UM ESPELHO PARA O HOMEM" - Editora Itatiaia Ltda, Belo Horizonte, 1963.

SAINTYVES, Pierre - "MANUEL DE FOLKLORE" - E.E. Nourry - Paris - 1936.

*Matéria apresentada no I Simpósio Nacional sobre Folclore, de 14 a 17 de agosto de 1986, na Casa da Cultura "Álvaro M. Cassiano Ayusso, de Olímpia, como atividade do 22.º Festival do Folclore - 10 a 17/8/86).*

# ADIVINHAÇÕES

## RACHA-CUCAS

ANALI DE OLIVEIRA  
Departamento de Folclore - Olímpia

Após um dia de trabalho cansativo, ou de haver assistido a rotineiros programas de televisão, a pessoa necessita de um pouquinho de recreação diferente. Uma recreação salutar é muito importante, não só aos adultos, mas também às crianças. Nos dias de chuva, quando a pessoa é impedida de sair às ruas, nada melhor que ficar juntamente com a família. É essa ocasião propícia para realizar uma atividade que diverte, que aumenta a capacidade de atenção, de interesse, que educa e que desenvolve o senso de humor.

Entre as diversas atividades está a brincadeira de adivinhações, isto é, fazer perguntas e aguardar respostas, o que, aliás, é muito bom para o espírito e pode causar muitos risos. Para isto, é só ligar a imagem da imaginação, para se entender de corpo e alma.

O brinquedo lança um desafio, cria um saudável confronto de opiniões, promove a curiosidade e a capacidade de investigação. É um passatempo que promove momentos importantes de afetividade, alegria, auto-estima e compreensão. É um lazer que ajuda a compreender a vida.

- 1 - O que é uma coisa de louco ?  
- ?
- 2 - Qual a diferença entre a galinha e o avião ?  
- ?
- 3 - O que é que quando anda deixa as tripas para trás ?  
- ?
- 4 - Qual o começo do fim ?  
- ?
- 5 - Qual a diferença entre a mulher e o leão ?  
- ?
- 6 - Quais são as meninas



- Que quanto mais belas,  
Mais longas cortinas  
Põem às janelas ?  
- ?
- 7 - Qual a ave que não tem pena?  
- ?
- 8 - Qual o animal marinho que sem a primeira sílaba manda ler ?  
- ?
- 9 - O que é que quem tem faz, quem não tem não a pode fazer ?  
- ?
- 10 - O que é que está dentro de casa com a cabeça de fora ?  
- ?
- 11 - O que é que quanto mais se tira, maior fica ?  
- ?
- 12 - Quem me fez tem asa e voa,  
Não posso ter melhor sorte,  
Perto do fogo sou água,  
Perto da água sou forte.  
- ?
- 13 - Estou na enxada, no quartel  
e ainda posso ser guia de canga.  
Quem sou ?  
- ?
- 14 - O que é que sentado fica maior do que em pé ?  
- ?
- 15 - O que é: uma coisa de mau parecer, quem vê não ocupa, quem ocupa não vê.  
- ?
- 16 - O que é que nasce no mato e vive na água ?  
- ?
- 17 - Fui ao mercado,  
Comprei um negrinho  
Que junto ao fogo  
Ficou vermelhinho.  
- ?
- 18 - O que é que quanto maior, menos se enxerga ?  
- ?
- 19 - Qual o sobrenome existente em todas as casas ?  
- ?

## ADIVINHAÇÕES

**20** – Qual a semelhança entre o coelho e a esquina ?

- ?

**21** – O que é, o que é: Se eu não tenho não quero ter e se tiver não quero perder ?

- ?

**22** – O que é que tem boca, mas não tem língua e nem dente ?

- ?

**23** – Qual a ferramenta que quando se procura, diz-se que já foi ?

- ?

**24** – O que caminha mais rapidamente no mato do que na rua ?

- ?

**25** – O que a gente tem em casa, mas não quer ter na casa ?

- ?

**26** – O que é que tem serra e não é serrador, canta e não é cantor, tem esporas e não é cavaleiro ?

- ?

**27** – O que é que tem dente, mas nunca poderá fazer tratamento dentário ?

- ?

**28** – Qual o nome de mulher que, sem as duas primeiras sílabas, torna-se o nome de uma planta ?

- ?

**29** – O que é do homem no sobrenome, mas é também da vaca e do mamoeiro ?

- ?

**30** – O que é, o que é: Ele é fúnebre e ela significa peleja ?

- ?

**31** – Qual a árvore frutífera que serve ainda para apagar fogo e molhar plantações ?

- ?

**32** – O que é que cai em pé e corre deitada ?

- ?

**33** – Há uma árvore de dez metros de altura. Durante o dia um tatu

sobe cinco metros e à noite desce três. Quantos dias o tatu levará para subir na árvore ?

- ?

**34** – Uma coisa assim estranha  
Parece incrível que exista;  
Tem boca só quando nasce,  
Nunca no claro foi vista.

- ?

**35** – Dois boiadeiros que tangiam um gado encontraram-se numa estrada. Um diz para o outro: Se eu lher um boi da minha boiada, nós ficaremos com a mesma quantidade de reses. Mas se você me der uma delas eu ficarei com o dobro da sua boiada. Quantas reses havia em cada rebanho?

- ?

**36** – O que é que mata os vivos e conserva os mortos ?

- ?

**37** – Agora você me diga,  
Vivo como sempre foi:  
O que é que a formiga  
Tem maior do que o boi.

- ?

**38** – Qual o melhor médico do mundo ?

- ?

**39** – O que é que quanto mais cresce mais baixo fica ?

- ?

**40** – O que é, o que é: casa caída, lagoa d'água.

- ?

**41** – O que é que se consegue abrir, mas jamais se consegue fechá-lo?

- ?

**42** – Uma igreja branca  
Sem porta e sem tranca,  
Com duas pessoas dentro:  
Uma amarela, outra branca.

- ?

**43** – Qual o animal que nunca fecha os olhos ?

- ?

**44** – O que é que come pela bar-

riga e vomita pelas costas.

- ?

**45** – Qual a planta que não pode tomar chuva e nem sol ?

- ?

**46** – Uma pessoa sentada pode ir à esquina sem tirar o pé da cadeira ?

- ?

**47** – Qual o objeto escolar que sem a consoante inicial é um animal quadrúpede ?

- ?

**48** – O que é que colocamos embaixo do sapato ?

- ?

**49** – Em que estado a água pode ser carregada em peneira ?

- ?

**50** – O que é que quanto mais enxuga, mais molhada fica ?

- ?

### RESPOSTAS

**1** – A camisa-de-força./ **2** – A galinha choca no chão e o avião no ar./ **3** – Agulha./ **4** – A letra efe./ **5** – A mulher usa batom e o leão ruge./ **6** – As meninas dos olhos./ **7** – Ave Maria./ **8** – Baleia (- Ba = leia)./ **9** – Barba./ **10** – Botão./ **11** – Buraco./ **12** – Cera./ **13** – Cabo./ **14** – Cachorro./ **15** – Caixão mortuário./ **16** – Canoa./ **17** – Carvão./ **18** – Cegueira./ **19** – Chaves./ **20** – O coelho é orelhudo e na esquina tem orelhão./ **21** – Demanda./ **22** – Estômago./ **23** – Foice./ **24** e **25** – Fogo./ **26** – Galo./ **27** – Garfo, pente, serrote, alho./ **28** – Joaquina./ **29** – Leite./ **30** – Luto e luta./ **31** – Mangueira./ **32** – Minhoca de paraquedas./ **33** – Nenhum, tatu não sobe em árvore./ **34** – Noite./ **35** – Numa havia sete e na outra cinco. / **36** – O álcool./ **37** – O nome./ **38** – O que é procurado e nunca é encontrado./ **39** – O rabo de cavalo, de cachorro./ **40**, **41** e **42** – Ovo./ **43** – Peixe./ **44** – Plaina ( ferramenta )./ **45** – Planta de construção./ **46** – Pode, o pé da cadeira continua nela./ **47** – Régua (égua)./ **48** – Sola./ **49** – Sólido (gelo)./ **50** – Toalha.

# PALHA DE MILHO

## DELEITA NOSSOS OLHOS

MARIA JESUS DE MIRANDA  
Departamento de Folclore - Olímpia

Olímpia, a capital nacional do folclore, menina-moça de 95 anos, está plantada ao noroeste de São Paulo, a 429 quilômetros da capital, e distante a 1 hora, de automóvel, do estado de Minas Gerais do qual se separa pelo rio Grande. Está na escala populacional de, aproximadamente, 50 mil habitantes. Sua economia está principalmente na agricultura: cana-de-açúcar e laranja. Possui 4 rádios-emissoras, bom comércio, 11 estabelecimentos bancários, ensino mais atualizado de 1.º e 2.º graus em 17 escolas das redes estadual e particular. Há 19 pré-escolas, 13 creches, 3 escolas de línguas estrangeiras e diversas de informática. E também uma faculdade. É uma cidade que se moderniza. Seus atrativos turísticos estão no Termas dos Laranjais, clube de lazer de primeiro mundo; na Igreja Matriz de São João Batista, um dos maiores vãos livres do estado; na Usina Cruz Alta (açucareira), a segunda maior da América Latina e primeira em tecnologia; na Casa da Cultura, pela sua fototeca histórica local; no seu Estádio de Futebol e seu time; no Museu de História e Folclore, memória do nosso povo; na Praça das Atividades Folclóricas com seu Folcloródromo; no Festival Nacional do Folclore, anualmente realizado em agosto; nos grupos folclóricos, expressões da cultura simples da nossa gente e nos grupos parafolclóricos. Olímpia se orgulha da hospitalidade de seu povo e sobretudo de uma modesta senhora chamada dona Maria.

Seu nome completo é Maria Santana Pegorário, viúva de 78 anos de idade, residente na Rua do Bem-te-vi, na casa 217 do Jardim Menina-Moça. Era casada com Hermenegildo Pegorário. Do casamento nasceram-lhe oito filhos, es-



tando sete vivos.

Dona Maria tudo aproveita do milho. Além da pamonha, curau, bolo, polenta, farinha e outras maravilhas, ela tira do milho material para suas peças de arte.

Foi o que constatei, há poucos anos, quando a encontrei se dedicando à arte da palha do milho. Fiquei impressionada com a quantidade e beleza do seu trabalho. E foi com 9 anos de idade que aprendeu a fazer trabalhos com palha de milho, o que faz até hoje em grande estilo.

A aprendizagem ela a recebeu de uma de suas primas, também chamada Maria, em 1929, em Tabapuã, cidade próxima de Olímpia.

Nos dias atuais, sempre com agenda cheia de encomendas, D. Maria produz peças figurativas e utilitárias de vários tipos e tem uma secção de sua arte no Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", de nossa cidade.

Depois de algumas encomendas e uma salutar conversa, pois nossa artesã é evangélica convicta, consegui dela estas respostas:

**Já sei que a senhora aprendeu a arte de trabalhar a palha de milho aos 9 anos, em 1929, portanto há 69 anos, recebendo as primeiras lições de sua prima Maria, que vivia em Tabapuã. Que ferramentas a senhora usa?**

— "Uso somente duas agulha, feitas de arame volteado, cabo de madeira. Meu filho Luís Carlos que fabrica".

**A senhora utiliza somente a palha do milho ou usa também outro material?**

— "Por dento da palha eu uso embira de bananera ou sapé. Mais quase todos trabalho é feito só com palha de milho".

**D. Maria, suas peças são produzidas na cor natural da palha ou coloridas?**

— "Faço dos dois jeito. Se for pintada, eu uso bisnaga ou anilina. Se for com anilina, pinto as palha antes de fazê o trabalho. Se for com bisnaga, pinto as peça depois de pronta."

**A palha, para ser trabalhada, precisa estar seca ou molhada?**

— "Eu molho a palha que vai sê trabalhada. Rasgo mais ou menos fina para o ponto ficá bonito. Às vez até passo com ferro de roupa, conforme o trabalho."

**A senhora confecciona as peças trabalhando em pé ou sen-**

## ARTESANATO

tada?

— “Tanto faz. Depende muito da hora que faço. De manhã eu trabalho mais em pé.”

**As peças são para enfeite ou faz também alguma utilitária, para uso?**

— “Faço os dois tipo: pra enfeite e pra uso.”

**Entre as peças decorativas, as de enfeite, e as utilitárias, quais a senhora produz?**

— “Muita coisa. Os trabalho de adorno, pra enfeitá a casa: anjo, arara, bêbado, boi, boneco, bule, caçador, cachorro, caneca, carneiro, cavaleiro, cavalo, flores, galinha, galo, garrafa, gato, jarra, jogo de café, jogo de chá, jogo de licor, leiteira, moringa, onça, panela, pato, peixe, periquito, pescador, tartaruga, tatu. Faço também qualquer bicho que eu conheço ou olhando no desenho dele. Para uso, eu faço: bandeja, bolsa, cesta de todo tipo, cesto para ovos e chocolate, chapéu, empalhamento de cadeira, encapamento de garrafa, fruta, prato para pão, tapete, vaso, etc. E faço também o presépio.”



**Gasta muito tempo para ser feita uma peça?**

— “Depende da peça e do meu serviço caseiro. Quando o serviço doméstico é menos, porque só trabalho nas horas vagas, dá pra fazê 2 cesta de tamanho médio por semana, ou mais que duas.”

**Consome-se muita palha na feitura de um peça dos seus trabalhos?**

— “Só pra você tê uma base: um saco de estopa de palha de milho dá para fazê 2 cesta de tamanho médio.”

**É difícil conseguir palha para**

**o seu trabalho?**

— “É sim. É muito difícil. Tenho conseguido um pouco de palha com alguns administrador de fazenda para quem dô uma peça do meu trabalho.”

**Quais as peças mais procuradas para a compra: as decorativas ou as utilitárias?**

— “Todas peça que eu faço, seja lá qual for, para uso ou para enfeite, são compradas, mal acabo de fazê.”

**Há muitas encomendas tendo em vista os seus trabalhos de palha de milho?**

— “Tem muita encomenda. Não dô conta dos pedido.”

**Qual o preço de cada peça?**

— “Depende do tamanho dela e do trabalho que deu pra sê feita. Tem peça de 3 até 10 reais.”

**Dos trabalhos feitos, qual foi o mais trabalhoso para ser construído?**

— “O mais complicado foi o presépio. Gastô muito tempo pra sê feito. Tinha muitas figura pequena. Mais também foi o mais bonito. Quem adquiriu ele foi o Prof. Sant’anna que levô para a exposição do Museu de Olímpia.”

**Alguém da sua família a ajuda a fazer os trabalhos?**

— “Não. Eu trabalho sozinha neles.”

**D. Maria, houve interesse por parte de outras pessoas a aprenderem com a senhora a arte da palha de milho?**

— “Sim, muitas pessoas quer aprendê, mas não se anima nunca a começá”.

**A senhora já transmitiu essa arte a outras pessoas interessadas?**

— “Já sim. Pra dona Francisca Porto Bôni (que fez ótimos trabalho), Luzia Aparecida Pegorário (minha filha), Ednéia Guimarães Pegorário (minha nora). Por último, em poquinhos lição, ensinei dona Geralda das Neves Singh,

dona Lalá, que está fazendo trabalhos de primera qualidade.”

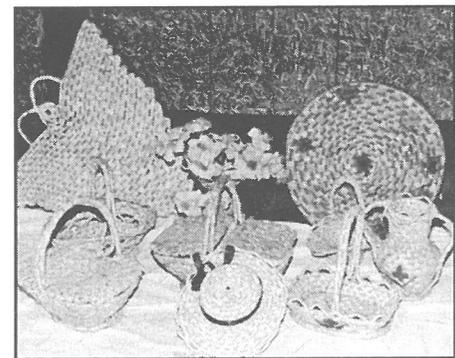
**Quantos trabalhos a senhora já produziu durante todo esse tempo de arte com a palha?**

— “Já nem sei. Foro muitos. Eu não anotei. Dava pra fazê um museu só com peças que eu fiz.”

**É gratificante fazer este trabalho?**

— “Pra mim é. Me distrai muito, porque é um bão passatempo. É também um desafio porque a gente testa a capacidade. Qué fazê alguma peça diferente e vai pelejando até dá certo. Isso não traz lucro pra gente, mas sempre ajuda um poquim. Eu gosto.”

D. Maria S. Pegorário gosta de presentear seus amigos com a sua arte. Sua casa tem muitos exemplares do que faz. Sempre uma boa anfitriã, recebe a todos com muita alegria e fala entusiasmadamente sobre o acervo que está em exposição permanente em sua casa. Tudo o que percebi é belo: a singeleza da casa, muito bem cuidada; a simpatia contagiante da artesã e sua fé inabalável em Deus; a beleza de suas peças e o gosto pela vida.



Peças utilitárias



Peças figurativas

# MOÇA, CASAMENTO & ORAÇÕES

Mário Souto Maior  
Fundação Joaquim Nabuco - Recife, PE

“Bota pó (1), Vitalina, tira pó  
Que moça velha  
Não sai mais do caritó.”

O cancionero popular brasileiro fez com que o nome de Vitalina passasse também a ser sinônimo de moça já de certa idade e que passou do tempo de casar, não conseguindo, por algum motivo, achar marido. Além de sinonimar vitalina como moça que *ficou-paratitia*, o cancionero popularizou a palavra *caritó* – “Prateleira junto à parede e que é o armário dos pobres” e “quarto, depósito de velharias inúteis, cobertas de poeira, ao abandono”, como explicou Luís da Câmara Cascudo – hoje em desuso, somente encontrada nos dicionários, o que não aconteceu com o vocábulo *vitalina* que, além de nome de mulher, passou a designar as solteiras que não conseguiram encontrar marido, apesar de afirmarem, em alto e bom som, a mentira de não quererem mais contrair matrimônio.

O casamento, instituição atualmente em crise como consequência da liberdade sexual que mudou, ainda em pequena proporção, os costumes tra-



dicionais, ainda constitui e haverá de ser sempre, assim, o destino da mulher, notadamente na zona rural, onde os *sonhos coloridos* não são uma realidade social. Acresce, ainda, que devido a essa liberdade sexual que anulou o tabu da virgindade, os rapazes sonhavam romanticamente com suas eleitas para depois tê-las como espo-

sas, o que não se verifica mais nas grandes e médias cidades brasileiras. Os rapazes, num percentual crescente, já têm suas namoradas nos motéis, sem os onerosos encargos de ter uma família, manter uma casa, com a inflação que inferniza a vida econômica de todos os povos.

A verdade é que muitas adolescentes, apesar dos pesares, aqui e ali, tanto na zona rural como também nas grandes, médias e pequenas cidades, continuam procurando seus príncipes encantados. E, mesmo moderninhas, continuam acendendo suas velas, fazendo suas promessas aos santos de sua devoção, impulsionadas pela vontade de encontrar um companheiro para, juntos, se completarem e lutarem por uma vida

em comum.

Dada a catolicidade da quase totalidade da população brasileira de modo geral e nordestina de modo especial, as moças, quando chegam à idade de querer casar, se lembram de Santo Antônio – o santo casamenteiro e achador das coisas perdidas – com o propósito de fazer com que encontrem

## COSTUMES E CRENÇAS

seus eleitos.

E como sofre o pobre Santo Antônio nas mãos das moças que pegam sua imagem de madeira, amarram-na pelo pescoço, com um cordão bem grosso, para ser mantida, por algum tempo, na escuridão de uma cacimba, de um poço.

Contam até a estória de uma moça do interior que assim procedeu em virtude de ter uma certa idade e de não haver ainda encontrado marido. Como o santo não deu um jeito no seu estado civil, ela pegou a imagem e jogou-a na rua, pela janela de um sobrado onde morava. Acontece que, no mesmo momento, ia passando pela frente de sua casa um rapaz que por pouco não foi atingido pelo santo. O rapaz apanhou o santo, subiu as escadas do sobrado, com a intenção de devolvê-lo à moça desesperada e um se agradou do outro, namoraram, noivaram, casaram e foram muito felizes...

Vejam algumas orações que ajudam as moças a encontrar marido ou, até mesmo namorado:

Leny Amorim registrou esta oração de Santo Antônio, para que o rapaz se apaixone pela moça que a rezar: "Pelos vossos milagres; pela vossa palavra quando a Jesus falavas; pela defesa do vosso pai, um pedido eis-me a fazer. Abrandai a ira do mar; o sopro do vento; o negrume da noite; a chama abrasadora do sol; a frialdade da lua; a voracidade das feras; o horror dos desertos. Depois de tudo isso abrandai o que de mais empedernido existe sobre a Terra: o coração dos homens. Oh! Meu milagroso Santo Antônio, fazei com que aquele por quem meu coração chama, ouça a minha voz e, ouvindo-a, vá aos pés de Deus Nosso Senhor comigo, vossa humildade devota. Amém." Disse a referida autora que "com esta oração, já se casaram num só dia oito mil moças que já haviam passado dos trinta e cinco anos.

Mas Santo Antônio não é o único santo que ajuda as moças a encontrar marido. Dona Josefa Ferreira dos Santos, do povoado Una, Município de João Pessoa, Paraíba, sabe de uma

oração muito poderosa, muito forte, que tem a mesma finalidade: Oração de Santa Marta, para conseguir marido: "Santa Marta da Montanha, que altas montanhas subisses e com bichos ferozes encontrastes. Todos eles vós abrandastes. Abrande o coração de (dizer o nome do rapaz que ela deseja conquistar) para que ele fique para mim sem ânimo, sem força e sem valor. Amém." Rezar, sem seguida, três Pai Nosso, três Ave Maria, três Glória ao Pai.

Se a moça quiser saber se vai casar ou não, Getúlio César recolheu, nos sertões do Nordeste, esta oração de Santa Helena: "Senhora Santa Helena, filha do Egito, o rio Jordão passastes com as onze mil virgens; em verdes campinas te sentaste; três vezes tiraste três cravos do jardim, tiraste um e deste ao teu irmão Constantino, outro jogaste nas ondas do mar sagrado e o terceiro que de amor ficaste com ele para ver, ouvir e sonhar com aquilo que quisesses. Se isso for certo, eu quero ver casa caiada, mesa posta, luzes e capins verdes, jardins com flores e roupa lavada, e, se não for certo, eu quero ver tudo ao contrário. Deus quer, Deus pode, Deus faz tudo que quer, amém." Esta oração deve ser rezada no leito, depois da moça se benzer. Esta outra oração, de Santa Imoura, também recolhida por Getúlio César, é para a moça saber se vai casar ou não: "Minha Santa Imoura, já foste moura; hoje sois cristã. Em Roma nasceste; em Roma te batizaste; em Roma te crismaste; em Roma te confessaste; três cravos que trazias na sagrada mão direita deste a Constantino, teu irmão, outra botaste nas ondas do mar sagrado, outro ficou para sonhar de verdade. Vós me mostrarás os campos grandes, mato verde, estrada limpa, águas claras, ovelhas muitas, igreja aberta, o padre se arivistando, as mulheres vestidas de branco, amém." Esta oração de Santa Imoura, "pra ter força é preciso que quem a reza se deite de bruço, em uma sexta-feira, com a cama toda forrada de branco. Afirmaram-me ser esta mais forçosa que a de Santa Helena e quem a ela recorre não ficará

sem a resposta desejada. Por esta razão, é mais apreciada, a preferida, mesmo porque poderá ser rezada, não só na véspera de São João mas, em qualquer tempo, desde que o dia seja uma sexta-feira."

A mesma senhora dona Josefa Ferreira dos Santos me deu esta oração de Santa Barbosa, oração muito boa para a mulher conseguir e prender seu marido: "Barbosa vestiu-se, Barbosa saiu com seu rosário na mão. Adiante encontrou Jesus, e Jesus disse: - Onde vai, Barbosa? - Vou abrandar raio, corisco, trovão. Jesus respondeu: - Como tu abrandaste raio, corisco, trovão, abrandareis o coração de (dizer o nome da pessoa). Se estiver comendo, não comerá. Se estiver conversando, não conversará. Se estiver dormindo, acordará com o pensamento em mim. Fulano (dizer o nome da pessoa) sai correndo debaixo do meu pé esquerdo." A pessoa deve bater três vezes com o pé esquerdo, no chão, chamando pelo nome da pessoa que se quer prender e rezar, em seguida, três Pai Nosso, três Ave Maria, três Glória ao Pai. Ainda a mesma senhora também me deu esta oração de Santo Amâncio, com a mesma finalidade: "Santo Amâncio, amansador de touro brabo, amanse o coração de (dizer o nome da pessoa), que está com mil e seiscentos diabos. Três eu te vejo; três eu te ato. Sangue, te bebo. Coração eu te parto. Debaixo de meu pé esquerdo, eu te embaraço. Amém."

---

(1) Pó: pó-de-arroz

---

### BIBLIOGRAFIA

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 3. Ed. Brasília: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1972.

AMORIM, Leny. *Ciclo Junino. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife / Secretaria de Planejamento e Urbanismo / Museu da Cidade do Recife, 1992.*

CÉSAR, Getúlio. *Credices do Nordeste. Rio de Janeiro: Edições Pongetti, 1941.*

# A GÍRIA NO FUTEBOL

## - VISÃO INTRODUTÓRIA -

José Carlos Rossato

Departamento de Folclore - Olímpia

O futebol, tido como originário da Inglaterra, ao ser introduzido no Brasil em 1894, pelo paulistano Charles Miller (1874-1953) teve foros de esporte da elite. Entretanto, logo ganhou popularidade, pois as fábricas passaram a incentivar sua prática entre os operários. Esta ação descontentou as facções dos anarquistas e dos comunistas, provocando controvérsia ideológica. Os esquerdistas fizeram oposição fechada aos empresários, achando que o futebol enfraquecia, sobremaneira, o movimento sindical.

Com a popularização bem sentida nas primeiras décadas deste século, o futebol passou a ser praticado em qualquer espaço disponível: ruas, praças, várzeas, outros terrenos baldios, etc. Progressivamente essas peladas foram perdendo o aspecto centralizador da oficialidade, que o brasileiro tanto detesta. Nesse ambiente propício, a Semântica, mudança do significado, através do tempo e do espaço geográfico, teve terreno fértil para agir, gradativamente.

A gíria, criada e vivenciada pelo povo foi tomando corpo, passando a ser utilizada em escala cada vez maior. Assim, o processo girático foi tomando força e ganhando adeptos em progressão geométrica, mesmo no amadorismo. Com a profissionalização em 1933 (I), o esporte das multidões teve ampliado o seu horizonte de poderio, concomitantemente ao crescimento paralelo do universo léxico utilizado no setor.

“A linguagem, como faculdade que o homem possui, de poder comunicar seus pensamentos, é dinâmica”. (II)

Toda comunicação necessita do emissor e do receptor, sendo o idioma uma parte da linguagem que expressa a cultura, constituindo um sistema

de signo. Este é desdobrado em significado e significante. Contudo, não cabe entrar em detalhes.

“A questão do relacionamento entre língua e cultura é, antes de mais nada, um fenômeno problemático”. (III)

Se a Sociolinguística estuda as relações entre língua e sociedade, a Etnolinguística procura estabelecer o relacionamento da língua com a cultura, “apesar de tudo, a gíria comum, com seus contornos vagos, ainda guarda muita afinidade com a alma popular, servindo para traduzir as condições de vida impostas pela sociedade ao homem do povo”. (IV)

A gíria crescendo, “figurou como um dos índices da língua das classes populares”. (V)

Ao observar o vocabulário gírico, deparamos com a dificuldade “de delimitar o campo do fenômeno gírico, dentro da linguagem popular”. (VI)

Pesquisar a gíria “significa penetrar também nas estruturas sociais dos grupos que a usam”. (VII)

Ao tratar do assunto gíria, “denominação dos vocábulos e expressões próprios de determinados grupos” (VIII) não temos dúvida que se trata de uma temática complexa. O que nós “poderíamos chamar de gíria de grupo que os falantes expressam sua visão e julgamento da sociedade que os cerca. Criando significados especiais ou deformando significantes da linguagem usual, os grupos restritos agredem com esse vocabulário o convencional, opõem-se a um comportamento linguístico escolhido pela maioria como norma e, assim, deixam marcado seu conflito com a sociedade. Por isso, é possível ver esse vocabulário como mecanismo social de agressão e defesa, justificando plenamente sua condição de linguagem especial, só acessível a uma minoria”. (IX)

A gíria está agregada à linguagem coloquial no cotidiano dos falares do povo.

Pelo que constatamos, existe “um grande número de formas gírias, incorporadas definitivamente à linguagem do futebol e sem as quais é hoje quase impossível referir-se esse assunto, pelo menos em níveis menos formais.” (X)

Convém deixar explícito que, no âmbito do futebol, é comum ouvir ambigüidades: troca de ditados por frases feitas, apelidos por gírias, confusões em outros tópicos. E vice-versa.

Como o tema é gíria, vamos diretamente ao assunto a partir de exemplificação: Tostão é apelido do ex-craque do Cruzeiro mineiro e da Seleção brasileira, pouco conhecido pelo nome que recebeu na pia, no momento do batismo, o de Eduardo Gonçalves. Vários outros apelidos podem ser encontrados na última edição deste Anuário, no nosso ensaio **Folclore no Futebol**. Aproveitando o mesmo exemplo, tostão tem o seu significado gírico - contusão muscular ocasionada na coxa, quase sempre intencionalmente pelo adversário. É o mesmo que chocolate, doce-de-leite e paulistinha. Nessas poucas palavras, didaticamente e através de exemplificação, acreditamos que foi bem diferenciada a separação entre apelido e gíria.

Note como a bola, o objeto mais importante do jogo é conhecida na gíria: **bexiga, bolão, boneca, capotão, caroço, catita, ceguinha, chulipa, coco pelado, cocota, couro, criança, esfera, esfera de couro, esférico, ferramenta do jogo, gorduchinha, guiomar, guria, leonor, leonora, maria, maricota, margarida, mariquinha, marmota, menina, meninota, mina, mulher de malandro, namoradinha, nega, nina, número cinco,**

## FUTEBOL E FOLCLORE

### pelota, redonda e vagabunda.

O ângulo do gol é conhecido, dentre outros, na gíria como: **no gogó da ema, onde a coruja cantou, onde a rolinha fez o ninho, onde passou o canário-da-terra, onde o sabiá canta, onde o urubu não senta e na veia escondida.**

Para encerrar este tópico das generalidades, na gíria, a marcação de gol é conhecida como: **achar o gol, agrião balançando, balançar a roseira, balançar a couve no fundo da rede, balançar a estopa, balançar a rede, balançar o (s) barbante (s), balançar o capim no fundo do gol, balançar o filó, balançar o véu da noiva, balançar os cordéis, balançar na rede, balançar no barbante, balançar no fundo da rede, balançar no fundo do gol, bola na rede, bola no balaio, bola no barbante, bola no fundo da rede, bola no fundo do gol, bola no samburá, cida dela vazada e tem peixe na rede.**

Observe que as variantes são muito comuns na linguagem gíria, esse subdialeto que concorre com a norma formal.

### METODOLOGIA UTILIZADA

Centramos as nossas pesquisas essencialmente de campo para a investigação do tema na metodologia mais direta possível. Ouvimos o povo da maneira mais sutil imaginada e, nos mais diferentes locais. Na medida do possível, fisgando as informações sem que eles percebessem o nosso objetivo. Com tenuidade ouvimos no interior dos coletivos urbanos, suburbanos e intermunicipais; nos logradouros públicos, sobretudo nas praças e nas ruas próximas dos estádios, nos dias de jogos; nos campos existentes nas periferias urbanas e nos da área rural; assistindo a treinos e jogos; captando as radio-emissoras locais, regionais e dos grandes centros: vendo os vários canais de televisão comerciais captados nesta região, desprezando aqueles profissionais que retiram as locuções do povo e sentem-se no direito de registrá-las, como se deles fossem e também, os canais que requerem assinaturas; ouvindo atletas amadores e profissionais, das mais diferentes faixas etárias; trocando idéias, sem expor o objetivo, com veteranos que se encontram na ativa e os que abandonaram as práticas futebolísticas. Enfim, procuramos cobrir todo o espaço existente no sistema coloquial da comunicação.

Sem contar o acervo não utilizado para o desenvolvimento deste trabalho e remetido ao arquivo, para eventuais outros estudos, distribuimos os termos e expressões levantados nos nossos registros de campo em ordem alfabética por óbvios motivos organizacionais e didáticos, proporcionando, assim, um caráter informacional mais adequado aos leitores e futuros interessados.

### GLOSSÁRIO

**Abafar** - ato do goleiro defender a bola, encaixando-a ou simplesmente segurando-a com as mãos. Ex.: O goleiro abafou bem. 2 - agradar. Ex.: O técnico está abafando.

**Abafar a banca** - jogar a bola para frente. 2 - sufocar o adversário.

**Abacaxi** - time ruim. 2 - jogador péssimo, sem técnica.

**A bola está fervendo** - lance em que o atleta que detém a posse da bola, por ser nervoso e/ou sem recursos técnicos necessários, procura passar a bola, imediatamente, para um companheiro. (1)

**Abrir a caneta** - esticar a perna para atingir a bola e/ou o adversário.

Ex.: Fulano abre a caneta e alcança a bola. (2)

**Abrir as pernas** - facilitar. Ex.: Sicrano abriu as pernas.

**Abrir o bico** - cansar-se facilmente por falta de preparo físico adequado. 2 - reclamar da arbitragem. 3 - revoltar-se contra ato da diretoria.

**Abrir o compasso** - Esticar a perna para alcançar a bola e/ou o adversário.

**Abrir o leque** - demonstrar que domina a bola, com maestria, e sabe fazer de tudo com ela, em qualquer circunstância. (3)

**Abrir o pau** - colocar em prática a violência, provocando tumulto na torcida adversária.

**Abrir o placar** - marcar o primeiro tento da porfia. (4)

**Abrir uma avenida** - fazer um ferimento profundo e/ou grande, com a (s) trava (s) da chuteira, no oponente. Ex.: Beltrano abriu uma avenida na perna do adversário. 2 - quando uma jogada ofensiva abrir espaço na defesa adversária.

**A bruxa está rondando** - o azar ou o perigo está bem próximo. (5)

**A bruxa está solta** - equivale ao anterior.

**A bruxa está voando** - idem.

**Abusar** - demonstrar excesso de confiança em si próprio. Ex.: Ele abu-

sou do goleiro. (6)

**Acabar com a festa** - quando o goleiro defende a bola. 2 - retirar a bola do adversário. 3 - momento em que o juiz marca irregularidade, ou encerra o tempo de jogo.

**Acabar com o jejum** - voltar a marcar gol. (7)

**Acabar com o jejum de gol** - idem.

**Acariciar** - movimentar a bola delicadamente, com intimidade, com segurança. 2 - ajeitar a bola para cobrar falta.

**Aceitar** - quando o goleiro deixa uma bola defensável ultrapassar a linha de sua própria meta.

**Acercar** - aproximar-se da área, ou de uma jogada, acompanhando o lance de perto.

**Acertar** - chutar a bola com precisão. 2 - atingir, com deliberada violência, o oponente. Ex.: Fulano acertou, em cheio, a perna de Sicrano.

**Acertar na veia** - ser exato no chute, colocando a bola no ângulo, marcando gol indefensável.

**Acertar na veia da bola** - idem.

**Acesso** - maneira de um time passar de uma divisão para a imediatamente superior, após ganhar o campeonato. Ex.: Tal clube, campeão da terceira disputará a segunda.

**Achar** - acertar um oponente.

**Achar o gol** - marcar tento.

**"Açogueiro"** - palavra mais utilizada que açogueiro e designa jogador violento e desleal, que comete faltas desumanas e até desnecessárias, podendo, muitas vezes, ferir o adversário, até seriamente.

**Adeus, um abraço** - forma de ser referir ao gol ou jogo perdido. (8)

**Administrar o resultado** - não permitir que o adversário reaja.

**Adversário está morto** - oponente não esboça reação.

**Adversário está vivo** - espera-se reação do opositor.

**Aérea** - jogada pelo alto, encobrindo um ou mais adversários.

**Afastar** - banir, barrar, deixar de lado. Ex.: O técnico afastou o goleiro...

**Afiado** - time que joga bem. 2 - ataque perfeito.

**Afinar** - Ficar com medo, acovardar-se, fugindo da disputa com o adversário. 2 - promover o entendimento entre os companheiros da mesma equipe, em relação a troca de passes e deslocamentos. 3 - restabelecer a amizade abalada entre dois ou mais elementos de um clube, podendo ser jogador

## FUTEBOL E FOLCLORE

(es) com o técnico, dirigente (s), médico, comissão técnica. 4 - integrar, realmente, novo elemento ao elenco. 5 - juiz que tem medo de marcar pênaltis e/ou faltas perigosas. Ex.: O juiz afinou com medo da torcida.

**Afogar** - derrotar. Ex.: Tal time foi afogado. 2 - pressão na área adversária.

**Agarrar** - encaixar a bola. 2 - segurar o adversário.

**Agora é saudade** - alusão ao gol marcado ou ao que foi perdido, numa referência ao passado.

**Agredir** - atacar.

**Agudo** - chute desferido com o bico da chuteira.

**Agulha solta** - doping deliberado, isto é, ato de estimular, através de drogas, o atleta. (9)

**Ala** - dupla de atletas, podendo ser até mais, que atua próximo entre si, habitualmente pelas laterais do campo, quer no ataque, quer na defesa.

**Alavanca** - forma de derrubar, ilícitamente, o oponente, colocando-se uma das pernas na frente dele.

**Alçapão** - campo pequeno e, em consequência, a torcida exerce forte pressão sobre os atletas adversários a arbitragem. (10)

**Aleijado** - jogador medíocre e que atua mal.

**Alface de restaurante** - jogador ou técnico preterido pelos clubes.

**Alambrado** - aramado que promove a separação da torcida com o campo.

**Alinhar** - escalar a equipe. Ex.: Tal time está alinhando com...

**Aliviar** - atirar a bola fora da área que defende. 2 - quando o goleiro defende a bola, após confusão generalizada nas proximidades do gol. 3 - ato de salvar a equipe de uma difícil situação em campo. 4 - conceder escanteio quando a situação está difícil para a defesa.

**Alma lavada** - sem peso de consciência.

**Alugar meio-campo** - expressão usada pela torcida da equipe que domina territorialmente a partida, para ironizar o adversário. Ex.: Tal equipe alugou meio campo.

**Amaciar a bola** - modificar, levemente, a trajetória da bola, sem contudo, dominá-la, de imediato, podendo, no entanto, conseguir logo após. (11)

**Amaciar o jogo** - disputar a partida, permitindo a movimentação da equipe adversária, sem usar violência. (12)

**Amadorismo marrom** - falso amadorismo, onde os atletas recebem, sem que haja qualquer vínculo empregatício, nem tão pouco registro contábil na secretaria do clube que comprove esta situação de anormalidade.

**Amarrar o jogo** - tática de prender a bola, para impedir que a partida se desenvolva com naturalidade. 2 - uso exagerado do apito pelo árbitro, marcando sucessivas faltas. 3 - jogar excessivamente na defesa.

**Amarelar** - ficar com medo, perder a coragem ou tremer diante de um lance ou de uma partida considerada difícil. Ex.: Sicrano amarelou.

**Amortecer** - toque dado na bola, antes de dominá-la.

**Âncora** - atleta que arma as jogadas e faz a ligação com o ataque.

**Ancorado** - estacionado, parado, quase estático. Ex.: O centroavante está ancorado, próximo da área adversária.

**Andar** - atleta ou equipe que se movimenta lentamente no campo, evidente reflexo da falta de preparo físico desejável, motivado pelo cansaço demonstrado ou até como consequência de contusão.

**Aninhar** - conseguir marcar gol, de modo que a bola entre devagar no arco.

**A paca mordeu o cachorro** - time fraco que cria muitas dificuldades para o adversário, de nível técnico bem superior. (13)

**Apagar** - cansar facilmente. 2 - fracassar na carreira futebolística. Ex.: Beltrano apagou ao entrar no time titular. 3 - desmaiar.

**Ao apagar das luzes** - nos últimos instantes da partida.

**Apanhar da bola** - não conseguir dominar a bola freqüentemente, permitindo que ela escape.

**Apelar** - ser violento, transgredindo as regras vigentes, derrubando o (s) adversário (s) com a intenção clara de prejudicar-lhe (s).

**Apertar** - atacar, buscar, marcar junto, pressionar para dominar o adversário e/ou fazer gol. Ex.: Tal time apertou, apertou, mas não marcou.

**Apitador** - árbitro de futebol de nível indesejável.

**Apitar** - arbitrar futebol.

**Apito** - influência negativa da arbitragem no resultado da partida, alterando a verdade. Ex.: Aqui o apito teve peso.

**Aporrinhar** - irritar.

**Aprontar** - provocar desordens. 2 -

executar jogadas espetaculares. Ex.: Fulano aprontou na defesa adversária.

**Apronto** - derradeiro treino coletivo que antecede a partida.

**Aquecer** - ativar os músculos, através de exercícios físicos, antes de adentrar ao campo.

**Aquecer o motor** - exercícios físicos que promovem o aquecimento do atleta antes do início do jogo. (14)

**Arco** - meta, gol, a baliza no campo de futebol.

**Armação** - jogo com resultado previamente combinado.

**Armadilha** - tática empregada para vencer o adversário. Ex.: Tal time caiu na armadilha do técnico...

**Arma mortal** - ponto forte ou alto da equipe. Ex.: O contra-ataque é a arma mortal do...

**Arma mortífera** - equipe habituada a vencer. 2 - potente ataque. 3 - chute forte e certeiro. 4 - cobrador de faltas e/ou pênaltis, quase perfeito.

**Armandinho** - atleta que atua no meio-campo, cuja função é armar as jogadas, mas que nem ataca e nem defende.

**Armar o circo** - simular uma grande e comovente farsa. Ex.: O goleiro Rojas armou o circo chileno no Maracanã.

**Arma secreta** - jogador experiente que está preparado, previamente pelo técnico para entrar no decorrer do segundo tempo. (15)

**Armário** - zagueiro forte e pesado.

**Arqueiro** - goleiro.

**Arrancar** - rápida ação que saindo da defesa, ou da intermediária, consegue-se chutar para a meta adversária. Ex.: O time da casa está arrancando com facilidade.

**Arrancada** - jogada rápida de um único atleta, saindo do sistema defensivo.

**Arrebeitar** - golear, vencer com facilidade, convencer. Ex.: Tal equipe arrebeitou.

**Arrebeitar a boca do balão** - ganhar a partida com facilidade. Ex.: Tal equipe arrebeitou a boca do balão.

**Arredondar a bola** - aplicar boa qualidade técnica, jogando muito bem. (16)

**Arregaçar** - chutar com violência. 2 - golear. Ex.: Tal clube arregaçou.

**Arrematar** - atirar a bola para o gol, finalizando uma jogada.

**Arremate** - chute para a meta, na intenção de marcar gol.

**Arrepiar** - disputar. Ex.: Fulano entrou arrepiando. 2 - jogar com muita

## FUTEBOL E FOLCLORE

firmeza, mas sem violência.

**Arrumar a casa** - ato de recompor o esquema tático da equipe, após uma rápida investida adversária, o que trará tranqüilidade.

**Artilharia** - volume de gols marcados.

**Artilheiro** - futebolista que libera a marcação de gols, num campeonato, torneio, copa ou assemelhado. É o goleador, podendo ser considerado dentro da agremiação, ou mesmo de um só jogo. (17)

**Artilheiro negativo** - atleta que marca gol contra a sua própria rede.

**Ás** - craque, exímio jogador.

**Asa** - atleta do meio-campo que atua pelas laterais. Pouco usado.

**Assistente** - auxiliar do árbitro. 2 - torcedor ou expectador. 3 - goleiro pouco exigido pela falta de técnica do time adversário. 4 - atleta pouco participativo, quer pela falta de colaboração dos companheiros de equipe, quer pela incapacidade do time adversário.

**A sorte joga só para um lado** - apenas uma equipe marcou gols.

**Astro** - craque. 2 - melhor jogador da equipe.

**Atacar ou atacar** - se ofensivo obrigatoriamente, de qualquer e por todas as formas.

**Atalho** - passagem estreita existente num sistema defensivo, por onde o avante tentará entrar e passar.

**Atleta-de-cristo** - jogador que frequenta Igreja, com assiduidade, reza muito, tem fé e crê na proteção divina.

**Atrasar na fogueira** - retroceder a bola para companheiro que está na área, ou proximidades, e assediado por adversário(s).

**Atropelar** - derrubar. Ex.: Sicrano foi atropelado pela adversário.

**Azarão** - jogador ou clube que não está em boa fase, inexplicavelmente, muitas vezes. Ex.: Beltrano é o azarão desta noite. 2 - time tido como vencido e acaba vencendo o favorito, de forma inesperada. É a surpresa.

**Aterrizagem** - quando o goleiro atira-se na horizontal, ou quase, para pegar a bola, ainda no ar. Equivale a ponte. (18)

**Baba** - equipe ruim. 2 - atleta sem recursos técnicos indispensáveis e que, via de regra, treina separadamente, ou com os de categoria inferior. 3 - jogo improvisado de futebol realizado em logradouros públicos, praias, terrenos baldios, etc. sem obedecer aos dita-

mes oficiais. É a modalidade folclórica do futebol. Equivale ao termo pelada.

**Bafejar** - disputar e ficar ou ganhar a bola. Ex.: O zagueiro bafejou tal atacante.

**Bagageiro** - último colocado na tabela de classificação.

**Bagre** - atleta pouco experiente, principiante.

**Bagrinho** - jogador desconhecido que chega a um clube, vindo de divisão ou equipe inferior e que ainda não demonstrou a sua aguardada potencialidade. (19)

**Bagulho** - atleta ruim. 2 - técnico péssimo. 3 - dirigente horrível.

**Baile sem valsa** - jogo fácil, onde uma equipe domina totalmente o adversário, apresentando grande exibição, enfeitando as jogadas, promovendo tabelas, sem se preocupar em ampliar muito o placar. É uma forma de massacrar, moralmente o oponente.

**Baixar a lenha** - jogar com deslealdade.

**Baixar a ripa** - jogo violento. 2 - cometer falta com brutalidade. Ex.: Fulano baixou a ripa.

**Baixar o ferro** - jogar com muita violência.

**Baixar o pau** - equivale ao verbete anterior.

**Baixar o pau e o sarrafo** - idem.

**Baixar o sarrafo** - idem.

**Bala** - chute forte.

**Balaço** - chute violento, bem forte.

**Balançar** - desestabilizar. Ex.: Tal técnico está balançando. 2 - criar perigo. Ex.: Esse ataque balançou a defesa.

**Balãozinho** - quando o atleta passa a bola encobrindo o adversário e permanece com ela sob o seu domínio. É semelhante ao lance denominado chapéu. Porém no balãozinho, antes de encobrir o adversário, existem alguns toques na bola, de modo que ela sobe e cai no pé do jogador. (20)

**Baleado** - Sem condições físicas ideais, quer em função de contusão, quer esteja fora de forma. 2 - afetado por lesão crônica. Ex.: Com tantas contusões, o time joga baleado.

**Bamba** - gol marcado por causalidade. 2 - resultado fácil num jogo.

**Bambo** - chute sem ter objetividade, mas que pode dar resultado positivo.

**Bancada** - camarote especial dedicado aos profissionais da mídia.

**Bancário** - atleta que aguarda no banco de reservas a oportunidade de entrar em campo.

**Banco** - assento, à margem do gramado, onde ficam os reservas indicados pelo comando técnico da equipe, para a porfia. Localiza-se próximo ao vestiário do time e nele sentam-se, também, o técnico, o médico, o massagista e até alguns diretores. A palavra tem o sentido de suplente.

Ex.: Qual o banco, ou quem ficará no banco do...

**Bandeirar** - pessoa credenciada para auxiliar a arbitragem, atuando com uma bandeira. É um juiz que atua, geralmente, nas divisões inferiores. (21)

**Bandeja** - fácil. Ex.: Recebeu de bandeja.

**Bandinha** - pequeno conjunto musical que visa divertir e animar a torcida e incentivar o time durante o jogo.

**Banho de bola** - superioridade técnica incontestável espelhada em esplêndida vitória.

**Banho de cuia** - equivale a balãozinho.

**Banzé** - confusão, briga, desentendimento em campo, nas gerais, nas arquibancadas, ou até nas imediações. (22)

**Barba, cabelo e bigode** - denominação aplicada ao conjunto de três vitórias do clube, em categorias diferentes, num mesmo dia.

**Barba e cabelo** - quando na preliminar e no jogo mais importante uma mesma agremiação vence as duas partidas disputadas no mesmo dia.

**Base do sem querer nada** - com extrema humildade.

**Bastião** - qualquer jogador de defesa, inclusive o goleiro. Esse termo é usado na área rural.

**Bater a carteira** - tirar a bola do adversário, pelas costas, surpreendendo-o, inesperadamente.

**Bater roupa** - quando o goleiro rebate a bola, deixando-a quase sempre em posição de perigo, pois se alcançada pelos adversários poderá oferecê-lo.

**Batismo de fogo** - teste muito difícil. Ex.: Este goleiro passou pelo batismo de fogo.

**Beliscar** - conseguir. Ex.: Tal equipe beliscou o empate.

**Beque-da-roça** - zagueiro pouco hábil, de pouca técnica, que rebate muitas vezes e dá balões à vontade. (23)

**Bicanca** - chuteira. 2 - chute violento aplicado com a ponta da chuteira.

**Bicheira** - jogador que está, quase sempre, sem condições físicas e/ou técnicas, para atuar. 2 - contusão ou

## FUTEBOL E FOLCLORE

doença crônica. 3 - jogador péssimo. 4 - partida de nível técnico péssimo.

**Bicho** - prêmio extra ou gratificação pago aos jogadores e comissão técnica, como estímulo, pela obtenção de resultado positivo em um jogo, ou campeonato. Pelo que se sabe, esta concepção, criada em 1923, num relacionamento do valor pago com os números aos animais do jogo-do-bicho. Foi o Vasco da Gama que instituiu esse expediente, embora haja discordância. É antiquíssimo, segundo outros. 2 - jogador inexperiente.

**Bicicleteiro** - jogador que marca gol de bicicleta. (24)

**Bico** - chute desferido com a ponta da chuteira. 2 - pequeno tubo adaptável à bomba e que penetrando na válvula da câmara de ar, através da agulha, encherá a bola, desde que a pequena máquina pneumática seja acionada.

**Bigorna** - avante rompedor.

**Bilhar** - gramado perfeito para a prática do futebol.

**Bizu** - notícia futebolística.

**Boa bola** - bom passe.

**Bobear** - descuidar, vacilar, falhar. Ex.: Numa bobeadada, perdeu o título.

**Boca do gol** - frente de meta.

**Boca do jacaré** - saída dos vestiários.

**Boca do túnel** - parte final da passagem subterrânea que liga os vestiários ao gramado, em muitos estádios, como forma de proteção.

**Bode** - atleta de poucos recursos técnicos que atua sem objetividade. Jogando de cabeça baixa, não observa o posicionamento dos companheiros.

**Bola** - suborno.

**Bola açucarada** - passe bem dado, jogada perfeita, onde o atleta recebe a bola e finaliza, ou a passa para que outro faça.

**Bola açucarada e com afeto** - idem.

**Bola aérea** - bola alta.

**Bola alongada** - passe longo.

**Bola cabeluda** - bola difícil de ser defendida.

**Bolacha** - tapa desferido pelo goleiro na bola. 2 - chute com a parte interior do pé.

**Bolacha torrada** - chute forte.

**Bola cheia** - boa jogada, ou seja, atleta que tem intimidade com a bola. 2 - clube que está embalado numa competição. 3 - excelente passe. 4 - perfeito.

**Bola cheia de rosca** - chute muito difícil de ser defendido.

**Bola cheia de veneno** - bola com

muito efeito e quase indefensável.

**Bola comprida** - passe longo.

**Bola costurada** - bola tramada, dominada.

**Bola desodorante** - quando a bola passa entre o braço e o corpo do goleiro.

**Bola dividida** - bola disputada.

**Bola entrou chorando** - bola entra devagar no gol.

**Bolada** - pancada com a bola. 2 - grande volume de dinheiro, como são os prêmios pagos, pela loteria Esportiva. 3 - linda jogada.

**Bola de três dedos** - bola com muito efeito e difícil de ser defendida.

**Bola espírita** - chute com o lado do pé, que leva a bola a descrever uma parábola, antes de chegar ao seu destino.

**Bola e tudo** - quando o marcador do tento leva a bola até o fundo da meta, ao marcar o gol. (25)

**Bola "mucha"** - jogada ruim ou decadente quando o atleta falha na conclusão. 2 - quando um time perde consecutivas vezes.

**Bola na rede** - gol marcado.

**Bola no barbante** - equivale ao anterior.

**Bola no fundo da rede** - idem.

**Bola no fundo do gol** - idem.

**Bolão** - excelente passe. 2 - designação popular de grande aposta na Loteria Esportiva, com a participação de muitos cotistas. 3 - equivale a bolo esportivo. 4 - disputa categorizada. 5 - excelente jogador.

**Bola perigosa** - chute com muito efeito na bola e difícil de ser segura. Ex.: Fulano deu uma bola perigosa no gol.

**Bola quadrada** - chute mal dado, ruim, distante do companheiro de equipe, enfim, jogada defeituosa. 2 - time péssimo. 3 - atleta inábil, que não controla, ou domina a bola com dificuldade.

**Bola quente** - chute na bola com bastante força em direção à meta e o goleiro a rebate.

**Bola redonda** - passe bem efetuado, aos pés, ou muito próximo do colega de equipe.

**Bola ruim** - jogada improdutiva.

**Bola saiu mascando** - prensada.

**Bola torta** - equivale a bola quadrada.

**Bola trabalhada** - ótimo passe.

**Bola vazia** - ver bola ruim.

**Bola venenosa** - ver bola perigosa.

**"Bolero"** - designação torpe e inconveniente ao profissional da bola, quer

seja jogador ou técnico de futebol.

**Bomba** - violento chute desferido em direção ao gol. 2 - notícia ou acontecimento que abalou o cenário futebolístico. 3 - atleta de péssimo nível técnico.

**Bombardeio** - quando são desferidos vários chutes contra a meta adversária, um após o outro.

**Bonde elétrico** - jogador péssimo. 2 - forma jocosa de designar um jogador medíocre, às vezes, portador de boa fama, como futebolista, mas ainda não justificada na atual agremiação.

**Boqueirão** - abertura injustificada existente na defesa de uma equipe, onde o adversário encontra facilidade para agir e evoluir.

**Borboleta** - denominação atribuída ao atleta mercenário que troca exageradamente de clubes e, com muita facilidade.

**Bororô** - confusão na grande área.

**Bororó** - idem.

**Botar a mão no título** - praticamente com o campeonato conseguido.

**Botar na roda** - trocar passes de tal forma que obriga o oponente a correr ao encalço da bola, quer para cansá-lo, quer para ganhar tempo.

**Botar o pé na forma** - treinar, com muita vontade, para conseguir precisão nos chutes a gol.

**Botar pimenta** - marcar gol. Ex.: Beltrano botou uma pimenta na meta adversária.

**Bote** - salto do guardião, de forma repentina, no afã de defender o seu gol, segurando a bola.

**Botina** - chuteira. 2 - jogo violento.

**Braçadeira** - faixa usada pelo capitão da equipe, na manga da camisa.

**Brecar** - impedir. Ex.: Tal zagueiro brecou Sicrano.

**Brecha** - espaço relativamente estreito ou pequeno que surge, eventualmente, numa formação defensiva, por onde a equipe adversária pode penetrar e/ou lançar um atacante.

**Brejeiro** - jogador que provocou a derrota de seu time, no âmbito amador.

**Briga** - jogo, disputa, liça.

**Briga danada** - confusão.

**Briga de cachorro (s) grande (s)** - clássico.

**Briga direta** - quando dois times lutam para escapar do rebaixamento, ou por outra meta comum, como a disputa pelo título. (26)

**Brigar** - disputar, jogar, lutar. Ex.: Fulano brigou pela posse da bola, mas

## FUTEBOL E FOLCLORE

não conseguiu.

**Brincar em serviço** - quando o atleta não se empenha o necessário. 2 - descuidar-se da presença do adversário, redundando em prejuízo.

**Brincar nas onze** - atleta que tem condição de jogar em qualquer posição. É raríssimo.

**Bronquear** - admoestar com severidade. Ex.: O capitão bronqueou muito.

**Brutamonte** - atleta alto e pesado.

**Bufunfa** - dinheiro. Ex.: A bufunfa do jogo é...

**Bumbinho** - série de sucessivos balões.

**Buraco** - pequeno espaço vago na defesa, pelo qual passa-se a bola a um colega de equipe.

**Burocrata** - jogador, geralmente meio-campista, medíocre, sem criatividade.

**Butantã** - seleção ou eventualmente um clube que tem craques de primeira linha, conhecido como cobras.

**Cabaço** - goleiro invicto na competição que seu clube disputa.

**Cabeça** - líder, quem organiza o time em campo.

**Cabeça baixa** - derrotado.

**Cabeça fervendo** - nervoso.

**Cabeça inchada** - melancolia resultante de situação negativa do time pelo qual torce. 2 - frustração.

**Cabeçudo** - atleta ruim e sem malícia futebolística.

**Cabelo, barba e bigode** - vitórias, no mesmo dia, de uma agremiação em três categorias diferentes, digamos: júnior, aspirante e principal. (27)

**Cabelo e barba** - duas vitórias, num só dia, de um time, em diferentes categorias, como aspirante e profissional.

**Caça níquel** - procura de dinheiro reduzido em excursão. Ex.: Tal time está caçando níquel pelo interior..

**Cacau** - arrecadação.

**Cacareco** - futebolista ruim. 2 - time péssimo.

**Cacete** - violento pontapé desferido no oponente. 2 - fortíssimo chute.

**Caceteiro** - atleta desleal.

**Cachê** - volume monetário que a diretoria de um clube cobra por apresentação.

**Caçula** - o mais recente clube que integra uma divisão.

**Cá e lá** - jogo bem movimentado, dinâmico.

**Cá e lá, lá e cá** - idem ao anterior.

**Cafofa** - chute de fácil defesa, muito fraco.

**Cai-cai** - simulação de contusão em vários atletas, de uma mesma equipe, para forçar o encerramento da partida, antes do tempo regulamentar, em virtude da insuficiência quantitativa de jogadores. É o mesmo que dar o pira. (28)

**Cair de maduro** - próximo a acontecer. Ex.: O gol está caindo de maduro.

**Cair de virada** - após vitória parcial, conhecer a derrota final.

**Caixa** - tórax, peito. 2 - meta. 3 - rede. Ex.: Sicrano guardou dois na caixa.

**Caixa alta** - com dinheiro.

**Caixa baixa** - sem dinheiro. Ex.: Tal time está com caixa baixa.

**Caixa de ferramenta (s)** - violência.

**Caixa dois** - pagamento sem recibo, tão comum entre os futebolistas.

**Caixa três** - dinheiro pago ou recebido sem recibo, rotineiro no futebol.

**Caixa de surpresa (s)** - justificativa pela falta de lógica no futebol. Ex.: Não há favorito porque o futebol é uma caixa de surpresas.

**Caixinha** - gratificação, quando é acumulativa num clube.

**Calça-frouxa** - atleta medroso.

**Cama-de-gato** - quando um jogador salta o oponente maldoso, faz a função de alavanca, escora, abaixo o adversário nas costas, para provocar a queda violenta dele.

**Camarrim** - vestuário.

**Caminho está fechado** - não existe espaço.

**Camisa dez** - ótimo, como referência a vários craques que a vestiram, a exemplo de Pelé, Raí e outros. Segundo alguns, a alusão é a nota, que é dez, no sistema escolar e em concursos públicos. De qualquer forma, as duas versões são aceitas em nome da verdade.

**Camisa doze** - torcida.

**Cancheiro** - atleta experiente.

**Canela** - parte anterior e inferior da perna, entre o pé e o joelho.

**Canelada** - pancada ocorrida na canela ou com ela, como o choque acontece, com relativa frequência entre dois jogadores envolvendo essa parte da perna.

**Canela-de-vidro** - jogador que contunde a canela, com extrema facilidade. 2 - atleta que evita o choque com outro para não se expor a uma provável contusão na sua frágil canela.

**Caneleiro** - péssimo jogador, que chuta com a canela.

**Caneludo** - jogador medíocre que não conseguindo dominar a bola dei-

xa que ela bata em sua parte anterior e inferior da perna, na canela, e toma outro rumo, perdendo o seu domínio. 2 - atleta que sofre falta na canela e não se machuca. É quem tem canela dura e não se contunde com facilidade.

**Caneta** - perna.

**Canja** - jogo muito fácil.

**Canja-de-galinha** - passeio, jogo fácil.

**Canhonaço** - chute violentíssimo.

**Cantar** - ganhar convencendo.

**Cantar o jogo** - prever o resultado. 2 - orientar os jogadores que estão atuando, mostrando-lhes os erros.

**Canudaço** - equivale a chutaço, ou seja, chute no grau aumentativo.

**Canudo** - chute bem dado na bola e com força.

**Caprichar** - caminhar mais e com o domínio da bola. 2 - ter mais carinho ao cobrar uma falta.

**Cara a cara** - quando um atleta, com o domínio da bola, ficar frente a frente com o goleiro, em plena condição de marcar.

**Cara ou coroa** - forma de se decidir qual equipe escolherá o campo que vai defender, dando início à partida. Participam da ação os dois capitães. O resultado é obtido atirando-se uma moeda para o ar.

**Caranguejo** - jogador que atrasa muito a bola. 2 - goleiro que segura todas as bolas que chegam à sua meta. - 3 - atleta que não se entrosa na equipe, por deficiência técnica, caindo demasiadamente, sem motivo que justifique, a não ser a carência da arte futebolística e a debilidade nas pernas.

**Carcará** - jogador perverso.

**Cardeal** - pessoa que dirigiu o clube e que contém grande influência.

**Careca** - campo que falta grama, de péssima qualidade, para a prática do futebol. (29)

**Carga** - ato de deslocar o corpo do oponente, através de entrada faltosa. 2 - ataque.

**Carga mortal** - chute indefensável.

**Carimbar** - chutar a bola, com violência, contra um obstáculo: barreira, postes ou trave do gol, corpo de alguém.

**Carimbar a(s) faixa(s)** - derrotar o campeão.

**Carimbar a(s) rede(s)** - marcar gol.

**Carimbar o passaporte** - conseguir a classificação para a fase imediata do certame.

**Carnaval** - dominar totalmente um atleta, ou um time, demonstrando eficiência, jogo cadenciado e bonito.

## FUTEBOL E FOLCLORE

**Carnificina** - excesso de violência.

**Carrapato** - atleta que efetua marcação muito de perto do adversário, não se afastando dele nenhum instante.

**Carrasco** - jogador que define o placar em jogo decisivo. 2 - goleador, quem marca vários gols numa partida.

**Carregador de piano** - atleta que demonstra muito esforço, mas sem talento, executa tarefas árduas, movimentando-se o tempo todo, sem produzir nada. Ex.: Beltrano está carregando piano.

**Carregar** - atacar.

**Carregar o time** - ser valoroso para a agremiação. Ex.: A torcida carregou o time nas costas.

**Carrinhar** - aplicar carrinho, forma lícita de desarmar o adversário, desde que seja pela frente.

**Carrinho** - o atleta atira-se, quase deitado, com ambos os pés, na frente, ou de lado do oponente, na tentativa de desarme, dando a impressão de se transformar em um carrinho. Não constitui infração, desde que o opositor não seja atingido. Ressalta-se que se for pelas costas, além de ser ilegal, merecerá falta seguida de expulsão.

**Carrossel** - sistema baseado na circulação máxima entre os jogadores, de modo que não há posicionamento fixo entre eles.

**Carrossel caipira** - cognome dado, em 1992, à equipe do Mogi-Mirim, da cidade paulista do mesmo nome.

**Carrossel corintiano** - designação dada ao Corinthians Paulista, em 1993, após contratar quatro jogadores do Mogi-Mirim, que no ano anterior assombrou a crítica e a torcida.

**Cartola** - forma irônica e hostil de designar os dirigentes dos clubes de futebol, em nível profissional e sobretudo dos selecionados e até da FIFA. Enfim, todos que falam em nome de entidade ou clubes e que possuem influência política considerável.

**Cartolagem** - dirigentes dos clubes de futebol.

**Cartilha do atleta** - manual que contém o código disciplinar a ser obedecido. (30)

**Carvão** - dinheiro arrecadado pelas bilheterias.

**Casa** - área. 2. Estádio do mandante do jogo, isto é, de quem sedia a partida.

**Casa bandida do futebol** - sede da Confederação Brasileira de Futebol, no Rio.

**Casa do futebol** - sede da Federação Paulista de Futebol, em São Paulo.

**Casca de mandioca** - raspando o gol 2 - sobra da bola.

**Cascudão** - equipe suplente, amadorística, mas reforçada com alguns titulares.

**Casca de ferida** - atleta desprovido de técnica e, além disso, mal elemento.

**Castigo** - clamoroso revés. 2 - algo imerecido. Ex.: Se tomar gol, será castigo.

**Catando borboleta (s)** - quando o goleiro sai ao encontro da bola alta e entre outros jogadores fica perdido e nada consegue. (31)

**Castanhada** - chute forte.

**Cata cavaco** - desequilibrar-se durante a corrida, sem cair, consegue continuar, mas com as mãos quase no solo e o corpo em posição horizontal e até encurvado.

**Catar mexerica** - quando o goleiro sai mal do gol, para defender bola alta.

**Catar pelo rabo** - pegar a bola com dificuldade.

**Catimba** - sistema de recursos anti-esportivos, astúcias, como: simular contusão, reclamações injustificadas e efetuar perdas de tempo, que tumultuam a partida e irritam a torcida adversária, pois nem sempre o árbitro desconta o tempo perdido. É uma maneira de levar vantagem e irritar os jogadores oponentes.

**Catita** - renda do jogo. 2 - bola.

**Cavadinha** - tentativa de dissimular, fingir na tentativa de levar vantagem. Ex.: Ele tentou uma cavadinha, mas não deu certo.

**Cavado** - benefício conseguido através de forte simulação. Ex.: Esse gol foi cavado.

**Cavalaria** - jogo bruto.

**Cavar** - simular. Ex.: O avante cavou um pênalti.

**Caveira** - atleta azarado.

**Caxias** - técnico cumpridor à risca, em tudo, com o máximo de exatidão.

**Cego** - juiz incompetente que não percebendo as falhas cometidas, não as registra e marca outras inexistentes. 2 - jogador ruim que não percebe a presença da bola.

**Celeiro** - clube que revelou jogadores categorizados.

**Cemitério** - time que vive fase crítica, onde nomes respeitáveis são contratados. Fracassam e a solução não chega. Por outro lado esses jogadores também não conseguem ser atraídos para atuar em outras agremiações.

Cria-se um círculo vicioso. O envolvimento é grande: atletas, comissão técnica, diretoria, torcida, mídia, etc.

**Cera** - demora propositada em repor a bola em movimento, chutá-la para fora, ou retê-la, sem necessidade, nas mãos do goleiro, ou fingir que está contundido. É antijogo, condenado pelo bom senso. O tempo consumido indevidamente deve ser descontado pelo juiz, ao final de cada período de jogo.

**Cera técnica** - forma de ganhar tempo durante o jogo, através de recursos lícitos, trocando passes sem outro objetivo e retendo a bola.

**Cercar frango** - quando o goleiro fica sozinho diante de um atacante e tenta impedir, através de constantes movimentos dos braços e até das pernas, para ludibriar o adversário e impedir que este chute, sem êxito.

**Cérebro** - excelente armador da equipe.

**Chacrinha** - suborno.

**Chamar** - atrair o oponente para seu campo de defesa, criando condições assim, de atuar no contra-ataque.

**Chambão** - forma violenta de deslocar o oponente, fazendo uso especialmente do tronco, ou apenas o ombro.

**Chapuletada** - chute forte. 2 - falta violenta.

**Charanga** - grupo de torcedores organizados em pequena banda de música que incentiva a sua equipe durante as partidas, fazendo uso de instrumentos musicais, faixas, bandeiras, cantos, etc. O introdutor, ente nós, nos anos 40, foi o torcedor flamenguista Jaime de Carvalho.

**Charivari** - conflito generalizado.

**Chega pra lá** - maneira de deslocar o oponente com o ombro, ou com o tronco, sem muita força.

**Chegar** - marcar. Ex.: Tal time chega primeiro ao placar. 2 - ganhar. Ex.: O favorito chega na frente.

**Chegar junto** - tipo de marcação que pretende impedir que o oponente domine a bola.

**Cheirando gol** - ambiente positivo para a marcação de um tento.

**Cheiro de gás** - com disposição, animado.

**Cheiro de pernas** - atleta péssimo que se atrapalha com a bola, pois ela bate sempre em suas pernas.

**Cheiro de reumatismo** - veterano.

**Cheiro de fumo** - sem resistência.

**Cheiro de fritura** - iminência na substituição do técnico.

**Chilena** - toque de bola com o cal-

## FUTEBOL E FOLCLORE

canhar.

**Chinelada** - chute forte.

**Chincheiro** - atleta que usa tóxicos.

**Chocolate** - equivale a paulistinha, tostão ou doce-de-leite. Pancada, geralmente intencional, dada na coxa do oponente. 2 - envolver o adversário com classe.

**Choradeira** - reclamações e mais reclamações, depois de ter que amargar resultado ruim.

**Chorão** - atleta que reclama muito, não só do trio de arbitragem, como dos companheiros de equipe, dos dirigentes, dos adversários, da torcida e da mídia.

**Chorou, chorou, mas não entrou** - quase gol, a bola é rebatida pelo guardião, bate na trave e por aí fora.

**Chover no molhado** - insistir com jogadas improdutivas ou persistir em lances que estão sendo neutralizados pelos adversários e não atingindo o objetivo.

**Chupa-cabra** - jogador que não se esforça e suga os companheiros de equipe.

**Chupa-sangue** - atleta que se beneficia do esforço dos companheiros de equipe.

**Chupeta** - jogo perigoso. (32)

**Chutaço** - chute forte.

**Chutão** - chute sem qualquer direção.

**Chutar com tudo** - com muita vontade, com todas as forças, com muita disposição.

**Chute cheio de veneno** - perigoso.

**Chute seco** - pontapé dado na bola, com muita força.

**Chute sem ângulo** - chute a gol dado quase paralelo à linha de fundo.

**Chuva de gols** - goleada.

**Chuveirar** - lançar, constantemente, bolas altas das laterais para o interior da área adversária.

**Chuveirinho** - bola alta lançada a esmo das laterais para o interior da área inimiga.

**Chuveiro** - idem.

**Chuveiro na área** - idem.

**Cigano** - atleta que troca muito de clubes. Dentre tantos exemplos, Dirceu em 23 anos de carreira defendeu 14 clubes profissionais, de 1972 a 95.

**Cilindrar** - massacrar o adversário.

**Cintura-dura** - defensor de pouca velocidade, pequena habilidade técnica e sem condição de recuperar o terreno perdido.

**Ciscador** - jogador hábil, exímio driblador, sem contudo conseguir as indispensáveis finalizações e/ou arma-

ções de jogadas.

**Ciscar** - driblar com maestria, mesmo em pequeno espaço, mas sem maiores objetivos. Ex.: Ciscou, ciscou e nada.

**Clarear** - organizar uma jogada, tornando-a compreensível aos colegas de equipe. Ex.: Clareia o ataque.

**Clichê** - repetição. Ex.: Que clichê de jogada!...

**Clima nervoso** - partida violenta.

**Clube de aluguel** - time que mantém muitos atletas emprestados e atuando na equipe principal.

**Cobertura** - ato de encobrir um ou mais adversários com um chute.

**Cobra** - jogador hábil, inteligente, aplicado, famoso, que sabe tudo, craque na verdadeira acepção da palavra, de elevado nível técnico.

**Cobrador** - atleta escolhido pelo técnico para bater as faltas de seu clube, de forma habitual.

**Cobrança** - ação de cobrar a infração que favorece sua equipe.

**Cobre do jogo** - renda da partida.

**Cochilar** - descuido ocorrido num lance.

**Coco** - cabeça do atleta. Ex.: Caiu e bateu com o coco na relva.

**Cocoricó** - cabeça.

**Cocoruto** - pequena elevação ou montinho que pode existir em alguns campos. 2 - cabeça.

**Coice** - violento chute desferido na bola, ou no oponente.

**Coiceiro** - atleta violento.

**Coité** - cabeça. Ex.: Fulano marcou lindo gol de coité.

**Colar** - marcar, muito bem, o adversário e de muito perto, por onde ele andar.

**Colar a bola no corpo** - carregar a bola com maestria.

**Colocar ordem na casa** - reorganizar o sistema tático da equipe. 2 - quando o juiz resolve disciplinar a contenda. 3 - quando um novo dirigente reformula, com a comissão técnica, o elenco.

**Colocar o time no jogo** - marcar gol para empatar e tentar obter a desejável vitória.

**Com a bola cheia** - jogando muito bem, fazendo boa apresentação, ou tendo boa performance.

**Com a bola toda** - com muita disposição para o jogo.

**Comandante** - centroavante.

**Come-e-dorme** - dirigente falante mas não pragmático. 2 - jogador que reside nas dependências do clube, onde faz as refeições e quase não dis-

puta as partidas, por não se esforçar para ser titular.

**Comer** - driblar. Ex.: Fulano levou um come.

**Comer a bola** - atuar de forma esplêndida, com domínio absoluto da esfera, jogando extremamente bem.

**Comer barriga** - perder a oportunidade.

**Comer na mão** - ser subordinado. Ex.: Sicrano come na mão do presidente da Federação.

**Comer solto** - tumulto generalizado entre atletas de duas equipes, no interior do gramado.

**Com o coração na boca** - extasiado, muitíssimo cansado.

**Com o dedo no gatilho** - momento de cobrar o pênalti.

**Com o freio de mão puxado** - sem jogar nada, sem produzir o que se espera, pode, sabe e deve.

**Com o jogo na mão** - com o resultado, mesmo parcial, garantindo o sucesso.

**Com o pé na estrada** - despedido.

**Com o pé no mundo** - idem.

**Com o regulamento** - estratégia de quem joga com a vantagem do empate, numa decisão ou competição.

**Com tudo** - ótimo, muito bom, jogando bem demais.

**Congelar** - ato de ganhar tempo.

**Consertar a casa** - ato do técnico promover mudança(s) tática(s).

**Constelação** - conjunto de craques de uma equipe.

**Construir o gol** - preparo da jogada e entrega da bola para o companheiro apenas tocar para o fundo das redes.

**Contrato de gaveta** - documento assinado pelo atleta e, se não for emancipado, também pelo seu responsável, mas em branco. É comum ocorrer esse expediente, quando do primeiro contrato do jogador.

**Cornélio** - córner, pouquíssimo usado.

**Corneta** - equivale a corneteiro. Advém de boi-corneta, animal que através dos seus berros, consegue reunir, próximo de si, parte significativa do rebanho. Leia o seguinte verbete.

**Corneteiro** - palpiteiro, torcedor fanático, conselheiro agitador ou ex-dirigente que age tentando desestabilizar a situação reinante do clube, espalhando boatos e/ou promovendo intrigas, especialmente no que se refere ao técnico, à diretoria ou elementos do elenco.

**Corpo a corpo** - equivale ao mano a

## FUTEBOL E FOLCLORE

mano, no homem a homem.

**Corpo mole** - falta de empenho.

**Correndo por fora** - tentativa de atingir um objetivo, sem demonstrar tanto interesse.

**Correr atrás do prejuízo** - tentar diminuir a diferença, depois de sofrer um gol.

**Correr solto** - jogador que não encontra ninguém razoável para marcar, numa partida.

**Corisco** - atleta muito rápido.

**Corrupio** - linda jogada. De posse da bola, o jogador gira sobre si mesmo, tal qual um pião, para livrar-se da marcação do oponente e prossegue dominando a bola. (33)

**Cortar a bola** - impedir que a bola passe e outro a receba.

**Cortar o adversário** - ultrapassar o oponente.

**Coruja** - torcedor em jogo noturno.

**Costado** - costas de jogador.

**Costurada** - série de vários passes curtos, rápidos e recíprocos entre os componentes de uma mesma equipe.

**Costurar o jogo** - driblar diversos adversários, um após o outro, com passes curtos, rápidos e recíprocos, de forma relativamente veloz e avançando tal qual pontos de costura.

**Costurar sem arrematar** - realizar passes curtos, rápidos e recíprocos, sem a objetividade para transformá-los em gol.

**Coveiro** - atleta, técnico ou dirigente que prejudica muito o próprio clube, quer seja voluntariamente, quer não, enterrando-o.

**Cozinhar o jogo** - com o objetivo de manter o resultado, fazer o tempo passar e, assim, irritar o adversário.

**Cozinhar o galo** - idem.

**Cracaço** - excelente futebolista.

**Craque da pelota** - equivale ao interior.

**Craque da redonda** - idem.

**Cravo alto** - cravo colocado em chuteiras para os jogos realizados nos dias chuvosos.

**Crente** - torcedor fanático, contumaz ou teimoso, que habitualmente não falta a nenhuma partida e até assiste aos treinos, quando possível.

**Cresce a torcida** - aumenta a presença e o apoio dos torcedores.

**Cruel** - goleador, marcador de gol.

**Cruzar** - jogar. Ex.: Tal time cruza, com... 2 - levantar a bola das proximidades das laterais, em direção à área adversária.

**Cuca** - cabeça.

**Cucurucho** - idem.

**Cucuruco** - idem.

**Cuíca vai roncar de novo** - desentendimento sério volta a ocorrer.

**Curinga** - atleta polivalente, possuidor de condições variadas para atuar em quaisquer posições. Outros preferem a palavra coringa.

**Cutucar** - chutar.

**Dança de técnicos** - situação corriqueira e constrangedora que ocorre, com frequência, ocasionando a sucessiva queda de técnicos, no desenrolar de um campeonato ou assemelhado, relativamente longo. Como consequência de diversos insucessos consecutivos.

**Dança do diabo** - equivale ao anterior.

**Dar de bandeja** - presentear.

**Dar de bandinha** - chutar com a parte interna do pé.

**Dar de bucha** - passar a bola em excelente condição.

**Dar de chapa** - chutar a bola com o lado interno da chuteira.

**Dar de colher** - dar ótimo passe, para que o companheiro de equipe apenas complete a jogada.

**Dar de graça** - permitir que o adversário tome a bola.

**Dar no buraco** - passar a bola com exatidão.

**Dar o bote** - pegar a bola.

**Dar o ouro para o bandido** - perder a bola, bisonhamente, em momento decisivo, para o adversário.

**Dar o pira** - equivale a cai-cai.

**Dar sopa ao azar** - descuido que proporciona erro imperdoável.

**Dar um choco** - surpreender.

**Dar um passeio** - ganhar com facilidade.

**Dar uma medalhinha por cima** - jogar com deslealdade, procurando alcançar o oponente à altura do tórax em diante.

**Dar uma tesourada** - fechando as duas pernas contra o adversário e por trás.

**Dar uma puxeta** - aplicar uma semibicicleta.

**Davi x golias** - desequilibrado duelo entre a melhor e a pior equipe, numa partida oficial.

**De cabeça inchada** - ficar muito aborrecido com a derrota do time pelo qual torce ou defende.

**De cima do coreto** - de longe.

**Décimo segundo jogador** - torcida.

**Defender as cores** - jogar por tal clube. Ex.: Fulano defende as cores...

**Defender o leite das crianças** - ganhar gratificação em função de resul-

tado positivo.

**Defender em dois tempos** - rebater, largar e, de imediato, pegar a bola, em seguida.

**Defesa de avião** - no ar.

**Defesa plástica** - linda.

**De frente pr'o crime** - defronte ao gol.

**Deitar e rolar** - dominar completamente a porfia. 2 - jogador ou equipe que fez o que bem entendeu do adversário, apresentando destacada atuação.

**Deixar na saudade** - driblar o oponente de modo inapelável.

**Deixar órfão** - totalmente desorientado.

**Delegado** - quem segura muito a bola. 2 - atleta maldoso.

**"Denguero"** - venal.

**Dentadura** - equipe de veteranos.

**De peito** - corajoso. Ex.: Fulano é centroavante de peito.

**Dependurado** - jogador com dois cartões amarelos, na mesma competição.

**De pires na mão** - em situação econômica periclitante. Ex.: O presidente de tal clube está com pires na mão.

**De raspão** - quando a bola passa muitíssimo perto das traves, do gol, de um atleta, ou até do árbitro.

**Desafio** - jogo, na área rural e na periferia das cidades médias.

**Desarmado** - ficar sem o domínio da bola.

**Descalibrado** - chute sem direção.

**Descendo o morro** - perdendo ou caindo na tabela. Ex.: Tal time estava descendo o morro e se recuperou.

**Descer a lenha** - ser violento.

**Desequilibrar** - vencer o oponente.

**Desferrar o jogo** - revidar.

**Despedir** - passar pelo adversário com facilidade.

**Despejar veneno** - ser maledicente ou maldizente, que fala mal dos outros. Ex.: Sicrano despejou veneno no...

**Despique** - desforra, revanche, tentativa de conseguir algo perdido.

**Devolver quadrado** - devolver muito mal a bola.

**Diabo** - goleador que se apresentou muito bem durante a partida, superando as expectativas.

**Diminuir o placar** - reduzir a diferença de gols.

**Disparar** - chutar. 2 - aumentar muito a velocidade.

**Divisória** - linha do talco de gesso, cal (embora proibido) e na zona rural de cinza, que divide o campo exata-

## FUTEBOL E FOLCLORE

mente ao meio, partindo do comprimento.

**Doente** - torcedor fanático, apaixonado, exaltado, que não aceita os defeitos do clube, pelo qual torce, e faz tudo para não perder nenhum jogo, reportagens com dirigentes, jogadores ou comissão técnica, e nem sequer deixa de ir aos treinos.

**Do jeito que começou** - sem abertura de contagem, zero a zero.

**Do meio da avenida** - de grande distância.

**Do meio da praça** - idem.

**Domingada** - quando o zagueiro tenta fazer excelente jogada, tal qual o insuperável Domingos da Guia, mas não consegue, por falta de condições técnicas.

**Domingada invertida** - equivale ao anterior.

**Domingueira** - várias partidas efetuadas no primeiro dia da semana.

**Dono da bola** - atleta que domina a bola, retendo-a demasiadamente, até perdê-la e não a passa para os companheiros. 2 - melhor jogador em campo. 3 - garoto, que nas peladas, exige jogar, apenas por ser proprietário da bola.

**Dono do jogo** - jogador que pela capacidade de liderança, ou pelo seu ótimo nível técnico, torna-se figura destacada na porfia.

**Dono do time** - dirigente que realiza altos investimentos na equipe. 2 - atleta que anuncia publicamente ser superior aos colegas da equipe. 3 - denominação dada a certos jogadores que se sentem líderes absolutos, dentro e fora do campo. 4 - atleta que gosta de centralizar as ações da sua equipe, orientando-as.

**Drible da vaca** - jogada em que o atleta passa a bola por um lado do oponente e corre pelo outro para recuperá-la atrás do adversário.

**Drible de corpo** - jogada executada apenas com um movimento de corpo, sem que a bola seja atingida.

**Drible seco** - jogada obtida com um toque decisivo na bola, ficando o adversário plenamente iludido, perdido.

**Duro** - violento.

**Efeito** - maneira de imprimir à bola um movimento irregular, de modo geral sob a forma de curva. Agrada muito o público, embora nem sempre atinja objetivo prático.

**Embaixada** - sucessão de diversos toques dados na bola com os pés para mantê-la sob o próprio domínio no ar, tocando-a na cabeça, nuca ou pernas.

**Empurra a torcida** - incentiva, estimula. (34)

**Empurrar o time** - incentivar.

**Encaçapar** - marcar gol. Ex.: Sicrano encaçapou. 2 - ganhar campeonato. Ex.: ... continua encaçapando todos os títulos.

**Encardido** - atleta que reclama muito e usa, exageradamente, a astúcia, a malícia, enfim, a manha futebolística.

**Encolher** - tática que consiste em recuar a equipe na defesa. Ex.: Tal time encolheu em campo.

**Encontro** - partida.

**Encostar as chuteiras** - abandonar o futebol.

**Encurrular** - pressionar, coagir.

**Enfiar o pé na bola** - chutar com força.

**Engatar uma quinta** - correr em demasia. Ex.: Sicrano engatou uma quinta, alcançou a bola e marcou.

**Engatilhar** - preparar o chute da bola.

**Engolir a bola** - jogar muito bem. Equivale a comer a bola.

**Engolir o apito** - quando o árbitro deixa de marcar as infrações ocorridas.

**Engolir um frango** - quando o goleiro sofre gol de bola defensável.

**Engraxar as chuteiras** - preparar-se para o jogo. Ex.: Fulano está engraxando as chuteiras.

**Engrossar** - errar, fracassar, falhar na jogada, complicar o time que defende. Ex.: Beltrano engrossou e o seu time perdeu.

**Enrolado** - atleta que complica, costumeiramente, as jogadas.

**Enroscar** - não conseguir driblar, perdendo a bola. Ex.: Sicrano enroscou no adversário.

**Enrolar** - complicar.

**Ensacar** - golear. Ex.: Tal equipe ensacou.

**Entrar com bola e tudo** - lance em que um atleta, pela habilidade, dribla o goleiro e entra na meta, dominando a bola completamente.

**Entrar explodindo** - usar a violência ao disputar a bola com o adversário.

**Entrar na lenha** - ser agredido. Ex.: Sicrano entrou na lenha. 2 - perder.

**Entregar a rapadura** - desanimar e ser derrotado sem luta, ficando exausto, cedendo espaço. 2 - falha do goleiro que redundou em gol.

**Entregar o ouro para o bandido** - errar no momento exato, perdendo a bola bisonhamente para o adversário e este ou outro de sua equipe, em decorrência, terá forte chance de mar-

car o gol.

**Enxerto** - futebolista que, por empréstimo, reforça uma equipe tida como inferior à da sua origem.

**Enxurrada de gols** - muitos gols marcados numa só partida.

**Escanteio em meia manga** - falta ocorrida na região situada entre o escanteio e a grande área.

**Escanteio minissaia** - equivale ao anterior.

**Escapar** - driblar. Ex.: Beltrano escapou de Sicrano.

**Esconder a bola** - conseguir manter o domínio do objeto esférico.

**Esconder o leite** - ser omissivo, não produzindo o que pode.

**Escorar de cabeça** - colocar a cabeça na bola para marcar gol ou passar ao companheiro.

**Escrito** - rotina. Ex.: Estava escrito o que aconteceu.

**Encurtar a bola** - dar passe curto.

**Esfriar** - desmotivar. Ex.: O gol sofrido esfriou os ânimos.

**Engolir a bola** - jogar muito bem. Equivale a comer a bola.

**Entrar rasgando** - com todas as forças.

**Esfrega** - derrota.

**Esfregar as mãos** - torcer.

**Espalhando mosca (s)** - equivale a catando borboleta (s).

**Espichar a bola** - dar longo passe.

**Espora** - calcanhar.

**Está com a macaca** - infernal.

**Estaleiro** - departamento médico ou enfermaria de clube de futebol.

**Está na gaveta** - atleta desonesto que recebe dinheiro para permitir o avanço adversário. 2 - árbitro desonesto que altera resultado de jogos.

**Esticar a bola** - executar um longo passe em profundidade para um companheiro de equipe que esteja bem posicionado.

**Esticar a rede** - marcar gol.

**Esticar o filó** - idem.

**Estilingada** - chute forte.

**Estojo** - meio das pernas.

**Estourada** - bola prensada, chutada por dois atletas adversários ao mesmo tempo.

**Estraçalhar a bola** - golear sem piedade. 2 - quando um atleta, ou equipe, consegue jogar muito bem.

**Estrela** - craque, jogador destacado e cobiçado até pelos adversários. 2 - sorte.

**Experimentar** - chutar.

**Explodir** - bater a bola com muita força num obstáculo: barreira, tórax, trave, poste, etc. Ex.: A bola explodiu

## FUTEBOL E FOLCLORE

no peito de Sicrano.

**Expressinho** - equipe reserva, mesclada com alguns titulares.

**Falso amador** - atleta que não é remunerado oficialmente pelo clube, mas recebe propinas e outras vantagens pecuniárias.

**Falta abacaxi** - não é infração, mas condicionamento físico insuficiente.

**Fasta pra lá** - entrada decisiva para mandar a bola pra frente.

**Fatura** - boa jogada. 2 - gol.

**Fazendo o relógio andar** - trocando bola entre os companheiros de equipe.

**Fazer caixa** - conseguir numerário ao emprestar e/ou vender atleta(s).

**Fazer número** - jogador contundido que permanece em campo, praticamente sem produzir, porque todas as substituições possíveis foram efetuadas. Ex.: Sicrano está apenas fazendo número.

**Fazer o papel de abelha** - usar estratégias condenáveis que resultam na diminuição do tempo da bola em movimento, isto é, em jogo.

**Fazer um carnaval** - driblar várias vezes seguidas, causando apupos da torcida, após perdê-la.

**Fazer um limpa** - reorganizar o clube, promovendo a dispensa de considerável parte do elenco.

**Faz-me rir** - time de renome, contudo em fase péssima.

**Fechar o gol** - quando o goleiro pratica inúmeras defesas, impedindo que o adversário marque, ou reduzindo, em muito, os gols sofridos.

**Fechar o placar** - marcar o último gol da partida.

**Ferramenta** - chuteira.

**Ferramenta do jogo** - bola.

**Ferreiro** - violento.

**Ferro-velho** - veterano.

**Festa** - vitória.

**Fezinha** - aposta na Loteria Esportiva.

**Ficar de óculos** - zero a zero. Ex.: O jogo aqui ficou de óculos.

**Ficar de óculos de grau** - zero a zero, porém numa partida disputadíssima, repleta de emoções, com bolas nas traves e/ou postes, podendo até ocorrer pênalti(s) e desperdiçado(s).

**Figura apagada** - jogador que nada produziu.

**Fim de papo** - terminou o primeiro tempo ou o jogo.

**Firula** - jogada de efeito, sem objetivo prático, mas que agrada a torcida. Exige muita técnica, o que a torna incomum. 2 - excesso de dribles, sem

produtividade aparente. Em uma só palavra, enfeite.

**Fiteiro** - atleta que costumeiramente encena faltas, pênaltis, contusões, etc.

**Fogo de palha** - jogador que atua bem, sem que a torcida confia em novas atuações brilhantes. 2 - clube que vence, sem convencer a torcida.

**Fora das quatro linhas** - extra-campo.

**Formiga** - defendendo e atacando constantemente.

**Frangote** - atleta jovem, que é escalado entre os mais experientes, quando não, entre veteranos, para adquirir a malícia indispensável.

**Freguês de caderno** - time que, ao longo do tempo, acumulou mais insucessos que vitórias.

**Fuçador** - atleta que procura, insistentemente, passar pela defesa adversária.

**Fungar no cangote** - jogar em cima do adversário, sem dar espaço. Ex.: Ele está fungando no cangote do oponente.

**Galera** - torcida.

**Galináceo** - gol que poderia ser evitado pelo goleiro. Equivale a frango.

**Galinha morta** - jogador sem fibra e cansado. 2 - equipe fraca e que não dá trabalho ao adversário.

**Galinho** - pequeno, reduzido e péssimo campo, mas não é sinônimo de alçapão porque o time-proprietário não tem condição de assustar.

**Gancho** - suspensão. Ex.: Beltrano levou três jogos de gancho.

**Gandula** - garoto, adolescente ou até adulto, enfim pessoa de apoio que apanha as bolas que saem do gramado, sobretudo atrás das metas, no dia de jogo. 2 - jogador ruim.

**Ganhar no peito** - vitória obtida mais pelo esforço pessoal que pela vantagem técnica.

**Ganhar passaporte** - equipe que consegue passar para a fase seguinte do torneio que está disputando.

**Garantir o bicho** - conseguir resultado favorável à sua equipe.

**Garfar** - ato ilícito do árbitro prejudicar uma agremiação.

**Garra** - valentia, determinação, vibração, desempenho, coragem de lutar, amor à camisa, grande vontade de vencer, grande disposição, fibra, enfim vergonha na cara, personalidade de homem.

**Garrinchada** - quando alguém quer dar dribles seguidos e não consegue.

**Garrinchar** - driblar com muita facilidade. (35)

**Gastar o relógio** - consumir o tempo.

**Gato** - atleta com idade real superior à oficial permitida para integrar, a partir da equipe de juniores, tentando escondê-la. 2 - goleiro ágil. 3 - árbitro que prejudica uma equipe.

**Gatos pingados (sempre no plural)** - poucos torcedores.

**Gaúcha** - tocar a bola com o calcanhar, mantendo-a no alto e atrás do corpo.

**Gavião** - técnico desonesto.

**Ginga** - conjunto de movimentos que proporcionam condições para ludibriar o oponente.

**Gingar** - balançar a bola entre os pés para enganar o adversário.

**Goiaba** - atleta sem preparo físico.

**Goiabão** - líder em erros.

**Gol aberto** - meta livre, desguarnecida, fácil para marcar gol.

**Gol cavado** - conseguido por vias ilegais, quando um atleta finge ter sofrido infração. E com a cobrança dessa, surge esse tipo de tento.

**Gol chorado** - muito difícil de ser marcado.

**Gol de bola e tudo** - quando se entra driblando no gol.

**Gol de ouro** - nome que a FIFA deu, em 1994, ao primeiro gol que dá por encerrada a prorrogação. É mais conhecido por morte súbita.

**Gol espírita** - tento inesperado, inusitado, esquisito.

**Gol relâmpago** - gol muito rápido nos primeiros segundos, antes de completar a primeira metade do minuto de jogo.

**Gosma** - jogador ruim.

**Gravata na barriga** - muito cansado, fatigado, exausto, com a língua fora da boca.

**Gravata pendurada** - equivale ao anterior.

**Gravata vermelha** - idem.

**Graneiro** - atleta ou técnico mercenário.

**Grosso** - jogador ruim.

**Grudar** - marcar muito bem o adversário.

**Guarda-roupa** - zagueiro forte e pesado.

**Guerreiro** - jogador que lutou muito na partida.

**Guloso** - egoísta na tentativa de manter a posse da bola ou na pretensão de marcar gol.

**Herói** - atleta que teve atuação destacada, valorizando o jogo e sua equipe, sendo indiscutivelmente o talento, aceito até pelos adversários e pelo se-

## FUTEBOL E FOLCLORE

tor mais exigente da imprensa.

**Homão** - técnico de futebol.

**Homem de luto** - árbitro, embora nos últimos tempos é até comum, razoável parcela deles usarem camisa amarelo-ouro, sem contar outras variadas cores. A bermuda preta não tem sido dispensada.

**Homem que chega** - centroavante.

**Horta** - meta.

**Incendiar a galera** - fazer com que a torcida se torne dinâmica. Ex.: Este gol incendiou a galera.

**Inchar** - aumento irregular de clubes numa dada competição. Ex.: A CBF inchou o campeonato.

**Infernizar** - dificultar para o adversário.

**Íngua** - atleta ou técnico de índole perniciosa.

**Inhana** - jogo acirrado. 2 - falta de sorte na Loteria Esportiva.

**Ir na conversa** - ser logrado. Ex.: O presidente ia na conversa do técnico.

**Ir na onda** - idem.

**Isolar** - chutar a bola para fora e com muita força. Em pequenos estádios, muitas vezes, a bola atinge os logradouros públicos, quando não casas das imediações e desaparece. Ex.: Fulano isolou a bola.

**Janela** - espaço entre as pernas do atleta, que quando abertas, a bola pode passar. 2 - tempo de carreira. 3 - horário em que a concentração fica à disposição da imprensa e, às vezes, dos torcedores.

**João** - jogador que é driblado.

**Jogada de corpo** - lance em que o atleta engana o seu oponente, sem tocar na bola, somente com o corpo em movimento.

**Jogado de cinema** - lindíssima.

**Jogada mortal** - lance em que dá origem a gol.

**Jogada sem bola** - ser útil em campo, mesmo não jogando, ou seja, praticamente fazendo número.

**Jogar arroz com feijão** - futebol simples, sem mistério, porém objetivo.

**Jogar a toalha** - pedir demissão, desistir. Ex.: Fulano jogou a toalha.

**Jogar com o marcador** - recuar e tentar os contra-ataques, quando o resultado lhe é favorável.

**Jogar com o regulamento na mão** - ser beneficiado com o empate. É uma sutileza que, por vezes, desfavorece o favorito.

**Jogar pedra** - atuar muito mal.

**Jogar pó de mico em todo mundo** - fazer comentários negativos envolvendo larga faixa de segmentos: direto-

res, jogadores, técnicos, etc.

**Jogar pra arquibancada** - efetuar jogo vistoso, mas sem resultado prático e objetivo para o time.

**Jogar pra cabeça** - lutar eficientemente, produzindo bem.

**Jogar pra equipe** - ser muito útil, à equipe, mesmo que essa ação não seja bem entendida pelos torcedores.

**Jogar pra torcida** - equivale a jogar pra arquibancada.

**Jogar pr'o time** - não se destacar no conjunto, mas produzir bem.

**Jogar sob pressão** - ser molestado pela torcida adversária. 2 - ser exigido pela diretoria e pela torcida em obter vitória.

**Jogar todas as suas fichas** - necessidade de vencer, tudo pela vitória.

**Jogar um bolão** - atuar muito bem.

**Jogar uma bola redonda** - idem.

**Jogo aberto** - partida ofensiva.

**Jogo fechado** - disputa defensiva.

**Jogo de compadre(s)** - combinação prévia entre os clubes envolvidos para que o resultado final da partida atenda ao interesse de um e até, por vezes, dos dois envolvidos, quando não a própria entidade em que estão filiados. Às vezes, o objetivo é atender um terceiro, em menor porcentagem. 2 - aquele em que os participantes não têm qualquer interesse em vencer.

**Jogo de corpo** - drible de corpo.

**Jogo de empurra** - má vontade dos jogadores, ou de uma equipe, ou entre diretores ou ainda na comissão técnica. (36)

**Jogo de ida e volta** - conjunto de duas partidas, com mando de campo trocados, entre as equipes envolvidas na disputa.

**Jogo de vida ou de morte** - partida decisiva.

**Jogo duro** - partida difícil. 2 - disputa violenta. 3 - porfia de prognóstico difícil.

**Jogo embolado** - emaranhado, sem definição.

**Jogo liquidado** - partida definida.

**Jogo muito nervoso** - partida com excesso de indisciplina: cartões amarelos e vermelhos.

**Jogo pendurado** - dependente de julgamento.

**Jogo pesado** - partida difícil em função do campo molhado.

**Jogo roubado** - interferência de má arbitragem.

**Jogo sujo** - desleal.

**Jogo na mão** - equipe que domina a porfia e vence com facilidade.

**Jurássico** - veterano.

**Laçado** - atleta que pertence a um clube e atua em outro.

**Ladrão** - árbitro desonesto que prejudica um clube. 2 - atleta que assedia, pelas costas, o adversário com o intuito de retirar-lhe a bola.

**Lambari** - bom driblador e rápido em todas as ações praticadas no campo.

**Lambuja** - quando se trata de apostas, é a diferença de gol(s), ou vantagem.

Ex.: Dou um de lambuja.

**Lançador** - atleta com a função de dar ao companheiro de equipe o passe adiantado e não a bola aos pés.

**Lance bobo** - arremesso de bola, sem menor objetividade.

**Lance cinematográfico** - jogada lindíssima.

**Lanterninha** - último colocado na classificação, ainda que temporariamente, em uma competição: campeonato, copa, torneio, etc.

**Laranja** - reserva lançado em momento inadequado e que não foi aprovado.

**Largo** - goleiro que opera muitas defesas difíceis.

**Lascar a lenha** - jogar com muita violência.

**Lascar o pau** - idem.

**Latinha** - instrumento que o árbitro usa para sua atividade em campo. 2 - microfone utilizado por repórter volante de campo, quer seja de rádio, quer seja de televisão.

**Lavada** - goleada, vitória com elevada contagem.

**Lavagem** - idem.

**Lavar a alma** - ganhar o título de campeão. 2 - golear. Ex.: Tal time lavou a alma. 3 - vencer após sucessivos resultados negativos.

**Lavar a égua** - sair-se muito bem no jogo.

**Lazo** - atleta péssimo, tanto na disciplina quanto na técnica.

**Leão do jogo** - o melhor jogador da partida.

**Leão ferido** - equipe que vem de insucesso e quer ou precisa vencer e convencer.

**Leiteiro** - atleta que procura agradar o técnico e/ou dirigentes, excessivamente. 2 - goleiro com muita sorte.

**Leiteria** - muita sorte por parte do goleiro.

**Lenha** - partida violenta. 2 - falta desumana.

**Levar um balaio de gols** - sofrer goleada.

**Levar um couro** - perder a partida.

**Levar um calço** - quando alguém

## FUTEBOL E FOLCLORE

pisar fortemente no pé do adversário intencionalmente.

**Levar um nabo** - sofrer fragorosa derrota.

**Levar um piada** - idem.

**Levar um taquara** - idem.

**Limpar** - driblar. Ex.: Limpa um, limpa dois, limpa três...

**Linha boba** - quando os zagueiros, de modo intencional e seguindo orientação técnica, avançam em demasia para deixar os avantes da equipe adversária impedidos.

**Linha burra** - avanço intencional da defesa para provocar o posicionamento ilegal dos adversários.

**Linha divisória** - é a que divide o campo em duas partes iguais.

**Linha dura** - jogador, técnico, dirigente, etc. que desempenha trabalho sério, considerado exigente pelos seus comandados e até pela imprensa, por ser disciplinador.

**Linha fatal** - linha existente no solo do gol.

**Liquidar** - definir o placar. Ex.: Tal equipe liquidou a partida. 2 - vencer. 3 - golear. Ex.: Fulano liquida o jogo.

**Longarina** - perna.

**Lumbra** - atleta péssima.

**Lumbrigueiro** - jogador sem nenhum preparo físico.

**Luva (s)** - importância extra paga pelo clube ao atleta e técnico, no ato do contrato, ou parceladamente quando renova ou firma compromisso de trabalho com o clube que defenderá.

**Luta** - jogo.

**Macário** - carregador de maca. Equivale a padioleiro.

**Maestro** - técnico excelente. 2 - jogador brilhante.

**Malha** - rede do gol.

**Maior homem em campo** - o destaque da partida.

**Malabarismo** - domínio artístico da bola com movimentos arriscados e difíceis. (37)

**Malabarista** - atleta que pratica o malabarismo.

**Malaquias** - pessoa que transporta o dinheiro destinado ao suborno, reforçando a gratificação aos jogadores de certa equipe que garanta determinado resultado.

**Mamão** - atleta oportunista que fica à espera de erros do oponente.

**Mamata** - jogo fácil. 2 - goleada.

**Manga-verde** - jogador sem preparo físico adequado.

**Mão-de-gato** - ato do goleiro bater levemente na bola, desviando-a.

**Mão-furada** - goleiro que deixa a

bola escapar com facilidade.

**Mão-grande** - resultado positivo obtido em função de meios escusos.

**Mapa da mina** - caminho ideal para adentrar na defesa do time adversário.

Ex.: O mapa da mina está aberto.

**Maqueiro** - carregador de maca.

**Maquininha** - atleta que comanda o jogo em função do seu dinamismo.

**Marca da cal** - marca do pênalti.

**Marcar colado** - marcação muito próxima.

**Maria-fumaça** - time misto de nível situado entre o ruim e o sofrível.

**Marmelada** - expediente ilícito para proteger um clube. Equivale ao jogo de compadres.

**Marrecão** - jovem que recolhe as bolas que saem do gramado

**Mascado** - chute fraco e torto, prendido num adversário.

**Massa** - torcida, povão. 2 - atleta forte, robusto.

**Mata-mata** - sistema de disputa de torneio onde ocorre a eliminação do pior em cada dupla de jogos entre si, pelo confronto direto.

**Matão** - atleta violento, desleal.

**Matar** - definir o placar. 2 - atingir o adversário com violência. 3 - derrotar.

**Matar a bola** - ao receber o passe, ou interceptando a bola lançada pelo oponente, o atleta é capaz de amortecê-la no peito, para em seguida despachá-la.

**Matar a pau** - dominar plenamente o oponente. 2 - massacrar o adversário.

**Matar no ninho** - não deixar sair da defesa.

**Matar no peito** - amortecer a bola no tórax.

**Matar o adversário** - não permitir que o oponente evolua.

**Matar ou morrer** - tudo pela vitória. Ou ela ou nada. Equivale a tudo ou nada, vencer ou ser vencido.

**Martelar** - insistir muito. Ex.: Fulano martelou, martelou, martelou até conseguir o gol.

**Meio-de-rua** - bola chutada bem distante do gol.

**Melancia** - bola. 2 - bola mal passada.

**Menino de ouro** - artilheiro.

**Meter caixa** - fazer gol.

**Meter ferro** - ganhar.

**Mexer** - trocar, substituir, alterar. Ex.: O técnico mexeu.

**Miar no mato** - reclamar distante e discretamente. Ex.: Fulano mia no mato.

**Miolo** - centro do campo.

**Mocotó** - perna.

**Modê** - suborno.

**Molhar as mãos do juiz** - subornar o apitador.

**Monstro** - jogador dedicado e muito bom, para não dizer ótimo, excelente para a equipe que a defende. Colossal.

**Morcegão** - diretor de clube ou técnico de futebol que age desonestamente nas transações de jogadores, auferindo lucros ilícitos. (38)

**Morcegar** - atleta que explora os companheiros de equipe, não se empenhando o suficiente.

**Morceguinho** - jornalista que intermedeia vendas de jogadores com o objetivo de auferir desonesto numerário.

**Morrer na praia** - time que após boa campanha, foi insuficiente para ganhar o campeonato.

**Morrinho** - qualquer saliência existente no gramado que seja suficiente para modificar a trajetória da bola, enganando o goleiro.

**Morte súbita** - primeiro gol marcado na prorrogação.

**Motorzinho** - jogador que por ser altamente dinâmico em campo impulsiona a sua equipe, exercendo muito bem a ligação entre a intermediária e o ataque.

**Mosca-de-boi** - atleta que não se separa do seu oponente, fiscalizando-o, sem deixar-lhe qualquer espaço.

**Mosca-de-bolo** - futebolista que se intromete no time, mesmo estando fora de campo.

**Mostrar serviço** - jogar muito bem. 2 - bom técnico. Ex.: Sicrano tem mostrado serviço.

**Mudo** - atleta que não transmite e nem entende os gestos, quando necessários.

**Muralha** - barreira. 2 - defesa compacta. 3 - goleiro quase intransponível.

**Mutreta** - malandragem, algo escuso.

**Na casa da corruíra** - ângulo do gol.

**Namoro** - instantes em que dois adversários, diante da bola, esperam pela decisão do oponente.

**Nas nuvens** - bola chutada em direção ao gol, mas muito alta.

**Ninguém é de ninguém** - empate.

**Ninho de coruja** - ângulo do gol.

**No gogó da ema** - idem.

**No óleo** - técnico que provavelmente será, em breve, despedido pelos resultados negativos acumulados do clube.

## FUTEBOL E FOLCLORE

**Novela** - longo período de negociações para concretizar a renovação de compromisso, aquisição ou venda de um jogador. É menos comum, mas o significado é extensivo, também quando se trata de técnicos de futebol.

**Olé** - grito que a torcida dá para ovacionar o domínio técnico da partida, desempenhado pelos atletas de sua equipe, que desnorream o adversário com vários dribles, sem grande finalidade prática, mas para humilhar o oponente e fazer o tempo correr. O olé é cada vez mais raro. (39)

**Olheiro** - verdadeiro agente secreto que observa jogadores, para eventualmente serem aproveitados pela equipe desse especialista. 2 - Informante, geralmente secreto, espião que observa jogos dos futuros adversários, para tomar as devidas providências.

**Opaco** - atleta péssimo.

**Ô ô** - empate sem abertura do placar.

**O pau comeu solto** - briga generalizada.

**Operário** - jogador que não ganha muito, quando comparado com a média salarial dos companheiros de equipe. 2 - batalhador.

**Orelha** - lugar em que o escanteio é cobrado.

**O relógio está contra** - tal equipe está perdendo tempo para reverter o resultado parcial do jogo.

**Oso de vidro** - perna ou joelho muito frágil que sofre fratura(s) com facilidade.

**Oso duro de roer** - time excelente. 2 - técnico que constantemente tem problemas, não só com os atletas, com a mídia, com o público em geral e até com dirigentes.

**Óculos** - jogo em zero a zero.

**Óculos de grau** - partida territorialmente disputada, até com bolas nas traves e/ou postes, às vezes, também com pênalti (s) perdido(s) e o resultado final não sofreu alteração. (40)

**Óculos nele** - quando o tempo passa e nenhuma das equipes consegue alterar o resultado inicial. 2 - alusão ao juiz ou auxiliar de arbitragem que falhou clamorosamente.

**Pá de cal** - paz.

**Padiola** - maca.

**Pagar o pato** - sofrer as consequências de atos praticados por terceiros e até por si próprio. Ex.: O técnico pagou o pato.

**Pai da bola** - profissional competente, excelente, perfeito (considerando a imperfeição humana).

**Pai da matéria** - equivale ao anterior.

**Paleta** - chute com a parte superior dos dedos e à meia altura.

**Pamonha** - atleta ruim.

**Pancada** - chute forte.

**Panelão** - atleta considerado glutão na concentração.

**Papai-noel** - jogador que falhou em jogada(s) decisiva(s) e redundou em resultado nefasto para a sua equipe.

**Parede** - barreira.

**Partida apertada** - jogo difícil, renhido, muito disputada.

**Passar** - vencer. Ex.: Tal equipe passou pelo adversário. 2 - driblar. Ex.: Passou por um... 3 - realizar um passe para alguém da própria equipe. Ex.: Beltrano passava muito a bola, até perdê-la.

**Passar a manteiga nela** - ajeitar bem a bola, com carinho, para a cobrança de falta.

**Pata-dura** - jogador ruim.

**Passe telegráfico** - ação muito rápida de transferir a bola de um para outro elemento da equipe.

**Passe podre** - quando a bola vai mais para o adversário do que para o colega de equipe.

**Pato** - atleta ludibriado com facilidade pelo oponente. 2 - clube vencido com a maior facilidade. 3 - gol defensável sofrido pelo goleiro.

**Passeio** - extraordinária exibição com fácil êxito. 2 - partida vencida com muita facilidade.

**Pateiro** - goleiro ruim por sofrer gols defensáveis, conhecidos por patos.

**Pau** - balizas e trave do gol. 2 - violência.

**Pau a pau** - disputado, renhido, muito equilibrado.

**Pau-de-dar-em-doido** - atleta forte, quase sempre violento, sem técnica, mas voluntarioso.

**Paulada** - chute forte.

**Paulistinha** - contusão muscular ocasionada na coxa, quase sempre intencionalmente, pelo adversário. É o mesmo que doce-de-leite ou tostão.

**Pau que bate em Francisco, bate em Antônio** - um só peso para todos, em quaisquer circunstâncias, sem exceção. (41)

**Pau vai quebrar** - briga iminente.

**Peão** - atleta que se desloca e bem, nos variados sentidos.

**Pé calibrado** - chute certo.

**Pé da cajarana** - poste do gol.

**Pé-da-trave** - junto à trave.

**Pé-de-boi** - jogador que treina com muita disposição e, se necessário, ocupa até função sacrificada na partida.

**Pedrada** - forte chute.

**"Pedrera"** - partida muito difícil.

**Pegar a bola pela orelha** - segurar a bola com dificuldades. (42)

**Pé-junto** - poste do gol.

**"Peladero"** - atleta muito esforçado, mas que pouco, ou quase nada produz de útil.

**Péla** - gerais dos estádios.

**Pé nas costas** - cansadíssimo.

**Peneira** - péssimo sistema de defesa. 2 - goleiro que sofreu vários gols. 3 - processo seletivo que objetiva selecionar atletas que serão trabalhados em clubes dotados de boa estrutura, nas equipes inferiores.

**Peneirada** - equivale ao verbete anterior.

**Penosa** - gol sofrido, mas que seria defensável.

**Pentear** - passar, várias vezes, a sola da chuteira na bola.

**Perder a esportiva** - irritar-se.

**Perfume de gol** - iminência de se marcar um tento.

**Perna-de-pau** - jogador que não tem os recursos técnicos indispensáveis.

**Perna do bonde** - perna que só tem serventia para subir em veículos.

**Peruada** - sucessão de gols defensáveis.

**Pianista** - improdutivo. (43)

**Pinga-pinga** - várias bolas pelo alto na área oponente.

**Pingar a bola** - bola alta que é impulsionada à área adversária.

**Pintar e bordar** - conseguir o que bem entender com a bola, ou seja, destacada atuação na partida ou em determinado lance, ou ainda, numa competição. Ex.: Sicrano pintou e bordou...

**Pintar o gol** - o tento está quase para ser marcado. Ex.: O gol está pintando.

**Pintura de gol** - tento de raríssima beleza. (44)

**Pio** - apito usado pelo árbitro, para dirigir a partida.

**Piolho** - jogador que marca muito bem. Equivale a carrapato.

**Pipoqueiro** - atleta ruim que foge das disputas de bola com o adversário.

**Pisar na bola** - jogar mal, errar passes. 2 - lance de perder a bola biso-nhamente.

**Pombo sem asa** - chute bem forte desferido na bola.

**Pontapé no vento** - quando o atleta chuta o ar, furando.

**Pontapé à inglesa** - sem-pulo.

**Ponte** - salto, vôo, movimento acrobático do jogador que atira o seu corpo na posição horizontal para cabecear, ou segurar a bola, se for o caso do goleiro.

## FUTEBOL E FOLCLORE

**Porrada** - forte pancada na bola ou no adversário.

**Pôr água no chope** - estragar a festa da torcida. Ex.: Com esse gol, Fulano pôs água no chope do...

**Pôr na roda** - dominar completamente o adversário. Ex.: Sicrano pôs na roda...

**Pororoça** - confusão à entrada do gol.

**Porteiro** - goleiro. Está em desuso.

**Prata da casa** - atleta de valor, revelado pelas categorias inferiores do time que defende.

**Preço doce** - valor irrisório. Ex.: Os ingressos foram vendidos a preços doces.

**Preço salgado** - alto, caro.

**Prender a bola** - manter a bola entre os próprios pés, dominando-a completamente. Ex.: Beltrano prendeu a bola e...

**Prensada** - bola chutada por dois adversários praticamente ao mesmo tempo.

**Pretinho** - juiz.

**Professor** - ótimo jogador. 2 - excelente técnico.

**Puçá** - círculo de arame com rede, usado pelo goleiro para retirar a bola do fosso que separa o gramado do restante de alguns estádios: Maracanã, Mineirão e outros.

**Pulmão** - resistência física.

**Quadrada** - bola sem direção, muito mal passada.

**Quadrilátero** - campo de futebol.

**Quebrado** - exausto, extenuado, muito cansado. 2 - contundido.

**Queijo suíço** - sistema defensivo repleto de defeitos. (45)

**Queimando a relva** - bola quase rasteira, imediatamente acima do solo, roçando-o levemente.

**Queimar o filme** - perder o chute em direção ao gol. Ex.: Fulano queimou o filme.

**Queima de arquivo** - time que desaparece do cenário esportivo, deixando às vezes, as instalações do clube. É o caso do Ipiranga, da capital paulista, da Prudentina do interior bandeirante e de muitos outros.

**Raça** - coragem e vontade de lutar e vencer a porfia.

**Rapa** - rasteira com o objetivo de derrubar o adversário.

**Rapadura** - partida difícil.

**Rasante** - meio rasteiro, quase rente a grama.

**Rasgando** - entrando com todas as forças.

**Reborrêia** - jogador ruim.

**Receber um bico** - ser chutado, ganhar um chute. Ex.: Fulano recebeu

um bico.

**Respirar** - ter esperança. 2 - aliviar. 3 - descansar. Ex.: Os atletas sentem necessidade de respirar.

**Retiro** - concentração.

**Retranca** - equipe que joga excessivamente na defesa.

**Rezar** - torcer.

**Ripar** - jogar com violência.

**Rosquear** - chutar a bola com efeito. (46)

**Roubar a bola** - tirar a bola do adversário.

**Roubar a cena** - quando um atleta que não chegou ao estrelato passa a ser atração principal da partida, atraiendo para si todas as atenções.

**Ruligã** - torcedor baderneiro e inconsequente que não tem constrangimentos morais, sendo orgulhoso dessa situação.

**Saco** - rede de gols.

**Saco de pancada(s)** - clube habituado a perder, com frequência.

**Sacudir o filó** - marcar gol.

**Sacudir os barbantes** - idem.

**Sair** - driblar. Ex.: Beltrano saiu de Sicrano.

**Sair do jejum** - marcar gol, depois de muito tempo.

**Sair do marcador** - driblar.

**Sair na coragem** - com muita disposição e desenvoltura.

**Sair para matar ou morrer** - usar todas as forças.

**Salamear** - driblar.

**Salvador** - o marcador do gol da vitória.

**Samburá** - rede do gol. (47)

**Sanduíche** - atitude ilícita, tranco simultâneo e sem bola, verificada quando dois atletas de uma mesma equipe chargeiam deslealmente e, ao mesmo tempo, um de cada lado, a um oponente. (48)

**Sanfona** - sistema tático onde os atletas em constante movimento de ida ao ataque e volta à defesa, lembra o movimento de uma sanfona.

**Sangue novo no time** - substituição.

**Sangue-quente** - temperamental.

**Sanguessuga** - jogador que suga os companheiros de equipe, não produzindo o que deveria.

**Santa casa** - atleta doentio ou veterano que cai muito e atua mal, perdendo o equilíbrio, com facilidade, sendo às vezes, por falta de coragem.

**São-pedro** - bola alta, geralmente dada pelos goleiros, no tiro de meta.

**Sapatada** - chute.

**Sarrafeiro** - desleal.

**Sassarúê** - confusão.

**Segurar** - não deixar o adversário ganhar.

**Segurar o jogo** - coibir a indisciplina.

**Sentar a pua** - ser desleal.

**Sentar na bola** - ridicularizar o adversário. Ex.: Fulano sentou na bola.

**Serelepe** - rápido e habilidoso, bom jogador e veloz.

**Sobra da zaga** - bola rebatida.

**"Sombbrero"** - encobrir um oponente com a bola. É um lance mais longo que o chapéu.

**Sopeiro** - atleta que não se esforça e aproveita-se dos companheiros, sugando-os.

**Soprador de apito** - juiz incompetente, péssimo árbitro.

**Soroba** - confusão no estádio ou imediações.

**Sururu** - conflito generalizado que pode ocorrer tanto no campo, como nas gerais, arquibancadas e em outros locais, até nas imediações do estádio, após o término da partida.

**Suvela** - jogada boa.

**Talismã** - jogador que entra no decorrer do segundo tempo e quase sempre marca gol.

**Tanque** - atleta sem técnica mas com corpo avantajado. Atuando na frente, rompe apenas com o físico, a defesa adversária.

**Tapa** - desvio da bola pela linha de fundo com a mão do goleiro.

**Tapete-verde** - campo, o gramado onde se desenvolvem as partidas futebolísticas.

**Taquinho** - jogada em que o atleta toca a bola com o calcanhar para cima, alcançando-a atrás do corpo. (49)

**Taquito** - idem. 2 - calcanhar.

**Tem peixe na rede** - gol.

**Ter pernas** - ter ótimas condições físicas para correr. Ex.: Tal time não tem pernas.

**Tesoura** - perna. 2 - lance irregular que consiste no jogador prender a perna ou o corpo do adversário com as suas próprias pernas, cruzando-as como uma tesoura.

**Tesoura voadora** - quando o lance chamado tesoura é executado na parte aérea.

**Tico-tico no fubá** - jogo de passos curtos, recíprocos, improdutivos e até para trás, sem efetivamente dominar o jogo.

**Time da laranja** - segundo time, equipe reserva.

**Tirando tinta** - raspando o gol.

**Tirar de letra** - com muita classe e extrema habilidade.

**Tirar o zero** - marcar o primeiro gol da partida.

**Tiro** - fortíssimo chute endereçado ao gol.

## FUTEBOL E FOLCLORE

**Tocar bonito** - dar bom passe. Ex.: Sicrano tocou bonito.

**"Torada"** - jogo violento.

**Trincheira** - barreira.

**Tropeçando na língua** - muito cansado.

**Tudo igual** - empate, partida empatada.

**Tufo** - chute violento.

**Turma da ave-maria** - designação dada aos atletas que não pertencem ao time principal e, por isso, treinam ao final da tarde. (50)

**Turma do deixa disso** - pessoas que procuram disseminar a paz, quando os ânimos estão acirrados.

**Última barreira** - goleiro.

**Último cartucho** - derradeira esperança.

**Um tostãozinho a mais** - faltou muito pouco para dar certo.

**Uma pintura** - maravilha, fantástico. Ex.: Foi uma pintura de jogada.

**Vareio** - jogador ou clube que foi completamente dominado pelo adversário. Outros preferem dizer vareio de bola. Equivale a baile, chocolate, passeio. (51)

**Varrer o campo** - atuar muito bem.

**Vazar** - marcar gol. 2 - driblar, dominando a bola, passando pelo adversário.

**Venenosa** - bola com defeito que muda de trajetória.

**Virar a casaca** - torcedor ou jogador que troca um clube por outro rival. Ex.: Fulano virou a casaca.

**Virar o jogo** - passar de resultado inicial, parcialmente adverso, chegando à vitória final. 2 - passar a bola para o lado oposto, geralmente no ataque.

**Vomitare** - ato de goleiro soltar a bola, diante da violência recebida.

**Voleio** - lance em que o atleta, com um ou os dois pés no ar, chuta a bola, mais ou menos de lado e com força, antes que ela se aproxime do solo. (52)

**Vôo** - posição praticamente horizontal que o goleiro fica para buscar a bola no ângulo. É um salto bem longo e com o corpo esticado. Os outros, de forma semelhante, mas para cabecear a bola.

**Xará** - companheiro de equipe entre os jogadores.

**Xaveco** - acerto desonesto para produzir resultado. Equivale a mutreta ou marmelada.

**Xica-(chica)-da-silva** - torcedora fanática, anônima, violenta e irresponsável. (53)

**Xuá (chuá)** - jogo fácil e propício para marcar vários gols. 2 - defesa ou zaga fraca.

**Zeca** - atleta anônimo e sem qual-

quer expressão.

**Zona de perigo** - área do gol, na acepção de região perigosa para os goleiros.

**Zorra** - bagunça. 2 - lazer entre atacantes e elementos da defesa com goleiro. O placar é dado pelo número de gols contra os escanteios, em Olímpia. (54). Enquanto que em Votuporanga os escanteios são substituídos pelos chutes fora da meta. Assim, o vencedor será quem marcar três gols primeiro. Se tiver igual número de bolas chutadas fora do gol, será derrotado.

### EPÍLOGO

Dada a pressa existente no processo comunicativo, a gíria é uma necessidade imperiosa. Nas transmissões esportivas, através da radiofonia, sobretudo antes que a televisão atingisse, com pleno sucesso, o interior do Brasil (não só a área mais desenvolvida, onde residimos), o profissional do microfone tinha a obrigação de acompanhar a velocidade da bola em movimento. E, se não utilizasse o vocabulário agregado à linguagem corrente, jamais seria possível atingir o seu objetivo.

Em função disso, como corolário, a gíria derrubou preconceitos, então existentes contra ela. E, até as pessoas letradas, adeptas do futebol passaram a usar locuções e termos de gíria no dia-a-dia. O mais curioso, entretanto, é que a utilização da gíria futebolística passou a ser adotada até por pessoas que desconhecem por completo o esporte mais popular do Brasil e nem tão pouco o apreciam, em várias situações do cotidiano. Locuções e palavras como **abafar, abrir a caneta, brigar, comer a bola, queijo suíço** e incontáveis outras são colocadas em prática com a maior facilidade em todas as classes sociais.

É interessante ressaltar que a gíria é para ser dita e não escrita, pois a linguagem coloquial tem a flexibilidade suficiente para permitir tal ação.

Para Adriano da Gama Khoury, filólogo que dispensa apresentação, "só as gírias expressivas podem ter vida longa", o que vai ao encontro do não menos notável Silvio Elia que disse: "essa linguagem tem vida curta e significa um código secreto entre grupos segregados". Daí, aceitamos que a maioria dos termos e expressões da gíria tem vida efêmera e não extravasa o grupo onde nasceu e é praticada.

As gírias são registradas, na opinião abalizada de Marina Baiard, da equipe Aurélio, apenas depois de farta-

mente usadas por três ou quatro anos. O que deixa claro não ser comum elas tornarem-se verbetes de dicionário. Portanto, é o povo que faz o idioma, no entanto, paulatinamente.

As mencionadas neste trabalho foram tradicionalizadas pelo povo e estão em voga, comprovando este processo.

Para ultimar, não é possível imaginar o futebol - pelos seus aspectos marcadamente populares - sem a presença evidente da gíria.

### CITAÇÕES

I - Caldas, Waldenyr. **O Pontapé Inicial - Memória do Futebol Brasileiro**. São Paulo, IBRASA, 1990, p. 57

II - Rector, Mônica. **A Linguagem da Juventude**. Petrópolis, Vozes, 1975, p. 16.

III - Froehlich, Paulo A. **O Problema dos Níveis de Fala**. Petrópolis, Revista de Cultura Vozes n.º 8, ano 67, 1973, p. 627.

IV - Preti, Dino. **A Linguagem Proibida**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1984, p. 67.

V - Preti, Dino. **Sociolinguística - os níveis de fala**. São Paulo, Nacional, 1974, p. 74.

VI - Preti, Dino. **A Linguagem Proibida**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1984, p. 66.

VII - Preti, Dino. **A Gíria e Outros Temas**. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1984, p. 19.

VIII - Nascentes, Antenor. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Bloch, 1988, p. 309.

IX - Preti, Dino. **A Gíria, um Signo de Agressão e Defesa na Sociedade**. São Paulo, O Estado de São Paulo, Suplemento Literário, 16 Jun 74, p.5.

X - Preti, Dino. **A Gíria e Outros Temas**. São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1984, p. 18.

### INFORMANTES

Agradecemos a todos, especialmente aos anônimos que nem sequer sabemos onde moram, o que fazem e o que mais apreciam.

Sem as valiosas informações prestadas não poderíamos, por mais que se tenha conhecimento do assunto, escrever este ensaio. Ei-los:

1 - Pedro Clóvis Nogueira Borges (Pecê). 2 - Sebastião Luiz Zucheti (Tião do Gás). 3 - Zaida Maria Ferraz Arruda. 4 - Zilda Ulián Rossato. 5 - Valdomiro Ribeiro Alves. 6 - Antônio Aparecido Bortuluzzi. 7 - Geny Alberini. 8 - Gercino Davanço (artista). 9 - Lurdes Gabiarra. 10 - Luiz Carlos Rossato. 11 - Mehde Meidão Kanso. 12 - Moacir Ivaldi (Nené). 13 - Roberto Bianchine (Robertão). 14 - Jefferson de Souza. 15 - Lindolfo Batista. 16 - Nestor de Souza. 17 - João Batista Prado. 18 - Miguel Fileto. 19 - Wilson Pires Júnior. 20 - Jacinto Franca. 21 - Sorato Caldeira Filho. 22 - Agnaldo Nicoletti. 23 - Ivo Guarnieri. 24 - João Neves. 25 - Adilson Molina Paes. 26 - Angelo Mota Lima. 27 - Odair Barbosa. 28 - Augusto Oliveira. 29 - Wilson Zangrado. 30 - Alex da Silva. 31 - Noé Pereira. 32 - Alexandre Rodrigues. 33 - Narciso Cremonim. 34 - Odécio Arantes. 35 - Alvino Alves Lopes. 36 - Ishizawa Wakamoto (Japonês). 37 - César Cavali Cunha. 38 - Oclair Megumi. 39 - Amado Lamon. 40 - Carlos dos Santos. 41 - Antônio dos Santos. 42 - Domingos Alves. 43 - Constantino Eitz. 44 - Rosanese Trevisan. 45 - Olívio Lopes. 46 - Bernardino de Oliveira. 47 - Francisco Azevedo Júnior. 48 - Fábio Fernando Molina. 49 - Carlos Mantovani. 50 - Eder Silvino. 51 - Elói Scamati Oliveira. 52 - Cirilo Daniel Rosa. 53 - Paulo César Rodolfo Rosa (Paulinho). 54 - Célio José Franzin.

# O CALO DE ESTIMAÇÃO AINDA EXISTE:

À PROCURA DE UM RÓTULO PARA O FOLCLORE: CIÊNCIA OU DISCIPLINA?

José Maria Tenório Rocha  
Folclorista - Maceió, AL

Datada do ano de 1951, a “Carta do Folclore Brasileiro” é fruto consequente do I Congresso Brasileiro do Folclore, que foi de certa forma preparado logisticamente desde o ano de 1947, com a criação da Comissão Nacional do Folclore, por Renato Almeida, substancialmente ajudado por Joaquim Ribeiro, Edson Carneiro e Oracy Nogueira.

Esse I Congresso surgiu num momento histórico de efervescente nacionalismo: um ano antes, Getúlio Vargas assumia novamente o poder e estabelecia uma política nacionalista e trabalhista, com uma economia firmemente dizendo não ao capital estrangeiro, possibilitando e favorecendo ao povo o nascimento de um bem-estar, um bem-querer desmedido e respeitoso ao chefe do executivo, permitindo aos sociólogos formular o conceito de populismo, no período.

O chefe gaúcho procurava corresponder aos anseios dos brasileiros, criando organismos que favorecessem às classes menos aquinhoadas; assim, criava-se a Petrobrás, inaugurava-se a Hidrelétrica de São Francisco, promulgava-se a Lei Afonso Arinos, negando a existência da discriminação racial contra os negros.

No campo das ciências criava-se o SBPC, a CAPES, com Anísio Teixeira e o ITA, possibilitando o surgimento de tecnologia de ponta pela aeronáutica.

Criada nesse clima de “Brasil Grande”, “Brasil para os brasileiros”, a Carta é o verdadeiro espelho do momento histórico, e denota de forma clara esse espírito, onde as idéias

largas tornam-se cada vez mais generosas, esperançosas e sobretudo imaginando-se com fé e ardor a viabilidade de tais idéias, pois pretendiam ser uma resposta coerente e concreta que explicasse verdadeiramente a vida e a cultura das classes populares menos favorecidas.

Tão exaltadas e ambiciosas eram as idéias que muitas delas, de tão “idealistas” ou não práticas, ainda hoje não foram concretizadas, embora no decorrer do tempo tivessem existido pessoas que, diuturna e firmemente lutavam para a concretização de algumas dessas idéias.

Tudo leva a crer que os congressistas, elaboradores da “Carta do Folclore” estavam bem sintonizados com as acertadas idéias do mestre Arthur Ramos, principalmente as que punham o folclore como “divisão da antropologia cultural” (RAMOS, 1951:28), aliás, desde 1943 que o estudioso chama a atenção para esse approach e nesse sentido publicou, além do já citado estudo de 1951, os seguintes: RAMOS (1943, 1944, 1944a, 1945, 1945a, 1945b, 1945c, 1948 e 1950).

Na Carta, Cap.I, parte I o “Congresso reconhece o estudo do folclore como integrante das ciências antropológicas e culturais (...)”; essa afirmação combina com a parte 4 do mesmo capítulo, onde afirma em forma de reforço: “em face da natureza das pesquisas folclóricas (...) aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturalistas no exame do folclore”.

Seguidora e defensora desse do-

cumento, a professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro reafirma esse pensamento: “Na Universidade, o folclore deve ser estudado como **disciplina autônoma**, através de suas implicações antropológicas, sociais, psicológicas e estéticas, para o conhecimento, em profundidade, da cultura popular”. RIBEIRO (1993:93-94)

O estudioso Veríssimo de Melo, preocupado, com a problemática de cientificidade ou não do Folclore, informa, ligando-se a RAMOS, a Carta do Folclore e a RIBEIRO que “não se discute mais que a posição do Folclore, como ciência, é na grande árvore da Antropologia (...). A sua posição exata é ao lado de outros aspectos da Antropologia Cultural, como a Arqueologia, a Antropologia Social, a Linguística etc. (...)”

O folclore é uma especialização dentro do vasto campo da Antropologia. Não se entenderia, por exemplo, que alguém se intitulasse oftalmologia sem ter antes se formado em Medicina (MELO, 1984, s.p. num.)

Na abertura do interessante estudo, de título “Questionamento teórico do folclore”, o mestre Vicente Sales reconhece a posição do folclore como **disciplina**, mas luta para que o Folclore alcance a posição de **ciência**; em suas palavras: “Enquanto o Folclore não alcançar o status que pleiteia no quadro das Ciências Sociais, enquanto não lhes permitirem ascender no campo das Humanidades para o nível de ciência, os folcloristas terão de pugnar.

Há muito existe, em toda parte, uma atitude favorável à nova **disci-**

## FOLCLORE

**plina**, independentemente de suas grandes ou pequenas limitações. (...)

No encerramento do mesmo trabalho, volta o mestre a destilar esperanças: “No Brasil, como em toda a parte, a **Ciência** do Folclore está alcançando a maioridade”. SALES (1969)

Estimulado com o pensamento de Vicente Sales e refletindo a respeito de sua realidade em Olímpia (SP) pretendeu o incansável trabalhador, professor José Sant’anna, a criação, em Olímpia, de uma **Faculdade de Folclore**, pois em seu modo de ver “ainda não se deu a devida importância ao estudo do Folclore a nível universitário, salvo pouquíssimas Universidades que contam cadeiras desta **disciplina**. (...)

Seria a criação da faculdade um projeto piloto com a finalidade de formar professores de folclore e/ou treinar os de Língua Portuguesa, Cultura Brasileira e OSPB.

O Departamento de Folclore contaria com 9 cadeiras (as disciplinas); na primeira delas, Folclore I, seria estudada a teoria do Folclore, estudar-se-iam os elementos básicos da **Ciência** do Folclore.

Para se matricular na Faculdade, requeria-se o embasamento necessário ao estudo da **Ciência** do Folclore.

Percebe-se nas idéias do professor Sant’anna, e dos seus pares, uma vacilação entre ser Folclore uma **disciplina**, ou uma **ciência**!

Essa posição incômoda do professor constitui um verdadeiro calo de estimação, mas não só para esse professor, inúmeros estudiosos das coisas folclóricas também se surpreendem com os questionamentos feitos por alunos: igual procedimento também acontece com certos estudiosos e certos alunos de História com as eternas preocupações de estudar um conhecimento que não é Ciência, mas simples disciplina.

Esse complexo de inferioridade deveria deixar de existir sobretudo porque ciência ou disciplina, ligada à Antropologia ou não, o folclore continuará a existir, independentemente de pruridos acadêmicos que nada constroem, apenas causam mal-estar que pode a pessoa recém-iniciada ser

levada ao desinteresse, ao esquecimento das tarefas tão importantes e urgentes que necessitam realizações com denodo, destemor e sobretudo respeito às coisas importantes do pensamento popular.

### FONTES CITADAS

**Em busca** da criação de uma faculdade de Folclore.: **In Anuário do 18.º Festival do Folclore**, 15 a 22 de agosto de 1982. Olímpia SP, s.p. num.

**Em busca** da criação de uma faculdade de Folclore II.: **In Anuário do 19.º Festival do Folclore**, de 14 a 21 de agosto de 1983, s.p. num.

**Melo**, Veríssimo de.

1984. Posição do folclore como ciência. **In Anuário do 20.º Festival do Folclore**, de 12 a 19 de agosto de 1984, s.p. num.

**Ramos**, Arthur.

1943. Estudos de folclore: as teorias filológicas e alegóricas. **R. Brasileira**. Rio de Janeiro, 3 (7): 170-184, set.

1944. Estudos de folclore: as teses históricas e difusionistas: a teoria indiana. **R. Brasileira**, Rio de Janeiro, 4 (10):161-72, jul.

1944a. Ainda a teoria indiana. **R. Brasileira**, Rio de Janeiro, 4 (11): 104-115, out.

1945. Estudos de folclore: as teses ritualística e litúrgica. **R. Brasileira**, Rio de Janeiro, 5 (13): 105-115, jun.

1945a. Estudos de folclore: as teorias antropológicas evolucionistas: **R. Brasileira**, Rio de Janeiro, 5 (12): 62-71, mar.

1945b. Estudos de folclore: as teorias psicanalísticas. **R. Brasileira**, Rio de Janeiro, 5 (14): 82-94, set; 6 (16): 88-98, mar. 1946; 6 (17): 100-110. jun./set. 1946.

1945c. Estudos de folclore: ainda as teorias psicanalísticas. **R. Brasileira**, Rio de Janeiro, 5 (15): 122-133, dez.

1948. Conceito de folclore: **In Semana Nacional de Folclore**, 1, Rio de Janeiro, IBECC/CNFL, s.d.: 18-21.

1950. Conceituação do folclore. São Paulo, **Centro de Estudos Folclóricos do Grêmio da FAU**: 20-25.

1951. **Estudos de folclore: definição e limites, teorias de interpretação**. Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 197 p. 2.ª ed. Pref. de Roger Bastide. Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1958 (?)

**Ribeiro**, Darcy.

1985. **Aos trancos e barrancos, como o Brasil deu no que deu**. Rio de Janeiro, Guanabara Dois.

**Ribeiro**, Maria de Lourdes Borges. 1993. Que é folclore? **In Anuário do Folclore**, 29.º Festival do Folclore, de 15 a 22 de agosto de 1993. Olímpia, SP: 93-94.

**Sales**, Vicente.

1969. Questionamento Teórico do folclore. **Revista Vozes**, 63 (10): 878-8888.

---

**José Maria Tenório Rocha** é folclorista e antropólogo. Grande incentivador e entusiasta do movimento folclórico que se verifica em Olímpia.

---

**N.E.** Com referência à “vacilação” do Prof. José Sant’anna e de seus pares “entre ser o **Folclore** uma **disciplina** ou uma **ciência**”, é amplamente possível considerar respaldando-nos na polissemia de ambos os vocábulos - que o Folclore tanto é ciência (**conhecimento**) como disciplina (**matéria de ensino**), a exemplo do que se verifica com o Direito, ciência jurídica que é matéria (ou disciplina) dos cursos de Administração de Empresas, Serviço Social, etc.

# PROCISSÃO DE SÃO CRISTÓVÃO

ANTÔNIO CLEMÊNCIO DA SILVA  
Departamento de Folclore - Olímpia

Dia 25 de julho é o dia de São Cristóvão. Segundo o calendário, todos os olímpenses sabem que é o dia da tradicional procissão dos carros motorizados. No ano de 1997, precisamente às 20 horas, ela se iniciou. Dia relativamente frio, de inverno seco. O povo se aglomerou na Avenida Aurora Fórti Neves, local onde está a estátua de São Cristóvão, em trilho de ferro arcado, sobre o Córrego dos Olhos D'Água, ao centro, carregando sobre os ombros o Menino Jesus, cujos enfeites se destacavam, vindo da margem direita (norte) para a esquerda. Um caminhão do Corpo de Bombeiros, parado próximo ao monumento do Santo, sobre a ponte, na bifurcação da referida Avenida com a Rua Américo Brasileiro, serviu de altar ao sacerdote que impetrou a bênção a todos os veículos passantes.



Ao iniciar a passagem dos carros, em procissão, houve um belíssimo es-

petáculo pirotécnico e, a seguir, outro carro dos bombeiros transportava, enjaezada, uma bela imagem de São Cristóvão. Este deixando, apenas o leito carroçável para o trânsito dos veículos.

O sacerdote chegou ao local, assumiu sua posição. O trabalho religioso foi desempenhado pelo reverendíssimo monsenhor Antônio Santeliments Torras, pároco da Igreja Matriz de São João Batista de Olímpia.

Duas senhoras ligadas à Igreja Católica: Dona Lídia Sachetin Zanolla e Prof.<sup>a</sup> Araci Mateus Vasconcelos ficaram ao lado do caminhão-altar, uma com a finalidade de entregar ao motorista um santinho com a estampa de São Cristóvão com uma oração ao santo, impressa no verso e, a outra, com uma sacolinha angariando doativos, em dinheiro, para as missões amparadas pela Igreja.

Foram cerca de 1800 veículos entre caminhões, caminhonetes, ônibus, automóveis, motocicletas e outros que receberam, juntamente com os proprietários, a bênção. Com fé, em fila indiana, após a aspersão da água, faziam o Sinal-da-cruz e seguiam, convictos, o séquito.

O trânsito na Avenida ficou impedido para outros motoristas que não participaram do evento. E a procissão prosseguiu até às 24 horas.

Os motoristas levavam na cabina do caminhão o santo protetor, São Cristóvão, em miniatura, ligado ao veículo por ímã. Antes do batismo, Cristóvão chamava-se Répobro. É venerado como protetor dos peregrinos, dos viajantes, de quem preserva dos perigos. É também protetor dos motoristas e automobilistas, sendo sua festa comemorada por toda a igreja latina em 25 de julho.

Grande parte dos caminhões trazia em seus pára-choques lemas que chamavam a atenção, como estes: Não sou dono do mundo, mas sou filho do dono. / A minissaia é como arame farpado, cerca a propriedade, mas não tampa a visão. / Vivo correndo para não morrer devendo. / Gosto de sogra: tenho quatro. / É fácil andar com Jesus no peito, difícil é ter peito para andar com Jesus. / Batida só de pinga com limão. / Está com pressa, passe por cima. / Para burro velho, capim novo. / Às vezes se troca uma sogra por um estepe furado. / Deus é a luz do meu caminho. / Mulher é como laranja, em qualquer lugar se arranja. / Pobre só come frango quando joga de goleiro...

## O CÓRREGO DOS OLHOS D'ÁGUA

(sobre o qual está colocada a imagem de São Cristóvão)

“Em 1859, segundo a História de Olímpia, nos escritos do Prof. Rothchild Mathias Netto, entre os aventureiros da exploração e conquista de terras virgens, estava o mineiro de Milho Verde, distrito de Poços de Caldas, Antônio Joaquim dos Santos que aqui chegou com sua família: Maria Inês de Jesus (esposa), João, José, Miguel e Joaquim (filhos) e sessenta escravos para o devassamento pioneiro das terras que hoje habitamos. Somente Inês, casada, a filha única do casal, ficou residindo em Milho Verde.

Antes viera conhecer o sertão inculto, visando a posse das glebas, transpondo, em vários pontos, o Rio Pardo, registrando em Jaboticabal, as terras indevassadas.

O desbravador deu-lhe o nome de Sertão dos Olhos D'Água devido ao

## RELIGIÃO E FOLCLORE

grande número de nascentes aqui encontradas. O local era cortado pelo Rio Turvo, pelo Rio da Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos tributários.

Construí a sede da fazenda à esquerda do córrego ao qual deu o nome de Córrego dos Olhos D'Água, em virtude do número incontável de nascentes que o alimentam."

Este córrego nasce no local hoje denominado Fazenda São João, situado no município de Severínia, que também se chamou Luís Barreto, com terras desmembradas do município de Olímpia em 1951, mas integrante da nossa comarca.

De acordo com informações do IBGE, em Severínia ele percorre um trecho de 3400 m. Sua latitude é de 21°51'e longitude 48°52'. Mede 18700 m de extensão com vazão aproximada de 320 litros por segundo.

No município de Olímpia, percorre 5500 m até a barragem de contenção, próxima ao Conjunto Habitacional "Hélio Casarini". Abaixo, aproximadamente 1000 m, há o sistema de captação para o abastecimento da cidade. Até nesse ponto ele não é poluído. A partir da captação de água, ele corta a cidade num trecho de 3000 m até se encontrar com o Córrego do Matadouro, no perímetro urbano. Daí prossegue, na direção norte, passando ao lado do Clube Termas dos Laranjais e, percorre, aproximadamente, 3800 m onde deságua, nas imediações da Fazenda Santa Teresinha, no município de Olímpia.

O Córrego dos Olhos D'Água tem funções importantes: sua água é captada para o abastecimento da cidade através de uma barragem de contenção, de onde é levada para a rede de tratamento e distribuída à população. Após a barragem de contenção, verifica-se a poluição provocada pela rede de esgoto, que se torna mais intensa conforme o córrego avança para o centro da cidade.

São seus principais afluentes: Córrego Santana, Córrego Zambom, Córrego Matadouro e Córrego do Tamandúá.

Observa-se a presença da flora e da fauna, da captação à montante. É rio piscoso, mas a pescaria não é totalmente possível dada a poluição.

O córrego possui pequenas nascentes para a sua formação, mas nem todas participam dele, uma vez que foram canalizadas pelos proprietários de fazenda da região. Todo percurso do córrego é a céu aberto.



Esse córrego, de importância histórica, que corta a cidade em duas bandas: a de lá e a de cá, serve também como cenário representativo do rio no qual Cristóvão transportava, nos ombros, as pessoas, tendo ocorrido a cena mais emocionante do legendário católico: a transportação do Menino Jesus.

### UM SONHO QUE SE TORNOU REALIDADE

Em 1958, a olimpiense dona Idalina Sachetin Zanolla, crente fervorosa do padroeiro dos motoristas – São Cristóvão – para homenagear o santo e pedir proteção aos que dirigem veículos de todas as espécies, sensibilizou toda a comunidade olimpiense a realizar, em todo 25 de julho (dia dedicado ao santo), a partir daquele ano, uma procissão de carros motorizados. A princípio contava com o empréstimo da imagem do Santo até em localidades vizinhas, sempre contando com o entusiasmo e colaboração de Valdemar Sandrini para a realização. Hoje D. Idalina traz sob sua guarda e carinho, uma estátua de São Cristóvão, que lhe pertence.

A idéia foi acatada pela grande maioria dos motoristas e a Igreja aprovou a realização do evento.

As primeiras procissões foram realizadas nas ruas dos lados da Igreja Matriz de São João Batista e tinha, em determinado ponto, um altar em homenagem a São Cristóvão, ricamente enfeitado, e a presença de um sacerdote para a bênção dos veículos. E assim foram alguns anos sucessivamente. Na década de 1970, por decisão e iniciativa de Valdemar Sandrini, formou-se um movimento, e com a ajuda dos demais motoristas, e do povo, adquiriu-se uma imagem do Santo, em bronze, pesada e valorosa. Depois de alguns estudos, ela foi assen-

tada em nicho próprio de terreno baldio do Posto XV de Novembro, então de propriedade dos Irmãos Paschoaletti, que não só auxiliaram financeiramente, mas com o trabalho pessoal.

Ali ficou o monumento de São Cristóvão (Posto Quinze) voltado para a Avenida Waldemar Lopes Ferraz (Avenida Quinze de Novembro, na ocasião), cruzando-se com a Rua General Osório.

Mais tarde, o Posto passou a ser de propriedade do senhor Dilceu Rodrigues Barbosa que continuou zelando pelo espaço dedicado ao padroeiro dos motoristas.

Lá permaneceu o monumento por mais de 10 anos. Depois desse tempo, o proprietário do Posto requereu o terreno para a ampliação das benfeitorias de sua empresa. Então, desfez o monumento daquele local e foi a estátua guardada numa das suas repartições. No ano seguinte, a procissão se realizou às expensas do Posto Esso (hoje Tigrinho Auto-Posto), tendo sido o caminho da procissão a Rua Síria.

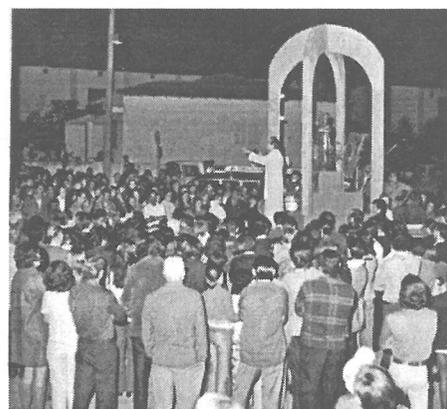
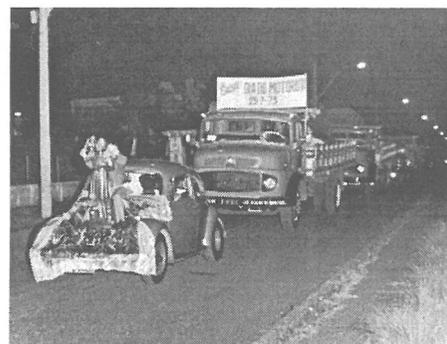
Enquanto o tempo corria, a estátua de São Cristóvão foi se impregnando de graxa, óleo, e demais substâncias usadas pelos que prestam serviços ao Posto. O comerciante, senhor Nélon Rissátti (Auto-Elétrico Heliar), de estabelecimento adjacente ao Posto, vendo a imagem ao abandono, pois dela havia desaparecido o cajado que o mártir portava, tomou a decisão de falar com alguns membros que outrora pertenciam à Comissão de Louvor a São Cristóvão, para o renascimento, ou seja, da reinstalação do monumento. Não encontrando o apoio necessário, decidiu por si só. Renovou a imagem. Solicitou a devida autorização à Marinha, à Prefeitura Municipal de Olímpia e à Igreja Matriz de São João Batista. Preparou as grades de ferro, a placa de inauguração e, em 25-7-1987, São Cristóvão estava sobre ponte especial do Córrego dos Olhos D'Água.

Foi instalada próxima ao seu estabelecimento comercial, para ali permanecer, definitivamente, sob sua guarda e zelo, enquanto vida tiver.

E assim vem sendo realizada, há muitos anos, essa procissão, à luz da fé – o compromisso religioso para com o padroeiro dos motoristas.

Daquela data até nossos dias é o senhor Nélon Rissátti que coordena o evento: missa, impressão de santinho, publicação em jornais, convites radiofônicos, etc.

## RELIGIÃO E FOLCLORE



*Dia 25 de julho de 1973: instalação oficial do monumento de São Cristóvão, missa e procissão de veículos.*

### SÃO CRISTÓVÃO

#### Dados Biográficos

I – São Cristóvão, mártir, mereceu um culto litúrgico desde os tempos mais remotos, na Igreja Oriental e na Romana. Por toda a parte, em todos os países da Europa, como também no Brasil, existem igrejas dedicadas a este Santo. Em sua honra foram fundados conventos, patronos, abrigos e até irmandades trazem seu nome. Não obstante esta popularidade, bem pouco se sabe da vida deste santo.

Nas numerosas tradições que a seu respeito chegaram até nós, o que há de certo é que ele devia ter sido um homem de estatura extraordinariamente alta, de força hercúlea e, uma vez convertido a Cristo, se fez apóstolo desta religião na Lícia, onde sofreu o martírio sob o imperador Décio, por volta do ano 250.

A lenda fez de Cristóvão um herói predileto, pintando as façanhas deste santo com cores vivas e até edificantes. Conforme a lenda mais difundida, Cristóvão era natural da Palestina, a terra de Cristo. Carreira comum dos homens fortes era a de militar, a serviço do senhor que melhor pagava.

Cristóvão ambicionava colocar sua habilidade militar e sua força a serviço do Senhor mais potente; foi assim que mudou várias vezes de dono. Diz-se que até se colocou a serviço do demônio, quando notou que o seu general tinha um medo supersticioso do

espírito das trevas. Percebendo porém que o próprio diabo tinha medo da cruz, indagou o porquê, foi então que ficou sabendo que Cristo, Filho de Deus, era o mais poderoso dos soberanos.

Procurou, então, instruir-se sobre religião e do modo como colocar-se ao serviço deste Soberano Senhor. Encontrou um eremita que lhe indicou a maneira de servir a Cristo: entregando-se à penitência, à oração e à meditação da

Palavra de Deus. Mas Cristóvão objetou: “Jejuar não agüento, rezar e meditar não tenho jeito”. “Pois bem, replicou o ermitão, existe mais um meio para servir a Deus; é praticar obras de caridade para com o próximo”. E acrescentou: “Vê, tu és robusto, alto e forte: aí perto há um rio sem ponte, que é perigo de morte para muita gente que o deseja atravessar. Oferece teus serviços àquela pobre gente: leva as pessoas, transportando-as de um lado para o outro. Terás a gratidão e as orações dos beneficiados, e Deus te recompensará largamente de tua caridade”.

A proposta agradou a Cristóvão que, de fato, construiu uma choupana à beira do rio, prontificou-se a transportar gratuitamente todos os transeuntes. Certo dia, apresentou-se um menino que lhe pediu favor. Ele o carregou como se fosse uma palha nos ombros, mas no percurso o menino começou a pesar cada vez mais e Cristóvão sentiu tremer suas pernas. Todo assustado pelo estranho fenômeno,

perguntou ao menino: “Que coisa é essa? Parecia-me estar carregando o peso do mundo inteiro”. Sorridente o menino respondeu: “Muito mais do que o mundo inteiro: tu carregaste o Senhor do Mundo”. Era como um prêmio do serviço prestado na caridade. Desde aquele dia, mudou seu nome para Cristóvão, que significa “portador de Cristo”.

(Do livro *O Santo do Dia*, de Dom Servílio Conti, I.M.C. 3ª ed., 1986, Editora Vozes Ltda.)

II – Um dos santos mais populares da Igreja. Os dados históricos referentes à sua vida perdem-se num emaranhado de lendas que o povo teceu em torno de seu nome. Segundo uma delas, no século III de nossa era, o rei de Canaã teve um filho, por nome Ófero. Com o correr do anos, o menino adquiriu força hercúlea. Desejando trabalhar para o homem mais poderoso da terra, entrou a serviço de um rei, mas não tardou a descobrir que ele temia o diabo. Ofereceu-se a Satanás, mas, ao verificar que o demônio tremia à simples vista da cruz, saiu em busca do Desconhecido a quem esta designava.

Em uma de suas andanças pela Lícia, encontrou um eremita que lhe contou a história do Crucificado. Foi então instruído na fé cristã e recebeu batismo. Dedicou-se depois disto a transportar nos ombros os caminhanes que desejassem atravessar um rio impetuoso.

Um dia, um menino pediu-lhe que

## RELIGIÃO E FOLCLORE

o transportasse para a outra margem. Ófero colocou-o sobre um dos ombros e entrou na água. Sentiu que cada passo se tornava mais pesado, até que o colosso, acostumado a atravessar galhardamente a corrente d'água, começou a curvar-se debaixo de tão estranho peso. Chegados à margem oposta, disse-lhe o menino: "Não te surpreendas com o que aconteceu, pois comigo carrega todos os pecados do mundo". Por estas palavras Ófero reconheceu que o menino era Cristo e, seguindo um conselho dele, enfiou na terra a vara em que se apoiava. Na manhã seguinte notou que ela se transformava em bela palmeira. Tocados por este milagre, muitos se converteram ao cristianismo. Como recordação do que ocorrera, Ófero trocou seu nome pelo de Cristóforos ou Cristóbalos, que em grego significa "aquele que carrega Cristo."

**NOTA:** Narra a tradição que Cristóvão pregou o Evangelho na Ásia Menor e foi decapitado na perseguição que Décio moveu aos cristãos. Sua festa é comemorada a 25 de julho. São Cristóvão é considerado protetor dos **viajantes** e dos **motoristas**.

No breviário, livro de orações que os padres devem rezar diariamente, foram canceladas as vidas dos santos as passagens obviamente ligadas a mitos ou destituídas de lógica. Contudo, a festa de São Cristóvão se conservou inalterada, e na parte do breviário que se lê no seu dia ainda figuram os relatos míticos de sua vida. (A. X. T.)

### ORAÇÕES IMPRESSAS NOS VERSOS DA ESTAMPA DO SANTO

#### ORAÇÃO A SÃO CRISTÓVÃO, MÁRTIR

Glorioso mártir São Cristóvão, que pela vossa virtude merecestes levar aos vossos ombros o próprio Senhor Jesus Cristo em forma de tenra criança, tão unido a vós que, todos os povos nos flagelos da seca, da provação, dos terremotos, dos raios, das tempestades, dos incêndios e das inundações, encontraram sempre a eficácia da vossa intercessão. Sim, rogai pelos vossos devotos e nos preservai dos mesmos flagelos públicos, especialmente na cegueira de tudo que é pecado, conduzindo-nos sempre a Deus, a fim de que um dia sejamos recebidos no porto seguro da felicidade eterna.

São Cristóvão, rogai por nós (repetir 3 vezes).

Rezar 1 Pai-nosso, 1 Ave-maria e 1 Glória-ao-pai

(Recolhida em 15/07/1990).

#### ORAÇÃO A SÃO CRISTÓVÃO

Ó glorioso mártir São Cristóvão, alma generosa que caminhastes como gigante nos caminhos



ICONOGRAFIA: SÃO CRISTÓVÃO

da virtude, até o extremo de confessar o vosso batismo, misturando o vosso sangue ao Precioso Sangue de Jesus Cristo, Divino Redentor nosso; confiados na eficácia de vossa intercessão, nós vos rogamos nos livres de todos os perigos e acidentes nas viagens que empreendemos durante esta vida e sobretudo na última jornada para a casa de nossa eternidade.

À vossa proteção recorreremos e à Santa Mãe de Deus. Livrai-nos sempre de todos os perigos.

Rezar 1 Pai-nosso, Ave-maria e Glória-ao-pai  
(Recolhida em 25/07/1991)

#### ORAÇÃO DE SÃO CRISTÓVÃO

Ó São Cristóvão, que atravessastes a correnteza furiosa de um rio com toda a firmeza e segurança porque carregavas nos ombros o Menino Jesus, fazei que Deus se sinta sempre bem em meu coração, porque então eu terei sempre firmeza e segurança no guidão do meu carro e enfrentarei corajosamente todas as correntezas que eu tiver de enfrentar; venham elas dos homens ou do espírito infernal.

São Cristóvão, rogai por nós. Amém  
(Recolhida em 25/07/1992).

#### ORAÇÃO A SÃO CRISTÓVÃO

Glorioso São Cristóvão, que, consagrando ao bem do vosso próximo a graça de uma excepcional robustez física, estabelecestes na margem de um rio a vossa habitação, a fim de vos dedicardes ao transporte gratuito de passageiros para a margem oposta, e em recompensa de caridade tão inédita, merecestes levar sobre os vossos ombros o próprio Jesus Cristo, na figura de um terno menino que vos apareceu; e que por tal prerrogativa vos tornastes o protetor dos viajantes e dos motoristas, obtendo-nos graça de empregar sempre um bene-

fício do próximo os nossos esforços, a fim de que mereçamos sempre do céu a infinita misericórdia de Deus. Amém.

Rezar Pai-nosso, Ave-maria e Glória-ao-pai.  
(Recolhida em 25/07/1994).

#### ORAÇÃO DOS MOTORISTAS

Glorioso São Cristóvão, guiai meu carro, dai firmeza às minhas mãos, prontidão aos meus pés, atenção à minha vista e presença de espírito na hora do perigo. Livrai-me de atropelar e de ser atropelado, de bater e ser batido, de morrer e de matar alguém. Dai-me prudência e amor suficientes, não apenas para respeitar a vida, mas sobretudo para amar a vida, minha e de meus irmãos. Que além do salário justo eu possa merecer um dia a recompensa do Pai, com aqueles a quem amei nesta terra. Amém.

Rezar Pai-nosso, Ave-maria e Glória-ao-pai.  
(Recolhida em 25/07/1997).

#### LENDAS DE SÃO CRISTÓVÃO

As notícias sobre sua vida e martírio são controvertidas. As lendas em torno de seu nome abundam tanto no Oriente como no Ocidente.

Sua imagem é representada por um gigante de barbas longas, conduzindo uma criança nos ombros.

1 - "São Cristóvão, o hercules cristão, viveu na Síria. Foi martirizado no tempo de Décio, imperador romano.

A palavra Cristóvão, do grego, (Cristo = ungindo e foro = levar) significa o que leva Cristo, o que carrega Cristo.

A lenda de São Cristóvão, muito apreciada por todos, é a seguinte:

## RELIGIÃO E FOLCLORE

O gigante Óforo, de força hercúlea, vencida os inimigos mais valentes com facilidade.

Certo rei contratou-o para seus reais serviços, e Óforo orgulhava-se do poderio do soberano a quem servia com garbo.

Mas um dia o gigante viu seu real Senhor fazer uma cruz na testa, quando alguém pronunciou a palavra - diabo.

Óforo sentiu-se decepcionado. Era então o diabo maior do que o seu grande rei?

E não quis mais servir a quem temia o diabo.

Óforo procurou o diabo, pondo, ao seu inteiro dispor, sua força e espada.

Estava vaidoso do poderio do novo soberano, quando, certo dia, viu o diabo tremer diante de um pedacinho de madeira em forma de cruz.

Óforo, abismado, perguntou-lhe:

Por que tremes diante de uma simples cruz?

- Não tremo pela cruz, mas por Aquele que morreu nela.

Óforo abandonou o diabo e foi à procura de quem morrera na cruz. Procurou saber-lhe o nome e contou-lhe que era Cristo, o maior senhor do mundo, o senhor de todas as coisas.

Mais tarde, Óforo encontrou um monge a quem perguntou como poderia servir a Cristo, o rei dos reis.

O monge explicou-lhe:

- Cristo a tudo vence por meio de amor e bondade. Se queres mesmo servi-lo, faze o bem.

E o monge o conduziu à margem de um rio impetuoso, aconselhando-o a auxiliar o povo na travessia.

Óforo agradeceu e ali ficou anos e anos ajudando aqueles que dele precisavam, com o pensamento voltado para Cristo.

Certa noite, um garotinho de sete anos pediu-lhe auxílio.

Óforo tomou-o logo nos ombros e entrou no rio. Mas que coisa extraordinária! A criança pesava tanto que o gigante quase desfaleceu. Ao chegar à margem, teve mesmo de dobrar os joelhos para colocá-la em terra.

Admirado, Óforo perguntou à criança:

- Como é possível pesares tanto, garotinho? Foste o fardo mais pesado que até hoje carreguei nos ombros.

E o espanto de Óforo cresceu, quando o pequeno, transfigurado numa irradiação gloriosa, falou-lhe:

- Eu sou Cristo, a quem serves. Parece-te pesado porque trago comigo as culpas dos homens. Tu, por me haveres carregado, te chamarás, de ago-

ra em diante, Cristóvão, que significa, o que leva Cristo.

E desapareceu, deixando o santo de joelhos."

2 - "Dizem que havia em certo país, em tempos que já vão longe, um homem agigantando, mas de alma de criança, Cristóvão, que queria servir ao rei mais poderoso do mundo.

Mostraram-lhe um rei da Terra, senhor de exércitos e de riquezas, arrogante e severo, que com um gesto poderia condenar à morte milhares de súditos.

- É o mais poderoso de toda a Terra? perguntou Cristóvão.

- Não há outro como ele. O tropel dos seus soldados faz ceifado. É dono de mais ouro, de pedrarias, de mais escravos, de mais vassallos, que qualquer outro.

- Então é o mais poderoso? - repetiu Cristóvão.

E ficou servindo, fielmente, ao grande rei, durante muitos anos. Ora, um dia, houve uma guerra, e o soberano foi vencido. A cabeça orgulhosa curvou-se por sua vez.

Com a mesma lealdade, Cristóvão passou a servir ao vencedor. O novo amo, no entanto, tinha medo.

- Que temes? - perguntou-lhe Cristóvão.

- O diabo.

- Quem é esse?

- Esse - cochichou o rei, tremendo e olhando para os lados - é o verdadeiro Senhor do Mundo.

- Onde está, que quero servir-lhe?

- Estás doido? Não sei onde está, nem quero saber. Por mim, quanto mais longe dele, melhor.

Cristóvão saiu pelo mundo, indagando de uns e de outros, até que conseguiu, certo dia, encontrar o diabo. Fez um trato com ele e passou a servir-lhe. Leal como as armas, fiel como as pombas, dócil como as crianças, durante anos e anos ele seguiu o novo amo, obedecendo-lhe em tudo.

Uma vez, ao passarem por uma cruz de pedra, à beira do caminho, o diabo deu uma volta para não passar perto dela.

- Que é? - perguntou Cristóvão admirado.

- Uma cruz.

- Que representa?

- O sacrifício do Cordeiro.

- Por que deste uma volta?

- Ora! - O diabo casquinou uma risadinha.

- Tens medo dela?

- Sim.

- Então é mais poderosa do que tu?

- Sim, certamente.

- E como te inculcavas como o Se-

nhor do Mundo?

- Não sou eu, por acaso, o Rei da Mentira? - disse o Maligno com arrogância.

Cristóvão abandonou o diabo e foi procurar o Senhor da Cruz. Andou muito e não o encontrou. Em todos os caminhos, junto de todas as cruzes, indagava:

- Onde está o Senhor da Cruz?

- No céu - diziam uns.

- Nas igrejas - diziam outros.

Ao céu, ele não podia ir. Nas igrejas, procurou, e não o encontrou jamais.

Depois de muito errar pelo mundo, parou à margem de um rio, onde, mercê de sua gigantesca estatura e de sua força, trabalhava, transportando passageiros nos ombros possantes. Numa noite de tempestade, um menino bateu à porta de sua choupana, à beira do rio, e disse-lhe:

- Vim buscar-te, para que me sirvas.

Cristóvão não entendeu bem.

- Que queres? Atravessar o rio?

- Isso também é um modo de me servir - respondeu misteriosamente.

- Então vamos. Quem veio contigo?

- Ninguém.

- Assim tão pequenino, estás sozinho?

- Estou contigo, Cristóvão.

- É verdade - disse o gigante. Sacudiu os cabelos que lhe desciam os ombros, pôs um manto nas costas, pois chovia, e pegou na criança. Pesava tanto, tanto, que ele cambaleou ao levantar-se.

- Devo estar um pouco fraco - pensou ele.

- Esta criança não pode pesar tanto. É tão pequenina!

No entanto continuava a se arrastar, para carregá-la.

- Por que pesas tanto, sendo tão pequenino?

- Porque trago nas mãos o mundo.

Havia muita meiguice na voz do menino, tanta, que o gigante sentiu o coração aquecer-se.

- Por que trazes nas mãos o mundo? És muito poderoso?

- Sim.

- Porventura serás aquele Senhor da Cruz que procuro? - tornou a perguntar o gigante, reparando que acima do mundo que ele trazia nas mãos brilhava uma cruz dourada.

- Sim. Eu sou.

- E assim o bom gigante acabou servindo à cruz, a poderosa senhora, mais forte que todos os reis da Terra, do inferno e do céu."

(In *Lendas e Fábulas do Brasil*, 4.<sup>a</sup> edição, 1972, Cultrix, São Paulo, páginas 93-96, de Ruth Guimarães.)

## RELIGIÃO E FOLCLORE

### SÃO CRISTÓVÃO

Assim envelhecia aquele bom gigante. Ora, um dia que caminhava por uma colina entre rochedos, ouviu um rumor de vozes que parecia vir do fundo do despenhadeiro. Desceu, agarrando-se à ponta das rochas. E viu um largo rio, negro e tumultuoso, que corria espumando sobre as rochas que o cortavam com um mugido sombrio. À beira dele, estava um grupo de mercadores com os seus machos carregados. E do outro lado, eram rochas, a pique, num monte que se eleva, corado de negros pinheiros.

Cristóvão desceu, apareceu diante dos homens. Todos se juntaram, tirando facalhões do cinto, no terror daquela deformidade. Depois, como ele de longe lhes falou com humildade, todos, pouco a pouco o cercavam, perguntando o que acontecera à ponte que ali havia. Cristóvão não sabia. E então disseram-lhe que aquele era um caminho curto e fácil que havia naquelas terras. Mas tinha aquela passagem má, rio tumultuoso. Outrora houve ali uma ponte de barcas amarradas com correntes. Mas o rio quebrava as correntes, levava as barcas, como palha seca. Depois tinham lançado uma ponte de madeira e o rio outra vez levava a ponte. No entanto o Senhor daquelas terras morrera e, tendo elas passado a um outro que vivia nas cidades, ninguém mais se ocupara de fazer ponte aos viandantes. E agora ali estavam eles, sem poderem passar e as mulheres e os filhos esperavam-nos de balde, nas suas moradas para além dos montes.

Cristóvão no entanto olhava a água. E em silêncio mergulhou no rio e começou a atravessá-lo. A água cobriu os seus joelhos, subiu até a cintura, por fim bateu furiosamente sobre o seu peito, como sobre o pilar duma ponte. E Cristóvão caminhava. Depois a cinta de Cristóvão saiu da água, depois apareceram os seus joelhos e a escorrer, ele pôs pé, enfim, nas rochas da outra margem, onde um caminho íngreme subia entre fragas. Cristóvão passara o rio.

Voltou e, abrindo os braços para os mercadores espantados, gritou:

- Quem quer passar?

Um mais novo logo se ofereceu. Cristóvão tomou-o sobre os seus largos ombros, em cada braço carregou um fardo, enquanto os outros, ansiosos, rezavam à Virgem. Cristóvão passou - e do outro lado, o mercador, radiante, fazia grandes gestos aos companheiros, gritava que o gigante era

seguro. Então Cristóvão passou os homens, depois os fardos. E por fim agarrando as mulas que zurravam espantadas, conduziu para o lado de lá toda a caravana, sem que um pêlo dos animais, ou uma corda dos fardos ou um sapato dos homens se tivesse molhado. Tendo combinado baixo, os homens puseram-lhe na mão um punhado de dinheiro, deram-lhe um rolo de cordas e deixaram-lhe pão para uma semana.

Logo nesta tarde Cristóvão, examinando aquele lugar agreste, recolheu troncos quebrados, ramarias secas e, calando a madeira nas fendas das rochas, arranjou com a corda um longo, estreito telheiro, onde o seu corpo se abrigasse das chuvas e das neves. Depois, esperou, sentado na grande solidão, que aparecessem viandantes. Não tardaram aparecer na outra margem um grupo de frades, que viajavam com o abade, montado numa mula. Apenas os viu, Cristóvão atravessou - enquanto os frades, aterrados, lhe faziam acenos, para que se não arriscasse naquelas águas da torrente. Mas quando o viram chegar, enorme, a escorrer água e com os braços abertos para os receber, hesitaram pensando ser uma cilada do demônio. A cruz o abade traçou no ar que Cristóvão repetiu sobre o peito, logo os tranqüilizou - murmurando entre si que então certamente era um auxílio do Senhor. Um por um, arregaçando o hábito, cavalgaram Cristóvão e, no meio do rio, sentindo a água furiosa bater a cinta do gigante, gritavam o nome da Virgem, Estrela dos Náufragos. Depois, quando Cristóvão os pousava na outra margem, enxutos, era um espanto e, baixando os hábitos, reapertando as sandálias, riam daquela ponte viva que trabalhava nas águas. O abade passou, passou a sua mula. E os frades deixaram a sua bênção ao gigante e um ramo de buxo benzido.

Começou então para Cristóvão uma vida estável, quieta, junto daquele rio. Nas horas em que não havia gente, esperava sentado numa pedra, olhando correr a água ou então alargava o caminho e construía à beira d'água, com pedras, como um cais onde a gente lhe subia para as costas. A cada instante, porém, havia alguém a passar - e como Cristóvão era já conhecido, os viandantes, do alto da colina, vinham logo gritando: "Eh gigante!" Alguns, mais brutais, se ele se demorava, rompiam em injúrias. Outros, que o vinho bebido nas tabernas da estrada excitava, arpelevam-lhe os cabelos. Ele quieto e humilde, fendia as águas. Por vezes era um cavaleiro que, com a sua pesada armadura, lhe

esmagava os ombros e rindo o espiçava com acicates.

Outras vezes era uma dama, que se horrorizava com a fealdade de Cristóvão, tapava a face e, apenas passava para a outra margem, lhe fugia das mãos, mostrando o seu nojo. O maior trabalho era com os animais. Havia rebanhos que levaram todo um dia a passar. Os ginetes de guerra, furiosos, mordiam-lhe os braços. E os galgos, latindo, queriam saltar para o rio, entre a indignação dos fidalgos, que atiravam pedras a Cristóvão. Nenhum esforço custava ao bom gigante. Passava os fardos mais duros, grossas baricas de vinho, pedras enormes para a construção das abadias. Passou touros, que iam para um curro de fidalgos e passou um bando de leprosos, que fugiam duma cidade e lhe deixavam sobre a pele o pus das suas fistulas.

Se lhe não pagavam, baixava a cabeça, saudando com humildade. Se lhe pagavam, beijava a escassa moeda de cobre: - e guardava debaixo de uma pedra esse dinheiro para repartir com os mendigos.

Assim vivia desde longos anos. A sua cabeça já se vergava, os seus braços já eram tão fortes. Por vezes, sob os grandes fardos, gemia lamentavelmente. Todos os seus membros estavam como troncos nodosos, inchados pela umidade constante. De todo ele saía um cheiro a vasa e a limo. E as suas pernas, sempre na água, tinham um tom verde, como as estacas duma levada.

O seu leito de folhas secas era-lhe doce e quando sentia vozes que o chamavam, era com um gemido que se erguia. Já lhe levava o dobro do tempo a cortar a corrente - e por isso eram constantes as injúrias que recebia. Para se apoiar na água, sentindo que as suas forças diminuía, teve de fazer um grande bastão aguçado, como um tronco. Em cada inverno pensava, com inquietação, se a força lhe sobriaria para fender a corrente furiosa do rio mais cheio.

Agora, apenas passava os viajantes, logo se vinha deitar. E chegou mesmo a pedir por caridade que lhe deixassem um pouco de vinho, para tomar nas noites duras, como um cordial que o amparasse. Oh! Muito pouco, um pichel. Ele cautelosamente o pouparia.

Ora, uma noite de grande inverno em que ventava, nevava e o rio muito cheio mugia furiosamente, Cristóvão, já muito velho, trôpego, com feridas nas pernas, dormia no seu chão molhado - quando fora, na noite agreste, uma voz pequenina e dolorida gritou: "Cristóvão! Cristóvão!"

Com um gemido, logo se ergueu

## RELIGIÃO E FOLCLORE

aquele bom gigante. Abriu o loquete da sua choça. E viu diante de si uma criancinha, pisando descalça a relva, com os cabelos a esvoaçar no vento e na chuva e apertando sobre o peito, com as mãozinhas, a camisa muito branca que o cobria. Espantando, com lágrimas, Cristóvão abriu os braços.

E tremendo toda, no frio e na neve, a criança murmurou:

- Cristóvão, Cristóvão, estou sozinho e perdido, e por quem és, te peço que me leves à casa de meu pai!

Já Cristóvão arrancara dos ombros a pele em que se agasalhava e envolvia nela o corpinho tenro que tremia.

- Ó meu menino, onde é a casa de teu pai?

A criancinha estendeu o braço para o outro lado, onde os montes negros se erguiam. E murmurou muito abaixo:

- Além, para além, muito longe...

Mas um espanto tomava Cristóvão. Porque debaixo da pele negra da cabra, de novo a camisinha da criança aparecia rebrilhando na noite negra, toda branca de linho. Muito humilde para ele a face, o bom gigante disse, muito humilde:

- Ó meu menino, vem que eu te levo ao colo.

- Ó menino, onde é a casa de teu pai?

- Mais longe, Cristóvão, mais longe...

E aquele bom gigante, agasalhando os pés do menino na dobra da pele de cabra, que o vento desmanchava, seguia com longos gemidos no caminho infundável, que se apertava rochas, ericadas de silvas enormes. Por fim, mal podia passar, as pontas das rochas rasgavam-lhe os braços, os longos espinhos atravessados levavam-lhe a pele rude da face. E seguia! Já das feridas lhe pingava o sangue e os olhos embaciados mal distinguiam o caminho, que parecia oscilar todo como abalado num tremor de terra. Uma luz, no entanto, mais viva, cor-de-rosa, já subia por trás das linhas dos cerros.

Mas Cristóvão parou, sem poder mais. Com o menino agarrado nos braços, ficou encostado a uma pedra, arquejando.

- Onde é a casa de teu pai?

- Mais longe, Cristóvão, mais longe...

Então o bom gigante fez um prodigioso esforço; e, a cada passo, meio desfalecido, os olhos turvos, a cada instante lançando a mão para se arrimar, tropeçando, com grossas gotas de suor que se misturavam a grossas gotas de sangue, rompeu a caminhar, sempre para cima, sempre para cima. Os seus pés iam ao acaso, no desfalecimento que o tomava. Uma grande

frialdade invadia todos os seus membros. Já se sentia tão fraco como a criança que levava aos ombros. E parou, sem poder, no topo do monte. Era o fim: um grande sol nascia, banhava toda a terra em luz. Cristóvão pousou o menino no chão e caiu ao lado, estendendo as mãos. Ia morrer. Mas sentiu as grossas mãos presas nas do menino - e a terra faltou-lhe debaixo dos pés. Então entreabriu os olhos, e no esplendor incomparável reconheceu Jesus, Nosso Senhor, pequenino como quando nasceu no curral que, docemente, através da manhã clara, o ia levando para o céu.

*(Conto de Eça de Queirós - Últimas páginas)*

### AINDA SOBRE SÃO CRISTÓVÃO

#### ORAÇÃO A SÃO CRISTÓVÃO

*À margem do mar; três marinheiros que estavam em uma porta, viram passar São Cristóvão e dirigir-lhes a oração do peregrino, quando Madalena veio com os panos limpar a Jesus; não te assustes, que estas chagas, são as 5 chagas que todos nós devemos passar; tanto os pequenos como os grandes, como toda a cristandade.*

*Cristóvão, Santo e varão, livrai minha casa de bruxas, feitiços, falsos testemunhos, enredos e desastres, para que eu tenha completa tranqüilidade. Dá-nos paz. (3 Pai-nossos, 3 Ave-marias e 3 Cremos, em louvor a São Cristóvão).*

#### ORAÇÃO A SÃO CRISTÓVÃO

*Concedei aos que vos invocam, glorioso mártir São Cristóvão, que sejam preservados de peste, epidemia e tremores de terra, do raio e da tempestade, de incêndios e inundações, e de desastres.*

*Proteja-nos, com vossa intervenção, durante a nossa vida, das calamidades que a Providência tenha disposto e, na morte, livra-nos da eterna condenação, assistindo-nos em nossa última hora para que possamos alcançar a eterna bem-aventurança. Amém.*

#### EVITAR ACIDENTE E PROTEGER A FAMÍLIA

Tome como obrigação colocar em todos os carros da família uma esttua de São Cristóvão, e na casa do parente mais idoso, fazer um altar com a imagem do santo e enfeitar com flores. Acenda uma vela, uma vez por mês no altar, e agradeça ao santo a assistência à família.

#### PROTEGER O MOTORISTA CONTRA OS PERIGOS

Pegar uma imagem pequena de São Cristóvão e todos os dias, antes de sair de casa, passar a mão direita no

santinho e dizer: "Glorioso São Cristóvão, vós que protegeste tantas vidas, transportando-as, peço-vos pela vida e pela vida de todas as pessoas que de mim dependem, a vossa proteção. Depois disso, fazer o Sinal-da-cruz, rezar um Pai-nosso agradecendo ao Santo, por tudo de bom que vem acontecendo. Trazer diariamente um santinho de São Cristóvão no bolso ou na carteira.

### PARA NÃO BATEREM NO CARRO

Ponha pendurado no espelho retrovisor uma fitinha azul da cor do céu, e escreva o número 33 na fitinha. Quando a fitinha ficar velha, ou cair, coloque outra no lugar. E nunca deixar de carregar a imagem de São Cristóvão.

### SIMPATIA CONTRA QUEIMADURAS

São Cristóvão, São Pedro, São Miguel, São João, Santo Amaro, Santa Catarina, Santa Adélia, Santa Ana, Santa Rita, todos Santos e Santas que povoam as regiões celestiais intercedei junto ao Senhor para que se digne amainar os males que o fogo, causando queimaduras, faz esta pobre criatura sofrer. Ela é digna da compaixão do Senhor porque saberá reconhecer o incomensurável poder do Criador dos céus e de todas as coisas que neles existem, rendendo-lhe graças, louvando e glorificando o seu Santo Nome.

Em nome do Pai, do filho, do Espírito Santo. Amém.

(Esta oração deve ser rezada logo após se verificarem as queimaduras).

### ORAÇÃO DO MOTORISTA

*"Senhor, dai-me uma mão firme e olhos atentos, para não ferir ninguém, por onde quer que eu passe.*

*Deste-me a vida: peço-vos que jamais eu prive a alguém deste dom que vem unicamente de VÓS, nem sequer que o maltrate.*

*Protegei, SENHOR, a todos que me acompanham, contra todos os males de fogo e contra todas as desgraças.*

*Ensinai-me a usar meu veículo em bem das necessidades alheias. Fazei ainda que, na minha pressa, eu não menospreze a beleza do mundo que VÓS criastes, para que desta sorte eu possa seguir com alegria e urbanidade o meu caminho."*

*(Cedida por Dona Nena Lazarin)*

Ao finalizar este simples trabalho sobre a Procissão de São Cristóvão, em Olímpia, bem como um pouquinho do que é contado e também realizado acerca do Santo, quero dirigir meus agradecimentos ao Prof. José Sant'anna pela colaboração prestada.

# DOR DE CABEÇA, UMA FERROZ INIMIGA

---

Iseh Bueno de Camargo  
Departamento de Folclore - Olímpia

---

Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe, já disse o povo há distantes anos. No entanto, apesar dos imensos avanços da medicina, da tecnologia posta ao serviço de especialistas em problemas de cabeça, a chamada cefaléia, a enxaqueca, a eterna dor de cabeça continua como um flagelo incurável. Uma porção enorme da população terrestre sofre desse mal.

A dor de cabeça não é privilégio de uma classe social. Ricos, pobres, a elite, a ralé, de reis a mendigos, todos sabem os horrores que essa insidiosa doença, se é que se permite colocá-la no rol das ditas doenças que assolam a humanidade, traz para os seus portadores. Ela não é fácil de ser explicada, varia quanto à forma de se instalar, revela-se sob as mais disfarçadas maneiras, não permite ser detectada por meros aparelhos usados pelos médicos especializados, a não ser, é claro, quando acompanhadas de quedas ou aceleração de pressão arterial, congestionamento das vistas, problemas comuns quando muito fortes, febres, tremores, até desmaios. Sem problemas correlatos, o portador da cefaléia parece, por vezes, estar apenas reclamando pelo prazer de se fazer notado.

Crianças, às vezes de tenra idade, já são acometidas por esse mal. Carregam-no, como uma dura cruz, pela vida afora, perdem ricas horas de experiências naturais ao seu desenvolvimento enfrentando a dor intermitente, acabam, quase sempre, por esforço próprio, a conviver com ela. A puberdade é um período propício ao aparecimento ou ao recrudescimento da dor, geralmente devido a causas orgânicas detectáveis e, é claro, curáveis.

O mesmo acontece com o adolescente. Se as dores são reflexo do crescimento desordenado, se órgãos em fase de organização e reorganização são os responsáveis, a cura pode ser até fácil. Porém, o que vem com ela desde a infância, passa pelas fases do crescimento e só a vê aumentar de intensidade, vai ter que aceitá-la como parte integrante do seu viver, moldar suas atividades de acordo com a temperamental doença. E esperar pelo milagre da cura. Se vier...

Deixando de lado a comuníssima dor, vamos estudar um pouco o órgão, vítima da cefaléia, da enxaqueca, a cabeça.

**Cabeça**, região do crânio, normalmente coberta de cabelos. Para muitos, a primeira dor-de-cabeça é a descoberta de que, na idade mais sedutora da sua vida, será calvo como os avós, como o pai, como os tios. A calvície costuma atacar a árvore genealógica todinha, sexo masculino, especialmente. Por ser a parte mais elevada do corpo humano, a cabeça, tronco e membros, foi a escolhida para alojar o cérebro e a maior parte dos órgãos dos sentidos. Nela se instalam os olhos, órgãos da visão, os ouvidos, audição, o nariz, olfação ou olfato e a boca, gosto, paladar. Sem algum desses órgãos, a cabeça mesmo repleta de cabelos, fica desestruturada, porém nunca imune às dores que a acometem.

É tão importante essa parte do corpo humano que se saiba, ninguém nasceu e sobreviveu sem cabeça. Perdendo a cabeça, fisiologicamente falando, perde-se a vida. Só quem perde a cabeça, no jogo, na briga, na hora da paixão, no ápice do ciúme pode, com certa sorte, recuperá-la e botá-la

nos eixos. Por ser tão importante, é chamado de cabeça, sempre vocábulo feminino, a tudo e a todos que se posicionam na vanguarda de qualquer acontecimento, de qualquer posto. **Cabeça** é a frente de uma procissão, de passeata, de desfile, de greve, de guerrilha. **Cabeça** é um sábio, um gênio. **Cabeça** se confunde com memória, tino, juízo. **Cabeça** é o líder, o chefe da gangue de baderneiros. **Cabeça** é o primeiro da sala de aula, o mais inteligente, o mais predisposto a desorganizar o que regras inmemoriais impuseram como normas. **Cabeça** são as pontas dos dedos, assim, sabemos agora, somos portadores de onze cabeças, ou vinte e uma, se cabeças forem as pontas dos dedos dos pés, cabeçudos alguns, por sinal.

Somente para que você, portador da famigerada doença fique mais por dentro do que vai pelas cabeças em geral, vou arrolar aqui o que o nosso já quase obsoleto Dicionário Mor da Língua Portuguesa, do Professor Cândido de Oliveira, prefácio de 1967, baseado na lei ortográfica de 1943, traz sobre a cabeça. Cortei algumas cabeças, por achá-las pouco comuns no nosso linguajar, algumas de difícil explicação, mesmo assim é dor-de-cabeça que não acaba mais. Vejamos:

- **Cabeça**: Região do crânio comumente coberta de cabelos.
- **Cabeça**: Uma das três partes do corpo humano, a qual contém o cérebro e os órgãos dos sentidos.
- **Cabeça**: parte superior de certos objetos; topo.
- **Cabeça**: ponta dos dedos.
- **Cabeça**: indivíduo considerado em forma numérica.
- **Cabeça**: a frente de uma procissão, passeata, desfile, greve.

## MEDICINA FOLCLÓRICA

- **Cabeça:** pessoa sábia e culta.
- **Cabeça:** frente, princípio, começo.
- **Cabeça:** memória, tino, juízo.
- **Cabeça:** a ramada alta de uma árvore.
- **Cabeça-azul:** peixe dos rios paulistas, também chamado dourado.
- **Cabeça-baixa:** (no Norte) porco; suíno.
- **Cabeçada:** fazer um mal empreendimento, malogro, desacerto.
- **Cabeçada:** cabresto ou focinheira, ornado com flores, fita e sininhos para enfeitar o animal que encabeça a tropa.
- **Cabeçada:** asneira; tolice; despropósito.
- **Cabeça-branca:** ave da família das Pípidas.
- **Cabeça-d'água:** corredeira das primeiras águas, depois do inverno pelo leite seco dos rios, alagando-o.
- **Cabeça-d'água:** subida rápida das águas dos rios.
- **Cabeça-de-arroz:** pessoa frívola.
- **Cabeça-de-bagre:** pessoa fraca de idéias; desatenta.
- **Cabeça-de-boi:** planta da família das Orquidáceas.
- **Cabeça-de-alhos:** Bolbo que envolve os dentes de alho.
- **Cabeça-de-alcatrão:** negro; preto; mulato; escuro.
- **Cabeça-de-breú:** idem; cabeça-de-alcatrão.
- **Cabeça-de-burro:** peixe encontrado em Minas Gerais.
- **Cabeça-de-burro:** aluno fraco, distraído.
- **Cabeça-de-burro:** pessoa teimosa; ignorante.
- **Cabeça-de-camarão:** pessoa rude e brutal.
- **Cabeça-de-coco:** pessoa desatenta; negligente; desmiolada.
- **Cabeça-de-cuia:** gênio lendário que vive nas águas do Rio Paraíba.
- **Cabeça-de-fogo:** pássaro de canto melodioso - São Paulo e Minas Gerais.
- **Cabeça-de-frade:** planta ornamental.
- **Cabeça-de-medusa:** varizes próximas ao umbigo, cordões azulados que descem até as virilhas.
- **Cabeça-de-medusa:** coisa que espanta.
- **Cabeça-de-medusa:** constelação próxima a Perseu.
- **Cabeça-de-moleque:** tipo de cabeça também chamada tejuco.
- **Cabeça-de-negro:** planta medicinal; ariticum.
- **Cabeça-de-negro:** produto pirotécnico.
- **Cabeça-de-nós-todos:** pessoa que

tem a cabeça muito grande em relação ao corpo.

- **Cabeça-de-passarinho:** pessoa que tem memória fraca, desatenta.

- **Cabeça-de-pedra:** pássaro também conhecido por tuiuiu.

- **Cabeça-de-porco:** pensão; hospedaria.

- **Cabeça-de-prego:** larva de certos mosquitos; pequeno tumor; espinhas.

- **Cabeça-de-proa:** talismã que adorna a proa das embarcações do Rio São Francisco, MG, defendendo-as do mau-olhado, da cobiça e malefícios.

- **Cabeça-de-tremoço:** tipo de para-fuso.

- **Cabeça-dura:** pessoa rude e ignorante; peixe também chamado cabeçudo.

- **Cabeça-inchada:** amor ardoroso; ciúme; zelo; tropeços amorosos, o mesmo que dor-de-cotovelo; inveja de perdedor.

- **Cabeça-forte:** inteligência; capacidade.

- **Cabeçal:** almofada sobre a qual se apóia a cabeça.

- **Cabeça-seca:** (gíria) policial.

- **Cabecilha:** chefe de quadrilha.

Pronto! não coloquei aqui todas as cabeças do Cândido de Oliveira, mas acho que essas já são suficientes para dar dor-de-cabeça a quem pretender estudá-las em suas minúcias. Cabeça é sempre assim; mal se pronuncia tal vocábulo, vêm-nos à mente inúmeras outras que nossa memória registra, não há como parar. Por ser tão importante parte do corpo, a cabeça vem sendo, através dos tempos, motivo de grandes preocupações. Sobre os cabelos que a recobrem, a humanidade já colocou tudo o que pôde para embelezá-la e enaltecê-la: coroa de louros, flores em pencas ou guirlandas, capuzes, toucas, chapéus, sombreiros, coifas, coroas de ouro, prata, diamantes, jóias de raro valor, bonés, capacetes, elmos, redes, véus, mantilhas.

Apesar de todas essas preocupações exteriores, a cabeça continuou a doer, a martirizar carecas e cabeludos, cabecinhas ocas, cabeçorras afamadas, principalmente cabeça-inchada. Nada para machucar mais a delicada parte do corpo do que funda dor-de-cotovelo. É padecer sem remédio. Quando se trata de cabecita, diminutivo de cabeça, as coisas podem até aparentar serem mais fáceis: preenche-se o vazão com vastos chapéus, belas coroas. O mal se oculta, a dor, porém, é maior do que o tamanho do receptáculo da mesma. Se, porém, for uma cabeça-de-nós-todos, exceto a de Rui Barbosa, salve-se quem puder.

Com dor de cabeça não se brinca, leva-se o caso a sério, todo cuidado é pouco. Porém, onde houver um agrupamento de mulheres; em costureiras, cabeleireiras, manicuras, o assunto logo vem à baila. Cada dor de cabeça apresentada é a pior de todas. Com minúcias se explica onde é que as pontadas são mais profundas, onde cada pulsar é uma faca afiada penetrando. E, é claro, vão surgindo as fórmulas mágicas para a cura total e definitiva ou para alívio temporário.

Sem falar na quantidade de medicamentos vendidos em farmácias, supermercados, tabacarias, bares, líquidos e comprimidos de duvidosa valia, por vezes, até perigosos por serem adquiridos sem receita médica, a medicina caseira entra em cena. Todos conhecem algo que foi inventado para acabar com a dor de cabeça, chás e poções domésticas, uso de ervas caseiras, rodela de batatinha sobre a testa do doente, folhas da mandioqueira na frente até que fiquem murchas, inalações noturnas, até da conhecida buchinha baiana, responsável por sangramentos e conseqüências mais sérias.

O brasileiro, contando com pouca ajuda médico-hospitalar gratuita ou de preços acessíveis, vê-se na contingência de criar seus próprios meios de cura, e o faz, quase sempre, com absoluto sucesso. Os quintais têm sempre um canto reservado a ervas milagreiras e, entre elas, muita específicas para os males da cabeça: alface, carqueja, arruda, alecrim, cáscara-sagrada, chapéu-de-couro, hortelã, menta, castanha de caju, confrei, boldo-do-chile, maracujá, muitas plantas, enfim.

Quando nada resolve, o sofredor recorre a meios os mais diversificados: orações específicas, simpatias, promessas, benzimentos, garrafadas, expõe-se a situações até ridículas, porém, se a dor desaparecer, tudo bem: cabeça leve, orgulho restabelecido. Vale tudo.

### ORAÇÕES

O professor José Sant'anna, em suas pesquisas folclóricas, encontrou rico veio de preciosas orações, fornecidas por benzedores afamados na cidade, na zona rural, nos distritos olímpieses. Vamos começar pelo **Saquitel**, esclarecendo que isso consiste em se escrever à mão ou datilografar a reza em questão, colocar dentro de um saquinho de pano ou couro costurado, trazê-la sempre presa ao pescoço, por cordão ou correntinha.

## SAQUITEL

### I - ORAÇÃO PODEROSA

“Cristo reina. Cristo vive. Cristo ilumina. O mal que estiver na minha cabeça, entrego para a senhora Santa Teresa. O que estiver de banda, para a Senhora Sant’Ana. O que estiver na frente, para o senhor São Vicente. O que estiver atrás, para o senhor São Brás. O que estiver no fundo, para Nosso Senhor que é para todo mundo. Amém.”

### II - ORAÇÃO DE SANTA MARTA

“Minha Santa Marta acolhei-me ao vosso amparo. Consolai-me nas minhas penas pela felicidade que tivestes em hospedar em vossa casa o Divino Salvador do mundo. Intercede hoje e sempre por mim e por minha família para que sempre invoquemos o Divino Deus, todo poderoso, em todos os momentos e necessidades de minha vida. Suplico-vos também, Santa Marta, que tenhais misericórdia para comigo e concedei-me a graça que hoje vos peço de todo o coração, curai, para sempre, essa dor de cabeça que muito me tem maltratado. Rogo-vos que me façais vencer todas as dificuldades da vida como vós vencestes o dragão que tendes em vossos pés. Amém.”

### III - ORAÇÃO A SANTO ASPÁCIO

“Deus, que quisestes que Santo Aspácio se dedicasse, inteiramente, a todos, para salvação das almas, derramai em nossos corações as doçuras de vossa graça, daí ao nosso corpo o alívio dos sofrimentos, a fim de não cessarmos de vos bendizer e de vos louvar, por toda a eternidade, em companhia do Santo Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim seja.

Santo Aspácio, patrono especial contra dores de cabeça, intercedei por nós.”

### IV - ORAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

“Beato Antônio, Santo de Pádua, que vosso Pai e Mãe guardastes, o vosso pai livrastes, as perdas achastes, as esquecidas lembrastes, assim meu glorioso Santo Antônio, pelo hábito que vestistes, pelo cordão que cingistes, pela alparcas que calçastes, pela missa nova que dissestes, pelo breviário que rezastes, pela hóstia e cálix que levantastes, pelo Deus que nele vistes e vós lhe perguntastes qual foi a maior dor, e ele vos disse que foi a lançada que lhe deu o cavaleiro São Longuinho que em três partes lhe par-

## MEDICINA FOLCLÓRICA

tiu o coração em três pedaços. Meu glorioso Santo Antônio, por tudo isso vos suplico, pelas ondas do mar que partistes, para livrar vosso pai Martinho de Bulhões da morte na forca em Lisboa, assim como vós não dormistes nem descansastes enquanto não livrastes vosso pai da forca, assim não dormireis nem descansareis enquanto não fizerdes a cura da minha dor de cabeça. Amém.”

### V - ORAÇÃO DE SÃO MANUEL

“Meu amado São Manuel, que no mundo tanto sofreste, que às serras subias, os mares atravessavas, as tempestades abrandavas, ao raio que caía mudavas a direção para não causar prejuízo nem morte.

Assim, meu São Manuel, faze com que esta dor de cabeça me passe, que meus sofrimentos abrandem, e que em breve me ache, com a vossa graça e misericórdia, bem. Amém.”

### VI - ORAÇÃO FORTE

“Fulano, o Pai te acompanhe  
O filho te dá luz  
Te valha os poderes de Jesus,  
Jesus Cristo queira te valer  
Te dê força e sustança  
Para as palavras de Jesus Cristo receber

A tua saúde Jesus Cristo queira te conceder

Fulano, se tu tens mau-olhado,  
Vento ruim, vento mau,  
Sezão, maleita, impaludismo,  
Bruxaria, feitiçaria  
E espírito mau, espírito atrasado,  
preocupados,  
Malvadeza, coisas feitas, rastro apanhado,

Credos encruzados  
Para que tu não me dizia  
Que eu vou rezar  
Jesus é quem vai te curar  
Com as três palavras de Deus  
E da Virgem Maria  
Quem é Pai, Filho, Espírito Santo,  
Um só Deus verdadeiro  
Fulano, com dois de botaram  
Com três, Deus arretira  
Com as três palavras de Deus  
E da Virgem Maria  
Do teu corpo eu arretiro  
O olhado, quebranto, ruindade.  
Mofineza, calacanga, olhos maus,  
Vistas crescidas, vento ruim, vento mau,

Sezões, maleita, impaludismo,  
**Xaquca**, rastros apanhados,  
Credos encruzados,  
Todos estes males apartados  
E desterrados e desmanchados  
Pras ondas do mar sagrado

E cá mais nunca voltará  
Que ao teu lado Deus está  
Para te salvar de todo o mal  
Fulano, se te botaram olhado  
Na tua saúde, Virgem Pia.  
Se foi na tua esperteza,  
Nossa Senhora da Guia;  
Se foi no teu trabalho,  
Se foi na tua beleza,  
Se foi no teu trajar, Ave-Maria;  
Se foi nas tuas presenças,  
Credo em Cruz, Ave-Maria,  
Se foi nos teus olhos, Senhora Santa Luzia,

Olhado branco, olhado preto,  
Olhado estoporado, olhado excomungado,  
Olhado amaldiçoado, olhado abençoado,

Todos esses males do teu corpo apartado

Botado pras ondas do mar  
Com os poderes de Deus e da Virgem Maria

E o Divino Santíssimo Sacramento do altar.

Fulano, se te botaram olhado pelas tuas costas, São Costa;

Se foi pela tua frente, São Vicente.  
Fulano, Jesus por ti,  
Jesus é Pai de ti,  
Fulano, tendo Deus Jesus por ti,  
Ninguém pode ser contra ti,  
E tem a flor de Jesus,  
E tem a hóstia consagrada,  
E tem o mistério da cruz,

O teu corpo é uma cruz dada por Jesus

Fulano, Deus te fez, Deus te gerou,  
Deus te criou, Deus te desacanha,  
Acanhe a quem te acanhou.

Sai-te olhado, vai-te para quem te botou, vai-te para quem te olhou,  
Vai-te para quem desejou.

Com os poderes de Deus. Assim seja.

Fulano, sangue de Jesus te lavou,  
Sangue de Jesus te alimpou,  
Com o sangue de Jesus estais lavado,  
Estais limpo, estais curado.  
Quem com sangue de Jesus se lava,  
Vive salvo.”

### VII - ORAÇÃO DO SANTO LENHO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

*Para defesa de muitos males e misérias; livrar-se do poder dos inimigos corporais.*

“Deus vos salve cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a cruz eu me benzo, oh! Santo precioso Lenho em que Nosso Senhor Jesus Cristo foi crucificado para amparar-me e salvar-me do mortal pecado, do poder do demônio do inferno e das cruentas

## MEDICINA FOLCLÓRICA

chamas do purgatório e do poder dos meus inimigos carnis e espirituais. Eu me benzo com a santa cruz de Jesus Cristo, em nome de Deus Padre, e de Maria Virgem pura, com o seu divino santo. Deus Santo, Deus imortal que eu me encante diante dos meus inimigos que não tenham poder de me ofender. Pés tenham e não me persigam, mãos tenham e não me ofendam, olhos tenham e não me vejam. Serei salvo de seu furor; deles não terei medo nem pavor, andando de dia ou de noite serei salvo de toda perseguição, serei salvo com o poder de Deus Padre, Deus Filho, de Deus Espírito Santo do cruel contágio pestífero a da terrível mortandade e do cruel flagelo da guerra; serei salvo de todas as dores cruciantes e opróbios no meu corpo, serei salvo e curado com o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo de dor de dente, dor reumática, dor de gota, dor no ventre, **dor de cabeça**, dor no coração e dores no corpo serei salvo com o poder de Deus Padre, Deus Filho, de Deus Espírito Santo. A santa cruz de Jesus Cristo e a hóstia consagrada e o cálix bento, amparado e guardado serei eu, entre a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e o manto sagrado da Virgem Nossa Senhora, que serei salvo de raio mortal, do veneno peçonhento do cão danado, da mortal serpente, do intento e traição mortal dos meus inimigos carnis. Serei salvo do tiro mortal, faca e punhal com a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, o sagrado Lenho onde foi cruelmente chagado e morto o nosso bom Jesus confiando em seu infinito amor; todos os meus pecados e crimes serão perdoados.

Toda chaga maligna e cruel do meu corpo por Jesus serei curado de todo mal que comigo tiver de acontecer será afastado de mim, assim como se afastaram os inimigos de Cristo. Sejas comigo cruz de Cristo, encantai-me diante dos olhos de meus inimigos andando de dia ao meio-dia, de noite serei salvo com o poder de Deus Padre, com o poder de Deus Filho com o poder de Deus Espírito Santo; Deus por mim e ninguém contra mim. Serei salvo do poder e força da justiça, serei salvo da morte, de desgraça, de qualquer sorte, serei salvo das prisões, perigos e aflições de toda sorte. Deus por mim ninguém contra mim porque serei amarrado, guardado e encantado no sagrado manto da Virgem Maria e de Jesus Cristo pelo poder da hóstia consagrada e o cálix bento na hora da sagrada missa. Deus por mim ninguém contra mim. Salvo sou, sal-

vo serei, salvo andarei, digo com o poder de Deus Padre, de Deus Filho de Deus Espírito Santo e a rainha dos céus que serei salvo de toda sorte de desgraça, misérias e alcançarei o perdão dos meus pecados e salvação de minh'alma. Amém. Reze 1 Pai-nosso, 1 Ave-maria e 1 Glória-ao-pai e oferece em tenção das 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo.

*Todos os homens, mulheres e meninos poderão trazer consigo esta preciosa oração do Santo Lenho de Nosso Senhor Jesus Cristo com toda fé e confiança e serão salvos de muitos perigos e aflições, de toda sorte de misérias que lhes possam acontecer. Serão felizes e bem aventurados. Não serão ofendidos pelos seus inimigos nem morrerão de desgraças nem atingido por nenhum flagelo de pessoas ou doenças como sejam: peste bubônica e bexiga; estarão livre de serem mordidos de cão danado e de cobras venenosas.*

*As mulheres que tiverem consigo esta oração do Santo Lenho não terão perigos nos seus partos nem deles morrerão nem sofrerão da mencionada dor de mulher. Aqueles que consigo trouxerem esta oração não serão atacados de congestão e nem gota coral: a casa onde houver esta oração estará livre de desgraças e misérias. O que cura é a fé de cada um pois, quem a trouxer consigo estará livre de pragas, feitiçarias e doenças contagiosas pois, nada lhe pegará. Esta oração do Santo Lenho é recomendada pelo digno e virtuoso Padre Cícero Romão Batista, aprovada e recomendada pelas autoridades eclesiásticas da Santa Madre igreja católica apostólica romana. Amém."*

### VIII - ORAÇÃO PARA TIRAR O SOL DA CABEÇA

*(Para o próprio doente rezar)*

"Deus quando pelo mundo andou muito sol e calor apanhou, encontrou Nossa Senhora que lhe disse que se tiraria o sol com um guardanapo de olhos e um copo de água fria. Sim, como falo verdade torna o sol a seu lugar, vai esta Senhora pelo mar abaixo com um copinho d'água fria. O mal que nela tem no corpo e na cabeça tira-lhe Deus e a Virgem Maria. Amém."

### IX - ORAÇÃO PARA TIRAR O SOL DA CABEÇA

*(Rezada pelo benzedor)*

"Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém, Jesus.

Minha Santa Bárbara, que segura o

sol com a mão, que manda no calor do raio e no ronco do trovão, alivia a cabeça de (fulano) dessa dor que o sol mandou, tira de (fulano) a dor que não pode mais agüentar. (Fulano) tem fé no poder de Santa Bárbara, ajudado por todos os anjos e arcanjos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na hora que a água ferver, o sol retira, a dor vai embora, o trovão foge, a dor sai pelo poder de Santa Bárbara milagrosa."

**Obs:** *Sobre a cabeça do doente é colocado um copo d'água, em cima de um pano branco dobrado e, no copo, com as unhas, a rezadeira dá umas pancadas rápidas. A água é jogada no quintal pelo sofredor, de costas.*

*Repetir 3 dias seguidos antes do sol se pôr.*

Eis, pois, algumas orações consideradas infalíveis pelas benzedeadas que, em geral, se recusam a ensiná-las a qualquer pessoa curiosa. Não escrevem a oração, mesmo que sejam alfabetizadas, falam muito depressa, em voz quase inaudível, tecem, em torno das mesmas, um clima de mistério e alto misticismo.

Quando a oração for escrita, seja pela benzedeadora, seja pelo doente e colocada em um saquinho, saquitel ou breve, logo que se constate a cura, pode-se jogar fora o mesmo. Se ele cair e for perdido, não é preciso procurá-lo. Mesmo para tomar banho ou vestir-se com mais apuro para uma festa, por exemplo, o saquitel fica no pescoço, às vezes na cintura, é claro que acaba ficando sujo, encardido, tem que sumir sem ajuda do portador, senão perde o efeito.

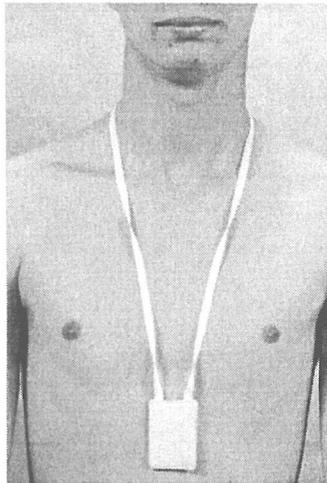
Além dessas orações, específicas para males em geral, ou apenas para os da cabeça, as pessoas possuem suas rezas particulares, seus santos prediletos, anjos, guias e protetores do lar ou do doente e, no auge de um ataque, vale tudo. Vela acesa, orações que, atraídas pela fé, servem para atenuar o padecimento do portador da enxaqueca, de cefaléia, da dor de cabeça de qualquer origem.

### BENZIMENTOS ESPECÍFICOS

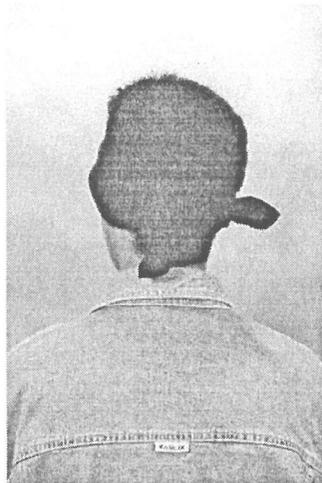
Quase todas as benzedeadas que procuram aliviar as dores de cabeça, utilizam-se de raminhos de plantas verdes, desnecessariamente especificados, embora os de arruda e guiné sejam bastante usados. Serve folha de mangueira, de laranjeira, de planta silvestre, até de plantas ornamentais. Algumas jogam as folhas usadas no fogão de lenha, outras as atiram para trás sem olhar para onde caem. Já cum-

## MEDICINA FOLCLÓRICA

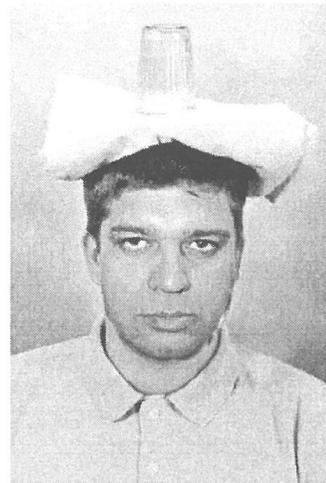
# Simpatias, Benzimento, Crenças e Infusões



*Sequitel contendo oração*

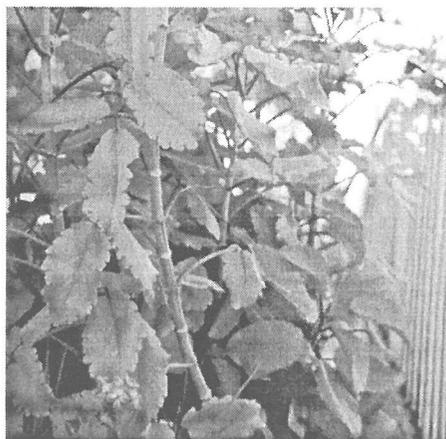


*Pano preto  
amarrado na testa*



*Lençol branco dobrado com  
copo d'água emborcado*

## Plantas



*Folha santa miúda*



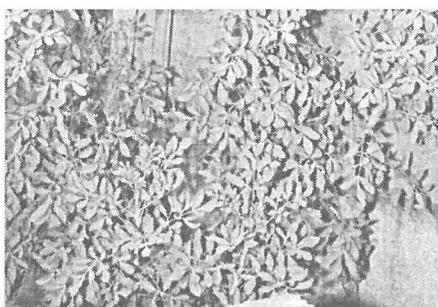
*Folha santa graúda*



*Cafeeiro*



*Hortelã*



*Arruda*



*Pinhão roxo*



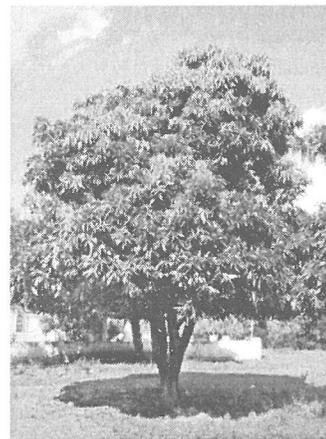
*Mamoneira*



*Pimenteira*



*Laranjeira*



*Mangueira*

## MEDICINA FOLCLÓRICA

priram sua missão.

Os benzimentos que vêm a seguir são, como não poderia deixar de ser, coletas do Professor Sant'anna em mais de 20 anos de muito pesquisar, paciência para conseguir gravar as falas das benzedeadas, observá-las no ato da prática curativa. Vamos aos benzimentos e, quiçá, muita dor de cabeça irá embora, muita enxaqueca seja minorada, muito sofrimento esquecido.

### DOR DE CABEÇA

I - A benzedeadora diz:

Deus fez o sol, fez a lua. Deus fez toda a claridade do mundo. Com o poder de Deus eu te benzo e te curo. Vai embora sol da cabeça de (diz o nome da pessoa) para as ondas do mar sagrado, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Em seguida reza-se uma Ave-maria se o paciente for homem ou um Pai-nosso se for mulher. Benze-se três dias consecutivamente.

II - Diz a benzedeadora:

Estava Santa Apolônia sentada em cima de uma pedra de mármore, chorando de noite e de dia. Chegou Nosso Senhor e lhe perguntou:

- O que tem Apolônia, que chora de noite e de dia?

- Sinto uma dor tão grande e tão forte que se parece com a dor da morte.

Assim como Nosso Senhor foi refutado no meu ventre, assim será (diz o nome da pessoa) livre e salvo da dor de cabeça, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria à Santa Apolônia, para a cura da dor de cabeça da pessoa.

III - Dobra-se um lençol branco, diversas vezes, e o coloca por cima da cabeça do doente. Emborca um frasco d'água em cima do lençol e reza, três vezes, o ensalmo:

Jesus ia pra Belém

E no caminho encontrou São Pedro e perguntou:

- Pedro, o que tem por muito fogo, muito sol, volta para trás e vai curar.

- Que curo, Senhor?

- Com água fria e pano de linho.

(Pai-nosso, Ave-maria e Glória-ao-pai).

O benzedor, com um ramo de alecrim pela cabeça, em cruz, diz: Você está curado.

IV - A benzedeadora põe o doente sentado junto à porta.

Pega uma toalha de rosto e uma garrafa de água fria. Põe a toalha dobrada sobre a cabeça do doente e emborca a garrafa em cima.

Reza, enquanto segura a garrafa emborcada, três vezes o Credo, pronunciando as palavras: ar de sol vai para as areias salgadas. Reza, depois, uma Pai-nosso, uma Ave-maria e uma Glória-ao-pai, oferecendo-os à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dá a bênção ao doente com o Sinal-da-cruz.

V - Dobra-se uma toalha de rosto sobre a cabeça. Toma-se um copo de água fria e emborque-o sobre a toalha. A água começa a fazer bolhas no corpo e o benzedor, em seguida, diz:

Eu falo a verdade;

Nasce o sol em seu lugar.

Esta pessoa vai pelo mar abaixo

Com uma toalha e um copinho de água fria.

O mal que ela tem na cabeça,

Tira-lhe Deus e a Virgem Maria.

Reza-se um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória-ao-pai às almas.

Faz-se esta benzedura três dias.

VI - Coloca-se uma toalha branca na cabeça e um copo de água fria, no sentido natural, em cima da toalha. Ao benzer, diz-se bem voz baixa:

Quando Nossa Senhora andava pelo mundo quanto sol e solão ela apanharia.

Com que ela o curaria?

- Com uma toalha branca e um vidro de água fria. Pai-nosso e Ave-maria.

Repetir três vezes, antes do pôr-do-sol.

VII - O doente ficará para o lado de fora da casa, coloca-se uma toalha bem dobrada sobre a cabeça dele e sobre esta um copo d'água fria virado para baixo.

A benzedeadora põe a mão acima do fundo do copo e vai rezando: Eu te benzo e te curo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Valei-me, ó três pessoas da

Santíssima Trindade,

Fazem esta caridade.

Repete-se três vezes e o benzedor vai acenando cruzeiros sobre a cabeça do paciente.

Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria.

**Nota:** Cura também sol na cabeça.

VIII - A benzedeadora, com raminho

verde, fazendo cruzeiros na cabeça do doente, vai dizendo:

Deus é o sol, Deus é a lua

Deus é toda a claridade

Sai daqui sol da cabeça ou sereno e vai para as ondas do mar sagrado, com os poderes do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Reza-se o Pai-nosso.

IX - A benzedeadora põe o doente de costas e, com um rosário de 91 contas, por ela fabricado, faz cruzeiros sobre a cabeça do doente, dizendo, em voz baixa:

Encontrei Nossa Senhora

Sentada em uma pedra fria,

Te benzo de dor de cabeça, (fulano),

Com nove Ave-marias.

E, em voz alta, ela reza o Pai-nosso, pedindo para o doente rezar juntamente.

A seguir, a benzedeadora vira-se para um altar onde estão três velas acesas: duas em posição normal, e a do meio com o pavio queimando em posição contrária, tendo nela o nome da pessoa doente, escrito no sentido do comprimento. A benzedeadora, reza, em voz baixa, nove Ave-marias.

A vela que está sendo queimada em posição contrária significa que a dor de cabeça está sendo cortada pela raiz. É só a vela acabar de arder, o doente ficará curado.

**Nota:** O rosário de 91 contas, segundo a benzedeadora, representa a junção dos números 9 (nove) que são as Ave-marias rezadas e o número 1 (um) é o representante do pecado.

X - Quem sempre tem dor de cabeça, para ficar são, diante de uma imagem de Nossa Senhora, após fazer o Sinal-da-cruz, recitar esta quadrinha:

Encontrei Nossa Senhora

Sentada em pedra fria

Te curo de dor de cabeça,

Rezando Ave-maria.

Rezar, a seguir, um Pai-nosso oferecendo-o a Nossa Senhora.

XI - Toalha felpuda dobrada e copo d'água virado sobre a toalha. Enquanto a água se consome pela toalha, a pessoa rezará 1 Ave-maria, 1 Pai-nosso e o Credo.

XII - A benzedeadora diz:

Santa Sofia tinha três fia,

Uma fiava, outra tecia

E a outra (falar o nome do doente) benzia.

## MEDICINA FOLCLÓRICA

Perguntei a Santa Sofia como fazia. Ela me disse que cuspsse três vezes. (Cuspir três vezes no chão). Que para a frente a doença não iria.

Ofereço a Santa Sofia um Pai-nosso e uma Ave-maria. Rezar em voz baixa e, se for preciso, repetir três dias seguidos.

**XIII** - Deus vos salve, São Marcos. Jesus é filho, Jesus é criador, Jesus é redentor. Assim como Jesus Cristo é filho, é criador, é redentor, entrai na igreja, deixai esta dor. Rezai por esta dor de cabeça. Se for sol, procurai os ares; se for sereno, procurai as baixas com pano de linho, enrolai um jarro de água fria. Com os poderes da Virgem Maria libertai esta cabeça da dor que a maltrata. O benzedor rezará, ainda, Pai-nosso e Ave-maria. Benze-se com três raminhos verdes.

**XIV** - A Santíssima Virgem Maria concebeu Nosso Senhor Jesus Cristo enviado à Terra para redimir e indicar aos pecadores o verdadeiro caminho que conduz aos céus.

Nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo por obra e graça do Todo-Poderoso.

Nosso Senhor Jesus Cristo sofreu a santa paixão.

Nosso Senhor Jesus Cristo foi crucificado pelos ímpios, que Ele perdoou, mesmo na hora de sua morte.

Nosso Senhor Jesus Cristo ressuscitou.

Nosso Senhor Jesus Cristo é nosso rei.

E, pela Santíssima Trindade e pelas cinco chagas abertas no sacratíssimo corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, rogamos aos céus que me desapareça a dor de cabeça que tanto sofrimento me está causando. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Reza-se, antes e depois, 5 Ave-marias e 5 Salve-rainhas em honra da Santíssima Trindade e, durante todo tempo, deve-se manter uma cruz junto ao corpo.

**XV** - O benzedor, passando a mão, em cruz, sobre a cabeça do doente, pronuncia as seguintes palavras:

Se esta dor for de sol, carrega para o mar Salgado, onde não se vê vivente nenhum. Se for dor de friagem, carrega para o mar Salgado, onde não se vê vivente nenhum.

Depois reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria, oferecendo-os para Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora Aparecida, para retirar a dor de cabeça da pessoa.

Se não passar a dor, repetir três dias

seguidamente, que a cura é certa.

**XVI** - O benzedor, fazendo cruces, com a mão, sobre o doente, diz:

São Pedro viajou três dias debaixo do sol, da lua e das estrelas. Encontrou Jesus Cristo que lhe perguntou:

- Onde vai Pedro?

- Buscar Nossa Senhora dos Remédios para curar a dor de cabeça de (dizer o nome do doente), de força de sangue, de friagem, de calor e de todos os males.

Completa o benzimento rezando um Pai-nosso e uma Ave-maria a Nossa Senhora dos Remédios.

Repetir três dias, para a cura ser radical.

**XVII** - Deus que quisestes que Santo Aspácio se dedicasse inteiramente a todos para salvação das almas, derramai em nossos corações as doçuras de vossa graça, dai ao nosso corpo o alívio dos sofrimentos, a fim de não cessarmos de vos bendizer e de vos louvar por toda a eternidade, em companhia de Santo Aspácio, cuja intercessão imploramos. Nós vos pedimos por Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim seja.

A seguir, repetir três vezes: Santo Aspácio, patrono especial contra dores de cabeça, intercedei por nós. (Reza um Pai-nosso e uma Ave-maria).

**XVIII** - Terra pariu Santúria Maria ganhou Jesus

Assobe só o Sereno

Pra riba daquelas arturas

Tirai essa dor de cabeça

Dessa pobre criatura.

Em nome de Deus Pai.

Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria. Benze-se com um pequeno crucifixo.

**XIX** - Pegar um pano branco, dobrá-lo em quatro partes. Encher um copo de água e virá-lo, de boca para baixo, sobre o pano e pô-los sobre a cabeça do doente. Rezar 1 Pai-nosso e 1 Ave-maria. À medida que a água vai penetrando no pano, a dor-de-cabeça vai desaparecendo. Basta uma vez só.

**XX** - O doente senta-se sobre uma cadeira, ao ar livre no sol, pela manhã. Um lençol de linho, dobrado, várias vezes, é colocado sobre a cabeça do doente e inverte-se sobre este um copo de água fria. Assim o paciente permanecerá até que a água desapareça do copo.

O benzedor, com um raminho verde, fazendo cruces sobre a cabeça do

doente, roga:

Deus é sol, é lua, é luz,

Deus é pura claridade.

O sol saiu e este mal entrou,

Deus, a Virgem Maria

E a Santíssima Trindade

Vai tirar.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Reza-se uma Ave-maria.

**XXI** - À hora mais quente do sol, a benzedeira coloca uma toalha sobre a cabeça do paciente que deverá ficar em pé, e sobre a toalha uma garrafa de água fria, rezando:

Deus quando andou no mundo, muito sol e calor apanhou. Encontrou com Nossa Senhora que o sol tiraria com uma toalha e uma garrafa de água fria. Como falo a verdade, volta o sol ao seu lugar, vai Nossa Senhora pelo mar abaixo levando a garrafa de água fria. O mal que (diz o nome da pessoa) tem na cabeça, tire Deus e a Virgem Maria. Pai-nosso e Ave-maria.

**XXII** - Ia Jesus e José numa longa viagem.

Jesus andava e José ficava.

Disse Jesus a José:

- Anda, José!

- Senhor, não posso!

- Que tens José?

- Senhor, uma dor de cabeça

Que tanto me atormenta!

- Anda, José!

Assim como eu fiquei livre,

São e salvo, serei das cinco chagas, Assim tu creias (diz o nome da pessoa)

Que tu hás de ficar livre desta dor,

Que tu hás de ficar livre deste mal!

(A benzedeira ainda reza: um Pai-nosso, uma Ave-maria, uma Glória-ao-pai e uma Salve Rainha).

### A CURA PELAS SIMPATIAS

A **simpatia**, segundo Ruth Guimarães em "Medicina Mágica: as simpatias", tem grande prestígio, dada a psicologia do povo que quer resultados imediatos. É também, como diz a folcloróloga, a maneira ritual de forçar poderes ocultos e satisfazerem as nossas vontades.

Mesmo que, ao se submeter ao ritual conhecido ou recém-ensinado por alguém entendido no assunto, o doente não mencione qualquer entidade, subentende-se que se recorre a poderes sobrenaturais, ou quando não, a forças desconhecidas pela medicina convencional.

Vejamos algumas simpatias corriqueiras, todas de grande utilização:

**1)** Esquentar uma folha de café e colocar na testa segura por um pano./

## MEDICINA FOLCLÓRICA

2) - Se a cabeça for de mulher, encha a mão com água de torneira e com ela banhar a cabeça, 3 vezes batendo no cocoruto. / 3) Três olhos de mamoneira branca passados no fogo e colocados num pano e amarrar a cabeça. / 4) Colocar sobre a testa, rodela de batata inglesa crua. Quando caem as rodela, a dor terá passado. / 5) Folha de manjerioba aquecida no fogo e colocada na testa, ainda morna. / 6) Dor de cabeça "desapontada": cortar uma cebola em rodela e amarrar nas duas frentes. / 7) Cheirar a fumaça do algodão ou de pano queimado. / 8) Escalda-pés com água bastante quente. / 9) Cataplasma quente de folhas de alfazema na testa. / 10) Aplicar mingauzinho de fubá, bem quente, na testa, e amarrar um pano preto. / 11) Cheirar água alcanforada. / 12) Álcool com cânfor e uns grãos de pimenta-do-reino. / 13) Passar água-benta sobre a cabeça. / 14) Pasta de alho na testa, amarrada com pano fino. / 15) Folhas de pimenta aquecidas com um pouquinho de azeite e amarradas na frente. / 16) Pedaco de papel umedecido com óleo, colocado na testa. / 17) Folha santa ligeiramente murchada ao fogo e colocada sobre a testa. / 18) Lavar a cabeça em água fria. / 19) Inalação com bálsamo. / 20) Folha de pinhão untada com azeite de mamona. / 21) Cheirar folha de eucalipto em infusão no álcool. / 22) Emplastro de caroços quebrados de pinhão roxo. / 23) Esmague algumas folhas novinhas de hortelã e as coloque na testa e na frente. Amarre uma faixa. Em poucos minutos, a dor de cabeça desaparecerá. / 24) Colocar sobre a cabeça compressa de água quente. / 25) Mistura-se pó de café fresco com manteiga ou óleo. Espalhe esta massa pela testa e cubra com um pano fino. / 26) Para livrar-se logo da dor de cabeça é o bastante apanhar um guizo de cobra cascavel e, com lenço, fixá-lo na testa e deixá-lo até a dor desaparecer. / 27) Cortar duas fatias de batatinha inglesa, com a casca e colocá-las sobre a frente, amarrando-as, na cabeça, com um pano preto. / 28) Ficar deitado, por algum tempo, em quarto escuro, com os olhos fechados, durante um bom tempo. A dor passará. / 29) (Variante): Corte uma batatinha ao meio e tire duas rodela não muito finas. Coloque uma rodela na frente direita e outra na esquerda. Prenda-as com um pano para que fiquem bem em contato com a pele. Só retire quando a dor passar. / 30) Deitar, encher os pulmões de ar com a cabeça no travesseiro. Depois ir trazendo a cabeça até à altura

do peito e soltar o ar. Repetir por dez vezes que a dor de cabeça desaparecerá.

### Para quem sofre constantemente dor de cabeça

31) Colher três folhas de mangueira e colocá-las dentro do travesseiro, durante dez dias seguidos. A pessoa não poderá trocar a fronha nem as folhas de mangueira. Depois desse período, jogar as três folhas de mangueira em água corrente. / 32) Colocar 7 folhas de mangueira dentro do travesseiro e deixar durante sete dias. Depois jogar as folhas na água corrente. / 33) Amarre a cabeça com um pano, pegando até as têmporas e coloque um pano preto, umedecido com água misturada com sal grosso, sobre os olhos fechados. Deite-se num quarto escuro e silencioso, até dormir. No estômago ter somente líquido, leite ou suco. Ao acordar verá que a dor passou. Então reze uma Ave-maria à Santa Godeberta, padroeira de quem tem dor de cabeça. / 34) Pegue uma folha de mamoneira, tire dois pedaços ou tiras, amarre na testa e prenda com uma fralda de criança. Em seguida ficar deitado uma hora. / 35) Colocar três folhas de mamona na testa do doente e dizer três vezes, fazendo o Sinal-da-cruz, repetidamente: Jesus Cristo quando andou pelo mundo sentou em pedra fria, tirando a dor-de-cabeça, enxaqueca e maresia. / 36) Murchar, um pouco só, umas folhas de laranjeira e, com o auxílio de um lenço, amarrá-las na cabeça. / 37) Fazer um colar com folhas de hera, em número ímpar, e usá-lo sobre a cabeça, como se fosse uma coroa, durante algumas horas. / 38) Procurar uma porta de três tábuas e dizer três vezes: Esta porta tem três tábuas e não tem dor de cabeça. Completando: Assim ficarei bom e são, sem esta dor, sem mal nenhum, pela graça de São Cosme, São Damião e Doum. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. / 39) Esta porta tem três tábuas e dor nenhuma. Esta porta tem três pregos e dor nenhuma. Esta porta tem três trancas e dor nenhuma. Assim ficarei eu, bom e são, sem mal nenhum, pelas graças de São Cosme, São Damião e Doum. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém. / 40) Pega-se uma batata bem grande e uma faca bem afiada. Corta-se a batata pelo meio, bem no centro, para se retirar a maior rodela. Então coloca-se a rodela de batata sobre a testa ou sobre o local mais dolorido, dizendo: Dor de cabeça vai para a batata. Depois de falar assim

21(vinte e uma) vezes, a dor-de-cabeça passará para a batata. / 41) Comprar uma fita branca, medir certinho em torno da cabeça, cortar o excedente da fita, acender uma vela branca em louvor a Nossa Senhora das Cabeças, pondo a fita já medida na cabeça em torno da vela acesa. Pedir a Nossa Senhora das Cabeças para curar o mal. Rezar um Pai-nosso. / 42) Quem sofre constantemente de dor de cabeça e não há como curá-la, no dia de São João, antes do sol nascer, encher uma bacia de água limpa e lavar o rosto. Durante a lavagem dizer: Que São João deixe nestas águas o mal que me atormenta.

### Para quem sofre freqüentemente de dor de cabeça

43) Ir a um velório e perto do defunto, dizer em voz baixa: Fulano (dizer o nome do defunto), já que está indo embora, leva esta minha dor de cabeça, para que eu fique livre e nunca mais volte a sofrer dela e nem de coisa parecida. Peça com fé e convicção e obterá a cura. / 44) Coloque um chapéu na cabeça e depois diga: Deus fez a Lua, fez toda a claridade do mundo. Com graça eu benzo, eu curo esta dor de cabeça. Vai-te dor, da minha cabeça para as ondas do mar Salgado, pelos poderes do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Depois tire o chapéu e coloque-o no sol por alguns minutos. A dor passará rapidinho. / 45) Garrafada: Para aliviar dor de cabeça: 1 xícara (chá) de álcool/ 3 pedras de cânfora/ 1 caroço de abacate ralado. Deixar 3 dias em infusão. Cheirar (aspirar) até aliviar a dor. Bom é preparar em sexta-feira à noite, rezando, sobre a infusão, 1 Pai-nosso, 1 Ave-maria e um Credo. / 46) Em cima da cabeça do doente, coloca-se uma toalha dobrada muitas vezes e em cima da toalha um copo com água, com a boca virada para baixo e bem apertada na toalha. Reza-se: Eu te benzo com as três pessoas da Santíssima Trindade. Valei-me minhas três pessoas e fazei-me a Santa Caridade. Repetir três vezes, traçando cruzeiros na cabeça.

### RECORRENDO A CHÁS E INFUSÕES

Quando os meios exteriores de cura não dão resultados, o jeito é procurar, ainda na medicina caseira, a cura através de chás, inalações, mastigação de ervas apropriadas, xaropes domésticos e socorros, por vezes, nem sequer imaginados por certas pessoas. Diferem pouco de uma região para a outra, alguns universalmente usados,

## MEDICINA FOLCLÓRICA

outros restritos ou regionais. Fazem parte das crendices e, se dão resultados, por que não usá-los? Foram testados, aceitos e passados para a frente. Eis como nossa gente procura livrar-se das suas dores de cabeça:

1) Café com folha de louro ou um dente de cravo./ 2) Mastigar anis-estrelado (erva-doce)/ 3) Um copo d'água em jejum, antes mesmo de lavar a boca./ 4) Chá de erva-cidreira, capim santo ou boldo./ 5) Cebola (crua ou em salada)/ 6) Chá de hortelã - miúda./ 7) Infusão de alcachofra sem açúcar./ 8) Chá de boldo com água fria./ 9) Tomar chá do talo de alface, sem adoçante./ 10) Tomar chá de cravo-da-índia./ 11) Tomar chá de erva-doce./ 12) Casca de angico em infusão./ 13) Arruda./ 14) Mascar imburana./ 15) Chá de louro bem apurado./ 16) Chá das folhas ou flores de macela./ 17) Chá de noz-moscada./ 18) Chá abafado do tronco de parreira./ 19) Chá da planta melhoral./ 20) Chá de carqueja./ 21) Queimar sete castanhas de caju e colocá-las numa vasilha com um litro d'água para ferver. Depois de morno, dar o chá para a pessoa beber, levemente adoçado./ 22) Chá de semente de girassol, torrada e moída.

### BRINCANDO COM A DOR DE CABEÇA

Na realidade, não é costume brincar-se com a dor de cabeça; leva-se bastante a sério o mal e, como pensar, seja séria ou gaiatamente, exige-se o concurso do que está dentro da cabeça, o cérebro, talvez explique o porquê de tão pouca literatura, escrita ou oral, sobre esse mal que assola vasta maioria da população mundial.

Em "Quadras Anônimas" do Prof. Sant'anna, uma prece:

Poderoso Santo Antônio  
Em nome da Santa Cruz.  
Cure esta **dor-de-cabeça**  
Para sempre, amém Jesus.

Entre os rabiscos de caderno de uma adolescente pirangiense (hoje adulta):

Fui à grande benzedeira  
Para **dor de cabeça** aliviar,  
Ela me deu um galho de arruda  
Pr'o meu amor me abanar.

E outra da mesma jovem:

**Dor de cabeça** não passa  
Nem com chá ou injeção  
Diminui só um pouquinho  
Quando estou com meu gatão;

Segundo pesquisa do Sant'anna, um adágio popular explica:

Dor de dente - cocada,  
Dor de barriga - panelada,  
**Dor de cabeça** - martelada.

Também, o humor um pouco negro da piada:

O filho chega em casa chorando. - O que houve? pergunta a mãe. - Os colegas me puseram o apelido de cabeça linda. É inveja deles. Pára de chorar e vai à quitanda pra mamãe. Compra um melão, um mamão, uma jaca, um quilo de maçãs e uma dúzia de bananas. - Onde está a sacola, mãe? Pergunta o garoto. - Não é preciso, amor, traz no teu bonezinho mesmo.

### BAITZANDO A DOR-DE-CABEÇA

É tão intenso o número dos portadores desse mal, que a medicina vem, de longa data, tentando descrever o centro da dor a fim de encontrar, um dia, a cura para o mesmo. O nosso povo, sofredor quase sempre, habituado a carregar dores de cabeça das mais diversificadas fontes, conhece outros nomes para a sua tragédia particular, porém raramente os utiliza. Basta dizer que está com dor de cabeça e tudo o mais está esclarecido. Mas ela, matreira que é, subdivide-se:

- **Cefalagra:** mal gotoso na cabeça.
- **Cefalalgia:** nevralgia da cabeça.
- **Cefaléia:** dor de cabeça contínua.
- **Cefalina:** droga farmacêutica preparada com café moído, antipirina, cafeína e salicilato de sódio no combate á cefaléia.
- **Cefalite:** inflamação cerebral.
- **Cefaloponia:** sensação de peso na cabeça.
- **Enxaqueca:** dor que afeta parte da cabeça.
- **Hemialgia:** dor parcial da cabeça.

### AI, QUE DOR DE CABEÇA!

É comum esse desabafo que faz parte integrante da maneira de ser de todos os portadores de doenças que afetam qualquer parte da cabeça. Dizem, os entendidos, que é a fórmula predileta de um cônjuge pouco disposto a cumprir suas funções matrimoniais. Ai, que dor de cabeça! Já nem se pensa mais na provável relação sexual. As mágicas palavras descrevem a incompatibilidade entre o prazer e a dor; o jeito é conformar-se. A repetida frase espanta patrões ousados que dirigem seus olhos para funcionários em final

de expediente; nada mais precisa ser dito, a barreira já foi levantada. Ai, que dor de cabeça! é a expressão infalível após noite regada a muita bebida alcóolica. Os grandes abalos emocionais, quase sempre, erguem do fundo do cérebro a cortina que oculta o sofrimento e lá vem: ai, que dor de cabeça!

Vivemos cercados por pessoas que sofrem caladas, olhos pisados, lacrimejantes contam, às vezes, o que padece o próximo, poucos conseguem ocultar que estão passando mal, a dor de cabeça é insidiosa, vulgar porém ferrenha, dominadora, contagiante. Pode até ser aviso de algo pior, um desastre orgânico em vias de eclodir. Seja lá como for, perturba a vida do seu infeliz portador, estraga-lhe o prazer de viver em sociedade, daí o isolamento que caracteriza muitos que são tidos como anti-sociais, meros sofredores.

Ai, que dor-de-cabeça! Terrível mal que afeta a humanidade, felizmente, à mão, isto é, à cabeça, estão nossos chás miraculosos, mezinhas à disposição, simpatias, orações fortes, gente predisposta a oferecer receitas que dão cabo desse sofrer sem fim, as receitas gratuitas, a fé remove montanhas. Nunca mais: ai, que dor de cabeça!

### INFORMANTES

Relação dos benzedores de Olímpia que informaram sobre remédios, benzeções, orações, simpatias, etc. contra a dor de cabeça, em 1990:

1 - Ana Amélia Alves, 86 anos/ 2 - Bárbara dos Santos, 90 anos/ 3 - Edna Ferreira, 53 anos/ 4 - Eloísa Osória Rosa, 88 anos/ 5 - Faustina Rosa de Jesus, 77 anos/ 6 - Francisca Batista da Silva, 62 anos/ 7 - Francisco José Firmino, 82 anos/ 8 - Iolanda Fernandes dos Santos, 63/ 9 - Iracema Soares de Sousa, 58/ 10 - Irene Carvalho Nogueira de Deus, 58 anos/ 11 - Jerônima Constância de Sousa, 90 anos/ 12 - Joana dos Santos Fonseca, 61 anos/ 13 - Joana Rita de Jesus, 84 anos/ 14 - Judite Batista de Carvalho, 67 anos/ 15 - Lucinda Batista de Carvalho, 87 anos/ 16 - Maria Júlia da Silva, 81 anos/ 17 - Maria Luísa Nunes, 75 anos/ 18 - Maria Rodrigues da Costa, 59 anos/ 19 - Otaviana Bonfim Meira, 63 anos/ 20 - Petrina Neves, 67anos/ 21 - Rosa Pereira dos Santos, 76 anos/ 22 - Sebastião Inácio Pimenta, 87 anos/ 23 - Teresinha Batista Henrique Teixeira, 60 anos.

# A DANÇA-DE-SÃO-GONÇALO EM OLÍMPIA

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento do Folclore - Olímpia

*Lá vem o carro cantando,  
Cheio de cravos e rosas.  
São Gonçalo vem no meio,  
Escolhendo a mais formosa.*

Em Olímpia esta dança é realizada e não se restringe a um só grupo. No município notam-se variações na maneira de ser apresentada. Há grupos que, ao dançá-la, sapateiam e batem palmas, alguns apenas sapateiam e outros somente curvam os joelhos. Essas são as diversificações. É dançada nas vilas e fazendas.

Cuidaremos, neste trabalho, da dança-de-são-gonçalo sapateada e palmeada, recolhida no Bairro de São José, de Olímpia, com a participação de dançadores das vilas adjacentes. É um grupo constituído de pessoas de pouca ou nenhuma escolaridade, presas às tradições populares da religião, sem conhecimento histórico, em grande parte supersticiosa, e têm grande respeito pela dança.

Embora haja grande intervalo de tempo entre as existências, dizem os dançadores que a dança surgiu "na época de Jesus Cristo", e explicam: "Quando Cristo e Nossa Senhora andavam no mundo, Nossa Senhora vivia triste nos lugar deserto e então São Gonçalo apareceu pela força divina, com sua violinha na mão. Tocô, cantô e dançô. Então Nossa Senhora abençoô ele. Que ele seria o protetor dos violero, dos enfermo e dos militar. Foi daí que o povo começô a fazê a dança".

Conforme nos informaram, além de ser o Santo três vezes padroeiro, é também **protetor dos casamentos** e por isso tem realizado muitas dan-

ças a pedido de moços e de moças em pagamento de promessas feitas nesse sentido.

Ora a promessa é feita por uma moça, ora por um moço.

A promessa é cumprida logo após ter sido feita. "Os namorados num pode dançá junto a dança. Se eles teimá em dançá, num se casa".

A dança é também realizada em pagamento de votos feitos para curar enfermos, principalmente aos portadores de reumatismo, ou machucaduras nas pernas, ou melhor, para curar qualquer doença.

Os dançadores salientaram, com insistência, que "Quando é marcada a dança, num chove". E exemplificaram: "Numa noite, nós ia começá a dançá e evinha uma chuva braba, feia. Nós comecemos assim mesmo a dança e a chuva veio até pertinho, mas num choveu lá".

A dança-de-são-gonçalo sapateado, é assim chamada porque sapateiam e batem palmas durante a sua execução. É

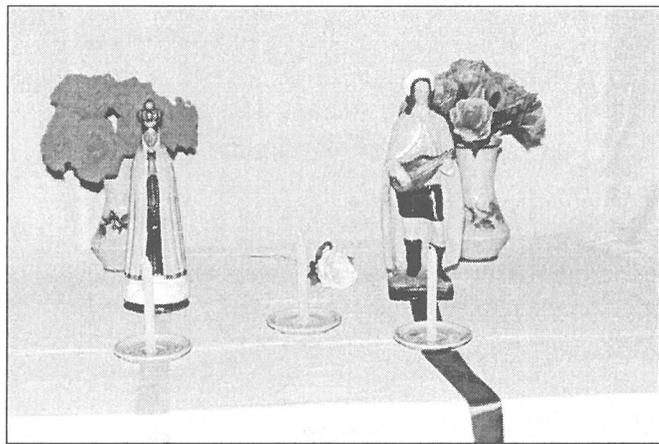
dançada em barracas, dentro de casa, ou mesmo ao relento, podendo ser realizada em qualquer dia ou época, pois não há restrições.

Declararam-nos os informantes que, por serem pobres, não usam vestimenta especial para a dança, a não ser quando convidados para participar do Festival do Folclore, ocasião em que são ajudados pelos organiza-

dores do evento.

E descreveram a roupa que devem vestir para homenagear o santo. Para os homens: calça azul-escuro, camisa azul-claro e um laço de fita ou uma pequena flor de papel crepom, também de cor azul, presa do lado esquerdo da camisa, à altura do bolso. Não se usa cobertura na cabeça. Para as mulheres: vestido ou saia e blusa, do mesmo estilo para todas, cor-de-rosa, com laço de fita ou pequena rosa de papel crepom, também cor-de-rosa, colocada semelhantemente à dos homens. Também as mulheres dançam com a cabeça descoberta.

A dança-de-são-gonçalo é realizada em duas filas diante de um altar.



Do lado esquerdo dançam as mulheres e, do outro, os homens.

Segundo os dançadores é indispensável a participação de pessoas dos dois sexos, pois "Não pode sê dançada só por home e não pode também sê só por muié, porque São Gonçalo acompanhava sempre Nossa Senhora. Então os home dança do lado de São Gonçalo e as muié do lado de

## FOLCLORE DEVOCIONAL

Nossa Senhora. Por isso que no artar, do lado direito, tem a image de São Gonçalo e , do lado esquerdo, a image de Nossa Senhora”.

O conjunto musical é formado por duas violas de dez cordas, únicos instrumentos existentes, pois a dança é em louvor ao **padroeiro dos violeiros**.



Duas ou três pessoas que conhecem bem a dança tomam conta da formação do grupo durante todo o tempo da sua execução, corrigindo as filas, ensinando a dançar e a beijar o altar. São os **fiscais**. Os três primeiros pares da fila são os melhores dançadores, os quais são seguidos pelos demais e recebem o nome de **palmeiros principais**. Após esses três pares vêm os demais dançadores chamados simplesmente **palmeiros**, que podem ser em número variável, a partir de cinco pares. Normalmente este grupo dança com **onze** pares.

Da dança participam adultos e crianças, sendo que estas serão os últimos da fila.

Os fiscais vigiam as fileiras, ensinando os novatos a dançar. Ensinam-nos também o beijamento dos santos, do qual participam. Ficam como se fossem professores.

O altar consta de uma mesa coberta com uma toalha branca, muito bem confeccionada, sobre a qual estão as imagens de São Gonçalo, do lado direito, por cima de uma fita azul e a de Nossa Senhora Aparecida, do lado esquerdo, em cima de uma fita cor-de-rosa. Entre as duas imagens três velas brancas, dispostas em forma triangular. Atrás das imagens são colocados vasos de flores.

Disseram os organizadores da dança que, para o pagamento de uma promessa, é necessário que o promesseiro saia com a imagem de São Gonçalo e peça adjutório, por pou-

quinho que seja, em dinheiro ou gênero alimentício, em três casas, no mínimo, cujos moradores são convidados para a dança.

### A DANÇA

A solenidade religiosa inicia-se com a reza de dois terços, um oferecido a São Gonçalo e outro a Nossa Senhora, se a dança for em cumprimento de promessa. Se for somente em celebração ao Santo, reza-se somente um terço e o oferece aos dois santos. Interessante observar que na celebração do terço geralmente a grande maioria é a de mulheres. Entre os mistérios, canta-se um hino tradicional do laicalismo católico.

Terminado o terço (ou os terços), o festeiro convoca os dançadores para a formação das filas, pois será iniciada a dança.



Os instrumentistas (violeiro I e violeiro II) aproximam-se do altar, pon-do-se um ao lado do outro. Atrás deles formam-se as filas. Do lado esquerdo, atrás do violeiro I, que é o mestre, e sob uma fila de bandeirolas cor-de-rosa estão as mulheres e do outro lado, atrás do violeiro II, que é o contramestre, e sob uma ala de bandeirolas azuis, os homens. Na retaguarda se colocam os fiscais. Os três primeiros pares, após os instrumentistas, são os palmeiros principais, os tiradores de palmas e sapateados.

Exige-se, no ato da dança, muito respeito por parte dos dançadores como também dos que a ela assistem. Então, nessa hora, cessa toda a conversa.

Antes dos primeiros acordes, os instrumentistas beijam as fitas, fazem o Sinal-da-cruz, voltam-se de frente de

maneira que os braços dos instrumentos indiquem direções opostas e comecem a cantar, enquanto os dançadores apenas dão a frente, uns aos outros, e ouvem atenciosamente.

### HINO



Boa noite, São Gonçalo, ai - bis  
De vós eu peço a benção, ai - bis  
Pra Virgem Nossa Senhora, ai - bis  
Pra Virgem da Conceição, ai - bis  
Pra dançá esta contradança, ai - bis  
Pra vós eu peço perdão, ai - bis  
Peço licença ao senhor, ai - bis  
Pra alegrá noss' coração, ai - bis  
Bençoada seja a mão, ai - bis  
Que este altar enfeitô, ai - bis

### Primeiro Voto

**Nota:** Da 1.<sup>a</sup> à 6.<sup>a</sup>. estrofes, quando há somente o toque dos instrumentos e cantoria, os dançadores batem palmas e sapateiam, sem saírem do local de

formação.

- 1 - Este é o primeiro voto, ai - bis  
Pra São Gonçalo nós canta, ai - bis
- 2 - Pra Virgem Nossa Senhora, ai -bis  
E o Divino Espirto Santo, ai - bis
- 3 - A dança-de-são-gonçalo, ai - bis  
É uma dança respeitada, ai - bis
- 4 - Dança véia e dança moça, ai - bis  
Também dança mulher casada, ai -bis
- 5 - Escutai, ó meus fiscais, ai - bis  
Escutai o que vô cantá, ai - bis
- 6 - Vamos dá a primeira volta, ai -bis  
Nesta hora, neste momento, ai - bis
- 7 - Uma fila vai por fora, ai - bis  
E a outra vai por dentro, ai - bis

## FOLCLORE DEVOCIONAL

*(Em evolução, continuam a dança)*

8 - Ai que volta tão bonita, ai - bis  
Que fizemo nesta hora, ai - bis  
*(Palmas e sapateados)*

9 - São Gonçalo ficô contente, ai - bis  
E a Virgem Nossa Senhora, ai - bis  
*(Palmas e sapateados)*

10 - Escutai, ó meus fiscais, ai - bis  
Escutai o que eu vô cantá, ai - bis  
*(palmas e sapateados)*

### Beijamento

11 - Está na hora do beijo, ai - bis  
Já pode mandá beijá, ai - bis

Quando os cantadores acabam de cantar a estrofe, executam um ritmo diferente e nessa hora é iniciada a dança: três palmas à direita, acompanhadas com a mudança dos pés na mesma direção; três palmas à esquerda, também com mudança da direção dos pés.

Os homens e as mulheres palmeiam à direita e depois à esquerda, ao mesmo tempo.

Assim, estão sempre voltados, um para o outro, durante a palmeação.

Após um tempo que varia de 11 vezes o palmeado com três batidas, cessa-se a dança; os instrumentistas voltam ao ritmo anterior e cantam a 7ª. estrofe:

**Uma fila vai por dentro, ai - bis  
E a outra vai por fora, ai - bis**

As fileiras saem dançando, com exceção dos tocadores que nunca dançam. A fila das mulheres sai por fora e a dos homens, por dentro. Vão dançando até o local primitivo dos últimos da fila e voltam ao altar. No retorno, as mulheres voltam por dentro e os homens por fora.

Quando chegam no altar, os instrumentistas beijam as fitas dos santos, sem parar de tocar os instrumentos. Beijam, primeiramente, a fita do seu lado, passando um por trás do outro para beijar a outra fita. Logo, quem beijou a fita de São Gonçalo, ao trocar de lugar, beijará a de Nossa Senhora.

A dança continua e, ao cantarem a 10ª. estrofe, após o entremeio, cantam:

**Está na hora do beijo, ai - bis  
Já pode mandá beijar, ai - bis**

Na música de entremeio, os violeiros saem de fasto até o final da fila para melhor distribuição do som, permanecendo o outro em seu lugar, isto é, no altar. Tem-se início, então, o ato do beijo.

Um fiscal coloca-se à vanguarda das fileiras, isto é, junto do altar e o outro à retaguarda, próximo dos últimos dançadores.

Como já foi dito, os três pares de palmeiros principais são os elementos de maior importância nas fileiras, por serem mais preparados para a dança.

À ordem de “**pode mandar beijar**”, o fiscal da retaguarda determina ao último par para fazê-lo, o qual se dirige ao altar dançando e batendo palmas. Beija os santos da mesma maneira que os violeiros, com a única diferença de que fazem o Sinal-da-cruz. Após o beijamento, de fasto, ocupam o primeiro lugar das fileiras. E assim sucessivamente até que se tornem no posicionamento inicial, sendo, porém, os três palmeiros principais, agora, colocados nos últimos lugares.

Então é chegada a hora dos palmeiros beijarem. Quem vai beijar o altar é o último par de palmeiros principais, que está no final das fileiras. Sai dançando por dentro das fileiras, vai ao altar, beija os santos e volta, de fasto, para buscar o penúltimo casal, para a mesma obrigação. Ao se aparelharem com o penúltimo par, este passará à frente do último e seguem os dois pares dançando para o altar. No mesmo procedimento, vão beijar os santos e voltam de fasto, também dançando. Neste momento, os dois pares vão buscar o antepenúltimo par que se coloca na frente deles para o mesmo cerimonial.

Enquanto o antepenúltimo par beija os santos, o fiscal da vanguarda das fileiras, de fasto, coloca-se atrás dele para ir buscar o fiscal da retaguarda para o cerimonial do beijamento. Dançam, portanto, de fasto, os três pares de palmeiros principais e o fis-

cal da vanguarda, ao local onde está dançando o fiscal da retaguarda.

Quando os fiscais se encontram, ganham, dançando, a frente dos três pares de palmeiros principais, para beijarem o altar.

Durante o tempo em que os fiscais estiverem beijando os santos, o instrumentista que está rente ao altar, de fasto, passa entre as fileiras dos três palmeiros principais e vai se posicionar em último lugar, tocando, sem parar, seu instrumento. De fasto, dentro das grandes fileiras, vai buscar o instrumentista da retaguarda, o qual, juntamente com o outro instrumentista, passa à frente dos dançadores especiais e dos fiscais, e se dirigem ao altar. Beijam os santos, sem deixar de executar os instrumentos.

Há mais umas três ou quatro batistas sonoras nos instrumentos e está terminada a primeira parte da dança.

Dão os últimos arpejos e, ao emudecer dos instrumentos, cessa-se a dança, e o mestre brada: Viva São Gonçalo!, Viva Nossa Senhora! , Viva os dançadô! Viva todos que aqui estão!

A cada “Viva!”, o povo vai respondendo: “Vivaaa!”

**Nota:** Aí completou um voto, que pode ser repetido quantas vezes desejar ou quantas vezes foi prometido, porque no momento da promessa é designada uma quantidade deles. Se for prometido mais de um voto, dança-se um voto a menos que os prometidos e no lugar deste último dança-se o chamado **Cajuru** que é diferente do voto dançado para encerrar a solenidade da dança, portanto não pode ser repetido no pagamento de uma única promessa. Se a dança for promessa de apenas um voto, cumpre-se este voto e dança-se o cajuru para finalizar.

### CAJURU

Após o intervalo de alguns minutos, todos voltam a posição inicial, agora com os **festeiros** (ou promesseiro acompanhado por alguém de sua livre escolha) voltados para o altar à frente dos tocadores. É o remate da promessa. É a dança final, chamada cajuru.

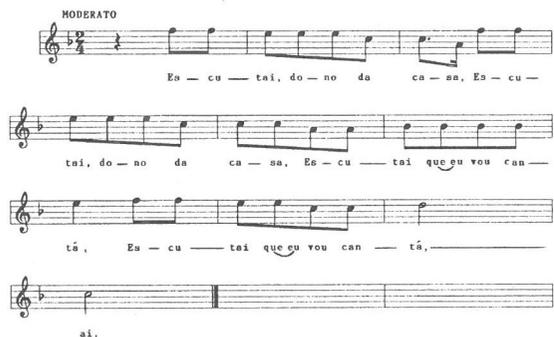
No cajuru não batem palmas, por-

## FOLCLORE DEVOCIONAL

que cada pessoa dança com uma **vela acesa** nas mãos.

Os tocadores iniciam a música; agora com o ritmo diferente do da primeira dança. Assim cantam:

MODERATO



Es - cu - tai, do - no da ca - sa, Es - cu -  
 tai, do - no da ca - sa, Es - cu - tai que gu vou can -  
 tá, Es - cu - tai que gu vou can - tá,  
 ai.

1 - Escutai, dono de casa,  
 Escutai, dono de casa,  
 Escutai que eu vou cantá,  
 Escutai que eu vou cantá, ai.

2 - Tire os santos do altar,  
 Tire o santo do altar,  
 Nós precisa viajá,  
 Nós precisa viajá, ai.

3 - Escutai, ó meus fiscais,  
 Escutai ó meus fiscais,  
 Escutai que eu vou dizer,  
 Escutai que eu vou dizer, ai.

4 - As velas estão apagadas  
 As velas estão apagadas  
 Já pode mandá acendê,  
 Já pode mandá acendê, ai.

5 - O galo já está cantando  
 O galo já está cantando  
 A barra do dia aí vem,  
 A barra do dia aí vem, ai.

6 - Sapateia rapaziada,  
 Sapateia rapaziada,  
 Deixa mão de brincadeira,  
 Deixa mão de brincadeira, ai.

7 - Já vortemos da viagem,  
 Já vortemos da viagem,  
 Com a nossa companhia,  
 Com a nossa companhia, ai.

8 - Escutai, dono da casa,  
 Escutai, dono da casa,  
 Com prazer e alegria,  
 Com prazer e alegria, ai.

9 - Ponha o santo no altar,

Ponha o santo no altar,  
 Sua promessa está cumprida,  
 Sua promessa está cumprida, ai.

10 - Vamos todos ajoelhar,  
 Vamos todos ajoelhar,  
 Com prazer e alegria,  
 Com prazer e alegria, ai.

11 - Vamos rezá um Pai-nosso,  
 Vamos rezá um Pai-nosso,  
 Com uma Ave-maria,  
 Com uma Ave-maria, ai.

Terminada a primeira estrofe, inicia-se a dança que consiste num sapateado. Sapateia-se durante todo o tempo da cantoria, num ritmo também diferente do voto.

Finda a estrofe que manda "**tirar os santos do altar**" (segunda estrofe), os festeiros tiram-nos juntamente com as fitas e esperam que seja cantada a sexta estrofe:

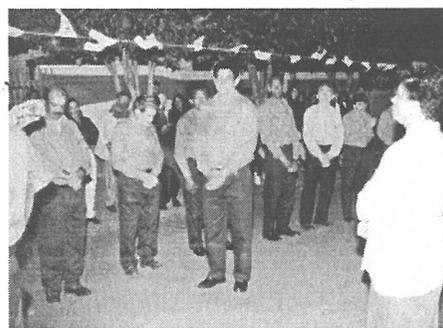
### Sapateia rapaziada - bis Deixa mão de brincadeira - bis

Nesta hora, os festeiros saem pelo centro, seguidos pelos instrumentistas que, por sua vez, puxam as filas que continuam sapateando, pois durante a volta não se bate palmas, só sapateiam. Apenas os festeiros (se idosos) e os tocadores não sapateiam. Os festeiros se dirigem até o local primitivo dos últimos das filas e voltam por fora, colocando-se novamente em frente do altar. Continuam segurando os santos até que seja cantada a estrofe "**ponha os santos no altar**". Os festeiros permanecem ainda defronte ao altar até que termine a dança. Ao cessar dos instrumentos todos se ajoelham e rezam um Pai-nosso, uma Ave-maria e, a seguir, gritam vivas: Viva São Gonçalo!, Viva Nossa Senhora!, Viva os dançadô!, Viva os parmero!, Viva os violero!, Viva todos que aqui estão!

Terminam com uma salva de palmas. Está cumprida a promessa.

São Gonçalo de Amarante,  
 Casamenteiro das véia.  
 Não casaro quando moças,  
 Que mal que fizeram elas?

## FOTOGRAFIAS DA DANÇA



Ouvindo o mestre e o contramestre



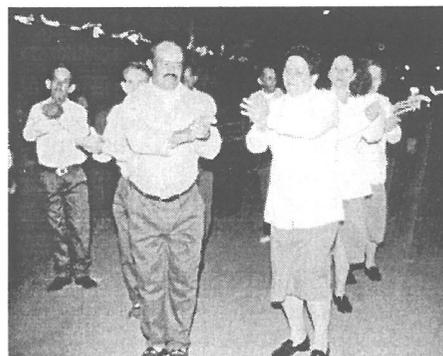
Palmas e sapateados



Fiscal acendendo velas do altar



Palmas, sapateados e fiscal da retaguarda



Palmeiros principais indo beijar os santos

## FOLCLORE DEVOCIONAL



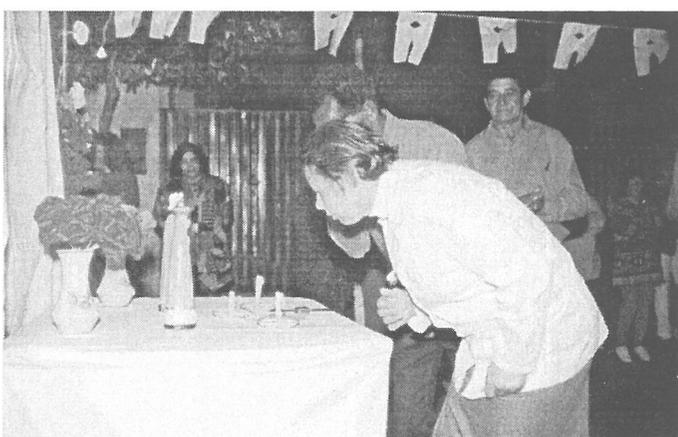
*Violeiros indo beijar os santos*



*Violeiros beijando os santos*



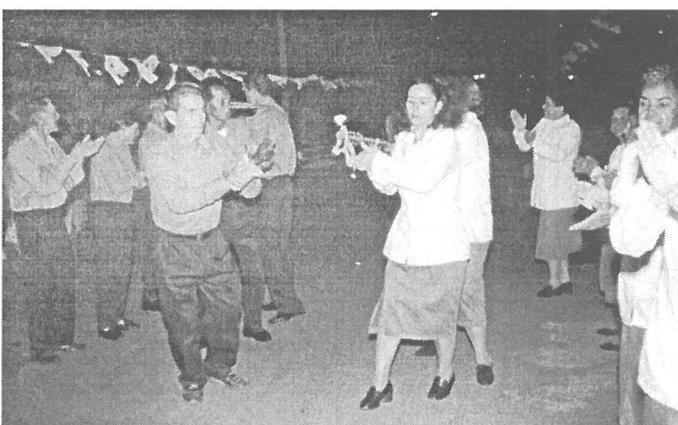
*Dançadores beijando os santos*



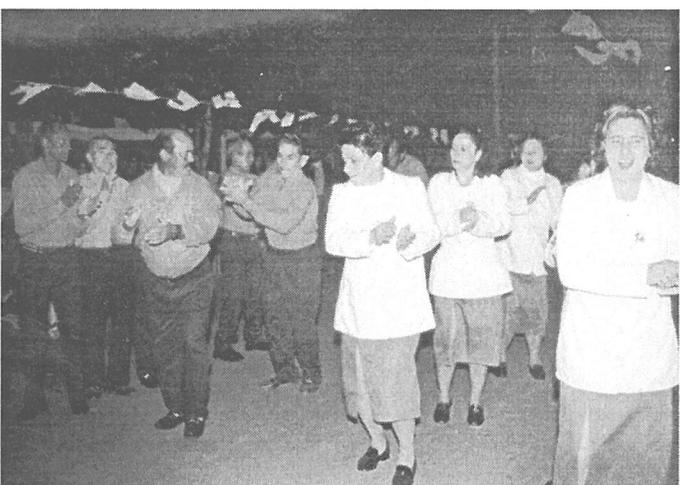
*Dançadores beijando os santos*



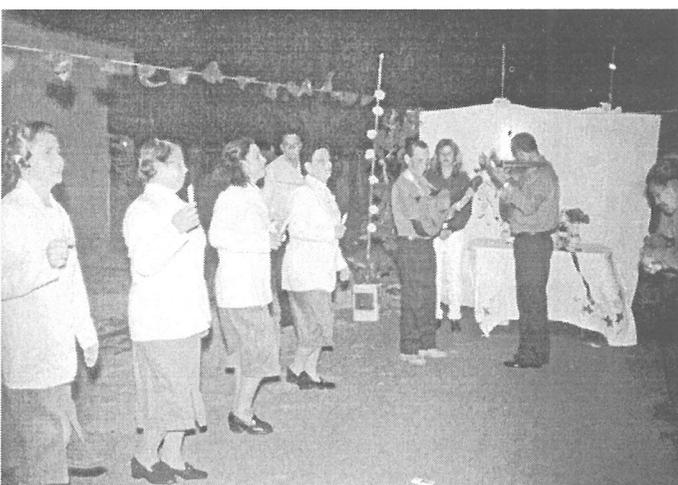
*Dançadores beijando os santos*



*Palmeiros principais indo beijar os santos*



*Palmeiros principais indo beijar os santos*



*Sapateado - Cajuru*

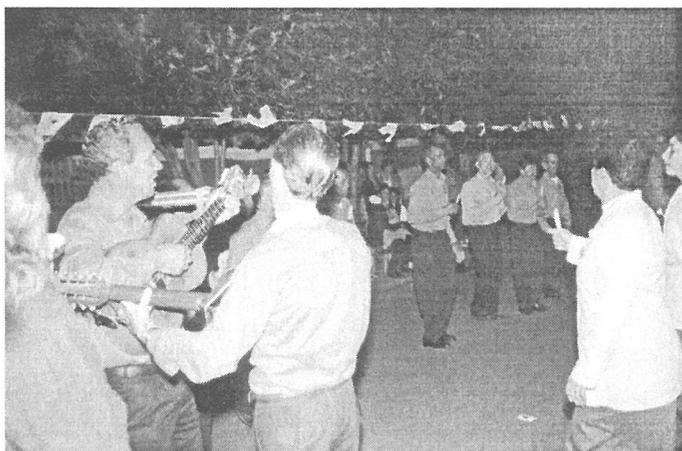
## FOLCLORE DEVOCIONAL



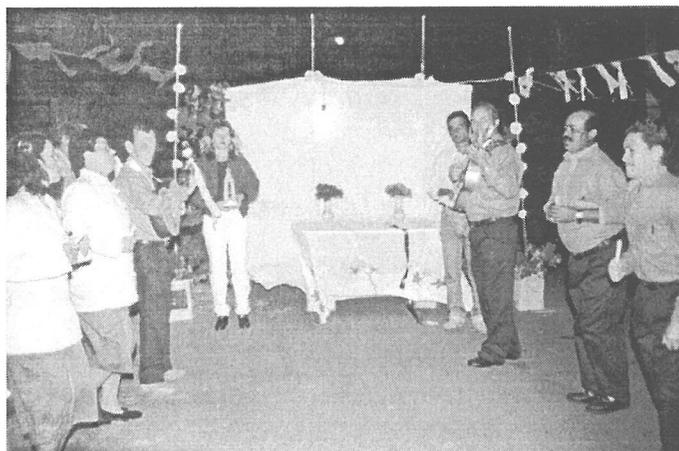
*Acendimento de velas - Cajuru*



*Acendimento de velas - Cajuru*



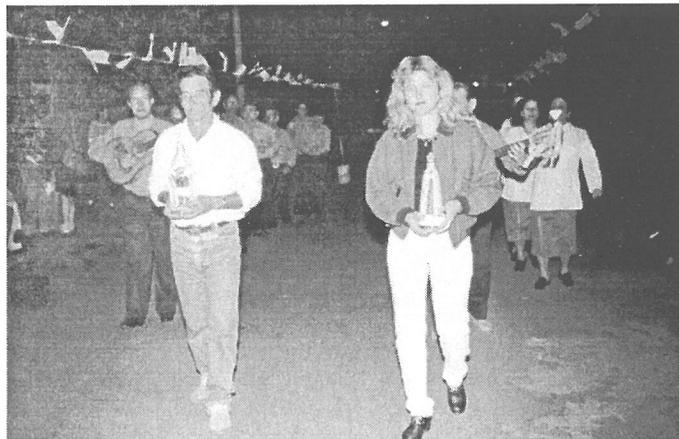
*Procissão de velas acesas - Cajuru*



*Recolocando os santos no altar - Cajuru*



*Pequena viagem - Cajuru*



*Promesseiros - Cajuru*



*Dançadores, ajoelhados, rezando - Cajuru*



*Dançadores, ajoelhados, rezando - Cajuru*

## FOLCLORE DEVOCIONAL

Após a dança é oferecido um “café”, como dizem, composto de café e chocolateada, acompanhados de pão caseiro, algumas quintandas, o qual é servido de pessoa a pessoa, pelos auxiliares do promesseiro. Nesta dança muito elogiadas foram as quitandas **Broinhas** e **Quadrinhos**, pelos afamados sabores, cujas receitas cuidamos de recolhê-las, por serem caseiras e da criação rural.



### BROINHAS

**Ingredientes:** 4(quatro) copos de farinha de trigo / 4 (quatro) copos de fubá / 4 (quatro) colheres (sopa) de maisena / 2 (duas) colheres (chá) de sal / 4 (quatro) colheres (sopa) de queijo ralado / 1 (um) copo de açúcar / 2 (duas) colheres (chá) de erva-doce / 8 (oito) colheres (chá) de pó roial / 2 (dois) ovos / leite o suficiente para o ponto.

**Modo de fazer:** Numa vasilha, de preferência gamela, colocar todos os ingredientes secos. Juntar os ovos e colocar leite até ao ponto de enrolar. Fazer as broinhas do tamanho médio, nas palmas das mãos, untadas com óleo. Pôr para assar em assadeira untada, em forno quente.

### QUADRINHOS

**Ingredientes:** 3 (três) copos de fubá/ 4 (quatro) colheres (sopa) de farinha de trigo / 4 (quatro) copos de açúcar / 8 (oito) copos de leite / 6 (seis) ovos / 4 (quatro) colheres (sopa) de manteiga / 4 (quatro) colheres (chá)de pó roial / 1 (uma) colher (chá) de sal / 2 (duas) colheres (chá) de raspa de limão /1 (um) copo de queijo ralado.

**Modo de fazer:** Misturar os ingredientes e batê-los muito bem. Pôr em forma untada e assar em forno quen-

te. Depois de frio, cortar em quadrinhos.

*Quintandas preferidas por todos, dançadores e convidados, que deram fim nelas, logo no início da distribuição, tão reclamadas eram as repetições.*

**Observação:** Registramos as letras de toadas (**dança** e **cajuru**) com músicas diferentes, cantadas para São Gonçalo, pelo mesmo grupo, em outra ocasião.

### SÃO GONÇALO

1 - Pai, Filho e Espírito Santo  
Na frente desse artá,  
Na hora de Deus, amém,  
A dança vai começá.

2 - Esse é o primero voto  
Que pra São Gonçalo eu canto,  
Vô lová o São Gonçalo  
E o Divino Espírito Santo.

3 - Vamo fazê a dança  
Com amor e sem vaidade.  
Vô cantá pra todos vê  
Com muita felicidade.

4 - O senhor dono da casa,  
Licença eu vô lhe pedi  
Pra fazê a sua dança,  
Pra sua promessa cumprí.

5 - Milagroso São Gonçalo,  
Na sua presença estô,  
Na frente desse artá,  
Vô cantá em seu lovor.

6 - Premero se Deus quisé  
E a Virgem Maria ajudá,  
São Gonçalo vai recebê  
A promessa no artá.

7 - Deus sarve esse artá  
Com toda essas fror brilhante,  
Sarve Nossa Senhora  
E São Gonçalo de Amarante.

8 - Lovado seja pra sempre  
A Virgem Nossa Senhora  
Onde São Gonçalo está  
Os anjo todos adora.

9 - Hoje chegô o dia  
E também a ocasião.

Eu vim fazê essa dança  
Com muito sastifação.

10 - Com toda essa boa gente  
Que viero hoje aqui  
Na casa desse amigo  
A dança viero assisti.

11 - São Gonçalo que ajude todos  
Que viero nesta dança;  
As muié e as moças,  
Os home e todas criança.

12 - As criança são inocente  
Merece sê abençoada  
Pelo nosso São Gonçalo  
Que hoje tá festejado.

13 - Jesus quando andô no mundo  
Adorava muito as criança.  
E eu desejo felicidade  
Pra todos que tão na dança.

### CHEGADA NO ALTAR

14 - Lovado São Gonçalo  
Que neste artá cheguei,  
Pra ele nos ajudá  
São Gonçalo eu bejei.

### DANDO VOLTA NO ALTAR

15 - Deus te sarve casa santa  
Onde Deus fez a morada,  
Onde mora o cálix bento  
E a hóstia consagrada.

### CAJURU

1 - Esse é o voto  
Por nome cajuru.  
Vô lová o São Gonçalo,  
Coberto com céu azul.

2 - A porta do céu abriu,  
São Gonçalo é quem mandô  
Pra entrá Nossa Senhora  
Que é mãe de Nosso Senhor.

3 - A promessa que fizero  
Com certeza foi valida,  
Vô lová o São Gonçalo  
E a Senhora Aparecida.

4 - Meu senhor dono da casa  
A promessa está cumprida,  
Já entreguei pra São Gonçalo

## FOLCLORE DEVOCIONAL

Que tem ela recebida.

5 - São Gonçalo subiu pr'o céu  
Por uma escada de prata,  
Viva nosso São Gonçalo  
E o Menino Jesus da Lapa.

6 - São Gonçalo agradece  
Todos que lhe dero esmola,  
São Gonçalo que lhe ajude  
E a Virge Nossa Senhora.

7 - Meu senhor dono da casa  
Deus lhe ponha a benção  
Que cumpriu sua promessa  
Com muita sastifação.

### REGISTRO

**Fotografias:** 11 de julho de 1998/

**Local:** residência de Sebastião Rocha/

**Motivo:** pagamento de promessa/

**Violeiro I:** Geraldo dos Santos, 52

(mestre)/ **Violeiro II:** João Zuim, 60

(contramestre)/ **Fiscal I:** Geraldo

Paulo de Almeida, 52/ **Fiscal II:** Se-

bastião Rocha, 54.

**Dançadores:** - João Batista dos Santos, 40 e Maria Inês Pradal dos Santos, 36/ José dos Santos, 66 e Ana Alves Rocha, 42/ Benedito de Oliveira, 61 e Geane Aparecida de Almeida, 31/ Nelson de Oliveira, 58 e Sebastiana Aparecida de Oliveira da Silva, 47/ Augusto dos Santos, 60 e Maria do Carmo Fernandes, 51/ Aparecido Francisco Jorge, 49 e Hermilinda dos Santos Reginaldo, 64/ Natal Vearo, 47 e Maria Lima Fernandes, 69.

*Este foi o primeiro grupo de dança-de-são-gonçalo que se apresentou no Festival do Folclore de Olímpia, em 1965. E, assim, durante muitos anos.*

### Outra Dança-de-são-gonçalo, palmeada e sapateada.

Outro grupo de palmas e sapateados é também do bairro de São José, com dançadores de diversos outros bairros olimpienses, e dirigido pelos irmãos Pedro Delomodarme, 55 anos, e João Delomodarme Filho, 52 anos, popularmente conhecidos pelo sobrenome Didaco.

Receberam os ensinamentos dos senhores Joaquim Valeriano e Alípio São José, que durante muitos anos realizaram essa dança em Olímpia. Para os organizadores desse grupo, o número de pares de dançadores só poderá ser ímpar. Prometem ao Santo de uma a nove voltas de cantoria da toada, observando-se que o **canguru**, cerimônia final, só poderá ser realizado após o cumprimento do número do voto.

Os violeiros, após cantarem três estrofes da música, vão para o fim da fila, tocando os instrumentos, para que os dançadores cheguem ao altar, agradeçam aos pedidos e beijem os santos.

Os fiscais acompanham os dançadores ao altar para beijarem os santos.

Geralmente a dança tem início às vinte horas e quando o voto é de nove voltas a dança prossegue até o alvorecer do dia seguinte.

No final da promessa, isto é, quando dança o **canguru** (**cajuru** para uns grupos e **cururu** para outros), não dançam com velas acesas na mão e sapateiam o tempo todo em que os violeiros tocam e cantam ao redor da casa onde se realizou a dança, apenas sapateando.

O terço é realizado antes da dança.

LENTO

A - qui'está meu São Gon - ça  
Jo,zi A - qui'está meu São Gon - ça  
Jo,zi Com sua vi - o - la na mão.  
zi Com sua vi - o - la na mão.  
zi.

Aqui está meu São Gonçalo, ai  
Aqui está meu São Gonçalo, ai  
Com sua viola na mão, ai  
Com sua viola na mão, ai

A cumprir sua promessa, ai  
A cumprir sua promessa, ai  
Fazendo sua devoção, ai  
Fazendo sua devoção, ai

São Gonçalo, São Gonçalo, ai  
São Gonçalo, São Gonçalo, ai  
Vós é um Santo protetor, ai

Vós é um Santo protetor, ai

Por ser um Santo violeiro, ai  
Por ser um Santo violeiro, ai  
Nossa Senhora abençoou, ai  
Nossa Senhora abençoou, ai

São Gonçalo, São Gonçalo, ai  
São Gonçalo, São Gonçalo, ai  
Eu vos peço todo dia, ai  
Eu vos peço todo dia, ai

Que proteja os enfermos, ai  
Que proteja os enfermos, ai  
E também todas famílias, ai  
E também todas famílias, ai

A dança-de-são-gonçalo, ai  
A dança-de-são-gonçalo, ai  
É uma dança respeitada, ai  
É uma dança respeitada, ai

Dança-se moça solteira, ai  
Dança-se moça solteira, ai  
E também mulher casada, ai  
E também mulher casada, ai

A dança-de-são-gonçalo, ai  
A dança-de-são-gonçalo, ai  
É de toda devoção, ai  
É de toda devoção, ai.

Na dança-de-são-gonçalo, ai  
Na dança-de-são-gonçalo, ai  
Nada de namoração, ai  
Nada de namoração, ai

Vamos nós beijar o santo, ai  
Vamos nós beijar o santo, ai  
Cumprindo nossa promessa, ai  
Cumprindo nossa promessa, ai...

MODERATO

Vai sa - ir meu São Gon - ça - lo, Vai sa -  
ir meu São Gon - ça - lo, Com sua vi - o - la na  
mão, Com sua vi - o - la na  
mão.

### CANGURU

Vai sair meu São Gonçalo,  
Vai sair meu São Gonçalo,  
Com sua viola na mão,  
Com sua viola na mão, ai...

Quem quiser ser seu devoto,  
Quem quiser ser seu devoto,

## FOLCLORE DEVOCIONAL

Acompanha a procissão,  
Acompanha a procissão, ai...

Batendo pé e batendo palma,  
Batendo pé e batendo palma,  
Dentro da concentração,  
Dentro da concentração, ai...

Nossa Senhora Aparecida,  
Nossa Senhora Aparecida,  
Padroeira e madrinha,  
Padroeira e madrinha, ai...

Que nos dá força nas pernas,  
Que nos dá força nas pernas,  
Que nem São Gonçalo tinha,  
Que nem São Gonçalo tinha, ai...

### TÉRMINO

Terminada esta promessa,  
Terminada esta promessa,  
São Gonçalo diz amém,  
São Gonçalo diz amém, ai...

Abençoando os participantes,  
Abençoando os participantes,  
Pra voltar o ano que vem,  
Pra voltar o ano que vem, ai...

Ora viva e torna viva,  
Ora viva e torna viva,  
São Gonçalo violeiro,  
São Gonçalo violeiro, ai...

Que dê paz e proteção,  
Que dê paz e proteção,  
Para todos brasileiros,  
Para todos brasileiros, ai...

**NOTA:** O grupo da dança-de-são-gonçalo da Família Delomodarme apresentou-se por muitos anos, sucessivamente, nos primeiros Festivais do Folclore de Olímpia, de 1965 a 1973.

### DANÇA-DE-SÃO-GONÇALO (SOMENTE SAPATEADA)

Neste grupo dançam homens e mulheres, mas qualquer pessoa pode fazer seu pedido, indo, após a dança, beijar os santos no altar. Ou em pagamento a algum voto já realizado. O grupo tem por mestre o senhor Osório Batista Rodrigues, de 68 anos, do Jardim Cisoto, de Olímpia, que aprendeu com o mestre Afonso Car-

doso, de Sorocaba - SP, quando se apresentava nos 3.º, 4.º e 5.º Festivais do Folclore de Olímpia. Os instrumentos são a viola e o violão. Não batem palmas, há apenas sapateado.

O terço é celebrado antes da dança. Os fiscais das filas têm uma grande participação na dança, ensinando os dançadores e corrigindo os defeitos que poderão aparecer.

1 - Na hora de Deus começo (bis)  
Padre, Filho, Espírito Santo, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

2 - Este é o primeiro verso (bis)  
Que pra São Gonçalo eu canto, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

3 - Nós pedimo a São Gonçalo (bis)  
Aceitai a romaria, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

4 - Que os romeiros são de longe, (bis)  
Não pode vim todo os dia, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

5 - São Gonçalo está se rindo (bis)  
De pezinho na tripeça, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

6 - A dança-de-são-gonçalo, (bis)  
Não tem nada que impeça, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

7 - São Gonçalo andô no mundo, (bis)  
Numa grande embarcação, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

8 - São João foi marinheiro, (bis)  
Jesus Cristo, o capitão, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

9 - São Gonçalo está na mão (bis)  
Das pessoas que interessa (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

10 - Nós pedimo a São Gonçalo (bis)  
Aceitai essa promessa, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

11 - Está na hora do beijo, (bis)  
De par em par vão beijar, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

### FINALIZANDO

- Arvoradas, arvorada (bis)  
São Gonçalo vai-s'embora (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

- Vai rogar a Deus por nós, (bis)  
Esperando lá na glória, (bis)  
Ora viva São Gonçalo! (bis)

É dança realizada em barraca, ao ar livre ou mesmo dentro de casa. Não apresenta a parte final chamada **cajuru**. De espaço em espaço, espocam alguns foguetes. Após o cumprimento da promessa, o festeiro oferece um reforçado "café". O grupo completa a noite cantando modas de viola, mas não permite a realização de baile.

Curioso observar que a bebida alcoólica é proibida nesta dança mas, em caráter especial, serve aos contumazes bebedores um gole de cachaça, somente de duas garrafas que, durante o terço, ficaram no altar, enfeitadas como se fossem dois vasos de flores: uma de cada lado das imagens sob a alegação de que aquela aguardente não fará nenhum mal, pois fora abençoada. E além disso, dizem que São Gonçalo apreciava um gole da "branquinha".

**NOTA:** Este grupo atualmente está desfeito. Apresentou-se no Fefol de Olímpia em 1975.

### OUTRA DANÇA-DE-SÃO-GONÇALO DANÇADA DE MODO MUITO DIFERENTE.

1 - Na hora de Deus começo, oi  
Padre, Filho, Espírito Santo, oi  
Este é o primeiro verso  
Que pra São Gonçalo eu canto, oi.

## FOLCLORE DEVOCIONAL

- 2 - Padre, Filho, Espirto Santo, oi  
Na hora de Deus, amém, oi  
Vamo saudá São Gonçalo  
Nobres dançador também, oi.
- 3 - São Gonçalo disse um verso, oi  
Quando era o seu dia, oi  
Descia do Céu à Terra  
Co'a Virgem Santa Maria, oi.
- 4 - São Gonçalo disse um verso, oi  
No dia de sua festa, oi  
Descia do Céu à Terra  
Pra cumprir sua promessa, oi.
- 5 - São Gonçalo de Amarante, oi  
Um dia foi violeiro, oi  
Quem quisé vê um milagre,  
Faz a promessa primeiro, oi.
- 6 - Esta nossa penitência, oi  
Para sempre seja eterna, oi.  
Quem dança pra São Gonçalo  
Não sofre dores de perna, oi.
- 7 - São Gonçalo de Amarante, oi  
Tá vestido de vermelho, oi  
C'uma flor de lado a lado  
São Gonçalo está no meio, oi.
- 8 - São Gonçalo de Amarante, oi  
Santo de muita virtude, oi  
Vamos nós beijá o santo  
Pra nos dar vida e saúde, oi.
- 9 - São Gonçalo de Amarante, oi  
Quando lá do céu, desceu, oi  
Já cumpriu sua promessa  
São Gonçalo a recebeu, oi.
- 10 - São Gonçalo desceu do céu, oi  
Foi no derradeiro dia, oi  
Pega todos pra rezar  
Pai-nosso, Ave-maria, oi.

Dança em louvor a São Gonçalo, obrigatoriamente executada no dia 10 de janeiro, mas realizada em qualquer época, salvo na Semana Santa, para cumprimento de promessa, É bem diferente das danças dos demais grupos, pois não há palmas nem sapateados, Consiste em curvar os joelhos, dobrando-os durante a execução da dança, dando-nos a impressão de que estejam mancando para realizá-la.

Dançada só por homens, ou só por

mulheres, ou às vezes por pares de homens e mulheres. É dança muito cansativa, pois acarreta muitas dores nas pernas.

O terço é celebrado depois da apresentação da dança.

No altar há duas imagens de São Gonçalo, uma à esquerda e outra à direita, e perto de cada uma, uma garrafa de pinga muito bem enjaezada como se fossem vasos de flores. Após o terço é oferecido um golinho de bebida aos dançadores e convidados.

Quando beijam as imagens, de dois a dois, deixam uma oferta em dinheiro. Depois da dança oferecem quitandas e café, e em seguida dançam o catira. Não permitem o baile.

Foi antigo mestre do grupo, hoje falecido, o senhor Nicanor de Sousa Alencar, ficando o grupo sob a responsabilidade do senhor Antônio Rodrigues Campos, 42 anos. Dançam em fila. É grupo rural pertencente à uma fazenda próxima ao Rio Turvo. Apresentou-se no Festival do Folclore de Olímpia, ininterruptamente de 1973 a 1975.

### PRECURSORES DA DANÇA-DE-SÃO-GONÇALO EM OLÍMPIA

A referência mais antiga da dança-de-são-gonçalo em Olímpia data de 1945. Foi realizada pela família Miranda que, numa piedosa manifestação de fé ao santo padroeiro dos violeiros, patrono da fecundidade humana e casamenteiro, dançava em frente a um altar.

A dança era comandada por Antônio Miranda (mestre) e Jesus Francisco de Miranda (contramestre) os quais, com muita dedicação, passaram os conhecimentos para Antônio Miranda Sobrinho, 62 anos, sobrinho dos organizadores, com quem contamos para todas as informações.

Havia no grupo alguns dançadores que dizem ser **dança-de-são-gonçalo** e não São Gonçalo.

A fé em São Gonçalo de que ele consegue mesmo a realização de matrimônio entre pessoas de idade já fora de esperança, é uma realidade, dizem algumas ex-solteironas.

Depois da promessa e o pagamento do voto, os pretendentes começam a aparecer e que, às vezes, torna-se até difícil livrar-se deles. Então, a quadrinha anônima seguinte parece ser fruto de uma realidade:

Fui pedir a São Gonçalo  
Que me fizesse casar,  
Dez noivos apareceram,  
Nove deles fiz voltar.

Pois bem, o grupo de dança-de-são-gonçalo da Família Miranda, o primeiro de que tivemos notícia em Olímpia, permaneceu durante muitos anos dançando em louvor ao Santo, ou cumprindo todo o tipo de promessa que lhe era feita.

O terço era realizado depois da apresentação da Dança. Hoje é um grupo extinto, pois sua última realização se deu em 1960.

Era uma prova de adoração assim cantada:

LYRTO  
São Gonçalo de Amarante, oi  
um Santo ver-da-dei-ro / Que veio do Céu à Terra  
ra e ju- São-to ca-sa-men-tei-ro / Que  
pe-xô com São Gon-ça-lo / Ai, nun-ca mor-re sol-tei-ro / ai.

São Gonçalo de Amarante  
Ele é santo verdadeiro  
Que veio do Céu à Terra,  
É um santo casamenteiro  
Quem pega com São Gonçalo  
Ai, nunca morre solteiro, ai.

A festa de São Gonçalo  
Vinte e sete de janeiro  
Vamo fazer nossa dança  
Cada um com seu parceiro  
Fazendo pedido ao Santo  
Ai, passando pelos violeiro, ai.

Em nome de São Gonçalo  
Vou saudar nosso festeiro  
Vamos nós saudar o altar  
Deste santo violeiro  
As damas do lado esquerdo

## FOLCLORE DEVOCIONAL

Ai, pra saudar o seu parceiro, ai

Vamos começar a dança  
Nesta hora enriquecida  
Vamos beijar São Gonçalo  
E a Senhora Aparecida  
Cada um faça uma prece  
Ai, para ser feliz na vida, ai.

Para beijar São Gonçalo  
Passando pelos violeiro  
Os dois último lá de trás  
Que sejam sempre os primeiro  
Os dois primeiro da frente,  
Ai, sempre sejam os derradeiro, ai.

Vou pedir para os casal  
Cada um faça um pedido  
Tenha fé em São Gonçalo  
Para que seja atendido  
Com muita fé e devoção  
Ai, tendo limpo o coração, ai.

Fazer esta santa dança  
É a nossa devoção  
As filas de dois a dois  
Tendo os par livres as mão  
Quando for a meia-noite  
Ai, festeiro solta rojão, ai.

### HORA DO BEIJO

Beijar a image sagrada  
Faz a troca co'o parceiro  
E volta de marcha-a-ré  
Até chegar o primeiro  
É sempre de dois em dois  
Ai, a gente nunca é o primeiro, ai.

### FINALIZAÇÃO

O dia já vem raiando  
Já desponta a madrugada  
Violeiros pr'o festeiro  
Já entrega a jornada  
Sua promessa está cumpra  
Ai, e entregue a São Gonçalo, ai.

Eu mais o meu companheiro  
E todos que aqui dançou  
Vamos nós rezar o terço  
O festeiro quem mandou  
A dança-de-são-gonçalo  
Ai, nesta hora terminou, ai.

### OUTRA TODA QUE FOI INTERPRETADA PELO GRUPO

As filas estacionadas, apenas ouvindo:

1 - Renuído os companheiro, ai  
Nessa hora de benção, ai  
Pra rezá pra São Gonçalo, ai, ai, ai  
Pra nos dá a proteção.

2 - São Gonçalo de Amarante, ai  
Santo puro e violero, ai  
Quem fizé sua promessa, ai, ai, ai  
Ele é casamentero.

3 - Quem lová a São Gonçalo, ai  
Tendo fé no coração, ai  
Não sofrerá nenhum mal, ai, ai, ai  
Porque terá proteção.

4 - São Gonçalo de Amarante, ai  
Vestidinho com seu manto, ai  
Por Jesus aqui, chegô, ai, ai, ai  
E o Divino Espirto Santo.

### As fileiras dançando e batendo palmas

5 - São Gonçalo está no céu, ai  
Ele é muito poderoso, ai  
Livra todos de doença, ai, ai, ai  
Ele é santo milagroso.

6 - São Gonçalo andô no mundo, ai  
Ensinando a toda gente, ai  
A livrá de todos males, ai, ai, ai  
E a crê no Onipotente.

7 - Quem dança pra São Gonçalo, ai  
Ganhará a vida eterna, ai  
Não sofrerá rematismo, ai, ai, ai  
E não terá dor de perna.

8 - São Gonçalo de Amarante, ai  
É santo casamentero, ai  
Quem quisé tê o seu lar, ai, ai, ai,  
Faça a promessa primero.

9 - Bate parma e sapateia, ai  
Que essa dança é uma festa, ai  
É a dança-de-são-gonçalo, ai, ai, ai  
Pra pagá sua promessa.

10 - São Gonçalo no artar, ai  
Junto com Nossa Senhora, ai  
Abençoa essa dança, ai, ai, ai  
Que fazemo nessa hora.

11 - Quem dançô pra São Gonçalo, ai  
A promessa já cumpriu, ai  
São Gonçalo de contente, ai, ai, ai  
Lá no céu até sorriu.

### BEIJAMENTO

12 - Chega, chega, no artar, ai  
De dois a dois, já é hora, ai  
Enquanto um beja o santo, ai, ai, ai  
O outro, Nossa Senhora.

### MINIBIOGRAFIA DE SÃO GONÇALO



São Gonçalo nasceu em Arriconha, província de Tagilde, em Portugal. Filho de nobres recebeu, muito moço, ordens religiosas. Foi pároco de São Paio de Riba-Vileza e depois de viajar pela Palestina e Roma, para reconhecer os lugares santos, radicou-se em Amarante. Entrou para o mosteiro de São Domingos.

Era muito virtuoso e dizem que fez inúmeros milagres em vida.

Faleceu em Amarante (Douro) em 10 de janeiro, que se tornou o seu dia, de 1259.

Foi beatificado em 1561. Não pertence ao elenco dos canonizados oficialmente pela Igreja, mas possui todas as qualidades que o distinguem como um santo. Sobre a vida terrena de São Gonçalo são narrados fatos impossíveis de serem cridos pelos mortais.

# PANORAMA FOLCLÓRICO

Iseh Bueno de Camargo  
Departamento de Folclore - Olímpia

## Cartaz, Anuário e Programa do 33.º Fefol

Magníficos todos eles, os disputados cartazes espalharam-se pelo Estado, pelo país, foram conclamar aos amigos do festival de folclore que Olímpia os aguardava de braços abertos. O Anuário, trazendo na capa a dança Pau-de-Fitas, com esplêndida foto de integrantes do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", sobre o que falaremos alhures, um rico acervo de novidades folclóricas. O Programa, resguardado por envelope que traz belas palavras de Ranilson França de Souza, Presidente da Associação dos Folguedos Populares de Alagoas, muito bem organizado. Tudo isso graças à ajuda do Bradesco, Banco que vem mantendo de pé a divulgação literária dos nossos festivais do folclore, apesar das dificuldades econômicas por que passam todas as associações financeiras do país. Sua ajuda é sempre bem-vinda, graças a ele o país todo fica informado do que se faz na pequena cidade olimpiense em prol da preservação do folclore nacional. Agradecemos ao Bradesco que arcou com quase todas as despesas da divulgação literária. Parabenzamos o Sant'anna por conseguir atingir as regiões as mais diversas. O Senhor os abençoe.



## Hasteamento das Bandeiras



Um dos mais emocionantes momentos do 33.º Festival do Folclore de Olímpia foi, sem dúvida, o do hasteamento solene das Bandeiras pátrias. Procedida a solenidade pela execução do Hino Nacional, contou com a presença grada de autoridades civis e militares e público voltado para tal evento.

Às 8 horas, manhã fria do mês de agosto de 1997, dia 10, pudemos apreciar, passo a passo, como que em rica coreografia sincronizada com o som do teclado da pianista Denise Batista dos Santos muitas melodias do cancionário folclórico e a doce aragem matinal, ao hasteamento das nossas amadas bandeiras. Seguindo trilha sonora já preparada, o locutor Daércio Marcolino leu, com belo timbre de voz que o caracteriza, palavras de abertura para o evento, de minha autoria, Iseh Bueno de Camargo: A sempre presente sensação de amor às nossas coisas e à nossa

gente, faz-nos vibrar a própria alma, naquele misterioso frêmito de puro patriotismo e apego a cada nesga do Brasil que aqui se faz presente. Cada pavilhão é clara demonstração da força, vigor, destemor, capacidade de enfrentar as asperezas do caminho, o apego de cada Estado à União e às suas leis.

Quando convulsões inusitadas abalam as estruturas do planeta que, por universal consentimento é tido como a concha acolhedora dos seres humanos, quando presságios intranquilos procuram solapar a paz interior que o homem, a duras penas, preserva, um raio de esperança rasga os horizontes. Neste minúsculo reduto do planeta, Olímpia, por ocasião da Abertura Oficial do Festival do Folclore, no momento do hasteamento dos pavilhões nacionais, ante à visão de panos coloridos bafejados pela brisa, panos que retratam o valor de cada Estado da União, é possível acredi-

## REGISTRO

tar-se em um futuro promissor, em dias luminosos, em um mundo coeso. É o momento de sentirmos, profundamente, a necessidade de preservarmos valores éticos, morais, cívicos, religiosos, culturais, educacionais a fim de, perpetuando a vida através da História, resgatar o ser humano na sua trajetória para o amanhã. Assim, olhos postos nas bandeiras que representam este país de dimensões continentais, roguemos ao Senhor nos propicie um festival de folclore sadio, um evento que possa ser inserido nas páginas indeléveis da História local.

A fim de dar continuidade a esta solenidade, teremos acompanhamento de música ao teclado, mais uma vez sob a responsabilidade da olimpiense Denise Batista dos Santos. Vamos para a cerimônia do hasteamento:

Em primeiro lugar, a Bandeira do Brasil que retrata nas cores que ostenta, a paz que o país almeja, a riqueza que acumula, as esperanças que deposita no futuro. A Bandeira do Brasil será hasteada pelo excelentíssimo Prefeito Municipal de Olímpia, comendador José Fernando Rizzatti.

A bandeira que ora será hasteada, é o símbolo do Estado que assombra por sua grandiosidade econômica, social, política, cultural. Bandeira do Estado de São Paulo, será com muito orgulho hasteada pelo senhor Carlos Severino Paschoaletti, digníssimo diretor - executivo do 33.º Fefol.

O pavilhão olimpiense, belíssimo lábaro de cores pujantes, retrato do vigor do folclore pátrio será, com muita honra, hasteada pela excelentíssima senhora, professora Regina Celi Trindade Rizzatti, digníssima primeira-dama do município.

Para hastear a significativa bandeira do Acre, convidamos Adilson Aparecido Pinto - AT 01

Alagoas terá seu pavilhão hasteado por Alessandro Pacheco da Silva - AT 03

Amapá, ponto extremado do país terá sua bandeira ser hasteada por Luís Guilherme de Melo - AT 36

O magnífico pavilhão amazonense

será hasteado por Fábio Aparecido Baltazar - AT 21

Bahia, Bahia de todos os santos, de todos os povos, terá seu pavilhão hasteado por Fábio Henrique de Souza Carvalho - AT 22

Bandeira que é o retrato fiel de toda a pátria brasileira, lábaro que espelha nossa capital federal, Brasília será hasteada por Frederico Masson Suficier - MON 24

A bandeira do Ceará será, com carinho, hasteada por Guilherme Bertolino - AT 25

Espírito Santo, reduto perene da vitória almejada, terá seu lábaro hasteado por Gustavo Alberto Micheli - AT 26

Goiás, coração do Brasil, terá seu pavilhão hasteado por Gustavo Fernandes Minari - MON 27

A bandeira do Maranhão, distante terra pátria, será hasteada por Jorge Antônio de Castro - MON 29

Pujante retrato de um povo que engrandece a nação, a bandeira de Mato Grosso será hasteada por Marcelo Adaor Neves - AT 38

Mato Grosso do Sul, tão nossa irmã, terá sua bandeira hasteada por Kleber Augusto Neves Marreto - AT 31

Minas Gerais, reduto das alterosas, sua bandeira será hasteada por Leonardo de Souza - AT 32

Pará, que tem por égide Belém, terá sua bandeira hasteada por Luciano Almeida Dias dos Santos - MON 33

Paraíba, que vibra em uníssono com o folclore, terá sua bandeira hasteada por Luciano Gonini Carminati Righetti - AT - 34

Celeiro perpétuo da cultura nacional, o Paraná terá seu pavilhão hasteado por Luís Fernando Braga Victorassi - AT 35

Pernambuco, lendário eldorado brasileiro, terá sua bandeira hasteada por Marcelo Sérgio Prudenciano do Carmo - AT 39

A bandeira do Piauí será, com muito amor, hasteada por Márcio José Lourenço - AT 41

Bandeira da nossa jóia litorânea, Rio de Janeiro, será hasteada por Márcio Reis Carvalho - AT 42

Rio Grande do Norte, onde o Natal é eterno, terá sua bandeira hasteada por Mário André Lima - AT 44

Nosso valoroso Rio Grande do Sul terá seu pavilhão hasteado por Rafael Duran - AT 48

Rondônia, promissora gleba nacional, sua bandeira será hasteada por Ricardo Fernandes Nardelli - MON 49

Roraima, terra do futuro, terá sua bandeira hasteada por Ricardo José Gisoldi - AT 50

Grande, graciosa Santa Catarina, seu pavilhão será hasteado por Rodrigo Aparecido de Mendonça Baptista - AT 53

Sergipe, destemido rincão pátrio, terá sua bandeira hasteada por Rodrigo Franco - AT 54

Jovem e florescente Tocantins, sua bandeira será hasteada por Rodrigo Saraiva Toledo - AT 57

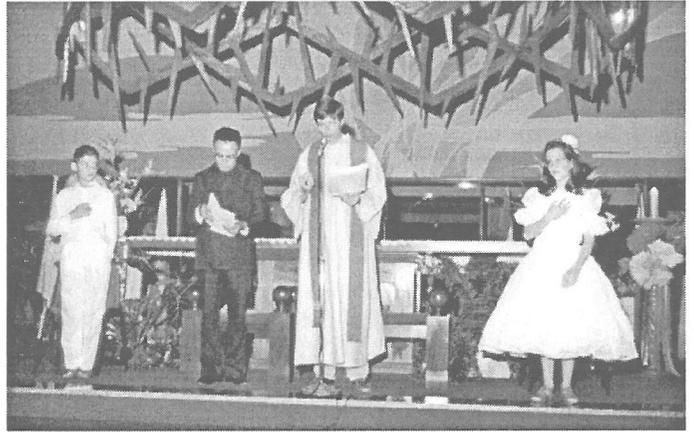
Para que o 33.º Festival do Folclore deixe pegadas indeléveis na pátina do tempo, eis que a Bandeira do Folclore de Olímpia será erguida, com carinho, pelo Prof. Ademir Antônio de Freitas, digníssimo secretário municipal da Educação.

Neste momento, com o máximo de respeito, acompanhemos a gravação oficial do Hino Nacional Brasileiro, cantado em uníssono.

Eis, pois, todo um povo representado através dos pavilhões que, em vibrantes cores, contam as histórias de lutas que cada recanto terreno enfrenta, as formas pacíficas que procura para acompanhar o progresso da humanidade. Olhos voltados para o alto, nossos corações pulsam ante tanta magnificência, em cada retalho que o vento agita, um pouco da nossa gente, um pouco da nossa trajetória histórica. Salve, pois, o Brasil aqui representado. Que o Senhor nos abençoe.

## REGISTRO

# Missa dos Violeiros



*Violeiros de São João Batista*

Na noite de nove de agosto de 1997, na Igreja Matriz de São João Batista, realizou-se mais uma tradicional Missa dos Violeiros, evento que se realiza às vésperas da abertura oficial do festival do Folclore de Olímpia. A igreja, ampla, totalmente lotada antes do início da cerimônia religiosa que teve início, pontualmente, às dezenove horas e foi oficiada, ecumenicamente, pelo padre Fernando Altemeyer Júnior e pastor Jairo Nunes da Silva representando a Igreja Metodista. Ambos, dentro das suas perspectivas religiosas, foram perfeitos e, é certo das bênçãos que, mãos estendidas rogavam ao Senhor, jorraram as alegrias que marcaram o 33.º FEFOL.

A Orquestra dos Violeiros de São João Batista, coordenada pelo senhor João Gianotto, sob a batuta de Toninho de Miranda, interpretou com sucesso belos números do cancionário folclórico, popular e músicas religiosas e a elas se deve grande parte do brilhantismo do evento. Grande espetáculo a entrada do berranteiro, senhor Osório Batista Rodrigues que, ao adentrar pela nave fez fiéis e curi-



*Recomendadores das Almas*

osos ficarem encantados. Os participantes do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", de Olímpia, dirigido pela Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzoli, percorrendo o longo trecho da entrada ao altar, agitando os pavilhões nacionais, vestidos com suas ricas indumentárias típicas, puseram o auditório em pé. E, recém-chegados do Festival Internacional de Folclore na Espanha, entregaram a todos que lotavam a matriz, lembran-

ça do grupo.

Em trajes especiais, desfilaram membros de Folia de Reis, Moçambique, Congada, Maculelê, Capoeira, (Recomenda de Almas), dançaram, foram aplaudidos sem reservas. Foi tudo bellissimo, perfeito. O coordenador do cerimonial, Sr. João Norberto Gianotto (e esposa), está de parabéns. O Senhor ouviu as preces, as orações de todos que lá estavam, e o 33.º FEFOL foi um sucesso absoluto.

## REGISTRO

# 32.<sup>a</sup> Gincana de Brinquedos Infantis



*Corrida-de-duas-pernas*

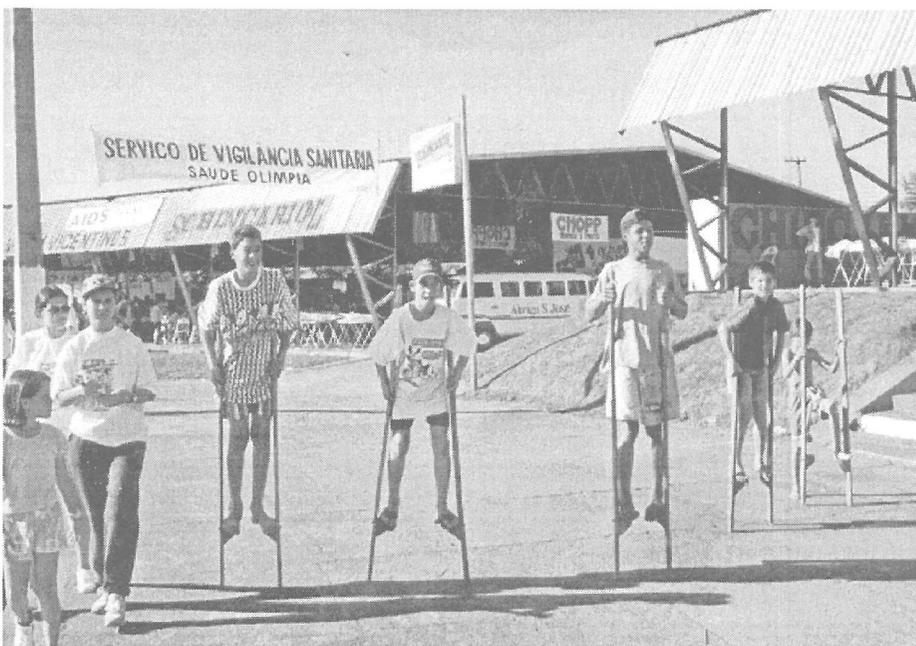


*Arquinho*

Retornando às suas atividades de coordenador das Gincanas de Brinquedos Infantis, o Prof. de Educação Física, Sérgio Eiji Abe, esmerou-se na realização desse evento tão caro à criança olimpense. É difícil destacar, dentre a variedade de brinquedos apresentados, o que mais agradou aos participantes, o que contou com o maior número de aguerridos competidores mirins, pois tudo, com o Sérgio e seus assessores dirigindo, se transforma em alegria e festa. Todas as brincadeiras são jogos educativos e transformaram a vida tranqüila da meninada em gratíssimo festival. O céu ficou recoberto de pipas em manhã fria e plena de vento, o cabo-de-guerra mostrou que criança sabe brigar com garra quando bem orientada. Toda uma semana repleta de novidades sadias, unindo pequenos carentes e escolares em geral: derrubada da latas, égua-de-pau, pulação de cordas, bétia, pião, estilingue, rabo-de-porco, perna-de-pau, corridas diversas, quebra-pote, arco, pau-de-sebo... Muito mais, jogos na Praça da Matriz, jogos no Recinto, passeata de ciclistas de várias idades, um festival para alegrar a criançada e preservar manifestações folclóricas que tendem desaparecer. Parabéns, Prof. Sérgio Eiji Abe, todas as crianças que participaram estão felizes. Permaneça no cargo!



*Bito*



*Perna-de-pau*



*Ovo-na-colher*

## REGISTRO

# 26.º Campeonato de Truco

O Truco, uma das mais alegres e vibrantes manifestações do folclore tem entre os brasileiros, um espaço amplo e crescente. Por isso, faz parte dos nossos festivais de folclore e, neste 33.º evento, aconteceu o 26.º Campeonato, 76 duplas, das quais participaram 64 delas. Classificaram-se em 1.º lugar, **Francisco Carlos Merlussi e Roque**

**Aparecido Estruzani**, de Fernando Prestes - SP; em 2.º lugar, **Odair de**



**Souza e Luiz Antônio Ferreira**, de Olímpia; 3.º lugar, **Vicente Francis-**

**co Fuiza Nogueira e José Xavier**, de Santa Adélia - SP e 4.º lugar, **Durval Recco e João Picoloto**, de Olímpia.

Especiais cumprimentos aos participantes olímpenses, parabéns a todos que se classificaram e que disputaram. E ao responsável pela realização do campeonato, em tudo muito bem organizado, o eficiente conhecedor Sr. Valdemar Aparecido Domingues. Firmes na peleja, jogadores valorosos!

## Lançamento do Anuário do 33.º Fefol e de Quadras Anônimas



Mais uma vez devemos ao Bradesco, esse Banco que, graças ao Senhor vem nos dando apoio quase que total, um novo Anuário, o do 33.º Festival do Folclore pôde vir a lume. Os esforços conjugados do Bradesco, e mais uns poucos auxiliares, foram coroados de êxito. O Anuário em questão está belíssimo, ostenta na capa o magnífico grupo que dança o Pau-de-Fitas, gente da Cidinha Manzolli, olímpenses jovens e sadios. Diferentemente dos anos anteriores, pelo fato de não haver um estande do Bradesco no Recinto das Atividades Folclóricas, o lançamento do Anuário aconteceu no saguão do Banco amigo, especialmente aberto para tal evento, manhã de domingo, dia do início do 33.º Festival. Foi uma maravilhosa reunião que contou com a presença de grande número de autoridades locais, dançarinos do grupo "Cidade Menina-Moça", escolares, funcionários do Bradesco, visitantes, folcloristas. Foi, também, apresentado ao público o livro do Prof. Sant'an-



na, "Quadras Anônimas", obra do mais alto valor folclórico e cultural. Os cumprimentos dos que usaram da palavra foram calorosos, como calorosos foram os elogios dos demais presentes diante das duas, duas obras primas que vinham a público. Pelo

Anuário, pelas Quadras Anônimas, nossos cumprimentos ao mestre. Nossos agradecimentos ao Bradesco, aos seus dirigentes e dedicados funcionários. Aos pais dos dançarinos que organizaram o coquetel que foi oferecido. Parabéns, Sant'anna.

## 24.º Campeonato de Malha

Tradição brasileira que encontra em Olímpia campo fértil para expandir-se, o acirrado Jogo de Malha, por ocasião do 33.º FEFOL, demonstrou a garra dos competidores, homens que preservam nossos valores culturais e lúdicos. Como acontece há

muitos anos, coube ao Sr. Alcides Daroz a responsabilidade e coordenação do referido Jogo, sagrando-se campeãs a dupla Frederico Sanches e Ademar Alves de Souza, honroso 1.º lugar: Parabéns ao responsável e aos valorosos campeões.

Cumprimentos, também, aos demais competidores classificados em 2.º e 3.º lugares: Daniel Rodrigues da Silva, Osmar Morassutti Pinto; Aparecido Eudides Dias e João Lopes Lourenço.

Aplausos, eles merecem.

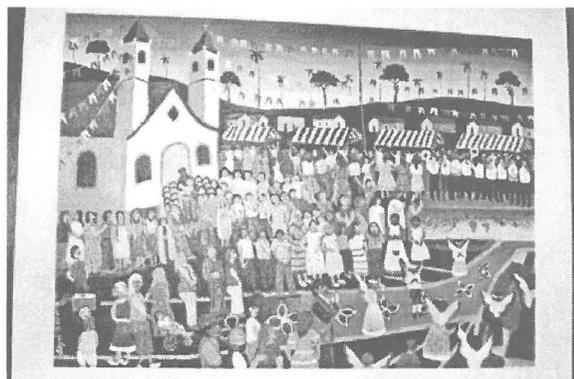
## Óleo sobre tela

Pela 8.ª vez, durante os Festivais do Folclore de Olímpia, concomitantemente aos eventos do palanque e dos demais recantos dedicados à apreciação das danças, dos folguedos, das atividades

de lazer e culturais em geral, fez-se presente o Salão de Pinturas e Artes Folclóricas, o 8.º. Odete Alves Martins Coradini foi a responsável pelo salão que brilhou pelo número e qualidade de peças apresentadas ao público. Torna-se um acontecimento altamente cultural, onde os artistas pintam a óleo sobre telas o imaginário imensurável do folclore brasileiro.

ro. Visa-se com essa exposição de belas obras, incentivar os artistas regionais, alguns fora da órbita do município, para que, retratando nossos usos e costumes, passem a valorizar o folclore nacional. E isso tem sido conseguido. Parabéns aos expositores, premiados ou não, parabéns à direção eficiente e corajosa de Odete Coradini.

Em sala contígua ao 8.º Salão de Pinturas e Artes Folclóricas estavam expostas as atividades dos artesãos e escolas artesanais de Olímpia, também sob a coordenação de Odete Caradini - 6.ª Exposição de Criatividade, Sala de Artesanato "Prof.ª Affifé Lattouf" como aventais, colchas, pinturas em tecido, peças de palha, de madeira, etc. Tudo estava muito belo.



## Os Parafusos nas Capas

## Há gente que vem de graça

Nestes anos de duros apertos econômicos, a Comissão Organizadora dos Festivais do Folclore não consegue atender à demanda de muitos grupos, folclóricos ou parafolclóricos, que gostariam de estar presentes e atuantes no palanque das atividades folclóricas, em Olímpia. Graças à sabedoria e diligência de mestres ou diretores, muitos grupos através de recursos locais ou adquiridos por meios próprios, comparecem aos eventos, dão seus recados, brilham, deixam saudades. É bom saber que estas cidades conseguiram ônibus gratuitos para suas viagens: Bebedouro - SP, Belém - PA, Betim - MG, Capão Bonito - SP, Campinas - SP, Chã-Preta - AL, Guaraci - SP, Itaú de Minas - MG, Jaboticabal - SP, Lagarto - SE, Natal - RN, Pirangi - SP, Votuporanga - SP. Também, eis os grupos que vieram sem receber indenizações comuns: Grupo Sabor Marajoara, de Belém - PA, Grupo Afoxé, de Bebedouro - SP.

A todos aqueles que colaboraram, nossos eternos agradecimentos. Contamos sempre com a presença amiga de todos.



Para o 34.º Festival do Folclore de Olímpia, o coordenador e diretor do festival, Prof. Sant'anna, escolheu para ilustrar o **Cartaz** que será distribuído para todo o país, o **convite** e a **capa** do Anuário, o Grupo Folclórico "Parafusos", de Lagarto, Sergipe, um dos mais belos e atrativos grupos que se apresentam em Olímpia. Merecidamente homenageado, é preciso conhecer alguma coisa sobre ele, um pouco da sua terra e da sua gente. Eis o que foi recolhido, enviado pelo Prof. Adalberto Fonseca, historiador.

### ORIGEM DO GRUPO

"Existia em Lagarto no 1.º recenseamento, 298 brancos, para 1880 pretos e índios. Regra geral, os negros fugiam dos engenhos e se embrenhavam nas matas fazendo mocambos. Na calada da noite, saíam para pequenos furtos. Era comum naquela época as sinhazinhas deixarem, no coradouro, durante a noite, as peças das suas indumentárias. Anáguas ricamente bordadas e cheias de rendas francesas. Deixavam-nas ali, porque o sereno ajudava a alvejar o linho belga de que eram fabricadas.

Tais anáguas, segundo à moda, tinham 9 côvados e formavam uma roda muito grande. Os escravos ladrões delas se apoderavam e, quando em época de lua cheia vestiam todas as que tinham roubado, fazendo com que todo o corpo ficasse cober-

to, após colocar uma sobre outra, até cobrir o pescoço. E assim saíam pelas estradas, dando pulos e fazendo assombração.

A superstição da época fazia acreditar em alma-sem-cabeça, e outras visagens.

Os moradores se abstinham de sair para proteger algo de que estava sendo roubado, porque tinham medo. Esta prática levou vários anos, até quando foram libertos. Alforriados saíram às ruas vestindo tal qual faziam, e cantarolando numa gozação aos seus antigos senhores.

Como a poesia e os poetas eram muitos, alguém fez a música para substituir o alarido feito pelos escravos que somente tinham uma motivação, gozar os seus senhores derrotados.

Ficou então incluído no Calendário das Festas de Lagarto, onde grupos se formavam obedecendo à forma primitiva. Até pouco tempo, era grupo distinto em todo o cenário das festas de São Benedito."

Sílvio Romero, Luís das Câmara Cascudo e Afonso Arinos, em suas obras, fazem referência aos Parafusos.

Muito bem escolhido esse Grupo. Sabemos que a Capa da Revista, o Convite e o Cartaz do 34.º Fefol ficarão belíssimos, ninguém duvida. Parabéns aos Parafusos por terem sido escolhidos e ao Sant'anna por escolhê-los.

## REGISTRO

# O Folclore em destaque



*Parafusos*

É costume encerrar-se o Festival do Folclore com a apresentação de quase todos os grupos que abrilhantaram as noites no palanque. Inúmeros grupos folclóricos vêm somente para o desfile, especialmente os que provêm de cidades vizinhas: Guaraci, Bebedouro, São José do Rio Preto, Pirangi. A Avenida Aurora Forti Neves é o palco desse encantador acontecimento e, neste ano, com a colocação de local destacado para fotógrafos e filmadoras, o desfile pôde caminhar mais livremente e toda a beleza dos trajes e das coreografias foi por imensa multidão aplaudida. A Banda "Sete de Março" de Pirangi, abriu o cortejo, seguida pelos catireiros da mesma cidade.

Em ordem religiosa, postaram-se os grupos de Folias de Reis, Congadas, Moçambiques, Fandangos, Boi-de-Mamão, Bacamarteiros, Índios do Guarujá (Caboclinhos), Reisados, grupos parafolclóricos de várias regiões brasileiras, Paraná, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso do Sul, Espírito Santo, Alagoas, Pernambuco, São Paulo, Olímpia em destaque.

Um colorido encantador enfeitou as duas margens do Córrego dos Olhos d'Água que viu a cidade nascer e que, na manhã clara e ensolarada do dia 17 de agosto de 1997, pôde oferecer à população local e aos visitantes, tão esplendoroso espetáculo. O desfile é organizado pelo Sant'anna, com a colaboração de André Luiz Nakamura, Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Clarice Aparecida Queiroz Guariente, Clarismundo Sant'Anna, Débora Aparecida Vicente, Guimarães Midori Sato, Luís Eugênio Machado e Maria de Fátima Souza Clemêncio da Silva.

Parabéns pelo estrondoso sucesso alcançado nesse desfile.

**34º Festival do Folclore**



*Moçambique*



*Baiana*



*Nega da Costa*



*Nega da Costa*



*Maneiro-pau*



*Xaxado*



*Xaxado*



*Dança gaúcha*



*Dança gaúcha*



*Ciranda do norte*



*Festa do Rosário*



*Congada*

**REGISTRO**



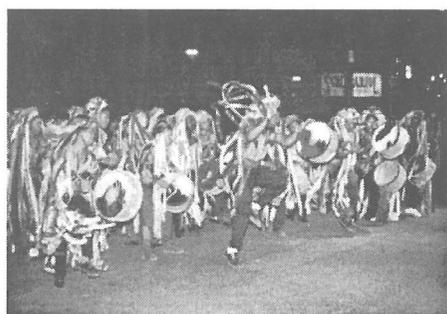
*Maracatu*



*Caiapó*



*Congada*



*Congada*



*Congada*



*Folia de reis com presépio*



*Caiapó*



*Bumba-meu-boi*



*Folia de Reis*



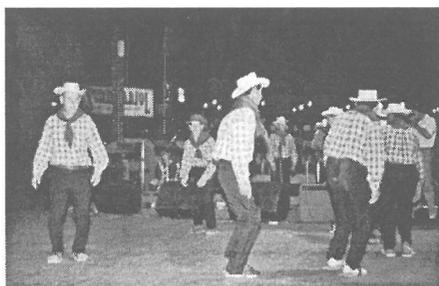
*Taieras*



*Reisado*



*Caboclinhos*



*Fandango de tamancos*

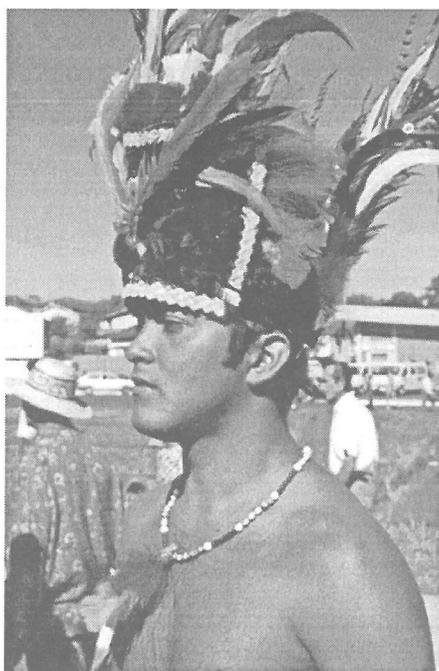


*Folia de reis com presépio*

## REGISTRO



*Folia de Reis*



*Bate-pau*



*Caiapó*



*Mestre de Guerreiro*



*Obaluaê*



*Guerreiro*



*Congada*



*Reisado*



*Moçambique*



*Catira*



*Reis de boi*

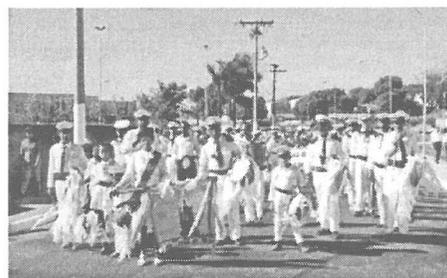
## REGISTRO



*Reis de boi*



*Moçambique*



*Congada*



*Samba-lenço*



*Moçambique*



*Folia de Reis com presépio*



*Guerreiro*



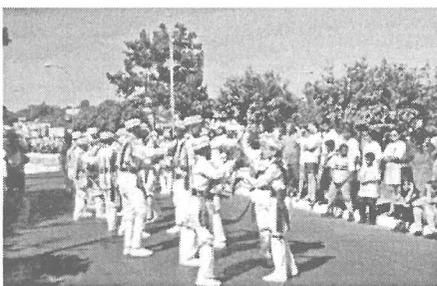
*Pastoril*



*Congada*



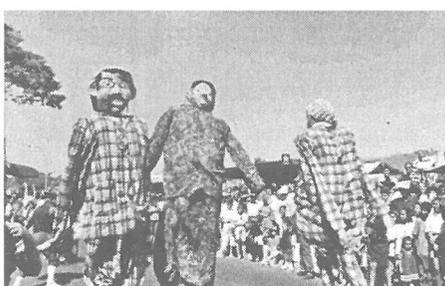
*Congada*



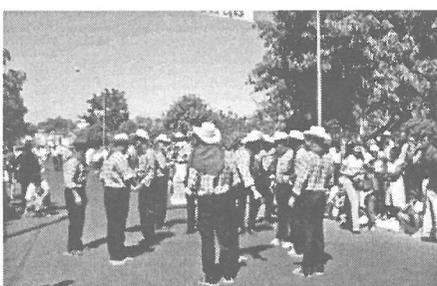
*Moçambique*



*Congada*



*Cordão-de-bichos*



*Fandango de tamancos*



*Bumba-meu-boi*



*Catupé*



*Congada*



*Congada*

## REGISTRO



*Folia de reis*



*Capoeira*



*Maculelê*



*Maçanico*



*Pau de fitas*



*Quadrilha*



*Tamboril*



*Bumba-meu-boi*



*Bumba-meu-boi*



*Bumba-meu-boi*



*Bumba-meu-boi*



*Dança do café*

## Proveitosa visita



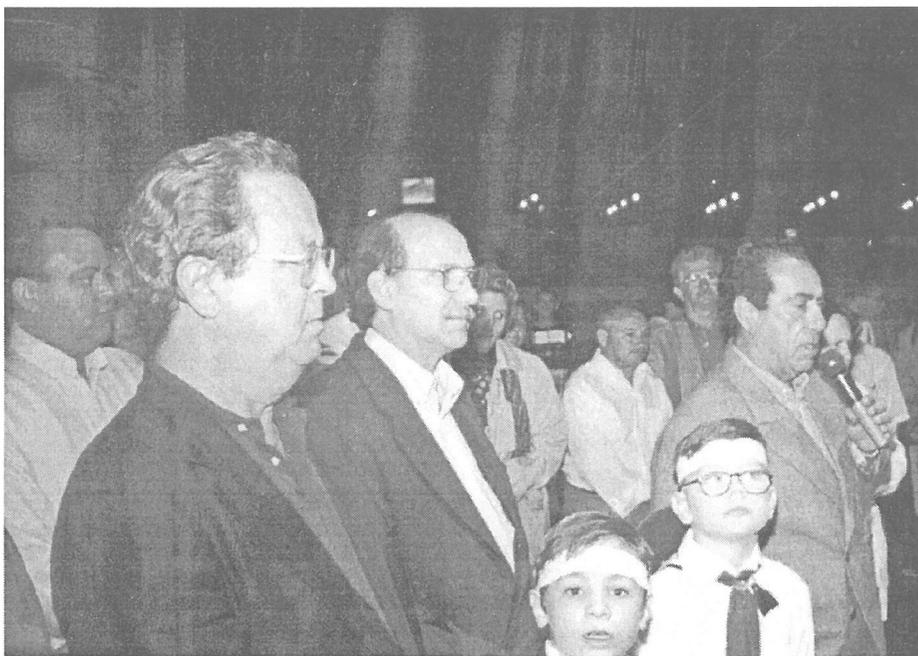
*Na abertura, o Patrono do Festival, recebe chave simbólica do prefeito José Fernando Rizzatti.*



*Ministro Weffort ladeado por Rizzatti, Nilton e Sant'anna*



*A primeira dama Regina Celi Trindade Rizzatti fala da importância do Festival*



*Dep. Maluly fala sobre o Folclore e o Festival ao Ministro*

Tivemos a honra e o prazer de receber, no dia 10 de agosto de 1997, a visita do ilustríssimo Senhor Ministro da Cultura, **Dr. Francisco Correia Weffort**, noite da abertura do Festival do Folclore de Olímpia. Veio o ilustre ministro acompanhado pelo deputado federal, Dr. Jorge Maluly Neto, sendo ambos recepcionados pelo prefeito José Fernando Rizzatti, vice-prefeito Dr. Nílton Roberto Martinez, Prof. José Sant'anna e demais autoridades presentes. Adentraram o palco das atividades folclóricas pelas mãos de crianças que fazem parte do Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça". Na ocasião houve o cerimonial da entrega da chave simbólica e da carta ao Curupira, mito primário escolhido, há tempo, como patrono do Festival. O Ministro da Cultura, após os elogios a Olímpia, entusiasmado com os acontecimentos, pelo brilhantismo e importância cultural dos festejos, foi exuberante em aplausos, prometendo envidar todos os esforços a fim de conseguir ajuda financeira para os mesmos. Promessa rapidamente cumprida. É a nossa vez de aplaudir nosso ministro da cultura, agradecidos pelo cumprimento da palavra empenhada. Que Deus o cubra de bênçãos, grande amigo benfeitor.

## REGISTRO

# Convite da Unesco

A Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), enviou ao Prof. José Sant'anna convite para a solenidade comemorativa do seu cinquentenário (1947-

1997).

O evento ocorreria no dia 25 de maio de 1998, no Auditório do Museu de Folclore Édison Carneiro, Rio de Janeiro. Impossibilitado de comparecer, o mestre agradece pelo con-

vite e, por este meio, reafirma seus votos de contínuo sucesso no trabalho que vem sendo desempenhado pelos grandes batalhadores da Comissão Nacional em prol do folclore pátrio.

## Congratulações do Guarujá

### Câmara Municipal de Guarujá

**Guarujá - SP** - 27 de agosto de 1997

Excelentíssimo Senhor  
José Fernando Rizzatti  
Prefeito Municipal de Olímpia

Levamos ao seu conhecimento que na Sessão Ordinária deste Legislativo, realizada em 26 do corrente, foi aprovada a Moção n.º 050/97, de autoria do Vereador Antônio Addis Filho e subscrita por 11 vereadores, aprovada unanimemente, congratulando-se com a Prefeitura Municipal de Olímpia, por ser a **Capital Nacional do Folclore**, congregando em seu Festival Grupos Folclóricos de todo Território Nacional.

Ao ensejo, renovamos os votos de elevada estima e distinta consideração.

Wanderley Maduro dos Reis - Presidente

### Justificativa

Senhor Presidente, Senhores Vereadores,

A Cidade de Olímpia, no mês de agosto, há 33 anos, se torna a Capital Nacional do Folclore.

O Prof. José Sant'anna, idealizador do Festival de Folclore de Olímpia, vem conduzindo e coordenando esse evento todos esses anos, com brilhantismo, dando oportunidade para a manutenção de Grupos Folclóricos em todo o território nacional.

Em nossa cidade, em especial, os grupos Reisado e Bumba-Meu-Boi, participam deste evento por mais de duas décadas.

Ante o exposto, venho na forma regimental, apresentar à Casa a seguinte:

### MOÇÃO N.º 050/97

A Câmara Municipal de Guarujá, congratula-se com a Prefeitura Municipal de Olímpia - SP, por ser a **Capital Nacional do Folclore**, congregando ao seu Festival grupos Folclóricos de todo o território nacional e, em especial, os Grupos Folclóricos de Guarujá: Bumba-Meu-Boi e Caboclinhos.

Solicito que sejam oficializados a Câmara Municipal de Olímpia; o Exmo. Sr. José Fernando Rizzatti (Prefeito de Olímpia); o Secretário de Estado da Cultura (Sr. Marcos Ribeiro de Mendonça) e o Ministro de Estado (Sr. Francisco Correa Weffort).

Sala Alberto Santos Dumont, 26 de agosto de 1997.

Antônio Addis Filho - Vereador.

## Cumprimentos da Assembléia Legislativa

Através de Requerimento que traz o n.º 452 de 1998, assinado por Jayme Gimenez, Olímpia recebeu cumprimentos pela passagem de mais um aniversário de fundação, aos 2 de março, com ampla Justificativa que narra a singela odisséia do povo que ali se fixou na 2.ª metade do século XIX, até os dias atuais.

A Justificativa do nobre deputado destaca que "Olímpia é conhecida como **Capital do Folclore**. Único em

seu gênero no país, o **Festival de Olímpia** apresenta como principais virtudes a concentração de grupos regionais de todo o Brasil e a oportunidade de assistir a folguedos ameaçados de desaparecimento."

Ficamos gratos ao autor da proposição e esperamos contar sempre, na Assembléia Legislativa, com pessoas tão cômicas e interessadas na evolução histórica de Olímpia.

## Carta a Laguna, berço natal de Anchieta

Nós, folcloristas e historiadores, temos na figura de José de Anchieta, um dos paladinos da iniciação cultural brasileira, o líder absoluto dos primeiros passos da instrução básica do recém-nascido povo brasileiro e, mais ainda, como preservador consciente dos usos e costumes dos nativos da terra. Assim, com grande sentimento de amor ao sacerdote que pisou as terras brasileiras, nos primórdios do século XVI, que nosso Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", de Olímpia, liderado por Cidinha Man-

zoli, fez-se presente ao Festival Internacional de Folclore da Espanha, realizado em julho de 1997. Acompanhou a caravana, o ilustre folclorista José Sant'anna. Eufórico, grato e bastante orgulhoso, o Prefeito José Fernando Rizzatti assim se exprimiu:

Olímpia, Estado de São Paulo  
Brasil, em 30 de junho de 1997.

Excelentíssimos Senhores  
Organizadores do Festival Internacional de Laguna  
Saúde e Paz:

## REGISTRO

Na qualidade de prefeito do município de Olímpia, Estado de São Paulo, Brasil, quero em meu nome, e no de toda a coletividade olimpiense, apresentar os sinceros e cordiais cumprimentos pela realização do Festival Internacional de Folclore (1.º a 5 de julho de 1997) em homenagem aos **quinhentos anos** de fundação de **Laguna** e dos **quatrocentos anos** da morte do **padre José de Anchieta**.

À festa de celebração do aniversário de Laguna, rogamos a Deus as mais copiosas bênçãos sobre essa cidade, mais velha que o nosso país, e que continue na senda do desenvolvimento e progresso, para sempre, sob a égide de Deus.

Quanto ao 4.º centenário da morte do Apóstolo Infatigável Anchieta, este fez a primeira história do Brasil: "Veio para nosso país em 1553 e muita coisa mudou por aqui. Ensinou catequese juntamente com Manuel da Nóbrega e Antônio Vieira. Construiu o Colégio São Paulo, que mais tarde se transformou em uma grande cidade, hoje a cidade que mais cresce no Brasil e é a capital do estado (de mesmo nome) em que habitamos. Aprendeu a língua dos índios, criou escolas, trabalhou como pedreiro, carpinteiro, sapateiro, enfermeiro, lavrador, cozinheiro, ator, etc., e ensinou, com facilidade, a religião e os costumes civilizados.

O trabalho de Anchieta foi decisivo para a construção do reino que se iniciava, ensinando, curando doente, pacificando lutas entre indígenas e colonos. Por onde passava, marcava a história. Era criativo e piedoso, ousado e profético. Artista.

A morte o encontrou quando defendia valentemente o pequeno povoado de São Paulo; o luminoso exemplo e as pegadas que Anchieta deixou encontraram-se por toda parte."

Pela inestimável ajuda de Anchieta ao Brasil, sobretudo ao estado de São Paulo, unidade federativa onde nos situamos, com o coração coberto de gratidão, temos a honra de participar do Festival de Laguna, berço no nosso missionário santificado, por intermédio do Grupo Parafolclórico,

"Cidade Menina-Moça", do centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia, cidade paulista que mantém o Festival Nacional do Folclore Brasileiro e, ainda nos dias atuais, preserva as danças e folguedos folclóricos que foram incentivados por Anchieta, o Apóstolo do Brasil.

Recebam, senhores organizadores desse Festival Internacional, uma vez

mais, a nossa profunda admiração, o nosso abraço e fraternal ternura por essas realizações de amor, tão importantes para Laguna, para a Espanha e para o mundo. Bendito louvado seja.

José Fernando Rizzatti  
Prefeito Municipal.

## Deputado Fernando Cunha

Na noite do dia 16 de agosto, sábado do encerramento, esteve presente às atividades folclóricas o deputado estadual Fernando Cunha, prestigiando nossa cidade e suas realizações. Foi recebido pelo prefeito municipal, pela Comissão Executiva e pelos amigos. Comprimen-  
to, com veemência, os grupos folclóricos e parafolclóricos que ali estavam reunidos. Coube à professora Cidinha Manzolli, diretora do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça" e membro da Comissão Organizadora, saudar o nobre olimpiense, ora visitante. Saudou-o com vigorosa alocução. O grupo parafolclórico "Menina-Moça", apresentou a dança "Pau-de-fitas", motivo da estampa de todo material de divulgação do 33.º Fefol. Dr. Fernando, que



na oportunidade também representava o excelentíssimo senhor Dr. Marcos Ribeiro de Mendonça (secretário de cultura do governo de São Paulo), comovido diante das cores, do efeito visual das danças apresentadas pelo Grupo de Cidinha Manzolli, se expressou: "sinto-me muito feliz e muito orgulhoso por ter nascido na Capital do Folclore".

## REGISTRO

# Cinqüentenário da Comissão Paulista de Folclore

Um agradável convite feito ao associado Prof. Sant'anna, enviado pela Comissão Paulista de Folclore, cujo Presidente de Honra é Hélio Damante e Presidenta a Baronesa Esther Sant'Anna de Almeida Karwinsky, para Comemoração do **Cinqüentenário da Entidade** (1948) deixou-nos sensibilizados. Cinqüenta anos de muita luta da entidade merecem bem uma

condigna comemoração.

Da programação a realizar-se a 6 de abril de 1998, no Auditório da Biblioteca Mário de Andrade, constam relevantes nomes do folclore brasileiro, a memória de 1.º Presidente da Comissão em pauta: Rossini Tavares de Lima; depoimentos de ilustres folclorólogos, exposição de fotografias e apresentação do Coral Anhembi

formam, sem dúvida alguma, uma autêntica e memorável solenidade.

Aos organizadores do evento nossos profundos agradecimentos e, temos certeza, um grande sucesso deve ter sido alcançado, pois só assim se prepara o nosso folclore, ainda tão carente de reconhecimento e ajuda governamental.

Parabéns a todos.

## Trabalhos da Comissão Estadual de Folclore

Através de Toninho Macedo, Presidente da Comissão Estadual de Folclore recebemos, no início do corrente ano, Boletim da Comissão com abertura de Marcos Mendonça, Secretário de Estado da Cultura, com enfoque do projeto "Revelando São Paulo - I Festival de Cultura Paulista Tradicional". Excelente compêndio para enriquecimento sócio-cultural dos estudiosos do folclore nacional.

Também recebemos "Moda de Viola" de Rossini Tavares de

Lima, resumo da vida e obra do falecido mestre, por Toninho Macedo, ótimo para conhecermos um pouco mais daquele controvertido batalhador pela preservação do folclore paulista, do folclore nacional.

A Agenda Cultural coloca, para os paulistanos, todas as opções em Cinema, Vídeo, Cursos, Espetáculos em geral, importante para quem demanda à capital paulista e se interessa por apresentações culturais.

Dois livretos, "Boneções, Caras e Caretas" e "Encontro

dos Romeiros", também fazem parte do projeto "Revelando São Paulo".

O Estado de São Paulo surge, enfim, como um rico centro de tradições que eram pouco divulgadas, ampliam-se as áreas de conhecimentos e lazer, enquanto São Paulo se revela aos folcloristas e aos estudantes brasileiros.

Nossos agradecimentos ao Toninho Macedo. Envie-nos o que puder, amigo de sempre, ficamos um pouco mais sábios a cada informação que nos remete. Gratíssimos.

## Os 80 anos de Saul Martins

**De Pirapora, MG, datado de 7 de novembro de 1997, da autoria de Domingos Diniz, nos chega às mãos, através do jornal Corrente, "80 anos do folclorista, professor Saul Martins". Vai desde as barrancas do Rio São Francisco e sertão nordestino onde nasceu até seus dias atuais, passando por sua obra escrita e falada, analtecendo o grande defensor do folclore brasileiro, sem exageros ou falsos conceitos. É tão vasto o seu currículo de professor, ex-militar**

**graduado, poeta, antropólogo, escritor e muito mais, que espaço tão pequeno não comportaria tanto saber e trabalho. Por isso, ao grande guerreiro que completou 80 anos bem vividos e operosos, só nos resta reiterar nossos cumprimentos e votos de perenidade nos meios folclorísticos, sob as mais preciosas bênçãos e proteção de Deus. Uma vida plena dada pelo Espírito Santo. Parabéns ao autor da mensagem também.**

## Convite Mineiro

A Comissão Mineira de Folclore, uma das mais atuantes do país, enviou-nos convite para o lançamento do seu 18.º Boletim, edição especial em homenagem aos: **100 anos de Belo Horizonte, 80 anos do Prof. Saul Martins e 50 anos da Comissão Mineira de Folclore.** Três importantes momentos da história mineira, mercedores de homenagens desmedidas.

Agradecidos pelo convite e nossos votos de que a Comissão continue firme a preservar o folclore brasileiro. Parabéns pelas festividades.

## REGISTRO

# Cidadão Olimpense



*Jogral - integrantes do grupo parafolclórico*



*Prefeito coloca crachá no novo cidadão*



*Cerimônia: lava-mãos*



*Título de Cidadão*

No dia 26 de novembro de 1997, em sessão solene, o **Dr. Lázaro de Mello Brandão**, Presidente do Bradesco, recebeu o **Título de Cidadão Olimpense**, pelos muitos feitos em prol das atividades sócio-culturais da nossa cidade, com destaque o **Festival do Folclore**. Emocionante cerimônia, com altas autoridades presentes, contou, também, com a presença do coral misto das Igrejas Adventista, Metodista e Católica de Olímpia.

O Grupo Parafolclórico Cidade "Menina-Moça", dirigido por Cidinha Manzolli, apresentou números de danças folclóricas, atuando em quase todos os momentos do encontro festivo.

Após discursarem o vice-prefeito, Dr. Nílton Roberto Martinez e o prefeito José Fernando Rizzatti, coube a este colocar o crachá de olimpense no paletó do homenageado. Um outro Melo, Osvaldo da Silva Melo, autor da proposição, após seu discurso, fez a entrega do Título em questão.

Em clima de grande emoção, durante a sessão cívico-religiosa que a todos comovia, o novo Cidadão Olimpense, em discurso, ressaltou as grandes ligações com o Bradesco ao povo



*Sant'anna fala sobre parafolclore ao Dr. Lázaro*

em geral e aos Festivais do Folclore em particular, esclarecendo: "Ao longo dos anos o Bradesco tem cultivado fortes vínculos com esta cidade, de povo empreendedor e determinado, símbolo de progresso e desenvolvimento do Interior Paulista."

O presidente da Câmara, vereador Jesus Ferezin, agradecendo a presença dos vereadores, enalteceu a presença do Prof. José Sant'anna, um dos organizadores da sessão que, como é

usual, contou com a cerimônia do lava-mãos como símbolo de refrigério e bênçãos sobre o homenageado.

A Revista Bradesco, n.º 1 de 1998, registrou o evento.

Cumprimentos extensivos ao novo olimpense e a todos do Bradesco que sempre nos apóiam.

Parabéns, Dr. Lázaro de Mello Brandão, cidadão olimpense de simpatia ímpar.

## REGISTRO

# Laura Della Mônica nos enriquecendo

Nossa grande amiga, a folcloróloga Prof.<sup>a</sup> Laura Della Mônica, além de enaltecer, nos livros que escreve, nas cartas constantes que envia, nos cursos que ministra aos alunos olímpenses, desta vez fez muito mais: doou para o Museu de História e Folclore

“Maria Olímpia”, em 1997, um rico acervo de peças artesanais, material da sua coleção particular que, além de suprir necessidade já sentidas pelos estudantes, enriquece não só o Museu como toda a cidade. Cidadã olímpense, Laura tem por Olímpia e

pelo Prof. Sant’anna um carinho todo especial, sentimento que é recíproco e, com essa doação, agradecida pelo Prefeito José Rizzatti através de Ofício, mais se vincula à nossa terra, à nossa gente. Nossos sinceros agradecimentos, amiga Laura Della Mônica.

## Escritores valorizando o folclore

Nos últimos anos, um intenso surto de excelentes trabalhos escritos têm surgido, ampliando os conhecimentos de quem já se preocupava com a preservação do folclore regional ou nacional. Livros, revistas, folhetins, chegam constantemente às mãos do Prof. Sant’anna, ampliando o seu já vasto acervo bibliotecário, propiciando a estudiosos novas fontes de conhecimentos e amplo campo para pesquisas. É quase impossível falar de cada obra recebida, dando conhecimento do seu conteúdo, por isso, dentro do nosso espaço restrito, tentaremos, pelo menos, citar alguns autores e títulos que rotulam seus escritos.

1 - De Francisco de Vasconcellos, carioca, o mestre recebeu “Atualização dos Dados Bio-Bibliográficos de Francisco de Vasconcellos”, Encontro com o Folclore (n.º18) e “A Guerra de Canudos e a Imprensa Petropolitana”.

2- Da Secretária de Esporte, Cultura e Lazer de Nova Iguaçu, “Dadinho - O Escultor de Cidades”; de São Paulo “Raiz: Esculturas de Benedito da Silva Santos” e da Fundação de Arte, “Bichos da Floresta Amazônica”, esculturas de José de Alcântara, enviados pela Coordenação de Folclore e Cultura Popular, Rio - RJ.

3- Através de Manoel Paulo Nunes, do Conselho Estadual de Cultura do Piauí, Sant’anna recebeu “Grandeza e Glória nos Letreiros de Teresina”, de H. e Susana Dobal; Darcy Ribeiro, educador e antropólogo”, de Celso Barris Coelho; “Tradição e Invenção” de M. Paulo Nunes; “Deolindo Couto”, da Fundação Cultural Monsenhor Chaves de Teresina, “A rosa dos ventos gerais” de Elmar Carvalho, “Piauí na Confederação do Equador” de Abdias Neves.

4- Do Rio Grande do Norte, “Boletim” da Comissão Norte Rio-Grandense de Folclore; de Gutemberg Medeiros Costa, “Santa Luzia e os olhos” com convite para o lançamento na Igreja de Santa Luzia, Mossoró e “A presença de Lampião na literatura de Cordel”.

5- Do escritor e diretor Doralécio Soares, de Santa Catarina, recebeu o “Boletim da Comissão Catarinense de Folclore” que apresenta, na página 160, “A festa da beleza em Olímpia”.

6- Ainda da Universidade Federal da Paraíba, chegou-lhe às mãos “Contos Populares da Paraíba”, organização de Ivaldo Nóbrega, enviado por Altimar de Alencar Pimentel.

7- “Folclore Literário e Lingüístico”, de Antônio Henrique Weitzel, pesquisas feitas em Juiz de Fora, MG, excelente compilação para estudantes do folclore. Do mesmo autor, recebeu o Prof. Sant’anna, “Adivinha o que é”, obra que dedica à folclorista Núbia Pereira de Magalhães Gomes, in memoriam, mais de 2000 adivinhações!

8- De Rossini Tavares de Lima, saudoso folclorista paulista, veio “Moda de Viola”, inúmeras poesias folclóricas, músicas para viola..., enviado pela Comissão Estadual de Folclore de São Paulo.

9- Através do Ministério da Cultura, Brasil 97/98, recebemos “Calendário de Eventos Culturais”.

10- Da Comissão Estadual de Folclore de São Paulo, n.º 1, de 1997, o “Boletim da Comissão” com dizeres de Toninho Macedo, Presidente da mesma.

11- A Comissão Mineira de Folclore enviou o Boletim n.º18/97 onde, à página 83, está o artigo de nosso companheiro José Carlos Rossato, “Adivinhas no Universo Futebolístico”, bem como os 100 anos de Belo Horizonte e os 80 anos de Saul Martins.

12- A Fundação Joaquim Nabuco, Recife, PE, enviou-nos “Folclore 95/97”, por Mário Souto Maior.

13- São José dos Campos, SP nos envia o “Caderno de Folclore” n.º 9 da série “Chico Triste”, Diretor Antônio Gervásio de Paiva Diniz, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

14- Do Centro de Folclore do Litoral Paulista, do Guarujá, SP, enviou-nos o livreto “Danças e Folguedos 1”, a Presidente Esther Sant’Anna de Almeida Karwinsky.

15- Sebastião Aparecido da Cruz, de Ipuã, SP, enviou ao professor Sant’anna o livro “Nossa Terra, Nossa Gente”, livro histórico - documentário.

16- O Serviço Social do Comércio, SESC de Minas Gerais, através do Diretor Social, Róbinson Correa Gontijo, enviou votos de Boas Festas para o final do ano e muito bem elaborado Calendário para 1998.

17- Duas obras, dois olímpenses: Maria Antonieta de Oliveira e Mário Francisco Montini, ela com “Terra de Formigueiro”, poesias, ele, com “Momentos do Passado”, capa e desenhos de Willian Zanolli, revisão do Prof. Sant’anna, também poesias, prefaciado por Alberto Carlos G. Lomba.

Nossos profundos agradecimentos a todos, com votos de que permaneçam firmes na luta. Cultura é progresso, folclore é cultura.

## REGISTRO

# Livros que nos chegam da IMESP

A imprensa Oficial do Estado de São Paulo S. A., sempre voltada para assuntos educativos não se furta a tentar levar a toda a população brasileira as suas publicações diárias ou periódicas. Para Olímpia, conhecida como Capital do Folclore, selecionou obras que visam ampliar estudos de aficionados da preservação da histó-

ria pátria, ou seja, o seu patrimônio cultural. Desta vez, para o seu Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", enviou os seguintes livros:

1- **VILLA LOBOS**, de Alejo Carpentier.

2- **Brás, Bexiga e Barra Funda**, noticiário desses bairros paulistanos,

por Antônio Alcântara Machado.

3- **Questão de Consciência**, de Renato Laércio Talli, preconizando a reumanização do moral. Obras que estarão à disposição dos estudiosos de história e folclore. Agradecemos à IMESP, esperamos contar sempre com o seu concurso.

## Documentário sobre folclore organizacional

O Prof. José Sant'anna recebeu da Comissão Nacional de Folclore - IBECC/UNESCO três importantes livros sobre o folclore organizacional do nosso país: Comissão Nacional de

Folclore: **Cinqüentenário** (1947 - 1997), retratando ainda as Comissões Estaduais de Folclore; Comissão Nacional de Folclore: **Documentos** (n.º 1 a 580 - 1948/1970) e **2.º Semi-**

**nário Nacional Sobre Ações Integradas Em Folclore** (Anais), realizado em Campinas - SP. Excelente documentário sobre Folclore. Somos agradecidos.

## José Nilton da Silva, um ilustre escritor

Escritores o Brasil os possui em quantidades. Porém, excelentes e, além do mais, folclorólogo, educador e historiador, tudo junto, poucos existem. José Nilton da Silva, da Comissão Paraibana de Folclore, emérito professor da Universidade Federal da Paraíba, demonstra, através das obras que remeteu ao Prof. José Sant'anna, que folclore se insere em todos os setores das atividades literárias. Sua obra é prova disso. Eis o que Olímpia acrescenta ao seu acervo:

I- "Nossa Terra - Nossa Gente", para o ensino fundamental, é um dos autores.

II- "Cartilha Paraibana", para o ensino do primeiro grau, também um dos organizadores e colaborador.

III- "Atlas Escolar da Paraíba", espaço geo-histórico-cultural, para o primeiro grau.

IV- "A Terra e o Povo", para o ensino de Estudos Sociais, a história e a geografia da Paraíba, obra para a terceira série do 1.º grau, um dos mais importantes participantes.

Assim, através da história e da localização geográfica do seu povo, José Nilton demonstra sua inabalável fé no futuro da criança e do jovem brasileiro, retratado na rica aprendizagem do paraibano que tanto ama o solo que pisa.

Parabéns ao grande folclorólogo, ao historiador, ao educador. Gratos pela oferta valiosa.

## José Nilton escreve o verso do envelope/98 do convite

OLÍMPIA DOS ENCANTOS MIL

**Olímpia é a cidade consagrada no Brasil pela preservação da cultura popular e folclórica, através dos seus festivais folclóricos e parafolclóricos, que congregam grupos de todo o país. Esse é o papel de Olímpia: preservar nossa Identidade Cultural, graças ao BRADESCO, um dos principais patrocinadores. Há doze anos participei de um dos festivais folclóricos de Olímpia. Lembro-me ainda dessa grande festa alusiva à Cultura Popular, através da Arte, das palestras, exposições, música, danças e folguedos, brinquedos e outras formas lúdicas da nossa cultura, incluindo também nossa culinária folclórica. Particularmente lembro-me do povo nas ruas, nos passeios públicos, nos parques de diversão, nas compras... na alegria dos bares. Em tudo, a espera do grande desfile folclórico e parafolclórico. Trata-se de uma lembrança viva que guardo bem perto de mim e que desperta saudades e deixa meu coração**

**palpitando de emoção. Acredito que muita coisa mudou, desde então. Faz parte da dinâmica cultural. Assim, o nosso respeito às formas de pensar, sentir e agir do povo. É dele que brota o nosso estudo: os interesses pela pesquisa participante que culmina na publicação e difusão para a humanidade. Olímpia chegará ao Terceiro Milênio encantada, alegre e com seu povo feliz, ao lado de José Sant'anna, batalhador e pesquisador incansável e sempre presente às manifestações do folclore. Esperamos que todo o Brasil e o Governo Federal reconheçam o que ele e sua equipe fazem pelo folclore brasileiro. Olímpia já é conhecida mundialmente através do espírito do seu povo. Olímpia, o Terceiro Milênio a espera numa grande festa cósmica. Eu estarei aí nessa ocasião assistindo a um Bumba-meu-boi com capacete de astronauta.**

JOSÉ NÍLTON DA SILVA

Membro da Comissão Paraibana de Folclore

## REGISTRO

# Bilhete de Barbosa Lessa

De Camaquã, RS, com data de 22 de maio de 1998, o eminente folclorista e historiador Barbosa Lessa, através de simpático bilhete, agradece ao Prof. Sant'anna o envio do Anuário do Folclore, veículo pelo qual o mestre do Sul fica sabendo o que ocorre

em Olímpia, pelo menos durante os festivais. Gostaríamos mais se fosse possível tê-lo entre nós durante o 34.º festival. Mesmo assim, nossa gratidão pelo incentivo. Eis o que escreveu:

“Graças ao gentil envio do “Anuário”, continuo acompanhando o que

acontece nos Festivais aí em Olímpia. Bah! são já 34 anos de vitoriosa luta. Graças a epopéias como essa é que nossa Cultura Popular consegue sobreviver sob a asfixia da globalização. Não esmoreça, viu? Entusiástico abraço do

*Barbosa Lessa*

## Retratando o folclore

Jornais e Boletins são pródigos em referências ao Festival do Folclore de Olímpia, ressaltam sempre a pompa e riqueza do mesmo e procurando estimular a quem se interessa pela preservação da história popular que nos sigam nessa árdua tarefa. Portanto, difícil nos é citar tantos veículos culturais que apontam Olímpia como

sede do folclore pátrio, que ficamos impossibilitados de a todos dar destaque. O Diário Oficial - Suplemento Leitura é um deles. A Comissão Maranhense de Folclore. O Boletim “Esfera” de São José dos Campos. Boletim “Carranca”, da Comissão Mineira de Folclore. A Comissão Nacional de Folclore, com Ático Vilas Boas da

Mota, Bráulio do Nascimento, Paulo de Carvalho-Neto, Cásia Frade e Delzimar Coutinho citam-no. A todos aqueles que vêm no trabalho executado um seguro meio de se preservar e propagar o que é nosso. Que o Senhor os ilumine sempre, agradecidos somos pelo zelo com que recebem os esforços olimpienses.

## Algo diferente vem do Rio Grande do Sul

Para enriquecer nosso acervo folclórico, fomos gratamente surpreendidos com duas ótimas publicações dos gaúchos, gente que sabe preservar suas tradições como poucos o fazem: um Catálogo, tipo jornal ilustrado, com obras que falam o que é vivenciar o Rio Grande do Sul. Muitas obras re-

tratadas com resenhas elucidativas, forma simpática de levar os pesquisadores do folclore nacional a se interessarem pela aquisição de livros que são bem elaborados. Junto, o “**Almanaque dos Gaúchos**”, um dos livros do Catálogo, apresentado na página 37, além de bela foto

do Pau-de-Fitas olimpiense, ricas palavras sobre os festivais do folclore. Parabéns pelo trabalho excelente e muito agradecidos pelas palavras elogiosas. Saudade da **Invernada Artística de Xangri-lá**, sempre bem-vinda e apreciada pelos olimpienses.

## São Pedro na Boca do Povo

Da autoria do Prof. José Sant'anna, “**São Pedro na boca do povo**”, será lançado o livro na manhã do dia 9 de agosto, na Praça das Atividades Folclóricas. Trata-se de um compêndio de contos folclóricos coletados pelo pesquisador incansável, criador e coordenador do Festival de Olímpia. Seleta coletânea na qual o referido santo é protagonista. A pesquisa foi realizada em Olímpia, durante muitos anos e, tais como foram transmitidos, “ipsis litéris”, serão apresentados ao público leitor. O autor ainda apresenta a hagiografia e uma iconografia de São Pedro, um breve relato histórico sobre a cidade de Olímpia, completando a obra com comentários sobre aspectos lingüísticos observados nas narrativas. O livro foi editado pelo Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” (Prefeitura Municipal) em convênio com a Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro (AODFB). A composição é da Folha da Região e a impressão



Prefeitura Municipal de Olímpia  
Departamento de Folclore  
Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” e  
Associação Olimpiense de Defesa do Folclore Brasileiro

São Pedro na Boca do Povo - contos folclóricos - José Sant'anna

José Sant'anna  
OLÍMPIA - SP  
**São Pedro  
na Boca do Povo**  
contos folclóricos



da Centrograf, ambas empresas da cidade. Temos certeza de que São Pedro será condignamente recebido pelos estudiosos do folclore em geral, sempre uma obra corretamente redigida, com o objetivo de ampliar

conhecimento de alunos das escolas paulistas e alargar os horizontes de todos que pelem pela preservação da cultura popular. Antecipados cumprimentos ao autor, desejando-lhe sucesso em todos os sentidos.

## REGISTRO

# O Folclore já é parte dos Cedês (CDs)

Quem pensaria, há alguns anos, que nossas ricas tradições, desprestigiadas, muitas vezes, por certas camadas sócio-econômicas, fizesse tão rápida trajetória e passasse da pura transmissão oral aos mais sofisticados meios de comunicação? Hoje, aí estão os cedês popularizando músicas de remotas eras, folclóricas muitas, de sabor brasileiro todas. O Prof. José Sant'anna recebeu os seguintes discos:

1) **Terno da Folia de Reis**, de São José de Alto Belo, norte de Minas Gerais. Gravado na Zona Franca de Manaus, tem como mestres Teo Azevedo e Rey Valdo e nele encontramos, na bela voz de ambos "Deus te salve casa santa", "Tremor de terra", "Amanhecer sertanejo"...

2) **Boi de Palha**, também da Zona

Franca, licença do Grupo de Cultura Popular do Maranhão. Nele podemos ouvir, naquele ritmo típico do maranhense "Namoro de São João", "Promessa", "Ao luar do Iguatuba"...

3) **Grupo Fogança**, "Brasil: Sul, Centro e Norte", daquela moçada sadia e alegre que tão bem conhecemos, trazendo "Cana Verde", Gralha Azul", "Barreado"..., da Universidade Estadual do Paraná, em Maringá.

4) **Caipira de Fato**, com a queridíssima Inezita Barroso e Roberto Correa, Voz e Viola, jóias da música popular brasileira, como "A coisa tá feia", "Bonde Camarão", "De papo pro ar"...

5) **Herança**, dos queridos e esforçados "meninos" que vimos crescer, Vação e Rochinha, com "Axé paulis-

ta", "No bico do beija-flor", "Violência"...

6) **Vaneras e chamamés**, do bom gaúcho Ailton Missioneiro, produzido por Sandi Soares. Compõe-se de 12 belíssimas músicas, sendo algumas folclóricas.

7) **Em Cantos Brasileiros**, Eliezer Teixeira lança seu primeiro CD sob a apresentação de Inezita Barroso. Todas as músicas são maravilhosas, mas há um destaque na interpretação de Tropeiro, A.B.C. e Os Aboios. São cantos que encantam.

Muita coisa boa em tão pequeninos relicários. Vale a pena preservar e propalar o que é nosso. Parabéns a todos, sucessos contínuos. O professor Sant'anna agradece, os olímpenses ficam felizes. Um obrigado geral.

## O 33.º Festival do Folclore em jornais

Dentre os meios de comunicação, o jornal tem sido para os nossos festivais o seu maior amigo, divulgador de amplo alcance o que, para todos que lidamos com folclore, muito há para agradecer, elogiar e, é certo, esperar que jamais nos falhem. Foram tantas as notícias que apresentaram que mesmo arquivadas com capricho, temos medo de esquecer alguma. Assim, perdoem-nos se isso acontecer, nossos agradecimentos a quem se preocupa com o que Olímpia, liderada pelo Prof. José Sant'anna, faz em prol da preservação do folclore nacional.

O Correio Popular de Campinas, de 4/8/97, traz excelente artigo de Célia Siqueira Farjallat, destacando o lançamento do Anuário do Folclore, "com um conteúdo de dar água na boca", cita os trabalhos de Rossato e André Nakamura.

Também da mesma autora, jornal de 29/8/97, outro artigo dedicado ao Festival, sob o título "Agosto, adeus!".

O Diário da Região, com "Folclore é bom investimento", elogia o Festival do Folclore de Olímpia, datado de 8/1/98.

O Estadão e A Folha, de São Paulo, foram muito noticiosos sobre o evento.

Os jornais da cidade: Tablóide da Nova Paulista, Folha da Região e Jor-

nal da Cidade, inclusive com edições especiais, acompanharam todo o evento, destacando Grupos Folclóricos e Parafolclóricos, espetáculos em geral, cursos, palestras, desfiles. As televisões Globo, Manchete, Record, Bandeirantes, Tevé Mulher e SBT contribuíram para a divulgação do 33.º

FEFOL como jamais o fizeram. As emissoras locais Rádio Difusora e Rádio Menina (AM e FM) acompanharam passo a passo tudo o que transcorria na semana inteira de festividades.

Por isso, a todos, sem exceção, agradecimentos do olímpense em geral.

## Folclore tem festival em Olímpia

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT  
CRONISTA DO CORREIO POPULAR

Começa em agosto o mês do Folclore ou das manifestações da alma popular. "Mês de cachorro louco" – sentencia seu Libório, muito competente. Não acredito no que ele diz; há cachorro louco o ano inteiro, claro.

Voltando ao Folclore. Temos aqui no Correio um "expert" no assunto, o amigo jornalista Scarpa. Basta dizer que ele é de Olímpia, a capital nacional do Folclore, onde o tema é levado muito a sério, tanto que a prefeitura municipal de lá e a Associação Olímpiense de Defesa do Folclore Brasileiro já programaram seu 33.º Festival do Folclore, de 10 a 17 de agosto. O slogan este ano é "promover o Folclore, é tarefa de todos que queiram manter a independência do seu povo."

O convite, assinado pelo prefeito

José Fernando Rizzatti e pelo coordenador José Sant'anna, diz: "Venham a Olímpia conhecer as coisas alegres do país em que vivemos, os deslumbrantes e enobrecedores tesouros da arte, da literatura, do lazer e da ciência do povo, e ao mesmo tempo, desfrutar o prazer de se ver rodeado dos grupos folclóricos, simples e afetuosos, numa festa onde reina a paz, o amor e a felicidade."

Os objetivos gerais deste Festival do Folclore, o maior do Brasil, são comemorar o mês do folclore; reverenciar as tradições e valores culturais do povo brasileiro; fortalecer a consciência da unidade nacional, mediante as manifestações de todo o País; cultivar e estimular a atuação de grupos folclóricos; ensinar a folcloristas e apreciadores do folclore momentos de lazer e enriquecimento cultural. E, ainda, despertar mentes juvenis para o amor às tradições; difundir o folclore bra-

## REGISTRO

sileiro, proporcionar oportunidades para pesquisa, e muito mais ainda.

Haverá danças e folguedos folclóricos, como afuxé, bacamarteiros, capoeira, cateretê, chegada, cordão de bichos, congada, cururu, dança do bambu, dança-de-são-gonçalo, dança dos tropeiros, fandango de tamancos, jongo, pastoril, polca, rancho da burrinha, quadrilha, samba de viola, siriri, tambor de crioula, vaqueiro de marajó, vilão de facas, diversas modalidades de sortes...

Destaque para a Folclorança (folclore-herança-criança-confiança) que consiste em uma oficina de brinquedos tradicionais, cujo escopo é preservar-lhes a essência e a forma, mediante a confecção de papagaios, piões, estilingues, assim revivendo épocas em que estas atividades precediam o prazer das brincadeiras. Máscaras, fantasias e outros trabalhos de motivos folclóricos serão feitos

**CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT**

**CRONISTA DO CORREIO POPULAR**

Agosto chega ao fim, e vai deixar saudades. Saudades da presença colorida da “mais pura expressão do saber ingênuo, do temor gratuito, da arte singela, zelosamente preservada na memória e no cotidiano do povo”, segundo definição de Palmira Rodrigues. Ou ainda, saudade daquela “ciência, que estuda a cultura tradicional e popular em todas as suas feições e modalidades”, como afirmava Joaquim Ribeiro.

O caso é que agosto termina, e quando setembro chegar, teremos a semana da Pátria, os festejos comemorativos dos 70 anos do CORREIO, a primavera em flor. O que é bom na vida da gente é esta mutação constante. Aliás, tudo o que é bom na vida dura bem pouco: alvorecer, a infância, a juventude, o riso, o amor: Tudo passa, mas ficam as lembranças. E por falar nisso, um consolo: o folclore não passa: permanece sempre, palpitando na memória e no coração da gente. Seus festejos é que se multiplicam em agosto.

Dentre estes, nenhum com o brilho, a organização, o fascínio do trigésimo terceiro Festival do Folclore de Olímpia, dirigido pelo folclorista professor José Sant’anna, com o apoio do povo e da cidade, aliás conhecida

e expostos.

Para os estudiosos uma grande atração: o lançamento do Anuário do Folclore, 27, sob a direção do professor José Sant’anna, com um conteúdo de dar água na boca dos aficionados, inclusive um atraente Futebol e Folclore, de José Carlos Rossato, e da pesquisa o povo falando de amor, de André Luiz Nakamura, entre outras preciosas matérias.

Um ciclo de palestras sobre Folclore, tendo como tema central Danças Folclóricas e de Projeção Folclórica, com a supervisão geral da professora Cidinha Manzolli. Grupos folclóricos e parafolclóricos farão colorida e festiva passeata pelas ruas centrais de Olímpia. Um salão de pinturas e artes folclóricas reunirá quadros de artistas locais e de outros pontos do Brasil; para escolares, haverá eventos literários e artísticos, incluindo maratonas, torneios culturais e ex-

## Agosto, adeus!

como a Capital do Folclore Brasileiro. Cursos, palestras, exposições, apresentação de grupos folclóricos locais e de outras regiões, e publicação de esplêndido documentário ou almanaque, reunindo pesquisas, teses, artigos de experts comprovam o nível e qualidade do trabalho.

As pesquisas são interessantíssimas e abrangem temas muito variados com destaque para o Folclore do Namoro, de André L. Nakamura, do Departamento de Folclore de Olímpia. O maior de todos os temas poéticos, o Amor, mereceu-lhe atenção especial. Ele captou como o povo fala do amor, mediante provérbios, “romances”, músicas, dança, lendas, deuses, orixás, santos, feitiçaria, simpatias, superstições, oniromancia, brinquedos infantis, culinária e quadrinhas. Namorar, flertar, paquerar, ficar são variações que Nakamura ilustrou, reunindo uma série de quadrinhas, umas líricas, outras engraçadas. Vejam: “Quem tiver um namorado/Prenda ele num cordão/. Que as moças de hoje em dia/Têm unha de gavião”. Se o amor esquenta e arde é paixão pura, diz o povo. Nakamura colecionou nada menos que 33 quadrinhas sobre a paixão. “Eu chorava minhas mágoas/ Aos pés de uma sepultura/ Passou um anjo, e me disse:/Paixão e amor não têm cura”.

posições.

O saboroso capítulo das comidas não foi esquecido. E além de churrasco, lingüiça cuiabana e pastéis, haverá outras que a gente conhece apenas de ouvir falar, como sarapatel, munguzá, caruru, tacacá e outros muitos.

Tudo isso – danças, cantorias, concursos, comidas, artesanato – que pode parecer de pouca importância, forma a essência desta ciência e arte, que se chama Folclore, Ciência do povo, e faz parte de nossa própria vida, prende-se às nossas raízes, ligando-se ao que temos de mais sagrado, de mais profundo e de mais forte.

Deveríamos todos ouvir este vibrante apelo à nossa brasilidade. Afinal, o folclore nos retempera a alma, preserva-lhe a originalidade, e nos devolve a crença num Brasil forte e autêntico, vigoroso em suas tradições, leal às suas origens. Um Brasil bem brasileiro.

O campeonato é ganho com a palavra Amor: 398 quadrinhas populares, e entre elas: “Amor é como uma seta/Lançada sem direção/Não tem mira, não tem rumo/Não escolhe coração.” - Amor com amor se paga/ Outra paga o amor não tem/Quem com o mesmo amor não paga/Não diga que paga bem”.

E por aí vai o nosso Nakamura, registrando temas com o correio-elegante, a cadeia do amor, os romanceiros ou coleções de romances, mitos e lendas, como a do Boto, do Barba Ruiva, da Alamoia, de Iemanjá, de São Gonçalo do Amarante... toda uma riqueza popular, criada e repetida pelo povo.

O Almanaque de Folclore/97 traz ainda matérias excelentes, bem documentadas, de Iseh B. de Camargo, Anali de Oliveira, J. Carlos Rossato, José M. Tenório Rocha. Os apaixonados pelo futebol vão deliciar-se com a pesquisa o Folclore no Futebol, e outros variados temas do saber popular mereceram também tratamento à altura. Bem, para terminar. Olímpia é a capital brasileira do Folclore, e o jornalista Scarpa, do Centro de Documentação do Correio é o mais apaixonado expert desta ciência e arte aqui. Querem vê-lo feliz? É fácil: basta citar-lhe algo sobre o assunto: folguedo, artesanato, lenda, mito, superstição, pesquisa. Experimentem.

## REGISTRO

# Gazeta de Maracanaú

O poeta e folclorista Barros Alves, na Gazeta de Maracanaú, estado do Ceará, na edição de 3 de outubro de 1997, à página 05, na coluna "Barros Alves - Na ponta da língua" - em determinado tópico, assim se manifesta:

### FOLCLORE

Denominada Capital Nacional do

Folclore, a cidade de Olímpia - SP, realiza anualmente um dos maiores festivais folclóricos do mundo, sendo que para lá acorrem pessoas de todas as partes para presenciar as belezas extraordinárias que guarda com suas tradições.

A iniciativa que conta com o apoio

firme da Prefeitura de Olímpia, através do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", merece não apenas elogios, mas que sigamos o exemplo desses dirigentes públicos que se unem ao povo para perpetuar pelo incentivo à cultura popular a história de sua terra e de sua gente.

## O Curupira

Enviou-nos o olimpiense, Sr. **Acedilo Novaes**, poeta de Cordel, novo trabalho sobre o **Curupira**. Em agosto de 1988, quando realizávamos o 24.º Fefol, ele apresentou o Curupira num poema de 37 estrofes heptassilábicas que foram publicadas no 25.º Festival, quando comemorávamos o Jubileu de Prata. Agora apresenta um outro trabalho, de 20 estrofes, também heptassílabas, escritas em 10 de maio de 1997, que temos imenso prazer em publicar.

### NOVAMENTE O CURUPIRA

1 - É verdade, ele é um mito,  
Patrono desta cidade,  
Gosta de todo mundo  
Que dele sente saudade  
Sempre foi um bom "prefeito",  
Pois não tem nenhum defeito,  
Muito menos vaidade.

2 - O seu nome é Curupira,  
É o protetor das matas,  
Corre atrás das crianças  
Malfazejas, insensatas,  
A todos que andam certo  
É o guia no deserto,  
Mostra os rios e cascatas.

3 - Menino com estilingue,  
Ele sai correndo atrás,  
Depois, sim, desaparece  
O guri não sabe o que faz,  
Chega em casa correndo,  
Muito cansado, tremendo  
E não volta nunca mais.

4 - Caçador com espingarda  
Precisa ver que barato,  
Aparece, ele corre,  
Deixa a arma no mato.  
Quando chega na fazenda  
Enquanto janta ou merenda  
É que vai contar o fato.

5 - Eu vi um bicho tão feio,  
Não volto lá nunca mais.  
A cara dele é pra frente  
Mas os seus pés são pra trás.  
Olho branco ou vermelho  
Orelha igual de coelho,  
Que cara feia ele faz!

6 - A sua nobre missão  
É proteger as florestas

E muitos ainda dizem  
Que o Curupira não presta  
É gente mal educada  
E anticivilizada  
Aquela que o detesta.

7 - Não é um anjo de luz  
Nem tão pouco um demônio  
Quem não o vê pelas matas  
Poderá vê-lo em sonho  
Sempre como bom amigo,  
Defendendo dos perigos,  
Dando risada ou tristonho.

8 - Pessoa que é medrosa,  
Quer o fim do Curupira.  
Como acabar com um mito  
Que todo mundo admira?  
Que não faz mal a ninguém,  
Nem para aqueles que têm  
A sua fé insegura.

9 - O Folclore é bela festa,  
De fatos tradicionais,  
Mostrando toda a cultura  
De muito tempo atrás,  
De homens de paciência  
Que cultivam a ciência  
Em nossos dias atuais.

10 - Nossa máquina de arroz  
Veio da mão-de-pilão,  
Do velho carro-de-boi  
Surgiu nosso caminhão.  
Nossa luz, da lamparina,  
Que ilumina as campinas  
Do nosso imenso sertão.

11 - Se der fim ao Curupira  
O folclore perde a graça,  
É o mesmo que ir pescar  
Sem levar boa cachaça.  
A molecada o adora,  
De tanto rir, até chora  
De ver as suas trapaças.

12 - Maldosos e insipientes  
Querem mesmo o seu fim,  
Nunca fez mal a você  
Também não fez para mim  
Para todos o conhecer  
Um dia ele vai ter  
Sua estátua no jardim.

13 - A Capital do Folclore  
Não fica sem Curupira,  
Você pode acreditar  
Na conversa do caipira  
Pr'o sertão e pra cidade  
Fala sempre a verdade

E nunca conta mentira.

14 - Primeira vez que o vi  
Confesso que tive medo,  
Eu só não saí correndo  
Por estar junto do Pedro  
Meu amigo já morreu,  
Mas ainda sobrei eu  
Pra lhe contar o enredo.

15 - Ele é bem pequenino  
Muda do cabelo a cor,  
Fica verde ou vermelho  
Precisa ver que horror!  
Mas não faz mal a ninguém  
E nem pede um vintém,  
Ele só quer paz e amor.

16 - Aceita um pedaço de fumo  
Pra dar umas baforadas,  
Depois do cachimbo aceso  
Ele cai na gargalhada.  
Fica ali tão contente,  
Começa a mostrar os dentes  
Com a cara enfezada.

17 - Hoje anda aborrecido  
Por estar falando dele  
Quanta gente provocante  
Que maldade contra ele  
Dizem que ele é o Diabo  
Perigoso, traz atraso  
Como alguém em um "treile".

18 - Não é nem figura bíblica  
E nem poderia ser  
Ele teme o Diabo  
Do "Coisa" nem quer saber  
Foge do Demo com luz  
Como ele foge da cruz  
Podem, podem nisto crer.

19 - O que diz dele ter medo  
Eu começo a gargalhar  
Nunca vi gente tão simples  
E nem posso imaginar.  
O Diabo, está tremendo,  
Porque Cristo vem vencendo,  
Com Ele vou triunfar.

20 - Agora que já falei  
Do "amigo" Curupira:  
Isto é mito, isto é lenda,  
Pois é criada mentira.  
É da nossa tradição,  
Não é nossa religião  
Não vejo no que nos fira.

## REGISTRO

### Pirangi no II JORI

Realizaram-se em Olímpia, nos dias 15,16,17 de maio de 1998, os **Jogos Regionais do Idoso**, com a participação de 37 cidades, dentre elas, a pequena Pirangi. Classificando-se em 4.º lugar no cômputo geral, Pirangi vai para as finais que serão realizadas em Jundiá, no mês de agosto. Uma das modalidades exigidas pela Comissão organizadora, liderada pela 1.ª dama local, Prof.ª Regina Célia Trindade Rizzatti e prefeito José Fernando Rizzatti, era a apresentação

de danças folclóricas ou ginástica rítmica ao som de música popular. Pirangi escolheu Asa-Branca, uma das mais utilizadas por grupos folclóricos que se apresentam no Festival, conhecida em todo o país graças à voz e à sanfona do saudoso Luís Gonzaga e, sobre ela, montou a sua coreografia, com treze pessoas com mais de 60 anos, conforme regulamento. Não obteve classificação, competia sadiamente pelo prazer de movimentar-se e, de certa forma, agradecer a

calorosa recepção da Comissão organizadora.

Foram três dias de jogos acirrados. Pirangi, que procura reerguer o esquecido folclore, levando os idosos a pesquisarem a fim de conhecer o que é folclore e parafolclore, deu o seu recado, vai para as finais, está grata à cidade que tão carinhosamente recebeu a todos, promete estar presente ao 34.º FEFOL.

Nunca é tarde para se preservar nossa cultura.

### Ulisses Passarelli escreve ao Sant'anna

**Natal - RN**, 24 de abril de 1998  
Prezado Prof. Sant'anna,  
Saudações cordiais! A paz e a graça de Deus estejam com você.

Recebi sua gentil correspondência que me causou um sincero sentimento de alegria.

Fiquei admirado de seu interesse em meu texto, o que é para mim uma honra. Hildegardes Vianna, da Comissão Baiana de Folclore, convidou-me para uma programação sobre Câmara Cascudo lá em

Salvador, em agosto. De lá pretendo ir a Minas, e de Minas, procurarei ao máximo possível conciliar as datas para ir ver o festival de Olímpia, que tanto quero conhecer mas que a distância ainda não permitiu.

O texto do moçambique lhe mando brevemente.

Aproveito o ensejo para manifestar meus agradecimentos e novamente os parabéns, pelo exemplar trabalho e pela seriedade de seus estudos, que tenho acompanhado no anuário.

O amigo Gutemberg Costa, que recebeu o último exemplar, ficou muito feliz e admirou como eu.

Aceite meu abraço fraterno.  
Ulisses Passarelli

“Ô Senhora do Rosário,  
com seu manto cor de anil...  
perdoai nossos pecado,  
bençoi nosso Brasil, ai, ai!”

(Catupé, Restinga do Meio,  
Ritópolis/MG)

### Livro de Roselys Vellozo Roderjan

Membro da Comissão Paranaense de Folclore, já com 50 anos de existência (1948 - 1998), Roselys, de Curitiba, enviou ao Prof. Sant'anna uma obra que é da sua autoria. Junto ao livro, simpática missiva ao coordenador dos Festival do Folclore, assim redigida:

Curitiba - PR, 2 de 1998.  
Prezado Senhor José Sant'anna  
Envio-lhe um singelo livrinho que escrevi sobre a Comissão Paranaense de Folclore que, apesar da simplicidade, sei que irá merecer seu interesse porque o escrevi pelo amor ao Paraná e suas tradições

(chamamos a isso “paranismo”) e porque também sei o que, com muito mais propriedade e dedicação, procura realizar pela cultura popular da sua terra.

Estamos comemorando os 50 anos da instalação da Comissão Paranaense de Folclore (15 de maio de 1948), com uma pequena homenagem, cujo convite envio anexo ao livrinho. Seria tão bom que todos nós pudéssemos nos reunir para contar das coisas da nossa terra. Mas as distâncias e nossos compromissos nos impedem.

Para consolar, só uma cartinha de vez em quando.

Teremos um novo Festival este ano? Quem sabe se eu poderia realizar meu sonho de ir até aí... Saúde e realizações.

Tudo de bom para vocês, um lindo Festival futuramente.

O abraço amigo da  
Roselys Vellozo Roderjan

Aí, Roselys, é cultuando a nossa terra e relebrando os feitos do nosso povo que nos firmaremos no panorama histórico e cultural brasileiro e deixaremos pegadas que poderão ser acompanhadas pelos pósteros. Parabéns pelo trabalho e nossos agradecimentos pela lembrança. Nosso Festival a espera.

# De Americana, mestras fazem solicitação ao Sant'anna

**Americana - SP**, 04 de maio de 1998

Senhor Sant'anna

Bom dia! (Se for de dia),

Boa tarde! (Se for de tarde),

Boa noite! (Se for de noite).

Meu nome é Meire Galdino, certa vez lhe escrevi pedindo que me enviásse as revistas do FESTIVAL DO FOLCLORE e, durante 3 anos as recebi, podendo assim sempre ampliar meus conhecimentos e levá-los aos meus alunos e, por isso, sou muito grata.

Gostaria de saber se estas revistas ainda estão sendo editadas, pois desde 97 que não a recebo.

Este ano, estou fazendo parte de um grupo teatral em minha cidade, onde tem a proposta baseada em Projeto Escola.

A coordenadora do grupo Liselda Tavares (também pedagoga como eu) está desenvolvendo um projeto de Folclore e me convidou para ajudá-la; e as revistas estão sendo muito úteis para o desenvolvimento do trabalho.

Admirando o trabalho folclórico desenvolvido aí em Olímpia, gostaríamos de poder ter acesso a outros materiais para enriquecimento do nosso projeto. Talvez nos arquivos dos festivais anteriores tenha algum material que possa ser vendido, doado ou emprestado como por exemplo: fitas de vídeo, textos teatrais, músicas, etc...

O grupo já vem trabalhando com Projeto Escola, mas o fascínio pelo resgate das tradições que o folclore traz é de grande interesse do grupo e é por isso que há intenção em desenvolvê-lo.

Mas, apesar de já trabalharmos esse assunto em nossas escolas, ainda é muito restrito o nosso conhecimento e sentimos a necessidade de um aprofundamento maior para que nosso trabalho no teatro seja real e leve as pessoas vivenciarem suas tradições, que infelizmente estão perdendo seu valor, onde a própria era da informática colabora.

Acreditamos que através do teatro é possível fazer com que as pessoas vivam e interajam as situações, transformando-as.

Esperamos ansiosamente um retorno rápido e desde já agradecemos pela atenção e colaboração.

Meire Galdino

Liselda Tavares

## Paulo Sarmiento fala sobre grupos folclóricos espírito-santenses

**Vitória - ES**, 18 de maio de 1998  
**Caríssimo Professor José Sant'anna**,  
É com muita alegria que me recordo de minhas duas visitas à cidade de Olímpia e seu (já então) esplendoroso Festival. Em agosto deste completam dez anos de nossa primeira participação com a Banda de Congo Mirim Caboclo Bernardo.

Neste momento quero, com minhas modestas palavras, render-lhe homenagens à sua e de toda equipe pela incansável (e sei) gratificante realização deste 34.º Festival do Folclore, e também dos anuários do Festival, que considero uma verdadeira enciclopédia do Folclore Brasileiro. Parabéns Olímpia, obrigado por me ensinar mais.

Em tempo, gostaria de informar meu novo endereço para recebimento do anuário, pois não recebi de 1997.

Paulo Sarmiento

Rua Barão de Monjardim, 52/804  
Centro - Vitória - ES

29.019-390 - Tel.: (027) 222.3962

Gostaria também, que V. S.ª encaminhasse um convite formal à:

Secretaria de Turismo, Cultura, Esportes e Lazer da Prefeitura Municipal da Serra, Sr.ª Berenice de Albuquerque Tavares, convidando a Banda do Congo Konshaça e a Banda de Congo São Sebastião de Nova Almeida, para participarem do Festival, pois o município da Serra/ ES é o que mais tradição possui nos grupos folclóricos de Congos e dos Festejos de São Benedito no Estado. Desta forma estaremos comemorando os dez anos de participação do Espírito Santo em grande estilo, nessa que é a capital de folclore Brasileiro.

Certos de sua atenção, rogamos a Deus, saúde para todos, Paz e Fraternidade!

Paulo Sarmiento - Produtor Cultural

## Em perigo os Museus

Museu, "instrumento de identidade, conservação e desenvolvimento", por errôneas conceituações, vêm sendo esquecidos por todos os governantes, desde os municipais aos federais. Não se vê nos mesmos o reduto seguro para o arquivamento fiel da história regional ou nacional. Não há verbas para seu funcionamento, não há prédios próprios ou adequados, não há pessoal habilitado para dirigi-lo. Assim sendo, correm os Museus de História e de Folclore, graças à omissão constante de quem

devia considerá-los prioritários, o iminente perigo de desaparecerem, de serem sumariamente extintos. É hora, quando nos preparamos para as festividades de 500 anos do Brasil, de conscientizarmos os poderes públicos, exigindo visão mais ampla para as funções educativas e culturais dos Museus. Reerguer os abandonados, criar onde se fazem necessários, cuidar e preservar os já existentes. É uma luta de todo cidadão, de todo munícipe, de todo historiador.

## "Menina-Moça" presta homenagem a Sant'anna

A alegre equipe, comandada por Cidinha Manzolli, componentes do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", ao retornar da Espanha como gratidão pelo cartaz do 33.º Festival do Folclore, em bela placa dourada, prestou justa homenagem ao criador e coordenador dos Festivais do Folclore olimpiense. Diz a mensagem:

"O Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", do centro de tradições "Noiva Sertaneja", vem por esta expressar sua perene gratidão ao Prof. José Sant'anna, excelso e denodado folclorista, pelos constantes e sempre

tonificadores amparo e incentivo que o grupo dedica.

Olímpia, julho de 97".

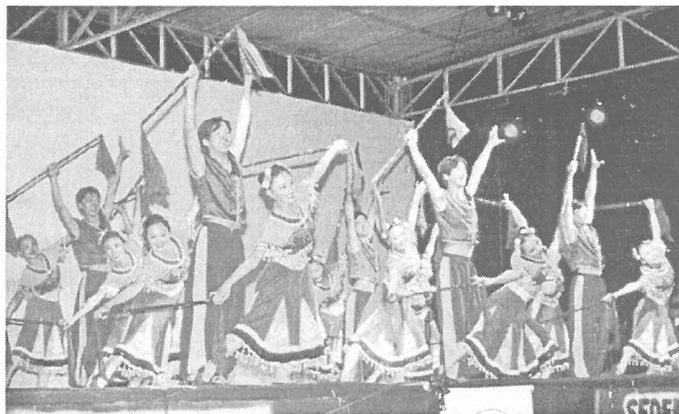
Um gesto muito gratificante desses jovens que levam o nome de Olímpia para distantes rincões nacionais e transpuseram fronteiras, encantando e dando um belo recado sobre nossa cultura folclórica. O professor, emocionado, agradece, desejando a todos os componentes do Grupo sucessos constantes e fibra olimpiense sempre a postos. Nós nos congratulamos com os dois lados, merecedores ambos de tais homenagens. Parabéns.

## REGISTRO

# I Festival Internacional de Folclore



Chile



China



França



México



Peru



Polônia

Espectáculos de projeção folclórica Olímpia, já conhecida como **Capital do Folclore**, trinta e três festivais já realizados conseguiu, em 1998, a grande conquista de sediar o **I Festival Internacional de Folclore**. Um sonho acalentado por **Maria Aparecida de Araújo Manzoli**, após ingentes esforços, lutas e muitas alegrias, conseguiu trazer grupos da **Polônia, França, Peru, México, Chile, China** e somá-los com o do Brasil, em Olímpia. O evento teve como

presidente **Cidinha Manzoli**, vice-presidente **Paulo César Pedroso**, e coordenadora **Zuleica Carneiro Zangirolami**. A abertura, na noite de 17 de maio foi, sem dúvida, de um brilhantismo absoluto. O trabalho de sonorização e computação de Jônatas A. Manzoli foi perfeito, inédito. Deu um brilho e calor jamais vistos por nós, especialmente em se tratando de noite de intenso frio. Cada país apresentou-se a caráter e deu de si o

melhor que podia, em pequenos casos até se distanciando do nome proposto ao evento. Mas foi grandioso o espetáculo, beleza coreográfica, conhecimentos essenciais de cada povo. A organização foi perfeita.

Parabéns a você, Cidinha, a todos que com você penaram e viram seus trabalhos coroados de êxito. Continuem na luta, que outros festivais venham. Deus abençoará tanta maravilha, temos fé. Parabéns.

## REGISTRO

# Sítio Arqueológico Maranata

**Prefeitura Municipal de Olímpia**  
Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"

### Departamento de História

Salvamento Arqueológico

Sítio Arqueológico Maranata (SPGP1)

Em 1993, por ocasião dos serviços de preparação do terreno para o futuro Parque das Laranjeiras, na época Conjunto Residencial Maranata (evangélico), ao lado do Conjunto Residencial Hélio Casarini, foi encontrado um cemitério indígena, o que motivou a paralisação dos trabalhos, embargados que foram pela Justiça - Curadoria do Meio Ambiente.

Hoje a Construtora Faganelo, de Araçatuba, é a responsável pela continuação das obras que ainda se encontram paradas.

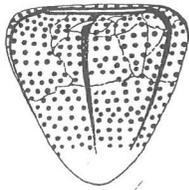
Para a coleta de material em superfície no local, do achado, aqui esteve a senhora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Maranca, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP.

Após 12 escavações, o material colhido foi enviado à Universidade para ser lavado, marcado. Algumas peças foram reconstituídas. Hoje encontram-se expostas no Museu de História as peças e os fragmentos cerâmicos. Restam, ainda, 4 urnas a serem reconstituídas, cujos fragmentos ainda estão sendo trabalhados na USP.

O trabalho continuará no terreno com escavação de algumas trincheiras para verificar a existência de material intocado em profundidade.

Em 1997, dezembro, recebemos o material, urna reconstituída, vasos semi-reconstituídos e fragmentos cerâmicos lavados para exposição no Museu.

### Vasilha 1



#### Recipiente n.º 1: Urna

Decoração: pintada em vermelho sobre engobo branco

(Aparentemente foi pintada utilizando dedos da mão)

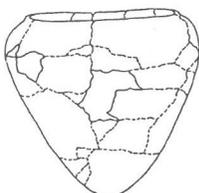
(Completa)

Dimensões: Altura: 0,39 m

Diâmetro da boca: 0,22 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,40 m

### Vasilha 2



#### Recipiente n.º 2: Urna

Tipo simples (sem decoração)

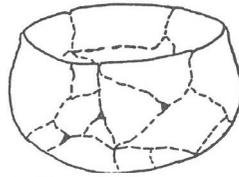
(Faltaram partes do bojo)

Dimensões: Altura: 0,48 m

Diâmetro da boca: 0,38 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,52 m

### Vasilha 3



#### Recipiente n.º 3: Vaso

Tipo simples (sem decoração)

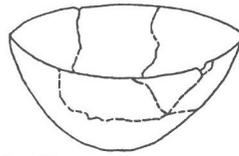
(Falta a base que não foi encontrada)

Dimensões: Altura: 0,18 m

Diâmetro da boca: 0,26 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,30 m

### Vasilha 4



#### Recipiente n.º 4: Vaso

Tipo simples (sem decoração)

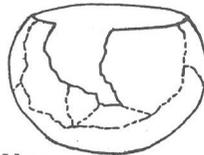
(Completo)

Dimensões: Altura: 0,15 m

Diâmetro da boca: 0,32 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,32 m

### Vasilha 5



#### Recipiente n.º 5: Vaso

Tipo simples (sem decoração)

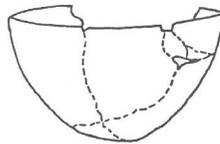
(Faltaram partes da borda e do bojo)

Dimensões: Altura: 0,11 m

Diâmetro da boca: 0,17 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,20 m

### Vasilha 6



#### Recipiente n.º 6: Vaso

Tipo simples (sem decoração)

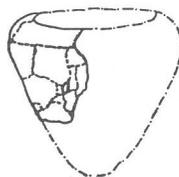
(Faltaram fragmentos de borda e bojo)

Dimensões: Altura: 0,18 m

Diâmetro da boca: 0,30 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,30 m

### Vasilha 7



#### Recipiente n.º 7: Vaso

Tipo simples (sem decoração)

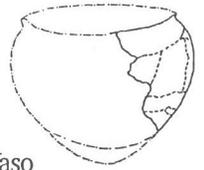
(Faltam base, fragmentos de bojo e borda)

Dimensões: Altura: 0,60 m

Diâmetro da boca: 0,50 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,68 m

### Vasilha 8



#### Recipiente n.º 8: Vaso

Tipo simples sem decoração

(Faltam muitas partes)

Dimensões: Altura: ?

Diâmetro da boca: 0,32 m

Diâmetro máximo do bojo: 0,46 m



Pintura Vermelha



Linha de Fratura



Reconstituição Hipotética

### CEETEPS

Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Vinculado e Associado à Unesp

Faculdade de Tecnologia de São Paulo

Datação de Cerâmicas  
Arqueológicas pelo Método da  
Termoluminescência

### SÍTIO MARANATA

Município de Olímpia - SP

(Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sílvia Maranca)

Resultados obtidos:

Amostra	Dose Equivalente(Gy)	Idade "BP" (anos)
A	0,97 Gy	420 ± 50
B	1,16 Gy	500 ± 50

Obs.: Supondo Dose Anual igual a 2300 x 10<sup>-6</sup> Gy/ano

Nota: Havia 1 pacote contendo 4 amostras e foram retiradas 2 amostras para análise, uma vez que pertenciam a uma mesma peça cerâmica (aparentemente, pois não estavam classificadas e nem separadas).

São Paulo, 07 de maio de 1998.

a) Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sônia H. Tatumi.

Foram datadas, portanto, a cerâmica de superfície, as da última ocupação. Quando a área for liberada serão feitas outras escavações a fim de serem encontradas outras ocupações mais antigas.

O certo é que o cemitério encontrado é da época do descobrimento do Brasil, quando ainda não existia o contato com o branco no interior do Estado de São Paulo.

## REGISTRO

# O Folclore através das Trovas

Colecionador perene de trovas, o **Prof. José Sant'anna** não se cansa de selecioná-las e publicar, onde e quando o pode fazê-lo, objetivando preservar a cultura popular e arte do homem que faz a história do seu povo. Possui mais de 5000 quadras, algumas já vistas em livro de sua autoria, **Quadras Anônimas**, outras em jornais e nos Anuários de Folclore. Por isso, mais uma porção delas neste número da revista anual, para satisfação dos estudiosos da modalidade literária e realização do mestre, em suas tentativas de impedir que se tresmalhem. Isso é muito bom.

### ÁGUA

As pessoas, os animais, enfim, a terra jamais poderiam subsistir sem a água. É indispensável para alimentar o corpo. É indispensável para manter a higiene. Dá vigor à saúde.

Segundo as crendices, a água é dotada de propriedades invisíveis que ajudam as pessoas a conseguirem suas aspirações neste mundo.

**Chuva**, água que cai das alturas, como conseqüências da condensação de vapores, ora alegre os homens, outras vezes provoca-lhes muitas tristezas. Mas sem chuva não há condição de vida sobre a terra. A água pluvial é fonte de poderosas realizações, mormente quanto à saúde. Consiste em curar a fraqueza ou os pés.

O **mar**, massa de água salgada que cobre, aproximadamente, três quartos da superfície terrestre, forma uma paisagem indescritível pela sua maravilha, opulência. Água marítima é empregada na realização de trabalhos imorais, mas não condenados. É evocada a figura de Netuno, rei dos mares, na realização destas práticas.

O **rio**, curso d'água mais ou menos considerável, apresenta cenário de beleza incomparável. A água fluvial que desemboca no mar destrói as más influências que as pessoas recebem. A que desemboca no oceano evita que os trabalhos de feitiçaria surtam efeito contra o praticante. A que desemboca em outro rio tem o poder de afastar os maus espíritos que insurgem contra o exercitante.

As Quadrinhas do povo invadem o mundo da água, ora referindo-se à chuva ou mar, ora ao rio.

1 - Pingo d'água vai caindo,  
Caindo num ribeirão,  
Naquele poço mais fundo,  
Onde mora o tubarão.

2 - Tigelinha de água fria  
Em cima da prateleira,  
São lágrimas de Maria  
Que chorou segunda-feira.

3 - Fui na mina beber água  
Numa folha de morango;  
Não era sede, nem nada,  
Era saudade do Orlando.

4 - Travessei o mar de água  
Em cima de um tijolinho,  
Arrisquei a minha vida  
Por causa de um moreninho.

5 - Fui à fonte beber água,  
Ramo verde me bateu,  
Não me bata, ramo verde,  
Que sou dele, não sou teu.

6 - Os peixes querem água  
Os presos a liberdade,  
Eu quero o seu amor  
Pra minha felicidade.

7 - Em qualquer pocinha d'água  
Deus pode fazer um peixe;  
Enquanto mundo for mundo  
É impossível que eu te deixe.

8 - Eu sentei na beira d'água  
Para ver água correr,  
Para ver como é triste  
O querer e o não poder.

9 - Que me serve um pingo d'água  
No fundo de uma bacia,  
Que me serve querer bem  
Não te vendo todo dia.

10 - O que vale um pingo d'água  
Dentro de um copo profundo,  
O que vale ter amor  
Que olha pra todo mundo?

11 - Se eu soubesse escrever n'água  
Como escrevo no papel,  
Eu escreveria seu nome  
Na pedra do meu anel.

12 - Botei meu barquinho n'água  
Só pra ele navegar,  
Neste barquinho vou eu  
Com meu amor a remar.

13 - Joguei a culpa na água

Pra ver a culpa nadar,  
O amor dos outros chega,  
Só o meu não quer chegar.

14 - Joguei o loiro na água  
O moreno no jardim,  
Quem quiser fique com o loiro  
Que o moreno é só pra mim.

15 - Joguei um limão na água  
De pesado se afundou;  
Se esse moreno é bonito,  
O loiro dele ganhou.

16 - Joguei um limão na água  
De redondo foi pr'o fundo,  
Os peixinhos lá disseram:  
Vai pra cima, vagabundo.

17 - Joguei a prata na água  
De pesada foi ao fundo,  
Quem não ama a cor morena  
Não tem gosto neste mundo.

18 - Se eu soubesse escrever n'água  
Como eu sei escrever na areia,  
Trazia seu nome escrito  
No sangue da minha veia.

### VARIANTES:

Se eu soubesse escrever n'água  
Como escrevo na areia,  
Traria seu nome gravado  
No sangue de minha veia.

Se eu soubesse escrever n'água  
Como sei escrever na areia,  
Queria escrever seu nome  
Com o sangue da minha veia.

Se eu soubesse escrever n'água  
Como escrevo na areia,  
Escreveria o seu nome  
Com o sangue da minha veia.

19 - Em cima daquele morro,  
Corre água sem chover,  
Mais cedo ou mais tarde  
Eu hei de te esquecer.

20 - Na porta de minha casa,  
Corre água sem chover,  
São lágrimas de meus olhos  
Que correm por não te ver.

21 - Em cima daquela serra,  
Corre água sem chover;  
E assim corre o meu benzinho,  
Com vontade de me ver.

## REGISTRO

22 - Peixinho do poço fundo  
Peixinho da **água** corrente,  
Como é triste amar um moço  
Que não faz conta da gente.

23 - A lágrima, diz o orvalho:  
És minha irmã, gosta da **água**;  
Eu sou lágrima da flor,  
Tu, o orvalho da mágoa.

24 - O suspiro e a saudade  
Circulou meu coração,  
Fez como **água** de lagoa  
Que não tem expedição.

25 - Menino da calça branca,  
Paletó de abecê;  
O dia que não te vejo  
Nem **água** quero bebê.

### Variante

Eu tenho um lenço branco  
Pintadinho de abecê;  
O dia que não te vejo,  
Nem **água** posso beber.

26 - A verdade e a mentira  
Nunca podem se juntar;  
Onde houver sombra de lama,  
Sempre a **água** há de turvar.

27 - As **águas** correm no mar,  
Eu também quero correr,  
Eu já fiz um juramento  
De amar-te até morrer.

28 - As **águas** formam um rio,  
Os rios formam corrente,  
Como é triste amar um jovem  
Que não faz conta da gente.

29 - Travessei o Paraná  
Nas **águas** da seriema,  
Arriscando minha vida  
Por causa de uma morena.

30 - **Chuva**, se não quer chover  
Deixe de estar peneirando:  
Ou me amas com firmeza,  
Ou me vais logo deixando.

31 - A **chuva** mal cai na terra  
Logo se põe a rolar;  
Morena, sem teus carinhos,  
Sei que não posso ficar.

32 - A **chuva** é bença de Deus,  
Faz crescê a prantação;  
Pobre gente deste mundo  
Sem chuva moiano o chão.

33 - Chove **chuva** miudinha,

Na copa do meu chapéu,  
Um dia hei de ser noiva  
Pra me cobrir com meu véu.

34 - Chove **chuva** miudinha,  
Com certeza não me molha,  
Onde tem rapaz solteiro  
Pr'os casados não se olha.

35 - Chove **chuva** miudinha,  
Na fita do meu chapéu;  
Chove moça nos meus braços,  
Mulher velha no mundéu.

36 - Chove **chuva** miudinha,  
Lá da banda donde eu vim  
Pra tapar o meu rostinho  
Pra ninguém saber de mim.

37 - Chove **chuva** miudinha  
Na copa do meu chapéu,  
Antes chuva miudinha  
Do que castigo do céu.

### VARIANTE

Cai a **chuva** miudinha  
Em cima do meu chapéu,  
Antes chuva miudinha  
Do que castigo do céu.

38 - Chove **chuva** miudinha,  
Lá pr'o lado donde eu vim ,  
Pra apagar todos meus rastros  
E ninguém saber de mim .

39 - Alembrei de lá de casa  
Quando fui da minha terra,  
A **chuva** choveu no rio,  
A água correu da serra.

40 - Seca tudo o que é verde  
Quando chega o verão,  
Com **chuva** tudo renasce  
Dentro do meu coração.

41 - Tudo o que é verde seca  
Com o calor do verão,  
Com a **chuva** tudo nasce,  
Só a mocidade não.

42 - Oi moça, esse nosso amor  
Não tem nem comparação,  
Parece uma **chuva** brava  
Que tem raio e tem trovão.

43 - No céu está trovejando  
Lá no campo da peúva,  
No cacho do teu cabelo  
Quero me esconder da **chuva**.

44 - Eu queria que **chovesse**

Uma chuva bem fininha  
Pra molhar a sua cama  
E você dormir na minha.

45 - O **mar** enrola na areia  
Ninguém sabe o que ele diz;  
Deita na areia e desmaia  
Porque se sente feliz.

46 - O **mar** é que é bem casado,  
O mar tem boa mulher,  
É casado co'a areia  
É a beija quando quer.

47 - O **mar** cruento da vida  
Vive a vagar na incerteza;  
Meu coração, barco errante,  
Cheio de mágoa e tristeza.

48 - Se o **mar** fosse cartório  
E o peixinho escrivão,  
Eu só queria saber  
De quem é teu coração.

49 - Fui no **mar** pescar lá fora  
No meu barquinho brilhante,  
O anzol era de ouro  
E a linha de diamante.

50 - A onda do **mar** é verde,  
No mar tudo é verdura;  
No teu rostinho, querida,  
Eu só vejo formosura.

51 - A água do **mar** é salgada  
A água do rio é tão doce;  
Meu amor é como o mar,  
Quem me dera que não fosse.

52 - Joguei um limão no **mar**,  
Ele foi parar no fundo;  
Eu só amo a você  
E você a todo mundo.

53 - Mais valem as ondas do **mar**  
Beijarem o firmamento  
Do que a letrinha jota  
Sair do meu pensamento.

54 - Pode a terra se afundar,  
Pode o **mar** perder o nível,  
Mas terminar nossa amizade  
Isto será impossível.

55 - No rio navega o peixe  
E no **mar** o camarão,  
Nas ondas de seus cabelos  
Navega meu coração.

56 - No rio navega canoa  
E no **mar**, embarcação;  
No mar da tua saudade,  
Navega meu coração.

## REGISTRO

57 - Marinheiro não se embarque  
Que no **mar** está ventando,  
Vê as folhas da palmeira  
Como estão se requebrando.

58 - O barco quando navega  
Deixa no **mar** a esperança  
Eu deixo neste teu álbum  
Minha pequena lembrança.

59 - Fiz o seu nome na areia  
A onda do **mar** levou,  
Escrevi no pensamento  
E nunca mais se apagou.

60 - O vento traz o barco,  
Que navega pelo **mar**,  
Neste barco vem você  
Que eu tanto quero amar.

61 - Ouvi cantar a serei  
No meio daquele **mar**,  
Quantos navios se perdem  
Ao som daquele cantar.

62 - Escrevi seu lindo nome  
Na areia, perto do **mar**,  
Mas as ondas ciumentas  
Correram para apagar.

63 - Se você fosse areia  
Eu queria ser o **mar**  
Para passar noite e dia,  
Dia e noite a te beijar.

64 - Quanta gente tão valente  
Contra as ondas deste **mar**,  
Valente é meu coração  
Que nasceu só pra te amar.

65 - Um beijo de sua boca  
É como água do **mar**,  
Dá mais tormento e desejo,  
Mas faz a sede aumentar.

66 - Escrevi seu lindo nome  
Na branca areia do **mar**,  
Com as letras que diziam:  
Eu nasci para te amar.

67 - Eu nasci em verdes campos,  
Caminhos duros passei;  
Seguindo as ondas do **mar**  
Fui a presença do rei.

68 - Menina, minha menina,  
Olhos de pedras redondas  
Daquelas pedras mais finas  
Onde o **mar** combate as ondas.

69 - Estava na beira da praia  
E o meu amor embarcou,  
Foi os olhos mais bonitos

Que as ondas do **mar** levou.

70 - Pra me livrar de você  
Eu não canso de falar,  
Passo o resto desta vida  
Sobre as ondas do **mar**.

71 - Tracei seu nome na areia  
A onda veio apagar;  
Mas quando leu o teu nome,  
Voltou pra dentro do **mar**.

72 - Neste mundo traiçoeiro  
Quero viver e cantar  
Como um velho marinheiro  
Que não tem medo do **mar**.

73 - Eu desejaria estar  
À beira de um **mar** sereno,  
Brincando com seus cabelos,  
Beijando seu rosto moreno.

### VARIANTE

Esta noite tive um sonho  
Na beira do **mar** sereno:  
Sonhei que estava beijando  
Seu lindo rosto moreno.

74 - Escrevi o seu belo nome  
Na areia branca do **mar**,  
Mas uma onda ingrata  
Veio o seu nome apagar.

### VARIANTE

Escrevi seu lindo nome  
Na branca areia do **mar**,  
Veio uma onda ingrata  
Seu lindo nome apagar.

75 - No **mar** navega o barco,  
No barco navega o vento;  
No sorriso de seus lábios,  
Navega meu pensamento.

### VARIANTE

No **mar** navega o barco  
No barco navega o vento;  
Nos fios de seus cabelos  
Navega o meu pensamento.

76 - As águas do **rio** correm  
Levando minha saudade,  
Meu amor tá na porteira  
Do caminho da cidade.

77 - Estava na beira do **rio**,  
Estava considerando,  
Quando olhei para as águas,  
Vi os peixinhos nadando.

78 - As águas fazem um **rio**,  
O rio uma corrente;  
Como é triste amar um jovem

Que não faz conta da gente.

79 - A água sai de um **rio**  
E a lenha sai do chão,  
A chuva vem lá do céu  
E o amor do coração.

80 - Deitei na beira do **rio**  
Fiz travesseiro co'as mãos;  
Sonhei que estava nadando,  
No mar do seu coração.

81 - Eu joguei um copo d'água  
Dentro de um **rio** corrente,  
Do que vale um amor firme  
Longe dos olhos da gente.

## CACHORRO

O cachorro é inteligente, fiel, afetuoso e útil. Nele, às vezes, há mais compreensão e ternura que em muitos homens. É companheiro e amigo das crianças, tomando parte nos seus brinquedos. Guarda a casa contra os ladrões. É guia do cego.

Numerosos são os casos de cães que se atiram às águas revoltas para salvar pessoas em risco de se afogar. Os cães-de-são-bernardo, conhecedores das montanhas, em que a neve apaga os vestígios dos caminhos, desempenham serviços de alto valor. Auxiliam os excursionistas. Dos bichos domesticados pelo homem, dizem os estudiosos, o mais antigo é o cão, proveniente de uma espécie de pequenos lobos. Pela fidelidade, coragem e força, o cão é considerado o melhor amigo dos seres humanos.

Ele é o guardião corajoso e desvelado daquilo que pertence a seu amo, pelo qual muitas vezes se sacrifica. É um animal inteligente. Há cães de caça, guardadores de rebanho, policiais, de luxo, de guerra, de carreira (galgos). As raças caninas são em número elevado.

Poetas têm cantado em versos as virtudes do cão.

Nas quadrinhas do folclore, está o cachorro, ora empregado em sentido real, outras vezes de modo pejorativo ou em sentido figurado.

1 - **Cachorro** que morde bode,  
Mulher que erra uma vez,  
Homem que bebe cachaça,  
Não há remédio pr'os três.

2 - **Cachorro** que late grosso  
É bonito quando acoa,

## REGISTRO

Nos braços do meu amor  
Sinto a vida muito boa.

3 - **Cachorro** é abençoado!  
Muitas vez ouvi falar,  
Quando lambe uma ferida  
Ela poderá sarar.

4 - Meu **cachorro** perdigueiro,  
Cachorrinho de valor,  
Cace agora em toda parte  
Quem roubou o meu amor.

5 - Não se bate em **cachorro**  
Quando ele põe a uivar,  
Cachorro late e rosna  
Porque não sabe falar.

6 - Não me bata em **cachorro**  
Que cachorro é criatura,  
Cachorro é que descobre  
Segredos de noite escura.

7 - Veado quer mato ralo,  
**Cachorro** quer dentadura,  
O homem pede dinheiro  
E a mulher só formosura.

8 - Eu passei por uma porta,  
Um **cachorro** me mordeu,  
Dizem todos: não foi nada!  
Quem sentiu a dor fui eu.

9 - Gente velha quando canta  
Estica a veia do pescoço,  
Parece **cachorro** magro,  
Quando está roendo osso.

10 - Não gosto de moça magra  
Por ter o corpo indecente,  
Parece **cachorro** magro  
Quando vem lambendo a gente.

11 - Coisa triste neste mundo  
Que me deixa descontente,  
É ver **cachorro** apanhar  
Quando preso em corrente.

12 - Meu amor briga comigo,  
Fala até em me bater  
**Cachorro** que muito late,  
Ameaça sem morder.

13 - O tatu de casco preto  
É pequeno e velhaco,  
O **cachorro** bate nele  
E ele entra no buraco.

14 - Quando um homem anda só  
Seja noite ou seja dia,  
Ele terá um **cachorro**  
Sempre em sua companhia.

15 - Ó bela lua me mande  
Um pedaço de sabão  
Pra lavar o meu **cachorro**  
Que está sujo de carvão.

16 - Você diz que não me quer,  
Vai pr'o mato e vai morrer,  
Vai virar caveira velha  
Pra **cachorro** lhe roer.

17 - De duas coisas no mundo  
Tenho medo e até corro:  
Rabicho de homem velho  
E mordida de **cachorro**.

### VARIANTE

De duas coisas no mundo  
Tenho medo e até corro:  
Ciúmes de mulher velha  
E dentada de **cachorro**.

18 - Como prova de afeto,  
De amizade e de carinho,  
Eu vou dar um grande abraço  
Em meu lindo **cachorrinho**.

19 - Mandei fazer o meu barco  
De taquara, forradinho,  
Pra dizer pr'o meu amor  
Que ele é um **cachorrinho**.

20 - Quero escrever alguns versos  
Com muito amor e carinho,  
Pra saudar um grande amigo,  
Meu amigo **cachorrinho**.

21 - Um **cão** mordeu minha sogra  
E veja o que aconteceu:  
Minha sogra sarou logo  
E o cachorro enlouqueceu.

22 - Você me chamou de **cão**,  
Eu nunca mordi ninguém;  
Se bato em sua porta  
É porque te quero bem.

23 - Outro dia eu vi um homem,  
Enxotando um pobre **cão**,  
Neste mundo há tanta gente  
Que nasceu sem coração.

24 - Preste toda a atenção  
Nisto que agora lhe digo:  
Se nem todo amigo é **cão**,  
Todo cão é sempre amigo.

25 - Você quer brigar comigo  
E fala mais que um lorde,  
Mas não te dou importância,  
Pois **cão** que late não morde.

26 - Entre os gatos fui nascido,  
Entre os **cães** eu fui criado,  
Entre os cavalos, perdido,  
E em teus braços fui achado.

27 - Se os amigos me abandonam  
Aos **cães** eu peço socorro:  
Mais vale um cachorro amigo  
Do que um amigo cachorro.

28 - Nosso bom Deus fez o galo,  
A galinha, os pintinhos,  
A vaca, o boi, o cavalo,  
E o meu bonito **cãozinho**.

29 - Lá em cima daquele morro  
Tem um velho pra morrer,  
Corre, corre, **cachorrada**,  
Que tem osso pra roer.

30 - Há três coisas neste mundo  
Que me faz arrepiá:  
Noite escura, muié feia,  
**Cachorrada** no quintá.

### CANTAR

Quem canta seus males espanta.  
Cantar faz bem ao espírito. Uns cantam para transbordar felicidade. Outros para disfarçar as amarguras.

A alma humana não se fez para a destruição, mas para a felicidade. O canto entretece a felicidade das pessoas, enchendo de amor os corações, iluminando os dias incertos da vida, pondo a fé no futuro, ternura no egoísmo e harmonia entre os seres. O canto é prova de alegria e ajuda a dar ampla expressão ao amor e às aspirações mais íntimas da alma.

Nas noites enluaradas, os namorados, cantando, professam amor.

Quem canta está mais próximo de Deus. A Bíblia, em seu Salmo 96, convida a toda a terra para cantar ao Senhor um cântico novo. A música fortalece os laços da amizade entre as pessoas que cantam, enquanto vivem na esperança de serem felizes.

O canto é também assunto das Quardas Populares e vamos encontrá-lo assim:

1 - O **cantar** é para os tristes,  
Quem o pode duvidar?  
Quantas vezes já cantei  
Com vontade de chorar.

2 - Ouvi **cantar** a sereia  
No meio daquele mar,  
Quantos navios se perdem

## REGISTRO

Ao som daquele cantar.

3 - Quero **cantar**, mas não posso  
É isto que me aborrece:  
Quem canta seu mal espanta,  
Quem chora seu mal padece.

4 - Deixe-me **cantar** bem alto  
Pra acordar a vizinhança,  
Pra ver se aquela ingrata  
Inda me traz na lembrança.

5 - Eu quero sempre **cantar**,  
Porque chorando nasci;  
Quero ver se recupero,  
O que chorando perdi.

6 - O **cantar** da meia-noite  
É cantar muito excelente;  
Acorda quem tá dormindo,  
Alegra quem tá doente.

### VARIANTE:

Vô **cantá** à meia-noite,  
Vô cantá muito contente,  
Pra acordá quem tá dormindo,  
Consolá quem tá doente.

7 - Este meu **cantar** alegre  
Deus me deu por natureza,  
Mas não é que eu não tenha  
Grande mágoa e tristeza.

### VARIANTE:

Este meu **cantar** alegre,  
Deus me deu por natureza,  
Mas não é que eu não tenha,  
No meu coração tristeza.

8 - Você me mandou **cantar**,  
Pensando que eu não sabia;  
Eu não sou como você,  
Que cantando passa o dia.

### VARIANTE:

Você me mandou **cantar**,  
Pensando que eu não sabia,  
Pois eu sou como cigarra,  
Que cantando leva o dia.

9 - Sou um caboclo valente  
De **cantar** não largo não,  
Não tenho medo de homem  
Nem de raio ou de trovão.

10 - Volte meu bem para mim  
Para acalmar minha dor,  
E vamos **cantar** juntinhos  
A canção do nosso amor.

11 - Tenho a voz muito grossa  
Da grossura de um vintém,  
Eu dou um conto de réis

Pra quem sabe **cantar** bem.

12 - Eu **canto** só por tristeza  
Eu canto, que triste sorte!  
O desprezo de uma ingrata  
Que só me deseja a morte.

13 - Eu sou **canto** por cantar,  
Nem por ter fama de amante,  
Eu canto para dar gosto  
A quem pede que eu cante.

14 - Eu não **canto** por bonito,  
Não canto pra me mostrar,  
É que a dor que nos mata  
Canta para não chorar.

15 - Você gosta que eu **canto**,  
Então vou cantar agora,  
Pra disfarçar meu sorriso  
E a dor que comigo mora.

16 - Quem **canta** refresca a alma,  
Cantar adoça o sofrer;  
Quem canta zomba da morte,  
Cantar ajuda a viver.

17 - Eu não **canto** por cantar,  
Nem por ser bom cantor,  
Canto porque uma moça  
Me pediu por um favor.

### Variante:

Eu não **canto** por cantar  
Nem por ser bom cantor  
Canto pra matar saudades  
Que tenho do meu amor.

18 - Você pensa que eu não **canto**,  
Que eu seja como cotia,  
Eu não sou como você  
Que em vez de cantá, sobia.

19 - Quem **canta** seu mal espanta,  
Quem chora, seu mal aumenta,  
Eu canto pra disfarçar  
Este mal que me atormenta.

### Variante:

Quem **canta** seu mal espanta,  
Quem chora, seu mal aumenta,  
Eu canto para espalhar  
A paixão que me atormenta.

20 - Quem **canta** seu mal espanta,  
Eu não posso acreditar;  
É cantando que eu recordo  
Tudo que me faz chorar.

21 - Rouxinol **canta** de noite,  
De manhã, a cotovia,  
Todos cantam, só eu choro  
Toda noite e todo o dia.

22 - Quem **canta** seu mal espanta,  
Quem chora esse mal aumenta;  
Quero cantar e a garganta  
Só gemidos me apresenta.

23 - Você diz que **canta** bem,  
Que seu peito sempre agüenta,  
Você parece cigarra  
Que de cantá se arrebeta.

24 - Quem se julga entristecido  
Apele para a garganta,  
Pois um provérbio nos diz:  
Quem **canta** os males espanta.

25 - Não me corte a laranjeira  
Nem lhe bata o machado,  
Laranjeira é sombra fresca,  
Onde **canta** o desprezado.

26 - **Cantemos**, meu bem cantemos,  
Cantemos nós dois juntinhos:  
Lá no céu cantam os anjos,  
Nós também somos anjinhos.

27 - Perguntaram-me uma vez  
Se eu sabia amar,  
Quem ama, chora, não **canta**,  
Eu nasci para cantar.

28 - Tô **cantando** aqui agora  
Todo cheio de esperança;  
Ora viva os adultos,  
Ora viva as crianças.

29 - Quem me ver aqui **cantando**  
Pensará que estou alegre,  
Meu coração está triste  
Como tinta que se escreve.

30 - Quem me vir aqui **cantando**,  
Pensará que estou contente;  
Minha boca é que canta,  
Meu coração é quem sente.

31 - Se eu soubesse que **cantando**,  
Alguma coisa merecia;  
Cantaria toda a noite,  
Toda manhã, todo dia!

32 - Não quero viver **cantando**  
Pra não me atrapalhar,  
Quem vive sempre cantando,  
Um dia tem que chorar.

33 - Quereis ouvir os meus **cantos**?  
Cantarei, não como outrora,  
Que impõe preceito aos meus risos  
A dor que comigo mora.

34 - Eu gosto de uma seresta  
Que tenha bom violão,

## REGISTRO

Gosto de música chorosa,  
Trabalhar não gosto não.

### CARTA

Por meio da carta as pessoas se comunicam, trocam idéias. Há muitos séculos a carta assumiu importante papel nas relações individuais. É um modo habitual, comum instrumento contínuo de transmissão de idéias.

Nas cartas de amor o guia é sempre o coração; a pena desliza normalmente sobre o papel, sem nenhuma preocupação de forma ou de ordem. Quantas maravilhas o correspondente contempla. Quantas belezas a mente vislumbra. Quantas harmonias vibram em seus ouvidos. Tanto o remetente quanto o destinatário passam a ouvir a sinfonia das aves, o suave murmúrio dos ventos nas folhas e até o ondular dos arbustos nos campos, ao escrever ou receber uma cartinha cuja mensagem é puramente de paz e amor. Tudo é belo. Nas Quadrinhas Folclóricas carta e seu diminutivo sintético cartinha são motivos constantes, principalmente quando se referem ao amor.

1 - A **carta** que te mandei  
Foi feita por minha mão;  
A tinta tirei dos olhos  
E a pena do coração.

2 - Vai-te **carta** venturosa  
Na mão própria de meu bem,  
Com crime de mão cortada  
Se nela bulir alguém.

3 - Joguei a **carta** na água  
Pra ver a carta nadar;  
Todo o mundo está chegando,  
Meu amor não vai chegar.

4 - Quero escrever uma **carta**,  
Mas eu não sei escrever;  
Você é um anjo tão lindo  
Que tanto me faz sofrer.

5 - Meu amor me mandou **carta**  
Pensou que eu não fosse ler,  
A resposta que lhe dei  
Foi amá-lo até morrer.

6 - Eu não te escrevo mais **carta**,  
Nem bilhete, nem recado,  
Você não correspondeu,  
Eu sou mesmo desprezado.

7 - Uma vez mandei pedi,

Outra vez foi por escrita,  
**Carta** de letra miúda  
Com uma laçada de fita.

8 - É de joelho que lhe peço  
Que me queira perdoar,  
Por escrever-lhe esta **carta**  
Sem nunca atenção me dar.

9 - Se este papel aceitasse  
Letras de tinta amarela,  
Eu escrevia uma **carta**  
Para mim mandar pra ela.

10 - Eu plantei o roxo nágua,  
O azul na beiradinha,  
Quem quiser casar comigo,  
Manda **carta** e mais cartinha.

11 - Da boca fiz o tinteiro,  
Da língua pena dourada,  
Dos dentes letra miúda,  
Dos olhos **carta** fechada.

12 - As **cartas** que escreveste  
Todas elas eu rasguei;  
Por que guardá-las, querida,  
Se todas eu decorei?

13 - Vou devolver tuas **cartas**  
E os teus retratos também;  
Mas vou guardar as saudades,  
Porque são minhas, meu bem.

14 - Recebi as suas **cartas**  
E beijei o ano inteiro,  
Beijei todos envelopes  
E beijei até o carteiro.

15 - Dentro do peito inda tenho  
Duas **cartas** para abrir:  
Uma de chorar saudade,  
Outra de ajudar sentir.

16 - Das **cartas** que me mandaste  
Eu construí um balão,  
Com o peso das mentiras  
O balão caiu no chão.

### VARIANTE:

Das **cartas** das namoradas  
Este ano fiz um balão,  
Com o peso das mentiras  
Depressa voltou pr'o chão.

17 - Vai **cartinha** alinhada  
Por este mundo além,  
Vai dizer ao meu amor  
Que não ame mais ninguém.

18 - Vai **cartinha**, vai cartinha  
No bico do beija-flor,

Vai dizer para meu bem  
Que estou morrendo de amor.

19 - Vai **cartinha** venturosa  
Nas asas de um beija-flor,  
Vai dizer ao meu benzinho  
Que não esqueça seu amor.

20 - Vai **cartinha**, vai cartinha,  
No bico do beija-flor,  
Vai dizer para o José  
Que ele é o meu amor.

21 - Vai **cartinha** abençoada  
No bico do beija-flor,  
Vai levar o meu recado  
Aos olhos do meu amor.

22 - Vai **cartinha** venturosa  
Por este mundo sem fim,  
Vai dizer à Carolina  
Que não se esqueça de mim.

23 - Vai **cartinha** venturosa  
Eu mando você andar,  
Já que eu não posso ir  
Mando você em meu lugar.

24 - Vai **cartinha** mal notada,  
Mas quem foi que te notou?  
Com lágrimas foi escrita,  
Com suspiro te fechou.

25 - Vai **cartinha**, vai cartinha,  
Vai no bico do pavão,  
Vai dizer ao meu amor  
Que estou morrendo de paixão.

26 - Vai, ó **cartinha**, vai, vai  
Voando por este vento,  
Vai dizer ao meu amado  
Que não o esqueço um momento.

27 - A sua **cartinha** linda,  
Prazer veio me causar;  
Pois você sabe, querido,  
Que eu nasci para te amar.

28 - Vai minha **cartinha**, vai  
Amarrada num cordão,  
Vai dizer pr'o meu amor  
Que eu amo de coração.

29 - Vai minha **cartinha**, vai  
Numa folha de papel,  
Vai dizer ao meu querido  
Que seus lábios são de mel.

30 - Recebi tua **cartinha**  
Mas, confesso: não gostei,  
Pois nela vinha de volta  
O beijo que te mandei.

## REGISTRO

31 - Não chame eu de negro feio  
Que eu sou negro de valor,  
Com tinta preta se escreve  
A **cartinha** do amor.

32 - Vai **cartinha** venturosa  
Cair na mão do meu bem,  
Tu vais e eu fico chorando  
Por não poder ir também.

### VARIANTE:

Vai-te **carta** venturosa  
Vai ver a quem quero bem,  
Diz-lhe que fico chorando  
Por não poder ir também.

33 - Com sangue de minhas veias  
Te mandei uma **cartinha**,  
Com o sangue do teu ódio  
Mandaste resposta à minha.

### VARIANTE:

Com o céu da tua vida  
Escrevi uma **cartinha**;  
Com o céu do teu desprezo,  
Mandaste resposta minha.

34 - Meu bem, penteie os cabelos,  
Jogue os cachos pelas costas,  
Das **cartinhas** que mandei  
Quero saber as respostas.

## COR

A cor, além de seus encantamentos, indica aspectos curiosos sobre nossa personalidade. Os gostos divergem bastante e cada pessoa vai tendo preferência sobre uma ou algumas cores.

O verde é preferido pelas pessoas sentimentais e simpáticas. Pessoas que gostam de ser amigas e encaram a vida de modo fácil. É a cor que mais existe na natureza. Talvez Deus, na sua infinita sabedoria, tenha feito esta cor para descanso dos olhos humanos.

O amarelo é a cor das pessoas que revelam amor às coisas do saber, combatem a ignorância e têm pendores para assuntos artísticos e científicos. O azul é a cor dos que revelam sensibilidade, são pessoas delicadas e cooperadoras. A cor branca mostra que seu admirador não aceita a influência dos outros. São pessoas leais, sinceras e exigentes. O vermelho é cor escolhida pelas pessoas destemidas, valentes. A cor rosa, cor do amor, do amor ao próximo, é predileta das pessoas ativas, porém, delicadas e não têm inveja dos outros. Roxo, cor que

indica grandeza e pompa é das pessoas idealistas, mas que não sabem aceitar críticas. É a dos literatos. O marrom representa a força. Preferem-no as pessoas que enfrentam obstáculos. Lutam. São cooperadoras, mas têm temperamento variável. Laranja é cor de pessoas ambiciosas e também orgulhosas. Valorizam grandemente a inteligência. Cor cinza é a de pessoa de temperamento muito variável, mas sabem agir para obter o que desejam. A cor preta é a das pessoas que revelam muita compreensão humana. São dignas. Respeitam o semelhante, exigindo dele o respeito. São eloquentes e objetivas. Também as cores exercem sensível influência sobre a atitude das pessoas em relação às coisas.

Assim, as cores, alegrando a vida, dizem do temperamento de cada ser. As Quadras Populares também falam delas:

1 - **Amarelo** é desespero,  
Vermelho é linda cor,  
Seja falso quem quiser,  
Eu sou firme no amor.

2 - Lá do céu caiu um lenço  
Pintadinho de **amarelo**  
Eu tenho um amor firme  
Que diz sempre: eu te quero.

3 - Em cima daquele morro  
Tem uma casa **amarela**  
O moreno está na porta  
A morena, na janela.

4 - O **azul** é cor do céu,  
O amarelo, furta-cor,  
Posso perder-te de vista,  
Só não te perco de amor.

5 - O **azul** é de meu gosto,  
O verde minha esperança,  
Guarda sempre nosso amor  
Ainda somos crianças.

6 - Joguei o **azul** na água  
O roxo saiu rolando,  
Quem quiser casar comigo  
Espere os dezoito anos.

7 - Eu joguei o **azul** na água,  
O roxo na beiradinha,  
Quem quiser o roxo, tire,  
O azul é planta minha.

8 - Escrevi com tinta **azul**  
Por não ter tinta amarela,

Todas moças são bonitas,  
Mas você é a mais bela.

9 - Que o **branco** dos teus vestidos  
Branco, a cor da pureza  
Não seja tudo de puro,  
Que existe em tua beleza.

10 - Atirei um lenço **branco**  
Nos ares despedaçou:  
Que seja despedaçado  
Quem por outro me deixou.

11 - Bordei um lencinho **branco**,  
Bordadinho de xadrez:  
Ou me ame com firmeza,  
Ou me largue de uma vez.

12 - Menina de roupa **branca**  
Me diga quanto custou:  
Quero escrever o meu nome  
No retalho que sobrou.

13 - Um fio dos teus cabelos  
**Castanho-escuro**, dourado,  
Encanto dos meus desvelos  
Eu tenho, Ana, guardado.

14 - De **encarnado** veste a rosa  
De verde o manjericão,  
De branco veste a açucena,  
De luto o meu coração.

15 - Linda cor, a cor **morena**,  
A cor da prata ralada,  
Quem não ama a cor morena  
Morre cego, não vê nada.

16 - Amo muito a cor **morena**,  
De morena cor de nota,  
Sou amante desta cor,  
Por ser cor que não desbota.

17 - O teu rosto de **morena**,  
Levemente tem a cor,  
Para o poder comparar  
Não encontro uma só flor.

18 - Em cima daquele morro  
Tem dois pilões cor de **prata**;  
Um bate, outro responde:  
Seu carinho é que me mata.

19 - Eu visto **preto** por luto,  
O branco por alegria,  
O verde por esperança  
De você ser meu um dia.

20 - O **preto** visto por luto  
O verde por esperança,  
Procures um outro amor,  
Pois para mim és criança.

## REGISTRO

21 - Desejo que o teu futuro  
Seja sempre **cor-de-rosa**  
E que você continue  
Sempre a ser maravilhosa.

22 - Eu plantei o **roxo** n'água  
E o azul na beiradinha,  
Quem quiser apanha o roxo  
Que o azul é planta minha.

23 - O **verde** não se descora,  
Vermelho não perde a cor;  
Eu te perco de sentido  
Mas não te perco de amor.

24 - O **verde** é esperança,  
O branco é união,  
Quem não sabe o que é amor  
Não sabe o que é paixão.

25 - Meu anel de pedra **verde**,  
A quem devo oferecer?  
Ofereço à Teresa  
Que já sabe agradecer.

26 - Eu joguei o limão **verde**  
Na menina da janela;  
O limão caiu na sala,  
Eu caí nos braços dela.

27 - Meu anel de pedra **verde**  
Que esqueci lá em Roma,  
Tenho fé em Nossa Senhora  
Que meu amor ninguém toma.

28 - Joguei o meu limão **verde**  
Praquele lançante abaixo,  
Quanto mais o limão corre  
Mais bonitinha eu te acho.

29 - Meu anel de pedra **verde**  
Caiu na pedra e trincô,  
Eu também sou trinca-trinca  
Nos braços de meu amô.

30 - O coqueiro de tão alto  
De tão **verde**, amarelou  
O lábio do meu benzinho  
De tão doce açucarou.

31 - Fita **verde** não me prende  
Que a vermelha me prendeu:  
Tá faltando quinze dias  
Pra papai ficar sem eu.

### VARIANTES:

Fita **verde** não me prende  
Que a vermelha me prendeu,  
Está faltando só um dia  
Pra meu pai ficar sem eu.

32- Tudo aquilo que é **verde**  
Desejaria queimar;  
Se verde for esperança,  
Já cansei de esperar.

Tudo que é **verde** no mundo  
Eu vou mandar arrancar,  
Porque o verde é esperança,  
Tou cansado de esperar.

Tudo aquilo que é **verde**  
Gostaria de queimar,  
Porque verde é esperança  
Estou cansado de esperar.

Tenho um lencinho **verde**  
Que agora vou queimar,  
Dizem que o verde é esperança,  
Estou cansada de esperar.

O amarelo é desespero  
E o **verde** que será?  
Dizem que o verde é esperança  
Tou cansado de esperá.

33 - As folhas da bananeira  
De tão **verde** amarelaram,  
Os lábios de meu benzinho  
De tão doce açucararam.

### VARIANTES:

A folha da bananeira  
De tão **verde**, amarelou  
A boquinha do meu bem  
De tão doce, açucarou.

A folha da bananeira  
De madura, amarelou,  
A boca do meu benzinho  
De tão doce açucarou.

### DEUS

Não temos capacidade para falar  
sobre Deus, mas sabemos que ele existe,  
que é bom e amável, vive dentro  
e fora de nós. Existe nas maiores e  
menores causas, onde há vida, alegria,  
beleza e inteligência.

Sempre que precisamos de inspiração  
vamos encontrá-la nas obras divinas:  
nas poesias dos campos, mares,  
rios, noites de luar, etc... Deus  
está em toda a parte.

O povo inseriu-o nas Quadras,  
freqüentemente recitadas:

1 - **Deus** quando fez a mulher  
Fez só com delicadeza;  
Com um corpo de boneca  
E um rosto de beleza.

2 - **Deus** quando fez o homem  
Fez com toda cerimônia  
Com um corpo de boneco  
E o rosto de sem-vergonha.

3 - **Deus** fez a flor tão bonita  
Nas folhas pôs a esperança;  
Fez no sono tão formoso  
Do coração da criança.

4 - **Deus** está com todo mundo  
Até o menor momento;  
É meu Mestre, meu Amigo,  
E a luz do meu pensamento.

5 - **Deus** proteja o nosso amor  
E a Virgem do Rosário,  
Eu desejo a você  
Um feliz aniversário.

6 - **Deus** lhe pague a santa esmola,  
Deus lhe dê com que passá;  
Lhe livre de gente falsa  
Que hoje em dia é o que há.

7 - **Deus** quis que todas pessoas  
Tivessem dor e ventura  
Com minutos de prazer  
Mas com anos de amargura.

8 - A **Deus** eu fiz um pedido  
Que me afastasse da dor,  
Mas em lugar de alegria  
Pôs mais espinhos na flor.

9 - Se **Deus** um dia soubesse  
Os meus erros praticados,  
Hoje eu não mais seria  
Escravo dos meus pecados.

10 - Se **Deus** um dia atendesse  
Mínha prece meiga e doce:  
Você, Zé, não morreria  
Por mais velhinho que fosse.

11 - Só **Deus** que nos dá o bem,  
E não fique a preocupar,  
Em pedir a mais ninguém,  
Que é só Deus que pode dar.

12 - Quando **Deus** andou no mundo  
A São Pedro disse assim:  
Quem não quer pobre na porta  
Não me quer também a mim.

13 - Pedi a **Deus** um conselho  
Para encontrar a alegria,  
Deus mostrou-me a terra e disse:  
Trabalha, semeia e cria.

14 - Assim como **Deus** deu asas  
Pr'os pássaros, felizmente,  
Deu também meu coração.

## REGISTRO

Para amá-lo eternamente.

15 - Ó meu Senhor **Deus** Menino,  
Tão alvinho com leite  
Fazei-me cama no céu,  
Onde minha'alma se deite.

16 - Quem não pede **Deus** não ouve,  
Mas para Deus nos ouvir,  
É preciso ter cuidado  
Na maneira de pedir.

17 - Vou pedir para o bom **Deus**  
Meu caminho iluminar,  
Para que na minha vida  
Você ocupe um lugar.

18- Eu sou maior do que **Deus**,  
Maior do que Deus eu sou;  
Eu sou maior no pecado,  
Porque Deus nunca pecou.

19 - Se queres dar para **Deus**  
Uma prova de amor,  
Tu deves plantar na terra  
A semente de uma flor.

20 - Se o homem da terra ouvisse  
De **Deus**, o conselho amigo,  
Em vez de campo de guerra  
Fazia campo de trigo.

21 - O coração nasceu mudo,  
**Deus** nos foi muito prudente,  
Pra que não contasse tudo  
O que vai dentro da gente.

22 - Para as flores, o orvalho;  
Para **Deus**, a oração,  
E para você, querida,  
O meu terno coração.

23 - Saudade, traço de luz,  
Que **Deus** no céu desenhou,  
Unindo sempre dois seres  
Que o destino separou.

24 - Eu te amo, tu me amas,  
Só **Deus** pode entendê,  
Já que o mundo nos separa  
Lutaremo até vencê.

25 - Enquanto mundo for mundo  
Enquanto **Deus** governar  
Enquanto eu existir  
Outro não hei de amar.

26 - Eva é um lindo nome  
Que foi **Deus** que inventou,  
Com letra de ouro fino  
No meu coração gravou.

27 - Queria subir ao Céu

Falar com **Deus** um momento  
Saber Dele para quê  
Deu aos pobres sentimentos.

28 - Adeus, meu grande amor,  
Até quando **Deus** quiser,  
Você não pode esquecer  
Desta que tanto te quer.

29 - Amanhã é dia santo,  
Dia do Corpo de **Deus**,  
Quem tem roupa vai à missa,  
Quem não tem fica mais eu.

30 - A mocidade é uma rosa,  
A nossa vida é roseira;  
**Deus** nos amarra à segunda  
E o tempo tira a primeira.

31 - Ganhei uma rosa branca  
De tão linda ela murchou,  
**Deus** abençoe sua mãe  
Que tão linda te criou.

32 - Quando o limão for doce,  
Quando o açúcar amargar,  
Quando **Deus** deixar o mundo,  
Deixarei de te amar.

33 - Somos pequenos na terra  
Mas é grande **Deus** do céu,  
Ao teu lado quero estar  
Toda coberta de véu.

34 - Entre as mulheres bonitas  
És a única perfeita,  
Pois **Deus** te fez e, sorrindo,  
Rasgou depois a receita.

35 - Dizem qua amar é loucura  
Que é apenas ilusão,  
Oh! Meu **Deus** se eu tivesse  
Seu amor no coração.

36 - Essa é uma manhã  
Estou com você ao lado,  
Quando **Deus** fez a manhã,  
Ele estava apaixonado.

37 - Debaixo de minha cama  
Tenho um ninho de cobra,  
Creio em **Deus** e tenho fé  
De sua mãe ser minha sogra.

38 - Quantas lágrimas caíram  
Quantas festas sem sentido,  
Ó meu **Deus**, o que farei  
Pra você ser meu marido?

39 - Hoje pertencço a ti  
E tu pertences a mim,  
Peço a **Deus** que nos ajude  
Que tudo corra assim.

40 - Se entristeço, fico triste,  
Por ver que a dor espesinha,  
É porque **Deus** fez tua alma  
Certamente igual a minha.

41 - Mandamentos são aqueles  
Que a minha alma encerra:  
Amar nosso **Deus** no céu  
E você aqui na terra.

42 - Se amar fosse pecado,  
Já não seria inocente;  
Eu juro por **Deus**, querido,  
Que te amo loucamente.

43 - Por sua felicidade  
Estou sempre a rezar,  
E peço a **Deus** e aos anjos  
Pra você pra mim voltar.

44 - Não há homem como rei,  
Nem mulher como rainha,  
Não há santo como **Deus**,  
Nem memória como a minha.

45 - A aventura é uma luta  
E a desgraça nos alcança,  
Quanto menos se espera  
**Deus** manda uma esperança.

46 - Vai alta a lua, vai alta  
Mais alto vai o luar,  
Mais alta vai a ventura  
Que **Deus** tem para nos dar.

47 - Você disse que eu sou sua,  
Mas você nada assinou,  
O mundo dá tantas voltas,  
Só **Deus** sabe de quem sou.

48 - Amo-te mais que a vida,  
Amo-te mais que aos meus;  
E se não fosse pecado  
Te amaria mais que **Deus**.

49 - Tenho fé, tenho esperança  
Que estarei nos braços teus  
E entre nós um filhinho,  
Abençoado por **Deus**.

50 - Quando **Deus** fez o mundo  
Achoi que tinha um defeito;  
Depois que meu bem nasceu,  
Ficou tudo bem perfeito.

### VARIANTE:

Quando **Deus** fez nosso mundo  
Achei que tinha defeito;  
Mas quando te conheci,  
O mundo ficou perfeito.

51 - O pouco que **Deus** me deu,

## REGISTRO

Na mão eu trago fechado;  
O pouco com Deus é muito  
E o muito sem Deus é nada.

### VARIANTE:

Cada dia que passa  
Fica a vida controlada:  
O pouco com **Deus** é muito,  
O muito sem Deus é nada.

52 - À hora que vou dormir  
Faço uma linda oração;  
A **Deus** entrego minha alma  
E a você meu coração.

### VARIANTE:

À noite eu me preparo  
Pra fazer minha oração,  
A **Deus** entrego minha alma,  
A você, meu coração.

53 - Dizem que amar é crime  
Ó meu **Deus** que hei de fazer?  
Já que sou uma criminosa,  
Vou te amar até morrer.

### VARIANTES:

Dizem que amar é crime  
Ó meu **Deus**, que vou fazer?  
Já que sou um criminoso  
Hei de amá-la até morrer.

Dizem que o amor é crime  
Meu **Deus**, que hei de fazer?  
Já que sou uma criminosa  
Hei de amar até morrer.

54 - Dizem que beijar é pecado  
E que pecado horroroso!  
Por que **Deus** deixou no mundo  
Um pecado tão gostoso?

### VARIANTES:

O beijo é um pecado  
Um pecado horroroso  
Ai, meu **Deus**, por que fizeste  
Um pecado tão gostoso?

Dizem que o beijo na boca  
É um pecado horroroso,  
Por que então que **Deus** fez  
Um pecado tão gostoso?

## MÃE

Mãe quer dizer abnegação, desvelo,  
carinho, renúncia, afeto, sacrifício.

Enfim, mãe significa amor. A mãe,  
no seu profundo amor pelo filho, é  
capaz de todos os sacrifícios sem vacilar  
e queixar-se de ingratidões. É  
um patrimônio cujo valor não se pode

avaliar.

Sempre foi o tema preferido por  
muitos poetas e também o motivo  
central de muitas quadras que sobreviveram  
no anonimato:

1 - A **mãe** é como roseira  
A enfeitar os caminhos,  
Guarda as rosas para os filhos  
E para ela os espinhos.

2 - Uma **mãe**, mãe verdadeira,  
Esconde seu próprio gosto:  
Chora baixinho, por dentro,  
Mas mostra riso no rosto.

3 - Minha **mãe** que tanto sofre,  
Carregando a minha cruz,  
Só não é Nossa Senhora  
Por não ser mãe de Jesus.

4 - Minha **mãe** chama-se Rosa,  
Eu sou filho da roseira,  
Não posso deixar de amar  
Uma flor que tanto cheira.

### VARIANTE:

Minha **mãe** é uma rosa,  
Sou neta de uma roseira,  
Não posso deixar de amar  
Uma flor que tanto cheira.

5 - Minha **mãe** briga comigo  
Porque beijo uma flor,  
Que diria se ela visse  
Beijando o meu amor.

6 - Minha **mãe** não quer que eu vá  
Na casa do meu amor,  
Quero perguntar a ela  
Como ela se casou.

7 - Ó minha querida **mãe**,  
Querida mãe muito amada,  
Quem tem uma mãe, tem tudo,  
Quem não tem mãe, não tem nada.

### VARIANTE:

Minha **mãe** é minha mãe,  
Minha mãe é minha amada;  
Quem tem sua mãe tem tudo,  
Quem não tem mãe, não tem nada.

8 - Sua **mãe** é uma corrente,  
O seu pai um carretão,  
Você é um cadeado  
Que trancou meu coração.

9 - Sua **mãe** é uma pimenta,  
E seu pai um pimentão,  
Você é uma pimentinha  
Que ardeu meu coração.

10 - Mandei falar pra tua **mãe**  
Foi dia de sexta-feira;  
Ela me disse que sim,  
Que não te tinha pra freira.

11 - Menina teu pai é salvo,  
Tua **mãe**, Salve-rainha,  
Eu sou a vida do sul,  
Tu és esperança minha.

12 - Por mais danado que seja  
Um menino em seu lar,  
A **mãe** fala, bate e xinga  
Mas não o deixa de amar.

13 - O eme que trago gravado  
Na palma de minha mão  
É o nome de **mãe** escrito  
Dentro do meu coração.

14 - Nem que chova o que chover  
Nem que vente o que ventar,  
Nos braços de minha **mãe**  
É que vou me acalantar.

15 - Na frente de minha casa  
Tem um pé de abacate,  
Por tua causa, menino,  
Minha **mãe** sempre me bate.

16 - Lá vem a lua saindo  
Por detrás da samambaia,  
Eu quero falar co'a moça  
Mas a **mãe** me atrapaia.

17 - Minha **mãe** quando eu morrer,  
Cubra-me o rosto c'um véu,  
Não quero que a terra coma  
Encantos que são do céu.

18 - Eu vou chorar minha mágoa  
Debaixo de um pé de ameixa,  
Como é duro a gente amar  
Quem a **mãe** e o pai não deixa.

19 - Minha **mãe** me deu uma surra  
Por causa de uma panela,  
Que dirá se ela soubesse  
Do namoro na janela.

### VARIANTE:

Eu apanhei de **mamãe**  
Porque quebrei uma tigela,  
Pensou se ela me visse,  
Namorando na janela.

20 - Minha **mãe** tem sua cortina  
E eu tenho acortinado,  
Minha mãe tem seu marido  
E eu tenho namorado.

### VARIANTE:

Minha **mãe** tem seu colchão

## REGISTRO

E eu tenho acolchoado,  
Minha mãe tem seu marido  
Eu só tenho namorado.

21 - Há duas pessoas no mundo  
Que eu amo com ardor:  
A primeira é minha **mãe**  
A segunda é meu amor.

### VARIANTE:

Há dois amores na vida  
Que prezo com muito ardor:  
Primeiro o amor de **mãe**,  
Depois o amor do amor.

22 - Menino de calça escura  
Da camisa de amorim,  
Abençoada sua **mãe**  
Que criou você pra mim.

### VARIANTES:

Na frente da sua casa  
Tem belo pé de jasmim,  
Bendita seja sua **mãe**  
Que criou você pra mim.

Eu gosto de rosa branca  
Que nasceu no meu jardim,  
Gosto mais de sua **mãe**  
Que criou você pra mim.

23 - Da minha casa na sua  
Tem um rastinho de cobra,  
Tenho fé em Nossa Senhora  
De chamar sua **mãe** de sogra.

### VARIANTES:

Debaixo daquela roseira  
Lá tem um ninho de cobra,  
Ainda tenho esperança  
De chamar sua **mãe** de sogra.

Da minha boca à sua  
Tem a distância de corda,  
Ainda tenho a esperança  
De chamar sua **mãe** de sogra.

No fundo da minha horta  
Tem um rastinho de cobra,  
É o meu maior prazer  
Chamar sua **mãe** de sogra.

24 - **Mamãe** está me chamando,  
Diga a ela que já vou;  
Estou estendendo a roupa  
Que a chuva me molhou.

25 - **Mamãe** me deu uma surra,  
Namorando na janela,  
Juro que se ela der outra,  
Namoro no colo dela.

26 - **Mamãe** me deu uma surra

Sexta-feira da paixão,  
Não foi surra, não foi nada,  
Foi doce com requeijão.

27 - **Mamãe** me deu uma surra,  
Ninguém sabe, ninguém viu,  
Por causa de um copo d'água  
Que o moreno me pediu.

28 - Eu gosto de um moreno  
Que a minha mãe detesta,  
**Mamãe** escolhe quem quer  
E eu a quem me interessa.

29 - Só uma inveja é virtude:  
A dor de um órfão que ao ver  
Alguém dizendo **mamãe**,  
E assim deseja fazer.

30 - Siriri que deu no lero  
Mas no lero ninguém dá;  
No papai ninguém não bate,  
Na **mamãe** ninguém não dá.

31 - Minha adorada **mãezinha**  
Palavra que a gente adora,  
É a pessoa que mais quero  
Depois de Nossa Senhora.

### MENINO JESUS

As comemorações do dia 25 de dezembro (Natal) são sempre lembradas como renovadoras de mensagens e esperanças.

Nos lares cristãos há sempre um presépio armado que nos encanta pela beleza da Sagrada Família, cujo destaque é a imagem do Menino Deus, deitado numa manjedoura, entre as imagens de Nossa Senhora e de São José. Pastores, animaizinhos, o boi e o burro, a bica d'água - tudo isto disposto ao redor do Menino Jesus - aumenta a beleza do cenário.

Folias de Reis, Pastorinhas e outros grupos chegam ao Presépio para a adoração. Recitam e cantam Quadras diversas, louvando o Menino Jesus, como estas:

1 - **Menino Jesus** da Lapa  
Quem te deu cabelo louro?  
-Foi a minha avó Sant'Ana,  
Que tirou de seu tesouro.

2 - Adeus, **Menino Jesus**;  
Adeus, minha linda flor,  
Vindo por entre os homens  
Para ser o Salvador.

3 - Ó meu **Menino Jesus**,  
Ó minha mimosa flor,

Fizeste tão pequenino  
Sendo tão grande Senhor.

4 - Ó meu **Menino Jesus**  
Boquinha de requeijão!  
Dá-nos alguma coisinha  
Que lá em casa não tem pão.

5 - Glória a Deus nas alturas  
**Menino Jesus** nascido,  
Vindo do ventre sagrado  
Por ter sido prometido.

6 - No presépio do Divino  
Louvemos com toda fé:  
**Menino Jesus** sorrindo,  
Com Maria e José.

7 - O galo do céu cantou  
E o da terra também,  
Vejo o **Menino Jesus**  
Na Lapinha de Belém.

8 - Bendito louvado seja  
Nesta hora de alegria,  
Nasceu **Menino Jesus**  
De José e Santa Maria.

9 - Vamos, vamos a Belém  
Vamos, vamos visitar,  
Ver o **Menino Jesus**  
Que nasceu pra nos salvar.

10 - Louvemos todos em coro  
Por quem nasceu em Belém  
Viva o **Menino Jesus**,  
Filho da Virgem também.

11 - Viemos para saudar  
Com amor e alegria,  
Salve o **Menino Jesus**,  
Filho da Virgem Maria.

12 - Uma estrela anunciou  
Para toda nobre gente  
Que o **Menino Jesus**  
Nasceu lá no Oriente.

13 - Vou dar viva ao galo bento  
Vou dar viva nesta hora  
Viva o **Menino Jesus**,  
Filho de Nossa Senhora.

14 - Borboleta bonitinha,  
Voe sempre, não faz mal;  
Olhe o **Menino Jesus**,  
Hoje é noite de Natal!

15 - Lá nas bandas do Oriente  
Uma estrela apareceu,  
Veio dar a boa nova;  
**Menino Jesus** nasceu.

## REGISTRO

16 - Quando o galo Jocundo\*  
Bateu asas e cantou,  
O mundo ficou sabendo:  
**Menino Jesus** chegou.

17 - Glória a Deus nas alturas,  
O mundo encheu-se de luz,  
Tudo ficou diferente,  
Nasceu **Menino Jesus**.

18 - Santo Reis desceu do céu,  
Cercado por uma luz,  
O nosso Pai verdadeiro  
É o **Menino Jesus**.

19 - Estrela do céu brilhante  
É o raio de sol de luz,  
De dezembro a vinte e quatro  
Nasceu o **Menino Jesus**.

20 - Do galho nasceu a rosa,  
Da rosa nasceu a luz  
E de um cravo encarnado,  
Nasceu o **Menino Jesus**.

Nota: \* Segundo a tradição religiosa, **Jocundo** é o nome dado ao galo do presépio que cantou ao mundo, anunciando o nascimento do Menino Jesus.

### PENSAMENTO

O pensamento tudo alcança. Ninguém é capaz de calcular o valor extraordinário de um ideal fixo numa máxima de sublime grandeza moral, freqüentemente retida no pensamento. Um pensamento certo leva a pessoa a olhar para a frente e para cima. Um pensamento mau leva-a a emergir. O êxito não é espontâneo. Requer perseverança. Nada se consegue sem esforço e tudo se pode conseguir com ele. Só podem triunfar aqueles que assim pensam e crêem. O pensamento aparece em algumas quadras do povo.

1 - Eu tive mau **pensamento**,  
E envergonhada coraste,  
Se de maldoso eu tive,  
De maldosa adivinhaste.

2 - Tenho a alma torturada,  
Tenho **pensamento** vão,  
Mas não consigo esquecer  
Quem roubou meu coração.

3 - O homem é pecador,  
Peca até em **pensamento**,  
Mas por ser tão convencido

Nem tem arrependimento.

4 - Meu amor é quem mais quero,  
Meu amor é quem queria,  
Não me sai do **pensamento**,  
Nem de noite, nem de dia.

5 - Mais fácil a água do oceano  
Dar beijo no firmamento,  
De que a sua imagem  
Sair do meu **pensamento**.

6 - Se não crês no que te digo  
Tens aqui meu juramento:  
Acharás teu nome escrito  
No meu vivo **pensamento**.

7 - O vento navega o barco,  
O barco navega o vento,  
A onda do teu cabelo  
Navega o meu **pensamento**.

8 - De pensar já não consigo  
É triste meu sofrimento,  
De pensar que só você  
Não sai do meu **pensamento**.

9 - Quando pensei que o tinha  
Para o meu divertimento,  
Achei-o tão demudado  
Fora do meu **pensamento**.

10 - Quem me dera ter agora  
Um cavalinho de vento,  
Para dar um galopinho  
Onde está seu **pensamento**.

### VARIANTE:

Quem me dera se eu pudesse  
Ter cavalinho de vento  
Para ir ver o meu amor,  
Onde está meu **pensamento**.

11 - Como a água do mar  
Nunca sai do firmamento,  
Também o seu lindo nome  
Não sai do meu **pensamento**.

12 - Sai o perfume das flores,  
Sai do meu peito, o talento;  
Só o teu amor querido,  
Não me sai do **pensamento**.

13 - Vou partir, vou-me embora,  
Porém, de ti não me ausento,  
Parte o meu corpo apenas  
Ficando o meu **pensamento**.

14 - Depois da separação  
Aumentou o meu tormento,  
Porque aquela fingida  
Não me sai do **pensamento**.

15 - Os **pensamentos** comovem,  
Tudo tem explicação;  
Ficam sempre na lembrança,  
Pertinho do coração.

16 - A chuva já está parando  
Mas continuo a **pensar**;  
Menina, não fique triste,  
Não quero vê-la chorar.

17 - O meu rosário peguei  
Pra rezar, mas que horror,  
Em todas contas peguei,  
**Pensando** no meu amor.

18 - Eu subi no pé de lima  
Chupeí lima sem querê,  
Beijei a florzinha dela,  
**Pensando** que era você.

19 - Daí então tudo mudou  
E hoje vivo como pedi:  
Sempre alegre e sorridente  
Somente **pensando** em ti.

### RETRATO

Álbum de fotografias é fonte de saudosas lembranças dos tempos idos. O que nele existe deixa desvendado o véu de íntimas aspirações. O retrato de alguém distante é a imagem sempre presente que sufoca ou amplia nossa saudade. Faz ressurgir um mundo aos nossos olhos: reminiscências, saudades, simpatias e sonhos.

Os namorados costumam trocar fotografias, as quais são muito bem guardadas enquanto houver o namoro, e servem para despertar as gratas ilusões e lembranças.

O retrato estimulou a criação de algumas quadrinhas entre o povo.

1 - A visão de teu **retrato**  
Confesso que me faz mal,  
Aumenta mais a vontade  
De rever o original.

2 - Coloquei o seu **retrato**  
No meu relógio, querida,  
Faça agora o que quer  
Das horas da minha vida.

3 - Vou tirar o teu **retrato**  
Na beira de um poço fundo,  
Estando com teu retrato  
Sou a riqueza do mundo.

4 - Contemplando teu **retrato**  
Numa saudade sem fim,  
Já nem vivo, porque és tu

## REGISTRO

Que sempre vives em mim.

5 - Filho, flor da nossa carne,  
**Retrato** de nossa dor,  
Pedacinho de nossa alma,  
Fruto sagrado do amor.

6 - Meu amor é bonitinho  
Quem quisé **retrato** eu dô,  
Tem a boca pequenina,  
Olhos preto, matadô.

7 - Tenho por recordação  
Seu **retrato** num altar,  
Tão perfeito e bonito  
E que só falta falar.

8 - Na parede do meu quarto  
Quero seu **retrato** ter  
Pra matar esta saudade  
Que invade o meu ser.

9 - Da Bahia me mandaram  
Uma camisa bem feita  
Co'o **retrato** de meu bem  
No punho da manga direita.

10 - Tudo o que tenho na vida  
Cabem bem em minha mão:  
O teu **retrato** cortado  
Em forma de coração.

11 - Da letra peço desculpa  
Dos erros, peço perdão,  
Eu quero o seu **retrato**  
Só para recordação.

12 - Fui passear no jardim  
Pra disfarçar minhas dores,  
Encontrei o seu **retrato**  
Na mais bonita das flores.

13 - Menina te quero bem  
Não me deixe desprezado,  
Eu nunca te esqueci  
Tenho um **retrato** guardado.

14 - Na frente de minha casa  
Tem morro que sobe e desce,  
Na hora que não te vejo  
Teu **retrato** aparece.

15 - Hoje tanta alegria,  
Amanhã tanta lembrança,  
Mas eu guardarei comigo  
Seu **retrato** de criança.

16 - O teu amor é ourives,  
O meu é desenhador;  
O teu faz jóia de ouro,  
O meu, **retrato** de amor.

17 - Quem passar na minha casa

Não repare no que tem:  
Tem um pé de rosa branca  
E o **retrato** do meu bem.

18 - Gosto tanto de você  
E gosto mesmo de fato  
Que trago sempre comigo  
O seu mais lindo **retrato**.

19 - Eu plantei um pé de cravo  
Na janela do meu quarto,  
Já que eu não te conheço  
Quero ver o teu **retrato**.

20 - Meu bem quando for embora  
Escrevo lá do meu quarto;  
Na hora que não te vejo,  
Namoro o teu **retrato**.

21 - Guardei o teu **retratinho**  
E não te esqueço de fato,  
Mas antes ter-te comigo  
Do que lembrar do retrato.

22 - Quando eu me sinto só,  
Distante do seu carinho,  
Eu mato meu sofrimento  
Olhando seu **retratinho**.

### RICO E POBRE

A felicidade é uma resultante biológica, complexa, como qualquer fenómeno da Natureza.

Os acidentes sociais não a criam nem a suprimem. Muitas vezes, na pobreza, lábios pálidos debulham risadas sonoras, como flor em pauis; outras vezes, nas pompas de fastosa opulência uma dor se esconde como chaga que envergonha. É uma antítese estranha na aparência, mas explicável em suas razões profundas. Estas diferenças sociais são ironizadas em Quartetos da criatividade popular.

1 - **Rico** correndo é atleta,  
**Pobre** correndo é ladrão,  
Sorte de rico é estrela,  
Sorte de pobre é prisão.

2 - O **rico** levanta cedo  
Tem seu café com mistura,  
O **pobre** quando levanta  
Tem garapa sem doçura.

3 - O **rico** toma o seu banho  
Em todos os dias do ano,  
Mas o coitado do **pobre**  
Se lava, passando o pano.

4 - O **rico** é sempre rico,

Mas o **pobre** nada tem!  
O rico é sempre nobre  
O pobre não é ninguém.

5 - Se o **rico** compra e não paga  
Será sempre tolerado,  
Se é o coitado do **pobre**  
Logo vai encarcerado.

6 - Ave de **rico** é canário  
Ave de **pobre** é pardal,  
Rico só comete falha;  
Pobre pecado mortal.

7 - Casa de **rico** é palácio,  
Casa de **pobre** é oca,  
Comer de rico é peru  
E o de pobre é mandioca.

8 - Festa de **rico** é banquete,  
Festa de **pobre** é chuchu,  
Rico come bacalhau  
Pobre come seu angu.

9 - Música de **rico** é clássica  
E a de **pobre**, sertaneja  
Rico na vida, triunfa;  
Pobre vive na peleja.

10 - Quer o **rico**, quer o **pobre**,  
Todos tem seu amorzinho;  
O rico com seu dinheiro  
O pobre com seu carinho.

11 - Entre o **rico** e o **pobre**  
Não há maus e nem bonzinhos  
Quando o sujeito não presta,  
Joga com os dois pauzinhos.

12 - Tu és ouro e eu sou prata,  
Tu és **rico** e eu sou **pobre**.  
Eu sou um fraco coitado,  
Tu és um forte e nobre.

13 - A cama do **rico** é berço,  
Cama de **pobre** é trapo.  
Coberta de rico é colcha,  
Coberta de pobre é fiapo.

14 - A sobremesa do **rico**:  
Marmelada e rapadura,  
A sobremesa do **pobre**  
Miolo de abobra madura.

15 - O cobertor de um **rico**  
É pura lã de carneiro,  
Mas a cobertura de **pobre**  
É cachaça o frio inteiro.

16 - Casa de **pobre** é ranchinho  
Casa de **rico** é de teia,  
Se ter amor fosse crime,  
Minha casa era a cadeia.

## REGISTRO

17 - Riso de **pobre** é cachaça,  
Riso de **rico** é humor;  
Suor de pobre é catinga,  
Suor de rico é odor.

18 - Cigarro de **pobre** é palha,  
E o do **rico** é charuto,  
Rico é sempre seu fulano,  
Pobre é sempre um matuto.

19 - É o consolo do **pobre**  
Que anda de déu em déu:  
O **rico** vai para o Inferno  
E o pobre vai para o Céu.

20 - Todo **pobre** quando morre  
Vai gozar lá nas alturas,  
E o **rico** quando morre  
Vai pr'os quintos, na fervura.

21 - Menina, tu não desprezes  
O **pobre** só por não ter.  
Pode o **rico** desprezar-ter  
E o pobre não te querer.

22 - Você diz que não me ama,  
Deus lhe pague, eu agradeço;  
Você está de amor **rico**,  
E sou **pobre**, não mereço.

23 - Galinha dorme em poleiro  
O pato dorme no chão;  
O **pobre** dorme na esteira,  
O **rico** dorme em colchão.

24 - Os **pobres** e **ricos** pecam  
E todos querem perdão;  
Mas só confiando em Deus  
Podem ter a salvação.

25 - Moça **rica** é alegre,  
Moça **pobre** é xereta;  
Moça rica é falante,  
Moça pobre é lingueta.

26 - Gente **rica** fica doente  
Logo vem o doutor e cura,  
Gente **pobre** fica doente  
O remédio é sepultura.

27 - A roupa de gente **rica**  
Fazenda boa que dura,  
O trapo de gente **pobre**  
Só remendo e costura.

28 - Cavalos de gente **rica**  
Bonito e tem andadura,  
Égua de gente **pobre**  
Só calombo e pisadura.

29 - A vida de gente **pobre**  
É ruim e sem ventura,  
A vida de gente **rica**

É boa e tem fartura.

30 - O **pobre** tem pé no chão  
Por não possuir calçado,  
Anda co'o pé descalço  
Com o calcanhá rachado.

31 - O **pobre** muito reclama  
A falta que faz a roupa:  
A coberta de sua cama  
É de saco de estopa.

32 - O **pobre** pra comer carne  
Tem que ser de passarinho  
Ainda assada na brasa,  
Porque não tem nem toicinho.

33 - A vida que o **pobre** leva  
É pura judiação,  
Só cozinha sem gordura  
E só lava sem sabão.

34 - O pão que o **pobre** come  
É mandioca e banana,  
Ele só bebe café  
Feito de caldo de cana.

35 - O coitadinho do **pobre**  
Não pode comprar cigarro,  
Se ele quiser pitar,  
Só pita em pito de barro.

36 - Levar a vida de um **pobre**  
É coisa que só chateia:  
Paletó arremendado  
Com a botina sem meia.

37 - Quem trabalha para **pobre**  
Só come feijão e arroz,  
Quem trabalha para pobre  
Pede esmola para dois.

38 - Dinheiro de **pobre** é zinco  
Dinheiro de zinco é cobre,  
Antes sê dama dum prínspe  
Do que sê muié dum **pobre**.

39 - A cama do **pobrezinho**  
Chega até dar vergonha:  
Usa colchão sem lençol  
E o travesseiro sem fronha.

40 - Mesmo sendo **pobrezinha**  
Não tenha inveja a ninguém,  
O seu vestido tem mancha,  
Mas o seu corpo não tem.

### SONHO

Nossa vida é um sonho. Todas as pessoas sonham. Há pessoas que sonham acordadas, pois pretendem alcançar o inatingível. Há sonhos que revelam o passado e outro que pre-

dizem o futuro. Na Bíblia Sagrada está registrada a história de José, filho de Jacó, que conseguiu prestígio entre os egípcios, por haver interpretado, corretamente, o sonho do Faraó. Às vezes é bom sonhar, mas nunca fugindo à realidade.

A propósito do assunto, disse o grande Amadeu Amaral "...se o sonho é bom, também às vezes a realidade é bem melhor que o sonho". O emérito professor Malba Tahan presta o seu depoimento: "Aquele que toma a realidade e dela faz um sonho é um poeta, um artista./ Artista e poeta será também aquele que do sonho faz realidade".

Nosso povo assim se expressa:

1 - **Sonho** muito com você,  
Você comigo não sonha;  
É um ditado muito certo:  
Quem quer bem não tem vergonha.

2 - Eu **sonho** pelo passado  
Eu choro pelo presente,  
Eu temo pelo futuro  
Pois te amo loucamente.

3 - Tudo é um **sonho** a mais  
E isto me faz sofrer,  
Mas quero viver sonhando  
Pra nunca te esquecer.

4 - Você é um **sonho** agradável,  
Um pouquinho de amargura,  
E também galho de rosa  
Sobre minha sepultura.

5 - Você é o **sonho** que eu sonho,  
A minha louca paixão,  
Alguém que eu sempre adorei,  
A minha louca ilusão.

6 - Com você eu sempre **sonho**  
Mesmo acordado, amor,  
Assim teu vulto risonho  
Irá por onde eu for.

7 - Se amar for algum **sonho**  
Eu jamais quero acordar,  
Quero estar sempre sonhando  
Para sempre te amar.

8 - Teu amor já foi meu **sonho**  
Sonho que hoje resume  
Nas belas flores que vivem  
Sem folhas e sem perfume.

9 - Depois de um belo **sonho**  
Que tenho sempre sonhado,  
Eu vivo sempre dormindo

## REGISTRO

E sonho sempre acordado.

10 - Essa noite eu tive um **sonho**  
Que meu bem tinha morrido;  
Acordei, desesperado,  
C'uma outra no sentido.

### VARIANTE:

Esta noite eu tive um **sonho**  
Que meu bem tinha morrido,  
Levantei usando luto,  
Mas com outro no sentido.

11 - Essa noite eu tive um **sonho**  
Perante o padre no altar,  
Sonhei que estava casando,  
Isto sem que é sonhar.

12 - Esta noite eu tive um **sonho**  
Mas que sonho atrevido!  
Sonhei que era babado  
Da barra do teu vestido.

13 - Esta noite eu tive um **sonho**  
Na praia do mar sereno,  
Sonhei que estava beijando  
Seu lindo rosto moreno.

14 - Esta noite tive um **sonho**,  
Um sonho de imensa alegria  
Que teus lábios me beijavam  
E em teus braços eu dormia.

### VARIANTE:

Esta noite eu tive um **sonho**  
Neste sonho eu sentia  
Que meus lábios te beijavam  
E em teus braços eu dormia.

15 - Esta noite eu tive um **sonho**  
Com seu olhar feitiçeiro,  
Acordei beijando a cama  
E abraçando o travesseiro.

16 - Esta noite tive um **sonho**,  
Deus ajuda que assim seja,  
Minhas mãos sobre as suas  
No altar de uma igreja.

17 - Esta noite eu tive um **sonho**  
Eu tive das dez pras onze,  
Sonhando com meu benzinho  
Que estava de mim tão longe.

18 - Esta noite eu tive um **sonho**  
E nele eu te confessava:  
Querida, eu te amo tanto;  
E no sonho eu te beijava.

19 - Foi a vovó que me disse  
Que o **sonho** que a gente tem  
Para se tornar verdade,

Não se conta a ninguém.

20 - Mesmo querendo não posso  
E nem em **sonho** consigo,  
Sufocar as minhas mágoas,  
Sonhando um dia contigo.

21 - Eu vivo sempre sonhando  
E em cada **sonho** aparece,  
E vivendo assim sonhando,  
Quantas vezes anoitece.

22 - Hoje mesmo eu te digo  
Com toda sinceridade:  
Tu me devolves o **sonho**  
Que eu te devolvo a saudade.

23 - Eu nunca sei bem o certo,  
É tão grande o meu desejo;  
Se te beijo quando **sonho**  
Ou sonho quando te beijo.

24 - Ninguém diga nesse mundo  
Que não há de querer bem,  
Que o amor é como **sonho**  
Ninguém sente quando vem.

25 - Os versos tão inocentes  
São repletos de esperança  
Que parecem ter nascido  
Do **sonho** de uma criança.

26 - Quando eu acordo cantando  
Para mais nada eu ligo,  
Mas isto só acontece  
Quando eu **sonho** contigo.

27 - Esta noite eu tive um **sonho**,  
Meia-noite eu despertei;  
Querido, eu te amo tanto  
Que no sonho eu te beijei.

### VARIANTES:

Uma noite eu tive um **sonho**,  
Meia-noite despertei;  
Essa noite tive um sonho  
E no sonho te beijei.

No ponto da meia-noite  
De um **sonho** despertei,  
Te amo, te amo tanto  
Que no sonho te beijei.

28 - Feliz de quem tem nos **sonhos**  
Sempre ao alcance da mão,  
Viver melhor, vive mais,  
Quem se aquece na ilusão.

29 - A morte não é tão triste,  
Porque tem consolação;  
Tristeza é ficar vivendo,  
Depois que os **sonhos** se vão.

30 - **Sonhei** contigo, meu anjo,  
Meu querido anjo adorado;  
Por ninguém nunca chorei,  
Mas por ti tenho chorado.

31 - **Sonhei** co'os anjos do céu,  
Sonhei co'os peixes do mar,  
Quando sonhei com você  
Não queria me acordar.

32 - Um dia eu te encontrei,  
Com esperança **sonhei**;  
E foi um sonho tão lindo,  
E eu por ti me apaixonei.

33 - Depois que eu te olhei  
Contigo só eu **sonhei**,  
Por isso muito pensei:  
És o único que amei.

34 - Bem sabes que te amei  
Que ainda não te esqueci,  
Pois tudo o que **sonhei**  
Foi viver junto de ti.

35 - **Sonhei** que o fogo gelava  
Sonhei que o gelo queimava,  
De tanto sonhar asneiras  
Sonhei que você me amava.

### VARIANTES:

**Sonhei** que o sol gelava,  
Sonhei que a água queimava  
E por sonhar o impossível  
Sonhei que você me amava.

**Sonhei** que o fogo gelava,  
Sonhei que a água queimava  
De tanto sonhar besteiras  
Sonhei que você me amava.

**Sonhei** que a água queimava,  
Sonhei que o fogo gelava  
E por sonhar o impossível  
Então sonhei que me amava.

Se **sonhou** que o fogo gelava,  
Se sonhou que a água queimava,  
Então achei muito tolo  
Achar que você me amava.

36 - Ai daquele que não **sonha**  
E que não pode sonhar,  
São dias da cor da noite  
E noites sem ter luar.

37 - Durante todo o dia  
Em você vivo a pensar,  
Durante toda a noite  
Com você vivo a **sonhar**.

## REGISTRO

38 - Dormingo estava **sonhando**  
Numa conversa de louco,  
Abraçando com uma pedra,  
E a boquinha com um toco.

39 - Durante o dia inteiro  
Em você fico pensando,  
Durante a noite todinha  
Com você fico **sonhando**.

### VARIANTE:

Durante todo o dia  
Em você vivo pensando,  
E durante toda a noite  
Com você vivo **sonhando**.

### TRISTEZA

Em nossa vida, atribulada, estamos sempre com o espírito abatido e tímido. Os ataques de nervos são quase sempre conseqüências de acessos de ira, desgosto, desalentos e outras emoções violentas de natureza depressiva. E, perturbando nossa felicidade, nasce a tristeza, entaipando os momentos de alegria. E essa tristeza, grande inimiga, deverá ser afundada do nosso convívio para que possamos ver o lado brilhante das coisas. Sem ela a vida será um canto celestial e, em vez de gemido, rodear-nos-á alegria. Mas o único bálsamo para os sofrimentos do espírito e eliminação das tristezas da vida é o médico maravilhoso chamado Deus. Busquemo-lo.

As Quadras Populares não afastaram a Tristeza do seu temário.

1 - A **tristeza** vai e volta,  
Vai a noite e vem o dia;  
Só meu bem é que não volta  
Para a minha companhia.

2 - A **tristeza** que eu sinto  
Mais triste não pode ser:  
Ter olhos para chorar  
E não ter para te ver.

3 - Se a **tristeza** está na festa  
Eu chego, ela retira;  
Bato palma, bato pé,  
Até as moça suspira.

4 - Não há **tristeza** mais triste  
Que se compare à tristeza  
Dos olhos de um moribundo,  
Fitando uma vela acesa.

5 - Alegria com **tristeza**  
Ninguém gosta de trocar,  
Alegria só faz rir

Tristeza só faz chorar.

6 - Comparo minha **tristeza**  
Como as ondas do mar,  
Quando uma desaparece  
Já vem outra em seu lugar.

7 - Quero cantar, ser alegre,  
Que a **tristeza** não faz bem,  
Ainda não vi tristeza  
Dar comida a ninguém.

8 - É dentro de nós que existe  
A alegria ou a **tristeza**;  
Nossa alma, alegre ou triste,  
Pena estar na natureza.

9 - No dia que chove muito  
E o sol não aparece,  
A **tristeza** me governa,  
O meu coração padece.

10 - Deixei a janela aberta  
Desta minha alma sonora,  
A **tristeza** entrou nela  
E nunca mais foi-se embora.

11 - Quando é noite no sertão  
E no céu brilha o luar,  
Aumenta minha **tristeza**  
Dá vontade de chorar.

12 - Hei de cantar, hei de rir,  
Hei de ser muito alegre,  
Hei de mandar a **tristeza**  
Pr'o diabo que a leve.

13 - Queria ser a alegria  
E andar de faca na mão  
Para matar a **tristeza**  
Que vive em meu coração.

14 - Fui alegre e sou triste  
Já não posso mais amar  
E a malvada **tristeza**  
Só se fala em me matar.

15 - Enfrentar tudo no mundo  
É encarar a realidade  
Pra que não haja **tristeza**,  
Mas sempre a felicidade.

16 - Num lindo dia de sol  
Do meu amor recordei,  
Senti a dor da saudade  
De **tristeza** até chorei.

17 - Passa chuva, vem a seca,  
Passa a seca, a chuva vem;  
Assim é nossa alegria,  
Nossa **tristeza** também.

18 - Alegria eu não tenho,  
**Tristeza** comigo mora;  
Quem quer ver minha alegria,  
Tira minha tristeza fora.

### VARIANTE:

Eu nunca tive alegria  
**Tristeza** comigo mora;  
Quando tiver alegria,  
Ponho a tristeza pra fora.

19 - Por que meu bem não perdoas  
As **tristezas** que te dou?  
Sempre o sândalo perfuma  
O machado que o cortou.

20 - Quem for **triste** neste mundo  
Venha juntar-se comigo;  
Venha passar como eu passo,  
Venha viver como eu vivo.

21 - Já consolei muito aos **tristes**  
Que andavam na solidão;  
Hoje, sou triste, não tenho  
Quem me dê consolação.

22 - Foram ingratos comigo  
Os **tristes** que eu consolei,  
Hoje só restam saudades  
Daquele que tanto amei.

23 - Já fui alegre e contente,  
Hoje não sou mais ninguém;  
Já consolei muitos **tristes**,  
Hoje sou triste também.

### VIDA

Temos fome e sede de vida. Todos procuram conquistá-la. É bela. O pessimismo a envenena procurando destruí-la. A vida, principalmente a da mocidade, alimenta ilusões, o entusiasmo. A alegria de viver vem do ideal. Onde o ideal falece, ela não existe. Apesar de seus percalços, quase ninguém a despreza.

Ela deve ser vivida com prazer, seja onde for, transcorra num palácio ou num tugúrio, entre ricos ou pobres.

A sabedoria popular, em suas Estrofes, assim se manifesta:

1 - **Vida** de minha vida,  
Minha vida, meu amor;  
Viver a vida sem ti  
A vida não tem valor.

2 - A **vida** é Deus quem dá,  
A sorte é pra quem tem;  
Começar tudo de novo,  
Eu acho que não convém.

## REGISTRO

3 - Na **vida** nem tudo é rosas,  
Existem também espinhos,  
Pois em minha caminhada,  
Feri os pés nos caminhos.

4 - Ó **vida** da minha vida,  
Ó vida do meu viver;  
Viver sem ti não é vida,  
Viver sem ti é morrer.

5 - Esta **vida** é um punhal  
Com seus dois gumes fatais:  
O não amar é sofrer,  
Amar é sofrer demais.

6 - Minha **vida**, tua vida,  
Não diga isso, meu bem;  
A minha é tua, querido,  
A tua é minha também.

7 - Minha **vida** hoje é triste,  
Não é vida, é penar;  
Mas eu ainda espero  
Dias felizes passar.

8 - Minha **vida** era uma rosa  
Formosa como botão,  
Mais singelo que o jasmim,  
Era assim meu coração.

9 - Minha **vida** é um romance,  
Difícil de compreender,  
Pra viver sem teus carinhos  
Eu prefiro não viver.

10 - Minha **vida** é tão triste,  
Por isso vivo a sonhar,  
O moço que tanto amo  
Foi com outra namorar.

11 - Minha **vida** se resume  
Num fadário infeliz;  
Vivo sentindo ciúmes  
Daquele que não me quis.

12 - Amo a **vida**, gosto dela;  
Quero rir, quero chorar;  
Quero jogar a tristeza  
Para nunca mais te amar.

13 - Se a **vida** fosse vendida  
Na loja, como cetim,  
Compraria sua vida  
Todinha só para mim.

14 - Tudo na **vida** acontece,  
Tudo na vida se vê;  
Só não acontece na vida  
Eu me esquecer de você.

15 - Quem disse que a **vida** acaba,

Eu digo que nunca amou;  
Pois quem deixa uma saudade,  
Nunca a vida abandonou.

16 - Chamaste-me tua **vida**  
Eu tua alma quero ser,  
A vida acaba co'a morte  
A alma não pode morrer.

17 - Estão tanto em minha **vida**  
Que chego pensar a esmo,  
Quando estou longe de ti,  
Estou longe de mim mesmo.

18 - Nós andamos nesta **vida**  
À procura de aventura,  
Mas o fim da caminhada  
Acaba na sepultura.

19 - A razão de minha **vida**  
É razão do meu viver,  
Viver sem ti, não é vida,  
Viver sem ti é morrer.

20 - Eu julgava que esta **vida**  
Fosse feita só de gostos;  
E afinal, desiludida,  
Só sei falar de desgostos.

21 - O mais difícil da **vida**  
É a gente saber viver;  
Em geral a gente morre,  
Sem ter podido aprender.

22 - Nesta minha triste **vida**  
Não quero ser derrotado,  
Prefiro a morte mais cedo,  
Se eu não tiver lutado.

23 - Se soubesse que na **vida**  
Fosse perder a esperança,  
Gostaria ter morrido  
Ainda quando criança.

24 - Tentei enganar a **vida**,  
Correndo atrás da ilusão,  
Achei a vida sorrindo  
Da minha decepção.

25 - Neste longo mar da **vida**  
A gente perde a esperança,  
Mas encontra o alívio  
Nos olhos de uma criança.

26 - Mente quem diz que na **vida**  
Muitos males ter sofrido,  
Só de um mal a gente sofre  
É do mal de ter nascido.

27 - Na Faculdade da **Vida**  
Aprendi o abecê,

Na Faculdade do Amor  
Aprendi amar você.

28 - Eu já não tenho mais **vida**,  
Tu já não tens mais amor;  
Tu só vives para o riso,  
Eu só vivo para a dor.

29 - Que me importa esta **vida**  
Que me importa esta dor;  
A vida tem outro encanto,  
Quando se tem um amor.

30 - Reparta os bens de sua **vida**.  
Sobretudo com quem sofre,  
Os bens que são repartidos  
Voltam sempre ao mesmo cofre.

31 - Perdi metade da **vida**  
Por te querer, não faz mal,  
Daria outra metade  
Por outro prazer igual.

32 - Não sei se amor é **vida**  
Não sei se a vida é amor,  
Só sei que tenho na vida  
Um belo e sublime amor.

33 - Não procures pela **vida**  
A perfeição dos amores,  
Amor-perfeito existe  
Somente entre as flores

34 - O homem no fim da **vida**  
Diz que desiste de tudo,  
Sem amor a vida é nada,  
Com amor a vida é tudo.

### VARIANTE:

O homem no fim da **vida**  
Diz: com mais nada me iludo;  
Sem amar nada é a vida,  
Amando, a vida é tudo.

35 - A **vida** nos dá saber,  
Ilusão, amor, verdade;  
Também dá desilusão,  
Mentira e falsidade.

### Variante

A **vida** nos traz calor,  
Amor, paixão e verdade,  
E também desilusão  
Mentira e falsidade.

36 - Gosto muito de estudar  
A **vida** que os outros têm,  
Estudando a vida deles.  
Melhoro a minha também.

## REGISTRO

37 - Fui no livro do destino  
Minha **vida** consultar,  
E nele estava escrito  
Que nasci para te amar.

38 - Foste morar muito longe,  
Minha **vida** não alcança;  
Embora eu não te veja,  
Aceite minha lembrança.

39 - Não adiantam queixumes  
Que a **vida** é mesmo assim,  
Eu gosto de tanta moça,  
Nenhuma gosta de mim.

40 - Bem sei que amar custa muito,  
Custa a **vida** querer bem;  
Mais custa o dobro da vida,  
Na vida não ter ninguém.

41 - Como o vento é veloz,  
O tempo da **vida** passa,  
Quero ter sempre em mim  
O favor da sua graça.

42 - Quem parte, parte chorando,  
Quem fica, **vida** não tem,  
Não tem alma e não tem vida  
Quem se aparta do seu bem.

### Variante:

Quem parte, parte chorando  
Quem fica, **vida** não tem  
Quem parte sempre diverte,  
Quem fica não tem com quem.

43 - Nesse lembrar e esquecer  
Assisto a **vida** a rolar,  
Se lembro quero esquecer,  
Se esqueço quero lembrar.

44 - Menina, minha menina,  
Deve ser assim a **vida**:  
Eu ser o vosso marido  
E você minha querida.

45 - Nunca chore se um dia  
A sorte te desprezar,  
A **vida** tem vai e vem  
E o que foi pode voltar.

46 - Eu vivo só neste mundo,  
Vivo até amargurado,  
A **vida** só tem sentido  
Pra quem ama, sendo amado.

47 - Que importa o meu pranto  
E que importa esta dor,  
A **vida** tem outro encanto  
Se a gente chora de amor.

48 - O sonho por mais confuso,  
Acalma o nosso sofrer,  
Viver a **vida** sem sonho  
Nem adianta viver.

49 - Para que tanto amar  
Se você só me despreza,  
Eu passo a **vida** te amando  
E você em nada me preza.

50 - Tal como uma gota d'água  
Que pingada logo cai,  
Assim é a **vida** da gente  
Que num momento se vai.

51 - Para amar basta um momento,  
Pois para amar basta ver,  
E, às vezes, a **vida** inteira  
Não chega para esquecer.

52 - Gosto muito de Maria,  
Mas Maria não me quer,  
Assim vou levando a **vida**,  
Seja como Deus quiser.

53 - Eu me despeço, querido,  
Com lágrimas a rolar,  
Pois é tão triste na **vida**  
Ter que assim nos separar.

54 - Com agulha se costura  
Quando se puxa uma linha,  
Você cuida de sua **vida**,  
Em vez de cuidar da minha.

55 - Há palavras mal queridas  
Que matam como punhais,  
Tu já findaste uma **vida**  
Ao dizeres: nunca mais!

56 - Descansa o teu coração,  
Confia no meu amor;  
Eu por ti arrisco a **vida**,  
Enfrento seja quem for.

57 - Não temas ser longa a estrada  
Nem penses no teu cansaço,  
Ninguém vencerá na **vida**  
Sem dar o primeiro passo.

58 - Se eu pudesse dar um beijo  
Nessa face tão mimosa,  
Eu daria minha **vida**,  
Minha morena garbosa.

59 - Meu amorzinho querido  
É você que eu quero bem;  
Quem falar da sua **vida**,  
Fala da minha também.

60 - Eu nasci pra ser assim,

Minha vida vou levando;  
Nesse longo mar da **vida**,  
Meu barquinho vou remando.

61 - Quem vive o triste destino  
Sem amor, sem querer bem  
Não vive dentro da **vida**,  
A vida que a vida tem.

62 - Eu passei o rio a nado  
Em cima de uma tigela,  
Arrisquei a minha **vida**  
Por causa de uma donzela.

63 - A pedra que muito rola  
Limo nunca ela tem,  
Não sei que tem minha **vida**  
Que já não me quer mais bem.

64 - Um dia eu vou morrer  
Mas contra minha vontade;  
Na terra, amei a **vida**,  
Comigo levo a saudade.

65 - Triste é o dia sem sol  
E a noite sem luar  
Triste será minha **vida**  
Se solteirona eu ficar.

66 - Lá longe onde você mora  
Lá mesmo eu posso ir  
Nem que me custe a **vida**  
Mas faça conta de ir.

67 - Esse grande sofrimento  
Talvez nunca tenha fim,  
Pois quem mais amo na **vida**  
Está bem longe de mim.

68 - Dizem-me que amar custa,  
Muito custa querer bem,  
Mas custa o dobro na **vida**  
Na vida não ter ninguém.

69 - Não quero ouvir o teu nome,  
Nunca mais quero te ver;  
Vou pensar a **vida** inteira  
A forma de te esquecer.

### VARIANTES:

Não quero ouvir o teu nome,  
Nunca mais quero te ver  
Passo a **vida** procurando  
A forma de te esquecer.

Eu não quero ouvir teu nome,  
Também não quero te ver,  
Eu passo a **vida** pensando  
Na forma de te esquecer.

## REGISTRO

70 - Diga-me em meus ouvidos  
Que me amas loucamente  
Daí então te darei  
Minha **vida** eternamente.

71 - No jardim da minha infância  
Foi mamãe a jardineira,  
Que das rosas da ternura  
Encheu minha **vida** inteira.

72 - Eu pensava bem quietinho  
E a tua amizade senti,  
Será a minha amiguinha  
Pra eu dar a **vida** por ti.

73 - Quem quiser falar, que fale:  
Quem quiser dizer, que diga;  
O amor é do meu gosto,  
Se atreva com sua **vida**.

74 - Alma no corpo não tenho  
Minha existência é fingida,  
Sou como o tronco quebrado  
Que dá sombra sem ter **vida**.

75 - Você diz felicidade  
Que ironia desmedida,  
Como posso ser feliz  
Sem você na minha **vida**.

76 - Amor, o sonho dourado,  
Da juventude florida,  
Sorrisos de algumas horas  
E prantos de toda **vida**.

77 - Os noivos fazem questão  
De andar de mão unida,  
Unir a mão é tão fácil  
Quero ver unir a **vida**.

78 - Sei que não sou amada  
E que não sou preferida,  
Sei que amo eternamente  
E te dedico minha **vida**.

79 - Uma mosca morde o homem,  
Disso vira uma ferida;  
Da ferida o homem morre,  
A mosca tirou-lhe a **vida**.

80 - Na cidade de Olímpia  
Tem subida, tem descida,  
Também tem um moreninho  
Perdição de minha **vida**.

### VARIANTE:

No bairro onde eu moro  
Tem entrada e tem saída,  
Também tem um moreninho,  
Perdição da minha **vida**.

81 - O amor é sempre isto,  
Isto apenas, nada mais,  
Duas **vidas** numa vida  
Em duas almas iguais.

82 - O **viver** é muito bom,  
Por isso eu não reclamo,  
Se o viver é amar,  
Vivo só porque te amo.

83 - Pra **viver** longe de ti,  
Não quero e não tentarei,  
Mas pertinho de você  
Até morta ficarei.

84 - Naquela tarde tão triste  
Que não consigo esquecer,  
Tu me disseste chorando:  
Eu não quero mais **viver**.

### VIOLA

A viola é muito popular entre nossos caipiras. Foi introduzida no Brasil pelos portugueses. Hoje, apesar de ser grandemente industrializada, a viola sempre foi feita à mão e ainda há curiosos que a fabricam, pois à mão são preferidas pelos violeiros.

A viola é um cordofônio feito de madeira. Compõe-se de uma caixa sonora e uma haste chamada de braço. É dividida em muitas partes.

A viola paulista tem 10 cordas (5 cordas duplas), mas existe viola de 12 e até 14 cordas. Há diversos tamanhos de viola, pois já pudemos apreciar 8 tamanhos diferentes.

Empregam-se as madeiras guaiuvira, jacarandá, sassafrás, cedro e pinho na confecção de violas.

Segundo os bons violeiros há 25 tipos de afinações e todas com nomes especiais.

A viola é um dos mais belos instrumentos musicais. É obrigatória nas duplas de violeiros e nos grupos de danças e folguedos folclóricos, pela magnífica sonoridade. É guardada pelo dono com todo zelo e carinho, porque viola bem tocada dá muita alegria às pessoas.

As quadrinhas sobre **viola** não poderiam estar ausentes em nosso trabalho.

1 - **Viola** de pinho  
De cordas de aço,  
Chora bem sentida  
Preso em meu braço.

2 - Eu fui pra roça  
Com muié e fio,  
Guardei minha **viola**  
No paió de mio.

3 - A **viola** de dez cordas  
Também sabe querer bem,  
Quando ela me vê chorando,  
Chora comigo também.

4 - **Viola**, minha viola,  
Seu corpo tem forma de esse,  
Seu coração de madeira  
Também suspira e padece.

5 - **Viola**, minha viola,  
Cavalete de marfim,  
No braço desta viola,  
Vou no céu e torno a vim.

### VARIANTE:

Minha **viola** é de pinho,  
Também de jacarandá,  
Quem toca nesta viola,  
Vai no céu e torna vortá.

6 - **Viola**, minha viola,  
Cavalete de canela,  
Ela chora nos meus braços  
E eu choro nos braços dela.

7 - Minha **viola** conhece  
O que eu tenho passado,  
Muitas noites de tristeza  
Ela me tem consolado.

8 - Minha **viola** de pinho  
Guarda todo o meu tormento,  
Hoje nada me consola,  
Minha vida é um sofrimento.

9 - Minha **viola** de pinho  
Diferente de meu bem,  
Eu choro no braço dela  
E a viola chora também.

10 - Minha **viola** de pinho,  
Feita do pau de pinheiro,  
A viola me distrai,  
Baralho me dá dinheiro.

11 - Minha **viola** tem alma  
Como eu também quer bem,  
Cada soluço que eu dou  
Ela soluça também.

12 - Minha **viola** sofrida  
Chora sem consolação,  
Se ela que é madeira chora  
Que fará meu coração?

## REGISTRO

### VARIANTE:

Chora **viola** e sanfona  
Chora triste o violão,  
Tu que é madeira chora,  
Que dirá meu coração!

13 - Chora **viola** em meu peito  
Dessa triste solidão,  
Eu também vivo cantando  
Pra alegrar meu coração.

14 - Chora **viola** sentida  
No peito de quem padece,  
Só minha viola sabe  
Que coração não esquece.

15 - A **viola** companheira  
Alegra o meu coração,  
É planta da natureza  
Em forma de uma canção.

16 - A **viola** é de madeira,  
Suas cordas são de aço;  
Ele chora e suspira  
Apoiada nos meus braços.

17 - Aprendi tocar **viola**  
Sempre fui um campeão,  
Toco viola co'os dedos  
Seguindo meu coração.

18 - Minha amiga **viola**  
Não tem alma, nem é gente,  
Mas esta viola sabe  
O que meu coração sente.

19 - Minha **viola** de pinho  
Pra tudo tu tens de dar:  
Uns cantam para divertir  
Outros para não chorar.

20 - Com minha bela **viola**  
Canto uma linda canção:  
Alegro os meus amigos  
Defendendo o meu sertão.

21 - Não chore minha **viola!**  
O poeta assim falô:  
Enquanto existir viola,  
Existirá cantadô.

22 - A minha velha **viola**  
Feita de pau de pinheiro  
É minha eterna lembrança  
Do meu tempo de violeiro.

23 - O gemido da **viola**  
Faz meu peito emudecê,  
Vejo a lua se escondendo  
E eu me lembro de você.

24 - Me enciumo da **viola**  
Ninguém nela põe a mão,  
Ela conhece os segredos  
Do meu triste coração.

25 - Nos braços desta **viola**,  
No correr da pontuação,  
Vou dizer a quem pertence  
O meu pobre coração.

26 - Vou fazer nesta **viola**  
Uma cruz toda florida,  
Vou levar junto ao altar  
Da Senhora Aparecida.

27 - A coisa de que mais gosto  
**Viola** bem afinada,  
Um carro de boi cantando,  
Puxando carga pesada.

28 - Quando pisei neste mundo  
Foi co'a **viola** na mão,  
Tocando o meu choradinho,  
Cantando numa função.

29 - Eu escrevi o teu nome  
No braço desta **viola**,  
Escrevi num coração  
Um coração que te adora.

30 - No braseiro da queimada  
A cinza voa co'o vento,  
A **viola** apaixonada  
Vai chorando o seu lamento.

31 - Uma festa terminando,  
Apagando uma fogueira  
A **viola** e a saudade  
São as minhas companheiras.

32 - A roça é meu serviço,  
O trabalho é minha vida,  
A **viola** me disfarça  
Minha vida entristecida.

33 - Durante toda a semana  
Trabalho na pagodeira,  
Toco **viola** e canto  
De segunda a sexta-feira.

34 - Embora seja de pinho,  
Viola tem coração,  
Minha **viola** conhece  
A minha grande paixão.

35 - Quando é de tardezinha  
Fica triste o meu ranchinho,  
Então eu toco **viola**  
Para não ficar sozinho.

36 - No dia de São Gonçalo

Nasci e fui batizado,  
Na cintura da **viola**  
Fiquei muito afamado.

37 - Me lembro daquele tempo  
Que tão alegre eu vivia,  
Tocando a minha **viola**  
De tristeza eu não sofria.

38 - Vi uma morena trigueira  
Fiz um verso no embaraço,  
Quando toquei na **viola**,  
Ela caiu no meu braço.

39 - Eu vou morrendo sozinho  
Por não querer mais ninguém,  
A minhs triste **viola**  
Morre comigo também.

40 - Para acabar co'as tristezas  
Que me vêm no pensamento,  
Pego na **viola** e canto  
Modinhas que eu mesmo invento.

41 - Quando eu largar de cantar  
Já co'a voz enfraquecida  
Vou deixar como lembrança  
Minha **viola** sofrida.

42 - Quem me vê sempre cantando,  
Pensará que eu não trabalho:  
Tenho os dedos calejados  
Da **viola** e do trabalho.

43 - O senhor me dá licença  
Pra canta neste salão  
Com seu chapéu na cabeça,  
Minha **viola** na mão.

44 - Nasci para ser **violeiro**  
Não canto por profissão,  
Eu nasci só pra cantar  
O valor do meu torrão.

45 - Quem canta seu mal espanta  
Assim a alegria vem,  
Mas pra espantar todo mal,  
Toque **viola** também.

46 - Amanhã é dia santo,  
Dia de Nossa Senhora;  
Quem tem roupa vai à missa,  
Quem não tem toca **viola**.

Quadrinhas coletadas pelo professor José Sant'anna, tendo a participação de seus alunos de estabelecimentos de ensino de Olímpia: extinto Colégio Olímpia (1955-1963) e Escola Estadual "Capital Narciso Bertolino" (1964-1978).

## Universidade Metodista de São Paulo em Destaque

UMESP, a sua sigla, convida o Prof. José Sant'anna para participar da I Conferência Brasileira de Folkcomunicação (I Folkcom), sob a coordenação do Prof. Dr. José Marques de Melo, palestristas Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christa Berger e Prof. Dr. Roberto Benjamin e mais outros egrégios representantes dos meios da cultura nacional. O evento acontecerá no período de 12 a 14 de agosto, engloba a época do nosso 34.<sup>o</sup> FEFOL o que, de certa forma, nos impede estarmos presentes. Mesmo assim, auguramos sucesso absoluto enquanto aguardamos resultados escritos da referida Conferência.

Gratos pelo convite.

## A UNICAMP convida

Realizar-se-á, de 28 a 30 de agosto de 1998, na UNICAMP, o I Seminário Internacional de Relatos de Pesquisa e II Curso de Introdução ao Folclore. Haverá uma Feira Cultural, serão apresentados danças e folguedos, grupos folclóricos apresentar-se-ão: Folias de Reis, Batuqueiros do Tietê e Catupé de Minas Gerais. O curso é dirigido aos professores de 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> graus, tendo como dirigentes os professores Dr. Carlos Rodrigues Brandão, Dr. Américo Pellegrini, Isabela Frade, Eleonora Gabriel e Maria Lucy Abelin. Desejamos imenso sucesso ao Seminário, excelente participação. Que os frutos colhidos beneficiem a todos que apreciam o folclore brasileiro.

Agradecidos pelo convite.

34º Festival do Folclore

## REGISTRO

### Fala sobre folclore o Diário da Região

Datado de 8 de janeiro de 1998, o Diário da Região, de São José do Rio Preto, na coluna "Nossa Opinião", sob o título "Folclore é um bom investimento" destaca, como sugere o presente artigo, que o folclore pode ser, além de fonte do saber e criatividade dos brasileiros, como investimento econômico de bons resultados, o que não nos parece assim tão correto. É certo que, através das Folias de Reis e de outros grupos folclóricos, preservam-se as raízes históricas da região, há estímulo ao turismo cultural e, por pouco que seja, fortalece a economia regional. É sempre bom saber que os jornais apreciam o que se faz em Olímpia, especialmente no mês de agosto, durante o Festival do Folclore. Sempre a postos, são os nossos votos. Assim diz o artigo:

#### Folclore é bom investimento

"A persistência de moradores da região em manter viva a tradição das Folias de Reis é uma mostra de como a população ainda preza as tradições populares e como suas manifestações capazes de cativar o interesse das pessoas.

As atividades folclóricas precisam receber atenção das autoridades responsáveis pela promoção da cultura. Em geral, essas atividades ficam restritas a rápidas abordagens escolares ou a organizações espontâneas da comunidade.

Grande parte dos eventos realizados ditos "populares" é, na verdade, versão de festas já bastante descaracterizadas. O carnaval de rua na região é pobre e decadente. As festas de peão cada vez mais ganham contornos dos campeonatos norte-americanos de montaria. E as tradições vão se perdendo.

A perpetuação das manifestações da cultura popular tem o poder de fortalecer a identidade das comuni-

dades. Em geral, essas práticas estimulam a sociabilidade, além de agregar valores positivos como a criatividade e o trabalho. Elas também têm o poder de oxigenar o dia-a-dia da população.

O festival anual realizado em Olímpia é um grande exemplo de como o folclore é uma fonte inesgotável da sabedoria e da capacidade inventiva dos brasileiros. É, sem dúvida, um dos mais importantes eventos populares realizados em todo o Brasil, congregando grupos de diversos estados e abrindo espaço para as mais diversas formas do folclore nacional.

O festival de Olímpia é também uma mostra clara de como o investimento em folclore pode trazer bons resultados para todos, inclusive financeiramente. A realização de eventos como este estimula o turismo e fortalece o comércio, com bons reflexos nos demais setores da economia regional.

A existência de grupos folclóricos na região permite que essa riqueza seja explorada. As Companhias de Reis são exemplos de cultura popular ainda preservada em nossas cidades. Para mantê-las é necessário alguma coordenação e investimento que as prefeituras da região podem e devem viabilizar, de preferência com a parceria da iniciativa privada. Essas iniciativas podem contar com parceiras ou mesmo serem promovidas pela iniciativa privada.

Além de promover eventos populares, o poder público precisa fomentar a criação de grupos e a prática de atividades folclóricas. Escolas de danças e músicas tradicionais, cursos de artesanato popular e de cozinha típica, além de outras atividades, são investimentos que exigem poucos recursos mas que garantem bons resultados no dia-a-dia da população, contribuindo diretamente para o desenvolvimento das comunidades."

## Prêmio Sílvio Romero

Do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Catete, Rio de Janeiro, FUNARTE, chegou-nos, sob forma de convite, folheto explicativo do "Prêmio Sílvio Romero - 1998". Sabemos que é um Concurso de grande repercussão nacional, importante pela presença de estudiosos do folclore regional e por ser veículo segu-

ro para o surgimento de novos valores nas lides culturais brasileiros. Todas as determinações legais estão contidas no livreto enviado. As inscrições vão até o dia 31 de agosto de 1998, tempo suficiente para que bons autores se apresentem e concorram ao Prêmio Sílvio Romero. A postos, escritores.

## Bodas ou Jubileu

Além das qualidades curativas, as pedras se ligam a muitos acontecimentos da vida das pessoas: namoros, noivados, formaturas, casamentos, costumam ser selados por anéis, broches, pulseiras, braceletes, etc., mais valiosos quanto mais preciosa a pedra.

Às festas que rememoram os aniversários de casamentos dão-se o nome de **bodas**. Às demais, de **jubileu**.

Há comemorações e nomes para todos os aniversários, festejados com presentes que nem sempre são pedras, mas também com outros materiais: tecidos, metais, vegetais e até papel. Eis a lista de 1 a 80 anos:

1 - algodão	41 - ferro
2 - couro	42 - madrepérola
3 - trigo candial	43 - flanela
4 - cera	44 - topázio
5 - madeiras	45 - prata dourada
6 - gipso	46 - lavanda
7 - lã	47 - cachemira
8 - papoula	48 - ametista
9 - faiança	49 - cedro
10 - estanho	50 - ouro
11 - coral	51 - uva
12 - seda	52 - lírio
13 - junquilha	53 - caju
14 - chumbo	54 - milho
15 - cristal	55 - orquídea
16 - safira	56 - violeta
17 - rosa	57 - jasmim
18 - turquesa	58 - dália
19 - cretone	59 - açucena
20 - porcelana	60 - diamante
21 - opala	61 - castanheira
22 - bronze	62 - alecrim
23 - berilo	63 - trigo
24 - cetim	64 - eucalipto
25 - prata	65 - jacarandá
26 - jade	66 - mármore
27 - acaju	67 - acácia
28 - níquel	68 - margarida
29 - veludo	69 - amor-perfeito
30 - pérola	70 - platina
31 - badana	71 - zinco
32 - cobre	72 - aveia
33 - pórfiro	73 - manjerona
34 - âmbar	74 - macieira
35 - rubi	75 - alabastro
36 - musselina	76 - cipreste
37 - papel	77 - alfazema
38 - mercúrio	78 - benjoim
39 - crepe	79 - café
40 - esmeralda	80 - carvalho

Dos oitenta anos, já não se comemoram mais as bodas, pois é impossível que um casal tenha vida em comum mais que esse tempo de existência. Mas conseguimos os nomes para o jubileu (aniversário de datas) até o número 100.

81 - cacau	91 - aroeira
82 - cravo	92 - salgueiro
83 - begônia	93 - imbuia
84 - crisântemo	94 - palmeira
85 - girassol	95 - sândalo
86 - hortências	96 - oliveira
87 - noqueira	97 - abeto
88 - pereira	98 - pinheiro
89 - figueira	99 - salgueiro
90 - álamo	100 - jequitibá

## Aves e pássaros

A folcloróloga paulistana, Prof.<sup>a</sup> Laura Della Mônica, cidadã olímpense, na unidade XI - Folclore Aplicado, em Folclore e Ciências Naturais, do seu livro Manual do Folclore, 3.<sup>a</sup> edição, discorre sobre Aves e Pássaros, pequeno capítulo interessante:

### Aves e Pássaros

Conta a história que Pero Vaz de Caminha, quando chegou ao Brasil, recolheu os assuntos interessantes para enviar a El - Rei. O primeiro pássaro que lhe chamou a atenção foi o "fura - bucho", muito conhecido entre os pescadores. Os pássaros têm seus hábitos, influenciando a vida do homem que além de lhes dar a alma cria contos, lendas, superstições e credences, variando de região para região.

**Andorinha** - Conhecida desde Homero. É de simpatia universal pela alegria de suas curvas caprichosas que riscam o ar. Quando a andorinha retorna aos países frios é prenúncio de primavera. Na Europa, foi considerada ave sagrada, no entanto, em 1844, uma lei parisiense a considerou nociva. No Brasil a andorinha vive em quase todas as regiões. Nós a encontramos nos fios telefônicos, ou de eletricidade, nos beirais das casas (andorinha - de - casa), nas torres das igrejas (andorinha - católica), ou nas velhas casas abandonadas (andorinha - taperá). O ditado diz "uma andorinha só, não faz verão", tema usado por Lamartine Babo, numa das suas composições populares.

"Andorinha do coqueiro  
Sabiá de beira - mar  
Andorinha vai e volta  
Meu amor não quer voltar".

Apela - se para a andorinha, quando se quer um novo dente:

"Andorinha, andorinha,  
Levai esse meu dentinho  
Trazei - me outro bem alvinho."

Nas obras de Cornélio Pires **Con-**

**versas ao Pé do fogo** encontramos um pedido semelhante. Algumas danças folclóricas possuem a expressão andorinha para designar certa coreografia. O valor especial dado a essa ave está no poema de Mário de Andrade:

### LENDA DO CÉU

"Andorinha, andorinha,  
Andorinha avoou,  
Andorinha caiu,  
Curumim a pegou."

**Bem-te-vi** - Possui outros nomes: triste - vida, tempo - que - vir, tique - te - vi, te - vi. Diz o ditado que "ele se parece com o bem - te - vi na gameleira", significando pessoa de pouco valor. No Rio Grande do Norte, o bem - te - vi é condenado; amaldiçoado por Deus, porque gritava muito quando Nossa Senhora procurava fugir para o Egito com seu filho e São José. O bem - te - vi sempre vê tudo, por isso a criança dos sítios e fazendas, muito peralta, ouvindo o canto do pássaro, já imagina o que vai acontecer quando chegar a casa. E como tudo vê, costuma também anunciar visitas. Pergunta - se "que tu vistes"; ouvindo - se imediatamente o canto, é visita masculina; em caso contrário, é de mulher.

**João-de-barro** - Cheio de qualidades, trabalhador e inteligente.

Seu canto é sempre uma gargalhada, mas se chove, solta ligeiros queixumes, talvez por não poder continuar a tarefa, concluir sua casa. Honesto como um santo, chega - se a comentar que ele guarda os domingos e feriados.

Possui outros nomes: forneiro, barreiro, amassa - barro. Os homens gostam dele e têm por esta ave certa admiração. O João-de-barro vai - se chegando, chegando, cerimoniosamente e devagarinho, até ficar perto da nossa casa. Constrói seu ninho no beiral dos telhados, nas árvores mais próximas. Como construtor é perfeito. Sabe escolher o lugar, verificar o

## REGISTRO

clima e as correntes aéreas. Sua casa é tipo apartamento: living - dormitório com uma abertura de comunicação e a porta de entrada.

As lendas guaranis a respeito do João - de - barro se estendem até às lutas da conquistas da América: Ogaraitig (João - de - barro) foi na sua forma humana um bravo capitão espanhol, Don Juan Hornero. Mas João - de - barro, embora amigo de todos, luta com as forças que possui para salvar seu ninho, sua casa. Um dia brigou com Taperá (andorinha) que chegou a dominá - lo e despejou - o do ninho ainda em construção.

A Joaquina - de - barro ou Maria - de - barro é esposa do Joãozinho. Ajuda o marido na construção do ninho. Seus colóquios amorosos são interessantes. Dizem que ela não é sincera. O João, cômico de seus deveres é fiel até o fim, isto é, até o dia em que a dona Joana transfere esse amor. Chega - se a comentar que o João tampa a abertura do living - dormitório enclausurando - a para sempre.

Conheço uma lenda baiana que diz: a Joana - de - barro queria casar - se com cabeça - vermelha. Este se comprometeria se ela permanecesse 15 dias sem comer e nem beber dentro de casa. Quando chovia ela permanecia e ao terminar a chuva saía gritando: "quinze dias não é nada. Fico sem comer, mas que caso, eu caso." Algumas pessoas terminam a história dizendo que depois de 15 dias ela morreu.

João - de - barro ensinou a certa tribo a fazer panela de barro, fogão e até o fornelho. Desta época em diante ele se tornou amigo dos homens, símbolo da construção. Na Argentina, é até ave nacional.

É hábito dizer no Rio Grande do Sul: quando João - de - barro canta, no inverno ou no verão, é sinal de bom tempo.

"A casinha do barreiro também serve de prisão quando tem um grande amor  
Diz a lenda do rincão que ele prende a companheira que iludiu seu coração.  
João - de - barro faz o rancho com bico e terra - flor quando tem um grande amor

Diz a lenda do rincão que João - de - barro foi um índio fazedor de habitação."

(Paixão Cortês)

**Japim** - Conhecido também por Jupuíra. É da família dos icterídeos com inúmeras variantes. Constrói seu ninho pendente, parecido com uma bolsa a tiracolo. Ave vistosa, negro - amarela, que imita o canto de todos os pássaros. No entanto João Barbosa Rodrigues nos informa que ele não imita o tanarupará (tangurupará), isto porque um dia o Japim imitou a voz do avô daquele pássaro e este pensando ser seu parente, apressou-se em entender ao apelo. Quando se viu "vis - à - vis" o neto não suportou e louco de raiva matou Japim, de maneira violenta. O sangue do Japim, no entanto, ficou, para sempre, no bico do matador.

Humberto de Campos escreveu a estória dessa ave baseada num conto indígena do Alto do Tocantins:

"Entre ramos de um alto castanheiro  
travou - se a luta, com os escudos da asa  
o Japim defendeu - se um dia inteiro  
guardando os filhos, protegendo a casa.

O tangará, porém, ágil e artemista  
e a quem no entanto o desespero abraça  
sobre o inimigo atira - se e certo  
de uma bicada o coração lhe vaza.

Ao notar que Japim tombara exangue  
o antigo tangará, de cores suaves  
pôs - se todo de luto, e o bico de sangue.

E é por ódio mortal que voz lhe trunca  
que o Japim por seu turno imita as aves  
mas como o tangará não canta nunca."

O Japim é ave bonita. Os indígenas contam que vivia no céu cantando somente para Tupã quando este queria dormir. Na terra, certa vez, apareceu uma peste terrível. Os indígenas começaram a ficar tristes, pois as mortes eram sucessivas. Solicitaram a Tupã que os chamasse para o Céu, mas este não podendo atender ao pedido enviou Japim para consolá - los. A alegria voltou a reinar. A tristeza desapareceu.

Japim a pedido dos moradores da Terra, ali ficou com permissão de Tupã. Sua vaidade, no entanto, começou a dominá - lo. Era, naquele tempo, o dono da floresta. Passou a imitar todas as aves, seus cantos, seus hábitos. Desgostosas foram se queixar ao Chefe dos Deuses, que o repreendeu severamente. Não se corrigiu. Então Tupã lhe deu o maior castigo, e para sempre: perderia seu canto e passaria a imitar a voz dos outros que teriam por ele ódio e desprezo.

Há uma variante dessa lenda: no tempo em que as aves viviam longe do alcance das mãos dos homens, elas se desentenderam com a família dos Japins, porque estes imitavam o seu canto. Por vingança não havia ninho nem filhotes de Japim que ficassem intactos quando da ausência de seus donos. Os Japins foram agüentando, agüentando, até que um dia resolveram a se queixar às vespas apiacás. Contaram, triste e desesperadamente, seus problemas, dizendo que não faziam mal a ninguém e se imitavam o canto das aves era uma questão de bom humor. Com lágrimas nos olhos contaram da vingança dessas aves destruindo os filhotes, desmanchando os ninhos, quebrando os ovos.

As vespas condoeram-se. Foram convidadas para madrinhas dos filhos dos Japins.

E como comadres alertaram: só há um remédio, fazer a casa junto da nossa, assim nos vingaremos. Eis a razão, porque os Japins sempre fizeram seus ninhos ao lado das vespas apiacás.

Muita gente chama o Japim de guaxe, soldado-de-bico-preto, encontro. São parentes, apenas, pois há diferença de tamanho, coloratura plumática e hábitos. Os Japins constroem seus ninhos semelhantes aos dos Japins e as lendas podem confundir.

Stradelle conta a estória dos velhos familiares do Japim que fez um homem de lama da terra e querendo dar - lhe vida, foi ao Céu buscar o fogo divino. Este queimou - lhe o bico deixando para sempre o sinal do pecado. É o Prometeu Brasileiro da lenda indígena.

## REGISTRO

# 22 de agosto é o dia do Folclore

Em 1965 o Diário Oficial da União n.º 157 de 18 de agosto publica o Decreto n.º 56 747:

### Dia do Folclore no Brasil

O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, Inciso I da Constituição e,

Considerando a importância crescente dos estudos e das pesquisas do Folclore, em seus aspectos antropológico, social e artístico, inclusive como fator legítimo para o maior conhecimento e mais ampla divulgação da cultura popular brasileira;

Considerando que a data de 22 de agosto, recordando o lançamento pela primeira vez, em 1846, da palavra Folk - lore é consagrada a celebrar esse evento;

Considerando que o Governo deseja assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular não só estimulando sua investigação e estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira, DECRETA:

Artigo 1.º - Será celebrado anualmente, a 22 de agosto, em todo o território nacional, o DIA DO FOLCLORE.

Artigo 2.º - A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura e a Comissão Nacional do Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura e respectivas entidades estaduais deverão comemorar o Dia do Folclore e associarem - se a promoções de iniciativa oficial ou privada, estimulando ainda, nos estabelecimentos de curso primário, médio e superior, as celebrações que realcem a importância do folclore na formação cultural do país.

Artigo 3.º - Revogam - se as disposições em contrário.

Brasília, 17 de agosto de 1965, 144.º da Independência e 77.º da República.

a) Humberto Castelo Branco  
Flávio Suplicy de Lacerda

### Dois anos depois, o Governo do Estado de São Paulo decreta:

“Roberto Costa de Abreu Sodré, Governador do Estado de São Paulo,

usando das atribuições legais,

Considerando que desde 1960 por iniciativa de diversas entidades culturais, vem sendo comemorado em São Paulo o Mês do Folclore, em agosto, visando divulgar, estudar e pesquisar os fatos da cultura popular brasileira, e despertar o interesse, especialmente dos jovens, para a ciência do Folclore;

Considerando que o Congresso Internacional de Folclore, reunido em Buenos Aires, Argentina, em dezembro de 1960, aprovou proposta do Brasil, no sentido de o mês de agosto ser considerado o Mês do Folclore;

Considerando que, nos termos da proposta, aprovada no referido conclave, esse mês deve ser destinado à prática e à difusão de conhecimentos relativos ao folclore;

Considerando que no mês de agosto foi escolhido para essas realizações culturais em vista de palavra “Folclore” ter surgido em 22 desse mês em 1846, data comemorada universalmente como o “Dia do Folclore”;

Considerando que o Poder Público não deve ficar indiferente à difusão e à defesa do folclore, pelo que ele apresenta como espelho da alma popular, e amálgama de conhecimentos e práticas que contribuem inclusive para fortalecer os laços da comunidade, da Nação e da fraternidade humana, DECRETA:

Artigo 1.º - Fica instituído, no Estado de São Paulo, o mês de agosto como o “Mês do Folclore”;

Artigo 2.º - O programa dos festejos comemorativos do mês do folclore, anualmente renovado, será elaborado por uma Comissão constituída pelo Secretário do Estado dos Negócios do Governo\*.

Parágrafo 1.º - Sempre que possível, deverá ser incluída nesses atos comemorativos a participação dos museus folclóricos, das demais unidades da Federação, notadamente do Norte e do Sul do país.

Parágrafo 2.º - Deverão igualmente participar dessas festividades que poderão compreender, além de solenidades externas, de caráter popular, representações, aulas, palestras, conferências e cursos sobre temas folclóricos, as entidades regionais que cultuam as tradições folclóricas paulistas.

Artigo 3.º - O Departamento de

Educação da Secretaria da Educação, em entendimento com a Comissão instituída pela Secretária do Governo, disciplinará a participação da escola pública nessas comemorações, em todo o Estado.

Artigo 4.º - A Comissão expedirá certificados de participação, com direito a pontos em concurso público de magistério, aos professores que mais destacarem na realização das comemorações patrocinadas pelo Departamento de Educação.

Artigo 5.º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.”

São Paulo, 27 de junho de 1967.

Roberto Costa de Abreu Sodré  
José Felício Castellano  
Antônio Barros de Ulhoa Cintra

**\* Depois Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esporte e Turismo; Secretária de Estado dos Negócios da Cultura, Ciência e Tecnologia, hoje, Secretaria da Cultura.**

Para cumprir o disposto no artigo, 2.º do decreto n.º 48 310, de 1967 foi constituída e empossada a 1.º Comissão Estadual de Folclore e Artesanato, do Conselho Estadual de Cultura, pelos professores Rossini T. de Lima, Hélio Damante, Alfredo Rabçal, José Sant’anna e Laura Della Mônica, com o fim de realizar festivais, cursos de folclore e conferências pelo interior paulista, disciplinando as comemorações do mês do folclore nas escolas de 1.º e 2.º graus no Estado de São Paulo.

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, desse modo, foi criada pelo Decreto n.º 43 178, de 5 de fevereiro de 1958, com os seguintes objetivos, em plano nacional:

- promover registro, pesquisas e levantamento, cursos de formação e de especialização, exposições, festivais;

- proteger o patrimônio folclórico, as artes e os folguedos populares,

- organizar museus, bibliotecas, filмотecas, fonotecas e centros de documentação, manter intercâmbio com entidades congêneres;

- divulgar o folclore no Brasil.

## REGISTRO

# Os 25 anos do Museu de Olímpia

ANDRÉ L. NAKAMURA

- DEPTO. DE FOLCLORE - OLÍMPIA -

Paisagem da minha janela, pois moro quase defronte deste que é um dos maiores símbolos da nossa cidade, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia” teve o mesmo nascedouro que o próprio Festival do Folclore: os trabalhos escolares desenvolvidos pelo professor José Sant’anna ao iniciar sua carreira magisterial na Capital do Folclore, dos quais, entre outras coisas, resultaram exposições de peças folclóricas, que se realizavam, inicialmente, no âmbito do hoje extinto Colégio Olímpia.

No início dos anos sessenta, o museu era “itinerante”, visto que aquelas exposições passaram a se realizar também em outras unidades escolares e estabelecimentos comerciais olimpienses, e, a partir de 1965, na nossa festa maior.

Embora provenientes da mesma fonte, o museu passou a existir de fato somente em agosto de 1973 (oito anos após o festival, “por uma simples questão de oportunidade”, segundo Sant’anna), quando o então prefeito Dr. Alfonso Lopes Ferraz providenciou-lhe casa própria, cedendo às instâncias do professor.

A existência oficial do Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, assim denominado, deu-se mediante a lei n.º 1274, de 18/4/1997, e do projeto de lei n.º 1625/78, do vereador José Sant’anna, posteriormente convertido na lei n.º 1358, de 5 de julho de 1978. Pelos Decretos n.ºs 1114, 1115 e 1116, o então prefeito Álvaro Marreta Cassiano Ayusso nomeou o professor José Sant’anna para o cargo de Diretor-Técnico do Museu; o professor Rothschild Mathias Netto, para o de chefe da Secção de História; e novamente Sant’anna, para o de chefe da Secção de Folclore.



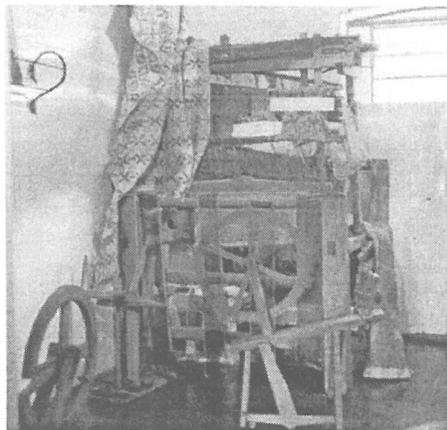
O museu se instalou primeiramente no prédio onde antes havia funcionado a Delegacia de Ensino, na antiga avenida XV de novembro (hoje avenida Waldemar Lopes Ferraz), n.º 1224, transferindo-se, algum tempo depois, em caráter provisório, para a Rua Floriano Peixoto, n.º 1228, em que hoje funciona a agência local do INSS, até chegar ao Edifício Giosué Tonanni, na Rua David de Oliveira, n.º 420, endereço atual do museu.

É oportuno ressaltar que durante o

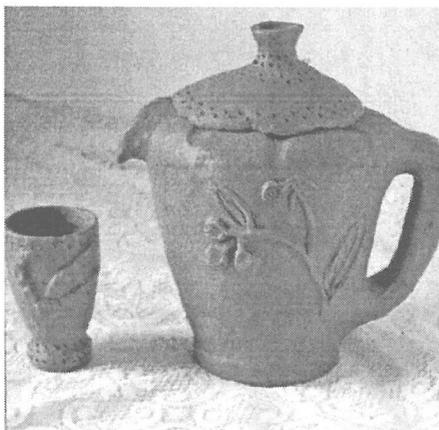
aludido interregno, o Prof. Victório Sgorlon e sua esposa Lourice Arutin Sgorlon ofereceram seus inestimáveis préstimos no sentido de preservar o acervo até então coligido por Sant’anna.

Entretanto, ainda durante aquele “caráter provisório”, quando da aquisição do já mencionado edifício pela municipalidade, o prédio se encontrava em condições muito precárias, depredado, abandonado por décadas, quase em ruínas, servindo de perigo-

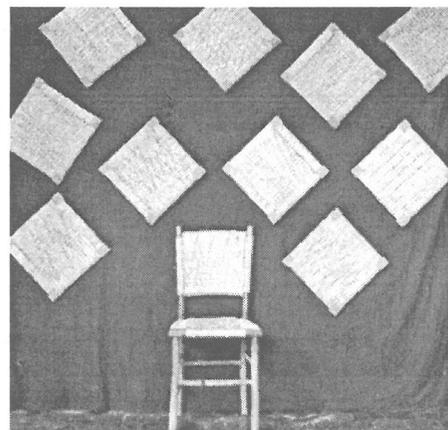
## REGISTRO



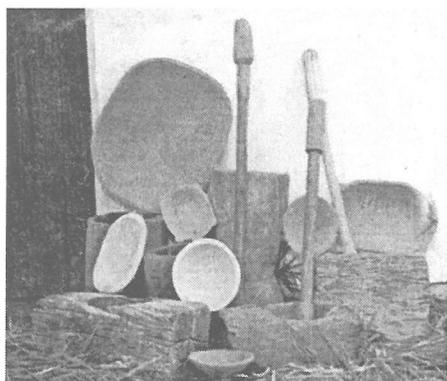
*Tear Manual*



*Trabalho em Barro*



*Trançado - Palha de Milho*



*Pilões e Gamelas*



*Violas Caipiras*



*Luminárias*



*Esculturas em Madeira*

so abrigo para errantes e famílias sem-teto. “Balança-mas-não-cai” era como a ele se referiam os olimpienses, que também o consideravam mal-assombrado. Contudo, para o objetivo visado procedeu-se a uma esmerada reforma, célere, minuciosa, que o deixou em perfeitas condições de uso, impecável (na ocasião, vale dizer; hoje até que seria bem-vinda mais uma reformazinha).

É anedótico, outrossim, lembrar que nos primeiros anos, toda sorte de velharias imprestáveis era “doada” ao museu, até que se espalharam pela cidade alguns esclarecimentos do Prof. Sant’anna sobre quais seriam as peças apropriadas para a exposição.

Neste ano, o Museu de História e Folclore “Maria Olímpia”, onde se pode encontrar um forte meio de aprendizagem da cultura folclórica brasileira, comemora no dia 13 de agosto, em meio ao Festival do Folclore, seus 25 anos de muito sucesso (jubiléu de prata), sendo considerado um dos mais completos do Brasil, cujo riquíssimo acervo remonta a cerca de 3000 peças, dentre indumentárias diversas (vestuários de Folias de Reis, Congadas, Reisados, Moçambique, etc.); flores de diversificado material, peças de barro, bambu, madeira, couro, ágata, toalhas com abrolhos, trabalhos em palha, crochê, pinturas pitorescas; instrumentos musicais; peças do tradicionalismo (pilão, esporas, luminárias, serras, etc.); biblioteca especializada e muito mais. A mais antiga e valiosa das peças fica na parte exterior do museu. Trata-se de uma locomotiva (“maria-fumaça”) que de 1940 a 1950, aproximadamente, fez o elo entre Olímpia e o resto do Brasil, promovendo o desenvolvimento econômico da região.

A grande anfitriã é Maria Jesus de Miranda, coordenadora do Museu desde 1989, a cujos cuidados Sant’an-

na confiou, com toda tranqüilidade, esse cartão postal de Olímpia (e de quem já tive a grande alegria de ter sido colega de trabalho, no próprio museu). A falta de estudos específicos de museologia nenhuma falta lhe faz, haja vista ser detentora de uma brilhante intuição e de um forte conhecimento empírico do folclore pátrio. Ela administra o museu com uma criatividade e uma competência jamais desconsideradas: arquiva, seleciona, ornamenta, corrige, recebe os visitantes, enfim, de tudo participa. Sua dedicação ao museu em muito transcende o que se poderia chamar de máxima eficiência de um funcionário no cumprimento de seus deveres; trata-se de uma verdadeira paixão pela cultura popular, pelo folclore brasileiro. Em suas mãos, o riquíssimo acervo do museu se enriquece ainda mais, crescendo visivelmente. Além do mais, a confiável simpatia que Maria inspira conquista, de imediato, a todos que visitam o museu.

Por todas essas razões, para quem ainda não conhece esse ponto turístico de Olímpia, asseguramos, será um prazer conhecer a Maria, será um prazer conhecer o museu.

## REGISTRO

# Sobre Veríssimo de Melo

A fundação Joaquim Nabuco, Coordenadoria de Estudos Folclóricos, de Recife, Pernambuco, por intermédio do antropólogo Mário Souto Maior, enviou-nos “Folclore 245, dezembro de 1997”, de autoria de **José Carlos Rossato**, presidente de honra do Centro de Folclore e Cultura de Votuporanga - SP, e dedicado pesquisador e membro do Departamento de Folclore de Olímpia, o importantíssimo trabalho:

### Veríssimo de Melo Deixou Saudades

Fiel seguidor de Câmara Cascudo (1898-1986), Veríssimo Pinheiro de Melo (Vivi, para os íntimos), nasceu em 1921, no dia nove de julho, na capital potiguar. Tal qual o seu mestre, foi um verdadeiro provinciano. Teve que sair de seu torrão. Foi para a Cidade Maravilhosa e ingressou na Pontifícia Universidade Católica. Gostava tanto do Nordeste que foi continuar o curso escolhido no Recife (PE). Bacharelou-se no ano de 1948, em Direito. Durante dez anos exerceu o cargo de Juiz Municipal de Natal (RN). Casou-se com Moemi Noronha. Desse consórcio nasceram Fernando, Sílvio e Monique. Investido na condição de magistrado, em 1951, celebrou o matrimônio do então vate Deífilo Gurgel (atualmente membro da Comissão Norte-Rio-Grandense de Folclore e um dos biógrafos do saudoso Vivi, alcunha atribuída por seu ídolo Cascudo). Lecionou na antiga Faculdade de Filosofia de Natal, Etnografia do Brasil e, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Antropologia Cultural. Foi diretor do Museu Câmara Cascudo de Antropologia. Presidiu, até o seu falecimento, o Conselho Estadual de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura daquele Estado. Dedicou-se à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da qual foi o seu primeiro secretário. Participou de congressos, seminários e festivais do Folclore, tanto no Brasil, quanto no exterior. Esteve

em Olímpia (SP) entre 10 e 17 de agosto de 1986, quando tivemos a oportunidade de conhecer esse mestre, pessoalmente. Veio prestigiar o 22.º Festival do Folclore. Nesse evento ele nos chamou de “novo e querido amigo”. A partir desse evento a nossa amizade tornou-se sólida. Frequentemente trocávamos correspondências. Aproveitando a sua estada na Capital do Folclore, “por delegação do excelentíssimo senhor, doutor Radir Pereira, digníssimo governador do Rio Grande do Norte”, fez a entrega da Medalha Doutor José Augusto Bezerra de Medeiros e o respectivo diploma ao olimpiense, Prof. José Sant’anna. Daí, após três anos, alcançou a merecida aposentadoria.

Continua amando o folclore, o jornalismo e as letras. Literato e poeta, dedica-se à literatura, cantando em prosa e verso a sua terra. Simultaneamente respira folclore.

Dirigindo o periódico *A República*, mantinha uma página, onde lançava novos valores, sempre prestigiando os já consagrados. Jornalista irônico, *concedia entrevistas com políticos derrotados*. O seu afilhado Deífilo prossegue: “Veríssimo conseguiu transformar tais entrevistas em textos de tremenda gozação”.

Nos últimos tempos de vida terrena, o ritmo das pesquisas na Folclorística teve seu volume diminuído, e muito.

Pouco antes de seu falecimento, ocorrido em 18/08/1996 (por coincidência no dia do encerramento do 32.º Festival de Folclore de Olímpia), publicou um dos seus últimos trabalhos. Foi no jornal *Tribuna do Norte*, enfocando a simpática figura de João Ribeiro (1860-1934), cujo nome dispensa apresentação.

Eis o legado bibliográfico deixado pelo saudoso Veríssimo de Melo e organizado pelo próprio, pouco antes de partir para o outro mundo, onde nós um dia o encontraremos.

1. Adivinhas Natal, 1948, 78 pp.

2. Acalantos. Fortaleza: Clã, 1949,

16 pp.

3. Superstições de São João. Natal, 1949, 19 pp.

4. Parlandas. Natal, 1949, 103 pp.

5. Três Aspectos da Superstição Brasileira. Nápoli, 1950, 30 pp.

6. Adagiário da Alimentação. Natal, 1950, 35 pp.

7. Alcinhas do Brasil e Portugal. Porto, 12 pp.

8. O Cavalo no Adágio Brasileiro. Madrid, 1951, 29 pp.

9. A Chuvas na Tradição Popular in Sociologia. São Paulo, 1951, 29 pp.

10. Curiosos Aspectos da Poesia Tradicional. Natal, 1951, 20 pp.

11. Paremiologia Jurídica Brasileira. Natal, 1952, 14 pp.

12. O Ataque de Lampião a Mossoró, através do Romancero Popular. Natal, 1953., 21 pp.

13. Histórias de Amor em Quadri-nhas. Porto, 1953, 18 pp.

14. Rondas Infantis Brasileiras. Separata da Revista Arquivo Municipal de São Paulo. 1953, 142 pp.

15. Jogos Populares do Brasil. Porto, 1956, 67 pp.

16. Apresentação do Bambelô. Natal, 1956, 1 pp.

17. Inácio da Catingueira. Natal, 1956, 13 pp.

Idem Inácio da Catingueira in O Gênio Escravo de Luís Nunes, João Pessoa, 1979, 13 pp.

18. Populário Natalense. Natal, 1957, 103 pp.

## REGISTRO

19. Pequena Antologia do Humor Natalense. Natal, 1959, 15 pp.
20. Assimilação e Aculturação de Japoneses no Brasil. Fortaleza, 1959, 36 pp.
21. Gestos Populares. Natal, 1960, 36 pp.  
Idem Universalidade dos Gestos Populares in Sociologia n. 4, São Paulo, 1958.
22. Cantador de Viola. Recife, 1961, 87 pp.
23. Chico Santeiro. Natal, 1961, 26 pp.
24. Garrafas de Areia de Tibau. Natal, 1962, 8 pp.
25. Dois Poetas do Nordeste (Ascenso Ferreira e Jorge Fernandes). Rio de Janeiro, 1964, 61 pp.
26. Festa de Nossa Senhora do Rosário (dos Pretos) em Jardim do Seridó. Natal, 1964, 13 pp.  
Idem As Confrarias de Nossa Senhora do Rosário como Reação Contra-Aculturataivas dos Negros no Brasil. Fortaleza, 1979, Vol. VIII, ano XLIV, n. 1.
27. Arte Popular. Porto, 1964, 11 pp.
28. Folcmúsica Natalense. Natal, 1964, 18 pp.
29. Duas Devoções Populares. Natal, 1964, 18 pp.
30. Folgedos Natalinos. Porto, 1965, 10 pp.
31. Babelô - Sobrevivência Negra do Nordeste. Natal, 1966, 6 pp.
32. Calendário das Devoções Populares do Rio Grande do Norte. Natal, 1966, 12 pp.
33. Chico Santeiro (em colaboração com Zilda Mamede). Natal, 1967, 24 pp.
34. A Nova Escola Industrial Federal do Rio Grande do Norte, 1967, 13 pp.
35. Chico Santeiro. Porto, 1967, 10 pp.
36. Crutac - Uma Edificação na mente e os Corações Humanos. Natal, 1967, 15 pp.
37. Mestre Cascudo na Intimidade. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Folclore, ano VIII, n. 22, 1968.
38. Xarias e Canguleiros. Natal, 1968, 173 pp.
39. Coexistência de Nações Indígenas no Alto Xingu. Porto, 1970, 5 pp.
40. Livro de Poemas de Jorge Fernandes. Organização e glossário de Veríssimo de Melo. Natal: Fundação José Augusto, 1970, 144 pp.
41. A glosa - Veículo de Comunicação Popular. Rio de Janeiro: revista Brasileira de Folclore, ano XI, n. 30, 1971.
42. Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista. Natal, 1971, 24 pp.  
Idem in Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, n. 24, Natal, 1993.
43. Antropologia e História in Revista Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, ano III, n. 9, 1971.
44. Patronos e Acadêmicos, v. 1, Rio de Janeiro: Pongetti, 1972, 253 pp.
45. Fabião das Queimadas in Cultura, n. 8, Brasília, 1972.
46. Natal há 100 Anos Passados. Natal, 1973, 11 pp.
47. Ensaios de Antropologia Brasileira. Natal: Imprensa Universitária, 1973.
48. Chico Santeiro. Natal, 1973, 11 pp.
49. Patronos e Acadêmicos, v. 2, Rio de Janeiro: Pongetti, 375 pp.
50. Três Artistas Populares do Rio Grande do Norte. Brasil. Caracas: Separata da Revista Venezuelana de Folclore, 1975, 15 pp.
51. Folclore em *Os Sertões*. Brasília: *Cultura* n.º 18, 1975.
52. *Nova Gazeta da Nova Terra Brasil*. Munique: Humdoldt, n.º 32, 1975.
53. *Calendário Cultural e Histórico do Rio Grande do Norte*. Natal, 1976, 100 pp.
54. *O Conto Folclórico no Brasil*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1976, 16 pp.
55. *Arqueologia e Trópico*, v.2. Recife: Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, VIII Reunião, 1976.
56. *Origens da Literatura de Cordel*. Natal: Tempo Universitário, 1976.  
Idem Humboldt, n.º 34, 1976, Munique.
57. *O Ataque de Lampião a Mossoró, Através do Romanceiro Popular*; 3.º ed. Natal, 1977, 23 pp.
58. *Holandeses do Nordeste*. Haya: Crônica da Holanda, 1977, 4 pp.
59. *Algumas Fontes para o Estudo da Medicina Popular*. Natal:

## REGISTRO

- tempo Universitário, n.º 4, 1977.
60. *Folclore Brasileiro - Rio Grande do Norte* - Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1979, 92 pp.
61. *Vinculações Germânicas com a Literatura de Cordel*. Cultura, n.º 29, 1978.
62. *Braziliem* (verbete sobre o conto Folclórico Brasileiro). Berlim - New York, Walter Grueter, *Enzyklopädie des Marchens*, 1978.
63. *Cascudo e Seus Golas-Azuis*. Brasília: *Cultura*, n.º 30, 1978.
64. Luís da Câmara Cascudo (texto em alemão). Berlim - New York, Walter Grueter, *Enzyklopädie des Marchens*, 1978.
65. *Sátiras e Epigramas de Zé Areia*, 2.ª ed., Natal, 1979.
66. *Revista Norte-Rio-Grandense de Folclore*. Editor Veríssimo de Melo, Natal, 1979, 79 pp.
67. *Cascudo em Dois Tempos*. Natal, 1979, 32 pp.
68. Albert Einstein, o Humanista. Munique, in Humboldt, n.º 38, 1979.  
idem *Albert Einstein, o Humanista*. Natal, 1979, 35 pp.
69. Um jornal e a Época (Sobre A República). Natal: *Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras*, n. 15, 1978/80.
70. As Confrarias de Nossa Senhora do Rosário como Reação Contra-Aculturativa dos Negros no Brasil. Salvador: *Revista Afro-Ásia, Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia*, n. 13, 1980.
71. *Literatura de Cordel - Problemas e Sugestões*. Natal: Tempo Universitário, v. 6, n. 1, 1980.
72. *Folclore Infantil*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL/MEC, 1981, 30 pp., il.
73. *Princípios e Metas da Antropologia Cultural*. Natal: *Boletim do Museu Câmara Cascudo*, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Nova série, abril, 1981.
74. Antecipação de Gilberto Freyre ao Manifesto Regionalista de 1926. Recife: *Revista do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco*, v. 5, Número Especial, 1981.
75. *Humanismo e Tradição*. Natal: Fundação José Augusto, 1982.
76. *A Visita do Papa ao Brasil, Através da Literatura de Cordel*. Natal: Projeto Memória, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1982.
77. *Jorge Fernandes Revisitado*. Natal: Série Projeto Memória, n. 1, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1982.
78. *Sátiras e Epigramas de Zé Areia*. 3.ª ed., Natal, 1982.
79. *Literatura de Cordel - Visão Histórica e Aspectos Principais*. Fortaleza: in *Literatura de Cordel*, Ed. Banco do Nordeste, 1982, 2.ª ed.; 1994, 3.ª ed.
80. *O Ataque de Lampião ao Mossoró, Através de Literatura de Cordel*, 4.ª ed., Mossoró, 1983. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 397).
81. *Garrafas de Areia de Tibau*. Mossoró, 1986. (Coleção Mossoroense, 2.ª ed., Série B, n. 397).
82. *30 de Setembro - Gesto de Grandeza em Favor da Abolição*. Mossoró, 1986. (Coleção Mossoroense, Série B, Vol. 431). Reproduzido da *Revista da Sociedade Cearense de Geografia e da Revista da Sociedade Cearense de Geografia e História*. Vol. X, dez./1984.
83. *Aspectos da Religiosidade Nordestina de Cordel*. Mossoró, 1984. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 418).
84. *A Sabedoria Popular Como Estratégia de Resistência dos Flagelados da Seca* (Humor dos Flagelados). Natal, 1984.
85. *O gigante Luís Tavares - Galeria dos Imbatíveis*. Natal: Nossa Editora Ltda., 1985, 35 pp.
86. *Folclore Infantil*. 2.ª ed., Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda., 1985.
87. *As chuvas na Tradição Popular*. Mossoró, 1986. (Coleção Mossoroense, Série B, Vol. 431).
88. *Trancredo Neves na Literatura de Cordel*. Natal. Fundação José Augusto, 1986, 34 pp.
89. *Trancredo Neves na Literatura de Cordel*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1986.
90. *O Livro, a Língua e a Universidade na Ótica de Ortega y Gasset*. Natal: Universitária, 1986.
91. *Vila Lobos Centenário*. Mossoró, 1987. (Coleção Mossoroense, Série B, n. 459).
92. *Três Problemas Culturais da Ótica de Ortega y Gasset: o Livro, a Língua e a Universidade*. Campinas: in *O Pensamento Contemporâneo, Reflexão*, n. 38, Instituto de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, maio/agosto, 1987.
93. *Universidade e Humanismo*

## REGISTRO

(discurso de paraninfo às turmas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Mossoró: Coleção Mossoroense, Série B, n.471, 1987.

94. *Dicionário de Espírito e Humor dos Velhos Amigos*. Natal: Banco do Nordeste, 1989.

95. *Cartas de Ascenso Ferreira a Veríssimo de Melo*. Natal: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1989.

96. *A Obra Folclórica de Cascudo como Expressão do Movimento Modernista no Brasil*. Mossoró, 1989, (Coleção Mossoroense, n. 643).

97. *Síntese Crônica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte 1959/1988*. Natal: Imprensa Universitária, 1991.

98. Simões e Borges Talvez mais do que Vizinhaça. Brasília: *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. XI, 1991.

99. O Sentido Social e Educativo da Lúdica Infantil. Recife. In *Anais da II Reunião de Antropologia do Norte e Nordeste, 1991*, pp. 167 a 177.

100. *Cartas de Mário de Andrade a Luís Câmara Cascudo. Introdução e Notas de Veríssimo de Melo*. Belo Horizonte: Vila-Rica Editora Reunidas Ltda. 1991.

101. Cuentos Breves del Siglo de Oro: Mini Cuentos en la Tradición Nordestina. Buenos Aires: *Revista de Investigaciones Folkloricas*, n.6, Faculdade de Filosofia y Letras, 1991.

102. *Visita do Papa ao Brasil Através da Literatura de Cordel*, 3.<sup>a</sup> ed., Natal: Unipeç, 1991.

103. Nilo Pereira - Cartas de

Emoção e de Humor. Natal: Banco Econômico, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte*. Vols. LXXI - LXXII, 1979/80.

104. *Dos Grandes, Um Pouco* (1.<sup>o</sup> Pacote Literário). Brasília: Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, 1992.

105. Cuentecilos do Século de Ouro. Araou, Portugal: in *Rurália*, n.2, 1992.

106. *Centenário da Associação Comercial do Rio Grande do Norte (Memória Histórica - 1892/1992)*. Natal: Clima, 1992.

107. Leitura Crítica das Cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Separata da *Revista Ciência & Trópico*, n.1, Jan/Jun, 1993.

108. Cascudo Escritor de Cartas. Brasília: *Cadernos de Literatura*, n. 5, Thesaurus/Presença, 1993.

109. *Epistolografia no Mês de Maio* (Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte à Universidade Federal da Paraíba). Natal, 1993, 10 pp.

110. *Autenticidade do Poeta Popular*. Natal: Boagua, 1994.

111. *Waldemar de Almeida - Noventa anos de Saudade* (Discurso no Conservatório Pernambucano de Música, no dia 24 de agosto de 1994), Recife.

112. *Faça-se a luz* (Contribuição à História da Energia do Rio Grande do Norte. O papel da Cosern). Natal, 1994, 178 pp.

113. Autenticidade do Poema Popular. Rio de Janeiro: GFS, in *Antologia Brasileira de Literatura de Cordel*, 1994, 5 pp.

114. *Literatura de Cordel em Dois Tempos*. João Pessoa: Comunicação à II Jornada Paraibana de Folclore, 1995. 5 pp.

115. *Cartas e Cartões de Oswaldo Lamartine*. Natal: Fundação José Augusto, 1995.

116. *Medicina Popular no Mundo em Transformação*. Mossoró, 1986 (Coleção Mossoroense, Série B, n. 1326)

### **Integrou dezenas de instituições culturais. Ei-las:**

1. Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. - Efetivo.

2. Academia Alagoana de Letras. - Correspondente, 1950.

3. Academia Paraense de Letras. - Correspondente.

4. Academia Sergipana de Letras. - Correspondente, 1975.

5. Academia Pernambucana de Letras. - Correspondente, 1975.

6. Academia de Letras e Artes do Nordeste Brasileiro. - Efetivo, 1978.

7. Academia Diocésica. - Acadêmico Honorário, Natal, 1974.

8. Academia Sorocabana de Letras. - Correspondente, 1980.

9. Academia Espírito-Santense de Letras. - Correspondente, 1981.

10. Academia Cearense de Letras. - Correspondente, 1981.

11. Academia de Letras de Campona Grande. - Correspondente, 1984.

12. Academia Petropolitana de Letras. - Correspondente, 1988.

## REGISTRO

13. Academia Santista de Letras. - Correspondente, 1991.
14. Academia Massoroense de Letras. - Correspondente, 1992.
15. Academia de História do Amazonas. - Sócio Efetivo, 1992.
16. Academia Norte-Rio-Grandense de Ciências. - Sócio efetivo, 1991.
17. Academia Santanense de Letras. - Correspondente, 1993.
18. Asociación Española de Etnologie y Folklore. - Correspondente, Madrid, 1952.
19. Asociación Tucumana de Folklore. - Correspondente, 1950
20. Associação Brasileira de Folklore. - Correspondente, São Paulo, 1968.
21. Associação Brasileira de Antropologia. - Correspondente, Rio de Janeiro.
22. Associação Brasileira de Museologistas. - Efetivo, Rio de Janeiro
23. Associação Brasileira de Folklore. - Honorário, São Paulo, 1981.
24. Associação Cultural Franco-Brasileira. - Aliança Francesa, Sócio Benemérito, Natal, 1991.
25. Instituto histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. - Efetivo, Natal, 1959.
26. Instituto Histórico de Alagoas. - Correspondente, Maceió, 1950.
27. Instituto Histórico e Geográfico de Maranhão. - Correspondente, 1977.
28. Instituto Histórico e Geográfico do Pará. - Correspondente, Belém, 1965.
29. Instituto do Ceará. - Correspondente, Belém, 1965.
30. Instituto de História, Etnologia y Folklore. - Honorário, Tucuman, Argentina, 1953.
31. Instituto Cultural do Vale Cariense. - Correspondente, 1980.
32. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Correspondente, 1981.
33. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. - Correspondente, 1983.
34. Instituto Histórico de Petrópolis. - Correspondente, 1989.
35. Instituto Cultural do Oeste Potiguar. - Correspondente, Mossoró, 1957.
36. Instituto de Estudos e Folklore. - Correspondente, São Paulo, 1988.
37. Societé Internacional D'Ethnologie et Folklore. - Correspondente, Liège, 1966.
38. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. - Correspondente, 1994
39. Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. - Correspondente, Brasília, 1994.
40. Sociedade Peruana de Folklore. - Correspondente, Cuzco, 1954.
41. Sociedade Luso-Brasileira de Etnologia. - Conselheiro, Rio de Janeiro, 1955.
42. Sociedade Folklorica de México. - Correspondente, México, 1951.
43. Sociedade Brasileira de Folklore. - Efetivo, Natal.
44. Sociedade de Geografia e História do Ceará. - Correspondente.
45. Sociedade Folklorica da Bolívia. - Correspondente, 1950.
46. Amigos del Arte Popular. - Correspondente, Buenos Aires, 1949.
47. Amigos da Marinha. - Diploma e Medalha, 1990.
48. Atheneu Angrense de Letras e Artes. - Acadêmico, Angra dos Reis, 1976.
49. Miembro Correspondente de la Comisión Internacional Permanente de Folklore. - Buenos Aires, 1996.

## CONCLUSÃO

Se nos detivemos com um pouco de atenção na relação bibliográfica do finado Veríssimo, ficaremos com a certeza de que a grande maioria, a quase totalidade das obras enumeradas é de interesse, mesmo que indireto, para os estudos folclóricos. Não é demais lembrar que o folclore é ciência sócio-antropológica. O restante fica distribuído entre História, Filosofia, Leitura, etc. Há publicações que envolveram mais de um desses compartimentos, como: cartas/literatura, folclore/antropologia, literatura/folclore, etc.

Para finalizar, é indiscutível o valor da obra do falecido discípulo de Cascudo para os estudos folclóricos, não só do Nordeste, mas deste País verde-amarelo.

## REGISTRO

# Falecimentos

Faleceu no dia 9 de abril de 1997, em **Belo Horizonte**, Estado de **Minas Gerais**, a Sra. **Margarida Diniz Bastos**, genitora de nossa querida amiga Dadá, integrante do Grupo Parafolclórico Aruanda. Dona Margarida, familiarmente chamada de **Tia Guidinha**, era irmã do ilustre folclorista mineiro Domingos Diniz. Deixa, para recordação e uso constante, na biblioteca de folclore, do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia", o livro **Receitas da Tia Guidinha**, lembretes folclóricos de uma cozinha do passado: a cozinha da vovó Isabel, da Mamãe Umbelina e de algumas pessoas amigas.

Olímpia, a Capital Nacional do Folclore, sentiu imensamente o passamento de tia Guidinha.

Belíssima homenagem póstuma foi-lhe prestada por seu irmão Domingos, um poema sob a forma de prosa, tão do estilo do folclorista amigo.

Nossas pobres palavras, nosso adeus à Tia Guidinha.

Faleceu no dia 27 de novembro de 1997, o Sr. **Laércio Clarindo Santana**, mestre do primoroso grupo folclórico **Reis de Boi**, de **Conceição da Barra**, Estado do **Espírito Santo**, que se apresentou, durante muitos dias, com muita beleza e entusiasmo, no 31.º Festival do Folclore, em 1995.

Nosso adeus sentido ao folclorista que partiu.

Faleceu no dia 3 de fevereiro de 1998, o cantor **Sílvio Caldas** que se apresentou no 18.º Festival do Folclore - 1982 - interpretando algumas canções brasileiras de inspiração folclórica. Com 89 anos de idade ao falecer, deixou seus milhares de fãs entristecidos. Um seresteiro a menos, uma nova estrela no firmamento.

Faleceu no dia 21 de fevereiro de 1998, a Sra. **Orquídea Padilha** (D. Ceci), esposa do Sr. Venâncio Oeiras Castro e mãe do Edson, Edna, Nonato e Érica Larissa, vindas do Grupo Parafolclórico "**Os Bai-oaras**", de **Belém, Pará**.

Dona Ceci, admiradora incondicional do Festival de Folclore de Olímpia, compôs uma peça musical (letra e música) em 1989, para homenagear o seu Jubileu de Prata.

Ao seu esposo e filhos, nossos votos de pesar pela perda. Que o Senhor os conforte em sua dor e continuem firmes a cultivar o folclore do Pará e do Brasil em geral.

Faleceu no dia 2 de março de 1998, em **Franca**, Estado de São Paulo a Sra. **Ma-**

**rina Sant'Anna Serafim**, tia do Prof. José Sant'anna. Era uma pessoa que amava com veemência o Festival do Folclore de Olímpia, sendo uma figura muito importante para prestar informações sobre o folclore: sabia contos populares, canções folclóricas, superstições, enfim era um repositório da cultura popular.

Faleceu no dia 20 de março de 1998, o senhor **João Batista Marçal**, dirigente do grupo folclórico **Batuque**, de Piracicaba que comparecia, em todos os anos, ao Fefol. No 34.º Festival já não mais teremos o famoso grupo de **Umbigada**, ou **Tambu**, que tanto alegrava nossa gente.

Que ele seja recebido pelo Senhor.

Faleceu no dia 18 de abril de 1998, o cantor **Nelson Gonçalves**. Apresentou-se no 13.º Festival do Folclore em agosto de 1987, um Cancioneiro de inspiração folclórica, quando o festival era ainda realizado nas Praças da Matriz e Rui Barbosa.

A partida do velho boêmio deixou um espaço que jamais será preenchido por outro que a ele se iguale. Foi notícia nacional, todos os jornais o prantearam junto aos amantes da música popular brasileira.

Faleceu no dia 5 de maio de 1998, na Estância Rondon-Haras, em **Rondônia**, Estado de **Mato Grosso**, a Sra. **Alzira Sant'Anna de Oliveira**, natural de Olímpia e que nela residiu durante meio século. Alzira se revelou extraordinariamente importante para o Festival de Folclore de Olímpia. Durante uma década, quando o evento não era ainda oficializado pela Prefeitura Municipal, ela e seus familiares, auxiliada por alguns vizinhos, foi a responsável pela alimentação de inúmeros grupos de danças e folguedos que se apresentavam no festival de Olímpia. E o trabalho era massacrante na ocasião, pois a alimentação era feita e servida no quintal de sua residência.

O trabalho de Alzira se revestiu de extraordinária importância para que o Festival do Folclore vingasse em nossa cidade. Irmã do Prof. José Sant'anna, era casada com Sebastião Jesus de Oliveira de cujo enlace nasceram-lhe João (que foi casada com Lúcia), pai de Rogério e Anali, Jacira (falecida ainda criança) e Afrânio (casado com Maria Scatolin), pai de Ísis e Afrânio Júnior. Alzira foi destinada para o mês de maio, pois neste mês ela nasceu, casou-se



e faleceu. Reuniu receitas da cozinha popular olimpiense ao longo do tempo em que se dedicou a auxiliar no movimento folclórico de Olímpia, cujo trabalho será publicado pela Comissão de Folclore. Foi sepultada no cemitério localizado na sua propriedade rural, em Mata Grande - Rondonópolis.

A Câmara Municipal de Olímpia, mediante proposição do senhor vereador Doutor Vicente Augusto Batista Paschoal, enviou manifestação de profundo pesar pelo infausto acontecimento aos familiares.

Nosso adeus à Alzira, grande dama olimpiense.

Que o Senhor a tenha ao seu lado.

Faleceu em Olímpia, no dia 8 de maio de 1998, a Sra. **Maria da Conceição Basso**. Dona Maria Basso era muito dedicada ao Festival de Folclore de Olímpia, recebendo em sua pensão, inúmeros integrantes dos grupos folclóricos, e nada cobrando, em gesto de cooperação.

Proveniente do meio rural, conhecia muitos contos folclóricos, o ritual de recomendação das almas, as excelências cantadas aos mortos, muitas simpatias, muitos remédios caseiros e também muitas superstições, cujos ensinamentos nos passou. Foi sepultada no cemitério de São João Batista de Olímpia.

Mais uma grande perda para nosso acervo cultural, para o folclore olimpiense. Que seus conhecimentos continuem a iluminar os caminhos de quem estuda nossos usos e costumes. Que o Senhor a receba na rua Santa Morada.

Faleceu em Olímpia, no dia 23 do mês de junho de 1998, às 14 h, chamada aos braços do Senhor, a senhora **Judite Sant'Anna Nogueira**, prima do professor José Sant'anna.

Dedicada e zelosa mãe, deixou os filhos Otogamiz, Maria Cleri, Jerônimo Osmar, Clarice, Aracruz, Maria Antônia e Aramiz.

Prestou relevantes serviços ao Festival do Folclore de Olímpia, confeccionando as roupas dos grupos folclóricos locais, e dedicou mais de 30 anos, dando de si tudo que lhe era possível e enquanto foi possível. O seu amor pelas atividades em torno da festa nunca diminuiu.

A Comissão Municipal de Folclore esteve presente ao seu sepultamento e prestou-lhe as homenagens merecidas. Foi sepultada no cemitério de São João Batista.

Que Deus a receba em sua Santa companhia.



# MENSAGENS E MISSIVAS RECEBIDAS

Célio José Franzin

Arquivista - Departamento de Folclore - Olímpia

## **Câmara Municipal de Araraquara**

**Araraquara - SP**, 23 de julho de 1997

Senhor Prefeito Rizzatti:

Pelo presente, temos a satisfação de acusar o recebimento do atencioso convite, de Vossa Excelência, para prestigiarmos o 33.º Festival do Folclore, que irá se realizar no período de 10 a 17 de agosto, nessa cidade.

Outrossim, informamos-lhe que foi levado ao conhecimento dos nobres edis desta Câmara, o referido assunto.

Agradecendo a sua gentileza, prevalecemo-nos do ensejo para apresentar-lhe os protestos de nossa estima e apreço, augurando sucesso no evento.

Atenciosamente,

**Valderico Joe** - Presidente

\*

## **Comisión Internacional de Folklore**

**Buenos Aires, Argentina**, 28 de julho de 1997

Querido José Sant'anna

Recibí el convite para el magnífico 33.º Festival do Folclore que harán en esa hermosa ciudad de Olímpia. Mucho le agradecemos. Sólo reste desearles que como siempre el evento sea una maravilla. De poder ir, hubiéramos decidido ir. Felicitaciones para todos.

Sentí mucho el fallecimiento de Zeca Scura, a la que tanto admiraba. Le ruego haga llegar mis saludos a André L. Nakamura, que tan brillantemente la exaltó.

La capa es una maravilla. Corresponde a nuestra danza de las Cintas, que se baila para Natividad.

**34º Festival do Folclore**

Bueno, mi querido maestro, deseo saber si le llegó el libro Fiestas, Celebraciones de la República Argentina, para así hacerle otro envío.

Cordialmente,

**Felix Coluccio**

\*

**Lausanne - Suisse**, 1.º de agosto de 1997

Caro amigo Prof. Sant'anna

Com um grande e afetuoso abraço envio-lhe meus votos de saúde e sucesso em seu Festival de Folclore/1997. Cumprimentos de

**Esther de A. Karwinsky**

**P.S.:** Envio-lhe programa da "Europeade" evento ao qual tive a satisfação de assistir. Aguardo sua participação no Simpósio.

\*

**Vitória - ES**, 1.º de agosto de 1997

Prezado Prof. Sant'anna

Ainda uma vez, não me permitem os fados que eu vá à Capital Nacional do Folclore, no Festival do Jubileu de Pórfiro.

Deus me dê vida e saúde para ir ao 37.º no ano 2001. E também a vosmecê para continuar à frente de tão belo movimento.

Sou candidato, de novo, ao recebimento do belo Anuário.

Cordialmente, o

**Renato José da Costa Pacheco**

\*

**Governo do Estado do Rio de Janeiro**

**Gabinete do Governador**

**Rio de Janeiro - RJ**, 4 de agosto de 1997

Excelentíssimo Senhor Prefeito

Inicialmente, desejo saudar o fraterno povo do município de Olímpia, e agradecer, em meu nome e do povo fluminense, pelo honroso convite para participar do 33.º Festival do folclore desta cidade.

Ao tomar conhecimento do teor elogioso a minha pessoa, e à posição de destaque do Estado que represento, quero enfatizar que este reconhecimento é resultado do trabalho sério e determinado, que une paulistas, fluminenses, capixabas, mineiros, enfim... todos imbuídos no objetivo de transformar a sociedade brasileira, através do processo de reformas, que tem em nosso líder maior - Presidente Fernando Henrique Cardoso - o grande idealizador.

No entanto, devido a compromissos inerentes ao cargo que exerço, assumidos no período de realização do Festival, não poderei estar em Olímpia, para representar o povo do meu Estado neste prestigioso conagraçamento.

Ensejo, porém, que oportunidades outras advirão, para que possa ter o prazer de estar em Olímpia, para conhecer de perto a simpatia e a hospitalidade de seu povo.

Com a certeza do sucesso do 33.º Festival do Folclore, aproveito para ensinar ao fraterno prefeito e ao povo de Olímpia os meus votos de elevada consideração e respeito.

Sincera e atenciosamente

**Marcello Alencar** - Governador

\*

**Juazeiro - BA**, 5 de agosto de 1997

Caro professor Sant'anna

O nosso abraço

Vai chegando o mês de agosto e a

## CORRESPONDÊNCIAS

cada dia vou lembrando do seu magnífico trabalho na organização e ordenação do Festival do Folclore, aí na bela cidade de Olímpia. Esse trabalho é sem dúvida o que se faz de mais sério e profundo no universo da pesquisa e estudos sobre o folclore, a cultura popular e a preservação das nossas raízes. Trabalho digno de aplausos e reconhecimento por todos que amam esta linda terra da Santa Cruz - nosso encantador e abençoado país, nosso Brasil.

O anuário do Festival de Olímpia é o que há de mais sério e informativo acerca do Brasil, sua cultura e sua gente. Informações valiosas, fruto de um trabalho de pesquisa, sério, que informa e até diverte. De um valor psico-pedagógico de largo alcance. Um valioso tesouro para nossos trabalhos em sala de aula, com subsídios para professores e alunos e nos mais modernos padrões da metodologia moderna e de fácil uso num processo bem interativo. Breve voltaremos ao Festival, com a graça de Deus.

Um abraço a todos os amigos, e ao povo bom e hospitaleiro de Olímpia.

Feliz Festival, votos nossos e de todos do Grupo Juá.

Da amiga,

**Maria Izabel Muniz Figueiredo** - Professora de Folclore, Escritora

\*

**São Luís - MA**, 06 de agosto de 1997

Ofício n.º 88/97

À Coordenação do 33.º Fefol

É uma grande satisfação acusar o recebimento, neste exato momento, do folder alusivo à realização, pela trigésima terceira vez, de um dos maiores festivais folclóricos do planeta, um orgulho para todos nós, brasileiros. Estaremos torcendo para que o mesmo alcance o dobro do sucesso já reconhecido em nível mundial. Infelizmente, não entendemos o porquê da diferença entre a data de postagem (18/07) e a de recebimento (06/08).

Esperamos algum dia podermos abrilhantar o Fefol com nosso espetáculo "**Uma Canção Para o Mundo**", formado por mais de 20 danças e ritmos da cultura maranhense, além de nossa própria musicalidade carnavalesca, que valeu ao grupo prêmios em festivais pelo Brasil e

exterior. O mais recente foi em junho (Teresina - PI). Estaremos em novembro em São Paulo e Rio, divulgando nosso novo CD. Entre outras viagens e projetos, realizamos agora oficinas de arte (dança, ritmo e artesanato, teatro e expressão corporal) para crianças e jovens.

O Brasil tem seu coração em Olímpia, no mês de agosto. Nossos sinceros protestos de estima e consideração e votos de sucesso e felicidades, em **PLENAS FOLIAS DE ETERNOS FOLIÕES**.

**Willian Moraes Correa** - Diretor de Imprensa

\*

**Ofícios** enviados ao prefeito José Fernando Rizzatti acusando o recebimento do convite para o 33.º Fefol e comunicando a presença em um dos dias de sua realização:

**Dr. Adauto Scardoelli**

Prefeito Municipal de Matão - SP

**José Luiz Franzotti**

Prefeito Municipal de Potirendaba - SP

**José Luiz Romagnoli**

Prefeito Municipal de Batatais - SP

**Ribamar de Souza Batista**

Prefeito Municipal de Borborema - SP

**Waldemar de Santi**

Prefeito Municipal de Araraquara - SP

\*

### Telegramas Recebidos

Telegramas enviados ao Prefeito José Fernando Rizzatti, em agosto de 1997, agradecendo-o pelo convite recebido para assistir ao 33º Fefol, justificando o motivo de não poderem comparecer e desejando sucesso:

#### De Ministro:

**Paulo Renato Souza**

Ministro de Estado da Educação e Desporto

#### De Governadores

**Albano Franco**

Governador do Estado de Sergipe  
**Amazonino Armando Mendes**  
Governador do Estado de Amazonas

**Antônio Brito**

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

**Eduardo Azeredo**

Governador do Estado de Minas Gerais

**Francisco de Assis Moraes Souza**

Governador do Estado do Piauí

**Geraldo Alckmin Filho**

Vice-governador do Estado de São Paulo

**Jaime Lerner**

Governador do Estado do Paraná

**Maguito Vilela**

Governador do Estado de Goiás

**Mário Covas**

Governador do Estado de São Paulo

**Miguel Arraes de Alencar**

Governador do Estado de Pernambuco

**Paulo Afonso Vieira**

Governador do Estado de Santa Catarina

**Valdir Raupp de Matos**

Governador do Estado de Rondônia

**Vitor Buaiç**

Governador do Estado de Espírito Santo

**Tasso Ribeiro Jereissati**

Governador do Estado do Ceará

**Wilson Barbosa Martins**

Governador do Estado de Mato Grosso do Sul

#### De Secretários

**Marcos Ribeiro de Mendonça**

Secretário de Estado da Cultura - SP

**Emerson Kapaz**

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico - SP

#### De Prefeitos

**Delvita Pereira Alves**

Prefeita Municipal de Ribeirão Preto - SP

**Romeu José Bolfarini**

Prefeito Municipal de Assis - SP

**Same Calil Nicolau Eid**

Prefeito Municipal de Novo Horizonte - SP

#### De Comissão de Cultura

**Baronesa Esther Karwinsky**

Comissão Paulista de Folclore

**Telegramas** enviados ao Prof. Sant'anna cumprimentando-o pelo lançamento do Anuário/97 e o livro

## CORRESPONDÊNCIAS

Quadras Anônimas

**Maria Célia Figueiredo**

Folclorista - Belém - PA

**Marina de Andrade Marconi**

Professora de Folclore, escritora

Franca - SP

**Francisco Frederico Scura**

Administrador de Empresa - Rio de Janeiro - RJ

\*

Ministério da Cultura

**Brasília - DF**, 10 de agosto de 1997

Ao Senhor

José Fernando Rizzatti

Senhor Prefeito,

O Senhor Secretário Ottaviano De Fiore me solicitou que pedisse desculpas a V.Sa. por não poder comparecer ao Festival de Folclore. Ele também agradece ao convite e deseja o mais brilhante sucesso para este evento, que é o mais importante do gênero, no país, como eu mesmo pude testemunhar no ano passado, quando tive a honra de visitar Olímpia na qualidade de Representante do Senhor Ministro da Cultura.

Atenciosamente,

**Luciano Vaz Ferreira Ramos**

Secretário adjunto

\*

**Presidência da República**

**Brasília - DF**, 13 de agosto de 1997

José Fernando Rizzatti

Incumbiu-me o Excelentíssimo Senhor Presidente da República agradecer gentileza convite e desejar sucesso evento - 33.º Fefol

Atenciosamente,

**Cinara Ribeiro Silveira**

Secretária de Documentação Histórica

Gabinete Pessoal Do Presidente Da República

\*

**Governo do Estado de Mato Grosso**

**Cuiabá - MT**, 13 de agosto de 1997

Senhor Prefeito,

Sensibilizou-nos sobremaneira o convite formulado por Vossa Excelência, para que participássemos do 33.º Festival do Folclore, que está acontecendo nessa cidade.

Na oportunidade, agradecemos o honroso convite e as palavras dirigidas a nossa pessoa, o que muito nos engrandece e nos dá alento para que

continuemos lutando por um Brasil melhor.

Estamos impossibilitados de comparecer nessa grandiosa festividade, uma vez que fomos convocados para uma audiência com o Presidente da República nessa mesma época, porém desejamos que o evento seja coroado de pleno sucesso.

Cordialmente,

**Dante Martins de Oliveira**

Governador do Estado

\*

**Secretaria Municipal de Cultura e Turismo**

**Campinas - SP**, 14 de agosto de 1997

Sr. Secretário da Cultura:

Aproveito o ensejo para cumprimentar-lhe pela realização de mais um festival do folclore que faz da cidade de Olímpia vanguarda nacional na preservação de tão importante manifestação cultural.

Na impossibilidade de meu comparecimento credencio o grupo "Associação Grupo Folclore Campinense", como representante de nossa cidade, o que muito nos orgulha.

Que a festa desta data revele-se cheia de alegria. São os votos sinceros de Campinas.

Cordiais saudações

**Marco Antônio Pires da Rocha** - Secretário

\*

**Escola Municipal Agrícola "Alípio Soares Barbosa"**

**Iturama - MG**, 18 de agosto de 1997

Ilustríssimo Sr. José Sant'anna

Sabemos que Olímpia é a Capital do Folclore e que a Prefeitura Municipal faz circular uma revista anual sobre um tema tão importante para todos os brasileiros, vimos por meio deste, solicitar de V. S.<sup>a</sup> alguns exemplares do referido Anuário, para que possam ser utilizados como pesquisa e sobretudo honrar nossa Biblioteca - ainda em formação -.

Informamos a V. S.<sup>a</sup> que a Escola Municipal Agrícola "Alípio Soares Barbosa" teve início neste ano de 1997, com apenas duas 5.<sup>as</sup> séries e o crescimento será gradativo nos anos que virão.

Empenhados que estamos no setor pedagógico, buscando informações que possam auxiliar os professores e alunos, já recebemos vários

livros que possam nos elucidar, inclusive do Ministério da Agricultura e agora recorreremos a esse Departamento, pois como já tivemos a oportunidade de ver, é uma revista rica em informações e como fonte de pesquisa.

Esperando contar com a colaboração o mais rápido possível, agradecemos, antecipadamente.

**Ruth Olinda Gentil Sivieri**

Supervisora Pedagógica

\*

**Bom Jesus dos Perdões - SP**, 19 de agosto de 1997

(São João Eudes)

Prezado amigo José Sant'anna

Mais uma vez venho felicitá-lo e aos olimpienses pelo êxito do 33.º Festival do Folclore, que comemorou brilhantemente suas bodas de Pórfiro, ou a Idade de Cristo, como diz o povo.

Nunca me esqueço que fui eu, há muitos anos, quando fui a Olímpia pela primeira vez, quem lançou o slogan **Olímpia, Capital do Folclore**. Representava então, junto com o saudoso Alfredo João Rabaçal, o Conselho Estadual de Cultura.

Lamento a não publicação dos Anais, certamente devido à falta de verba. Estou certo que publicará no próximo ano.

Penso concluir até então o meu **Santos Populares do Brasil**, que já vai bem adiantado. Não desisto da idéia de se anotar o **Dicionário do Folclore Brasileiro** do grande Câmara Cascudo. Tenho vários verbetes anotados e logo publicarei uma amostra, mas não é obra para uma pessoa sozinha e sim trabalho de equipe.

Aceite com seus companheiros e companheiras meu cordial abraço

**Hélio Damante**

Presidente Honorário da Comissão Paulista de Folclore

\*

**Governo do Estado do Tocantins**

**Palmas - TO**, 20 de agosto de 1997

Ilustre Amigo

Prefeito José Fernando Rizzatti,

No início da minha vida profissional, há quarenta anos, tive o privilégio de conviver com empresários do comércio e com pessoas dessa importante cidade.

## CORRESPONDÊNCIAS

Foi, pois, com muita alegria que recebi o honroso convite de Vossa Excelência para o 33.º Festival do Folclore, a realizar-se de 10 a 17 de agosto corrente.

Com muita vontade de rever Olímpia e o seu povo, fiquei triste por não poder estar presente ao importante festival em razão de compromissos assumidos anteriormente.

Ao agradecer-lhe as palavras generosas e a manifestação de amizade e consideração, coloco-me à disposição de Vossa Excelência e do povo de Olímpia, esperando ter o privilégio de sua amizade e de sua visita ao Tocantins, como convidado especial do Governo do Estado.

Cordialmente,

**Siqueira Campos**-Governador

\*

**Itápolis - SP**, 21 de agosto de 1997

Prof. Sant'anna:

Primeiramente, gostaria de parabenizá-los por mais um Festival de Folclore realizado, e gostaria muito de adquirir o livro por vocês distribuídos durante o Festival.

Devido ser professora, fiquei encantada ao tomar conhecimento de um material tão importante e riquíssimo para a nossa cultura (tive esse contato através de uma amiga).

Trabalho em uma escola particular, que para o próximo ano já incluímos (durante o mês de agosto) no nosso calendário uma visita a este maravilhoso Festival do Folclore.

Gostaria que me enviassem mais informações de como devo proceder para adquirir o livro do 33.º Festival do Folclore, se for atendida, ficarei muito grata, pois será um prazer ter um material tão bom assim.

Obrigada

**Valderes Aparecida Micheletti**

Professora

\*

**Grupo de Tradição e Cultura**  
**20 de Setembro**

**Capão da Canoa - RS**, 22 de agosto de 1997

Ao Prof. Sant'anna

Nesse 22 de agosto (Dia do Folclore) enviamos a V.S.<sup>a</sup> e toda a sua equipe de colaboradores, os nossos mais efusivos votos de gratidão por tudo o que o ilustre folclorista tem feito pela cultura brasileira e em particular a nós os gaúchos. Parabenizamos o Prof. José Sant'anna pelo

sucesso de XXXIII Festival de Olímpia, rogando a Deus paz, saúde e prosperidade ao povo olimpiense.

Atenciosamente,

**Tarcisio Freitas Espíndola**

\*

**Petrópolis - RJ**, 26 de agosto de 1997

Mestre José Sant'anna

Recebi, como tradicionalmente ocorre, mais um programa do Festival do Folclore de Olímpia. Já lá se vão 33 anos de lutas e sacrifícios em defesa das legítimas manifestações espirituais e materiais do povo brasileiro em geral e olimpiense em particular. Parabéns.

Lamentavelmente não pude estar em Olímpia durante o festival 97, porque na mesma época tive que viajar a Salvador a fim de participar do V Congresso Afro-brasileiro, que foi autêntico sucesso.

Aproveito a oportunidade para enviar-lhe com o meu grande e fraternal abraço, as publicações juntas, protestando pela oportuna remessa de Encontro com o Folclore n.º 18, que já está no prelo.

**F. de Vasconcellos** - Historiador e Folclorista

\*

**Comissão Paraense de Folclore**

**Belém - PA**, 1.º de setembro de 1997

Estimado Sant'anna,

Com meus cumprimentos aprez-me agradecer ao nobre confrade a gentileza do convite para participar do 33.º Festival do Folclore, realizado, anualmente, em Olímpia, São Paulo, de 10 a 17 de agosto.

Como sempre tenho recebido a revista e o acontecimento festivo, aguardo a deste ano, esperando merecê-lo de sua proverbial atenção.

Estou a lhe enviar o I Boletim desta Entidade, provavelmente, em breve, enviarei o segundo, que está a ser preparado.

Cordialmente

**Maria Brígido** - Presidente

\*

**Governo de São Paulo**

**Secretaria da Cultura**

**São Paulo - SP**, 8 de setembro de 1997

**Ofício GS N.º 890/97**

Acusamos o recebimento do be-

líssimo exemplar do Anuário do 33.º Festival do Folclore.

Iniciativas como a do Município de Olímpia garantem a continuidade de nossas tradições e de nossa Cultura.

Aproveitamos a oportunidade para parabenizá-lo pelo trabalho que vem desenvolvendo. Renovamos nossos protestos de respeito e apreço.

**Marcos Mendonça**

Secretário da Cultura

À Prefeitura Municipal de Olímpia  
Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" e José Sant'anna

\*

**Pompéu - MG**, 12 de setembro de 1997

Caríssimo Prof. Sant'anna

Parabéns por mais este festival e pelo lançamento de "Quadradas Anônimas". Não vejo a hora de receber o Anuário, bem como seu livro, ambos reveladores da cultura, da sabedoria, da fartura de espírito e da alma lírica da minha, da nossa gente.

O folclore em minha vida já virou paixão. Espero, para o ano, lançar meu primeiro livro na área: Folclore Poético em Pompéu.

O sonho de assistir ao Festival de Folclore de Olímpia já virou projeto e vai para a agenda de 1998.

Oxalá possamos nos encontrar nessa festa de cores e amores, sons e ritmos tropicais, que une o Brasil e os brasileiros num só coração.

Com profunda admiração, o meu abraço e ternura.

**Edméia Faria** - Folclorista e escritora

**P.S.:** Se possível, mande-me dois exemplares da revista mais cobiçada. Todo mundo quer ler, todo mundo quer emprestada. Minha biblioteca é aberta. Mas... destas revistas eu morro de ciúme. Livro se sumir, se estragar, acha-se outro na editora, para repor. E estas revistas? A do 29.º FEFOL, por exemplo, já carece de reposição. Por mais cuidado que se tenha, o manuseio desgasta. E como são manuseadas estas revistas!

\*

**Piracicaba - SP** - 19 de setembro de 1997

Prezado amigo José Sant'anna.

Recebi os Anais do FOLCLORE deste ano, bem como o seu livro sobre QUADRAS ANÔNIMAS.

## CORRESPONDÊNCIAS

O estado da minha vista ainda não me permite ler com facilidade, mas espero conseguir isso em breve.

Agradecendo mais uma vez, desejo a sua saúde, de sua família, bem como a PROJEÇÃO de OLÍMPIA no FOLCLORE DO BRASIL.

Do velho amigo

**Flávio M. Toledo Piza**

\*

**Vitória - ES**, 20 de setembro de 1997

Prezado Professor Sant'anna

É sempre um prazer receber o belo **Anuário do Festival**. Agora tenho em mãos a 33.<sup>a</sup> versão. Na minha estante estão as revistas desde o 24.<sup>o</sup> ano. Estou comemorando o 10.<sup>o</sup> ano de recebimento de seu importante veículo de comunicação.

É mais: este ano o presente foi dobrado. **Quadras Anônimas** de sua colheita é como se dizia antigamente, "um livro que já nasce clássico", com referência obrigatória a quem versa folclore poético. Além da pesquisa exaustiva, a teoria subjacente e o esforço classificatório, revelam o dedo do gigante. "O querer bem na memória continua".

Muito bem, José Sant'anna. Obrigado. Parabéns.

O fraternal abraço do

**Renato José Costa Pacheco** - Professor de Folclore

\*

**Belo Horizonte - MG**, 22 de setembro de 1997

Colega e amigo Prof. José Sant'anna

Acuso o recebimento do livro seu **Quadras Anônimas**, lançamento que marca o 33.<sup>o</sup> Festival do Folclore de Olímpia. Coincidentemente, eu também comemoro a 33.<sup>a</sup> Semana Mineira de Folclore, realizada em agosto último. Tive a iniciativa: além da primeira, em 1965, coordenei outras muitas semanas que se seguiram. Orgulho-me disso, com certeza. Eu e você começamos juntos, apenas separados no espaço, mas não no tempo.

Depois que li Blavatsky, aprendi a não acreditar em coincidências, porque estas não existem. Há, sim, causas desconhecidas.

Abri o livro e, como sempre fiz diante de livro novo, folhei-o à ligeira. Desta vez, li algumas quadras, para retomar a leitura oportunamen-

te. Num segundo passo, raparei nos detalhes e, então, senti forte emoção ao ver meu nome entre os agraciados com sua generosa bondade. Nada de coincidência! Você empregou um recurso delicado para homenagear um velho teimoso, lutador como você pela mesma causa - a defesa do Folclore, da ciência que estuda a cultura popular tradicional. Serei reconhecido e não o decepcionarei, esteja seguro disso. Sinto - me sobremaneira honrado e estou agradecido. Não é comum uma homenagem dessas.

O Anuário está lindo. Lindo e útil. Adorável é a sua dedicatória. Realmente, a gente não pode ver a luz se não estiver no escuro.

Deus guarde você.

Com o abraço fraterno, despede-se

**Saul Martins** - Folclorista

\*

**Maceió - AL**, 23 de setembro de 1997

Caríssimo Prof. Sant'anna  
Saúde!

Depois da pesquisa exaustiva sobre as Trovas brasileiras, que você conseguiu ser mestre e me ensinar tudo o que eu jamais pensei saber sobre as mesmas, ficamos a pensar: Depois da obra "Quadras Anônimas", outro não poderá suplantar a erudição e o trabalho do modo conseguido.

Foi obra exaustiva, erudita, definitiva, pesquisada com sabedoria; o que mais se pode exigir de uma obra de caráter folclórico? O que resta, é dar parabéns e exigir outra obra com esse fôlego, para o bem da cultura brasileira.

Abraços. Obrigado.

**José Maria Tenório Rocha**

Professor e pesquisador de História e de Folclore, mestre em Antropologia Cultural.

\*

**Divisão de Museu, Patrimônio e Arquivo Histórico**

**Taubaté - SP**, 23 de setembro de 1997

Of. 067/97

José Sant'anna

Primeiramente, quero cumprimentá-lo pelo êxito do Festival do Folclore, que se repete já há 33 anos, conforme se depreende pela numeração de seu anuário, do qual tive a satisfação de receber um exemplar este

ano, o n.<sup>o</sup> 33, por parte de um aluno que esteve presente em Olímpia no período de 10 a 17 de agosto pp.

A qualidade do Museu de História e Folclore, bem como de seus festivais anuais, tem renomada fama em todo o Vale do Paraíba; infelizmente, ainda não tive oportunidade de conhecê-lo pessoalmente, entretanto, conheço a excelente qualidade dos anuários publicados durante cada festival.

Ocorre que em nossa instituição cultural, dispomos de bem equipada biblioteca, contando hoje com cerca de 50 mil volumes, inclusive uma seção dedicada ao Folclore nacional.

Assim sendo, venho por meio deste, solicitar-lhe o envio de um exemplar de cada anuário ainda disponível, material este que, tenho a certeza, virá a enriquecer ainda mais nosso acervo bibliográfico, pela qualidade e seriedade das matérias que contêm.

Na expectativa de poder ser atendido em minha solicitação, contando com sua compreensão e indispensável colaboração, antecipadamente agradeço.

Cordialmente,

**Prof. Antônio Carlos de Aragollo Andrade** - Historiógrafo

\*

**Maceió - AL**, 23 de setembro de 1997

Caríssimo Prof. Sant'anna

Que livrão belíssimo esse **Anuário do 33.<sup>o</sup> Festival do Folclore!** Que estímulo ele pode causar a quem estuda com seriedade o folclore! Que surpresa agradável, ter sido publicada a nossa matéria de 1986! Que bom que você continua a **ser você** e que seus ideais, bafejados pelo Divino, continuam de pé, como nos inícios!

A qualidade de estudioso dedicado do Prof. Sant'anna, pode ser um modelo e ser seguido, não apenas por folcloristas, mas por todos aqueles que estudam, pesquisam em diversas áreas do conhecimento, porquanto o que mais é ressaltado na trajetória de Sant'anna é uma qualidade muito nobre: a de ser persistente no que faz, pensa, realiza.

Professor Sant'anna: até o ano que vem. Deus te abençoe.

**José Maria Tenório Rocha**

Professor e pesquisador de História

## CORRESPONDÊNCIAS

ria e de Folclore, mestre em Antropologia Cultural

\*

**Campinas - SP**, 24 de setembro de 1997

Prof. José Sant'anna

Prezado amigo:

Acredito que, como nos anos anteriores, o Festival de Folclore de Olímpia tenha sido um sucesso.

Gostaria de receber o Anuário do Folclore 1997, que sempre traz artigos interessantes.

De antemão grato pela sua atenção, subscrevo-me

Atenciosamente,

**Prof. Dr. Hitoshi Nomura** - Escritor e folclorista

\*

Secretaria Municipal da Cultura  
**Londrina - PR**, 25 de setembro de 1997

Ilustríssimo Prof. Sant'anna

Agradecemos o envio do Anuário do 33.º Festival do Folclore.

Congratulações pela qualidade do trabalho que vem realizando, que é reconhecido como um dos mais expressivos do país, sendo nosso desejo a perpetuação do atual sucesso na busca da preservação cultural.

Cordialmente,

**Dr<sup>a</sup>. Angela Farah Marçal**

Secretária da Cultura

\*

**Comisión Internacional de Folklore**

**Buenos Aires, Argentina**, 25 de setiembre de 1997

Muy querido amigo Profesor José Sant'anna

No sabe lo que agradezco su gentileza de enviarme su documentado libro de Folclore Poético - Quadras Anônimas. Es una maravilla, de lo más valioso que ha dado el Brasil. Lo felicito y ya estoy obteniendo valiosos datos sobre la muerte mi próximo - quien sabe cuando - libro. Si tiene alguna cosa sobre el tema, espero me mande fotocopia.

También hágole llegar mis felicitaciones por el éxito del Festival do Folclore.

No sabe cuanto lamenté no haberme ido por allí en esos días. Pasa que fui a Campinas del 26 a 31 de agosto. Pero el día 27 nos caímos mi señora y yo, y aquí estoy tullido esperando el milagro de volver a ca-

minar bien. Estoy bastante regular y en Campinas fueron días muy tristes para mí y para mi esposa.

Yo creo que Ud. es un tipo extraordinario que si no existiera habría que inventarlo, pues Ud. con su energía, entusiasmo, arrastra a sus compañeros a la acción fecunda.

Le mando um abraço a Ud. y a su gente. Es todo lo que hoy puedo mandar, desde mi sillón.

Un abraço

**Félix Coluccio**

**P.D.:** Ya pronto le enviaré algunos trabajos.

Le digo que en São Paulo, me tuvieron que llevar en sillas de rueda, como a mi señora, y aquí en el Aeropuerto de Ezeiza también. Me he sentido muy desdichado. En Campinas, tuve la suerte de que nos visitaron Bráulio do Nascimento, Cásia Frade, Maria do Rosário Souza Tavares de Lima y el chileno Manuel Danmeman. Nos ayudaron a vivir.

\*

**Olinda - PE**, 25 de setembro de 1997

Meu caro José Sant'anna

Acuso o recebimento do sempre magnífico Anuário do 33.º Festival do Folclore de Olímpia, rico nas mais variadas informações sobre variadas manifestações folclóricas, resultado de seu trabalho, visando o registro, a vida da sabedoria popular da nossa gente. Mais uma vez aceite meus parabéns.

Recebi, ainda, também com muito agrado, seu Quadras Anônimas, um trabalho que lhe deu muito trabalho, mas que valeu como excelente contribuição, de sua parte, ao estudo do nosso folclore poético.

Mando-lhe, agora, a minha última micromonografia Moça, Casamento & Orações recentemente publicada.

Agradeço registro que você fez do nosso CD do Como Nasce Um Cabra da Peste, agora transformado em peça teatral por Altimar Pimentel e que estreou no Teatro Santa Rosa de João Pessoa no dia 13 deste mês com grande sucesso.

Faço ponto final neste bilhete com um abraço pra você.

**Mário Souto Maior**

Folclorista, antropólogo, escritor

\*

**Turiuba - SP**, 26 de setembro de

1997.

Ilustríssimo Professor José Sant'anna.

Faço uso desta para dirigir-me mais uma vez a esta honrosa Comissão e exaltar as maravilhas que o Folclore Nacional aí realizou neste 33.º Fefol e das quais nos embriagamos numa alegria e pureza admirável.

O Fefol, não sei se pelo conteúdo ou pela magia do título, já fugiu do perigo da simples tradicionalidade e suas riquezas e lições perdem a cor e assumem grande sentimento patriótico. E o que se sente, as emoções, permanecem marcadas na alma.

A diretoria gremista neste ano de 1997 tem outros componentes e conta com o Poder Jovem. O Plano de Regência continua o mesmo, onde destacamos um dos nossos objetivos culturais: "Promover o Folclore, pois enquanto se estuda a Folclorística, puro estará o coração, a vida será feliz e iluminada, a paz reinará".

E tal objetivo temos tentado pôr em prática: os costumes cotidianos, as maneiras decorativas dos ambientes, para que tudo esteja mergulhado neste espírito.

De um modo especial, o povo de Olímpia é muito alegre e hospitaleiro. Trata com muita afetividade os visitantes e isto também interfere no sucesso do Festival.

Encerrando, gostaria de agradecer o envio do Anuário do 33.º Fefol, e parabenizar pelo fascínio dos temas.

Votos de prosperidade a Olímpia e a sua festa principal. Que o Senhor Jesus continue derramando suas bênçãos e leve o Fefol ao sucesso desejado, pois nosso país necessita.

Um abraço a todos.

### O espetáculo

Olímpia, a magia do explicável, o gosto pelo simples e apaixonante, a Festa Maior que reúne muita gente, e um pouco mais, a fim de ver as belezas folclóricas de um país de povo corajoso que labuta diariamente no direito à vida.

Citar de Olímpia, suas canções e seus folguedos, a mensagem principal do verdadeiro, do alegre e dinâmico que só dá espaço às pessoas que se assumem com essas características, que não medem distância ou sacrifícios para o belo e real que parece algo de outro mundo, maravilhoso. Olímpia... onde há um espe-

## CORRESPONDÊNCIAS

táculo para o mundo ver.

**Anderson de Freitas Bonfim.**

Relações Públicas do Grêmio Estudantil - Poder Jovem 97/98.

\*

**Comissão Paulista de Folclore Guarujá - SP**, 27 de setembro de 1997

Caro amigo

José Sant'anna

Recebi "Quadradas Anônimas" - Folclore Poético, de sua autoria. Parabéns e muito grata pela dedicatória.

É um tratado de Versificação - estou aprendendo. Livro admirável que merece intensa divulgação. Não ouse analisá-lo e faço minhas as palavras do Prof. Rothschild Mathias Netto: "Caberá melhor a um especialista, dotado de sólida cultura, capaz de submeter o conteúdo deste livro, pacientemente elaborado, a análises profundas, com objetividade, realmente científica. José, aqui vão para você as quadrinhas caiçaras; a mim me parecem dedicadas a nós, eternos estudiosos do folclore:

"O meu dedo já me dói  
de tanto tocar viola,  
Nunca achei quem me dissesse  
larga disto e vai embora.

Quem me ver tocar viola,  
vai dizer que não trabalho.  
Trago a mão calejada  
da viola e do baralho."  
(O Caiçara, pg. 58)

Um abraço afetuoso e o aperto de mão de uma calejada pertinaz estudiosa de nosso folclore. Somente Deus dirá: "larga disto Esther, e vamos embora."

Em nome da Comissão Paulista de Folclore aceite nossos aplausos e admiração. "O Folclore proporciona a harmonia e o bem-querer entre todos os concidadãos." (J.S.)

Saudações

**Baronesa Esther Karwinsky**

\*

**Juiz de Fora - MG**, 27 de setembro de 1997

Caro José Sant'anna

Recebi com o maior agrado, como sempre, o Anuário do 33.º Festival do Folclore de Olímpia - SP. De parabéns você e todos os seus colaboradores.

Belíssima a capa, com a dança do Pau-de-Fitas. Muito substanciais as páginas internas. Agradou-me a sinceridade do texto da capa posterior da revista, sob título "Nossa Capa", em que esclarece não ser folclore o ali retratado. Foi um cuidado louvável. O nome disso é "traslado folclórico", quando se alteram portadores, ambiente e mesmo forma. Faço isso também nos cursos que venho ministrando sobre folclore aplicado na escola.

Estou lhe enviando dois livros meus aqui editados pela Universidade Federal de Juiz de Fora em convênio com a Diadorim Editora do RJ, para a sua apreciação e divulgação, se possível.

Mais uma vez, parabéns pelo excelente trabalho de preservação de nossa riquíssima cultura popular.

Abraços cordiais,

**Antônio Henrique Weitzel**

Folclorista e escritor

\*

**Comissão Paulista de Folclore Guarujá - SP**, 28 de setembro de 1997

José Sant'anna, prezado amigo Saúde.

Recebi o "Anuário do 33.º Festival do Folclore de Olímpia - SP Capital Nacional do Folclore". Parabéns e agradecimentos meus e, em particular, da Comissão Paulista de Folclore. Cumprimentos pelo seu Anuário, que é um Manual de Folclore! Muito linda, florida e especial a capa com o Pau-de-Fitas, dança apresentada pelo grupo parafolclórico "Cidade Menina-Moça", dirigido pela Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, a quem lhe peço transmitir meus efusivos parabéns. Para o Folclore do Namoro, de André Luiz Nakamura, envio a quadrinha caiçara:

"Vou embora para o mar  
Fazer vida com os peixinhos  
Já que não posso gozar  
o amor da menininha".  
(O Caiçara, pág.51)

A Iseh Bueno de Camargo, mui grata pela publicação "Coração Santo, tu reinarás / e nosso encanto sempre será" que me emocionaram e comoveram pela lembrança de minha mãe, que cantava este hino, pois era devota do Coração de Jesus.

Meu caro Sant'anna, sua pesquisa

de contos é muito importante e merece que os encaixe em um livro seu como outros, publicados anteriormente em seu Anuário.

Para "Folclore e a morte", vai esta quadra, também caiçara:

No dia em que eu morrer,  
me ponham em um caixão.  
Do melhor que tiver  
Me ponham um garrafão.  
(O Caiçara, pág. 60)

"As ondas do mar lá fora,  
São pretas, são amarelas  
Coitadinho de quem nasce  
Na sina de morrer nelas".  
(O Caiçara, pág. 55)

Assim cantava e tocava na viola, estas mais de 150 quadrinhas, Andreilino Ramos, Caiçara amigo que Deus levou para sua orquestra celeste.

Terminando, envio-lhe cumprimentos da Comissão Paulista de Folclore, bem como agradecimentos pelas palavras amigas e de grande estímulo com que nos cumula.

Receba o grande abraço da amiga de sempre.

"Vou lhe dar a despedida  
Adeus até outro dia,  
Fiquem com o Menino Deus,  
Vamos com a Virgem Maria."

**Esther S. A. Karwinsky**

**PS.:** Envio-lhe, em anexo "Danças e Folguedos, de Guarujá 1974 - no qual está inserido "Pau-de-Fita" - pesquisa de 1970.

Até hoje o grupo continua a se apresentar e dançam até netos e netas dos primeiros dançadores. O pau que utilizam é o mesmo que o primeiro ensaiado, que Barnabé de Oliveira me ofertou e que eu comprei ao grupo, hoje dirigido por Maria Izabel Martins Passos.

Gostaria de enviar uma vez o nosso "Pau-de-Fita" **Caiçara**, para seu próximo Festival. Este tradicional grupo sabe de seu Festival de Olímpia e lamenta nunca ter sido convidado. Realmente, é constituído de crianças caiçaras; são simples, vestimentas não luxuosas mas trançam as fitas e dançam muito.

**Esther**

\*

**Lagarto - SE**, 29 de setembro de 1997

## CORRESPONDÊNCIAS

Caríssimo José Sant'anna,

Recebi com muita satisfação os dois exemplares do Jornal Folha da Região, os quais me deixaram radiante e comovido, ainda mais quando vi as fotografias publicadas dos nossos grupos folclóricos, que "teimamos" em deixá-los vivos, apesar das inúmeras dificuldades.

Saber da homenagem a Sergipe foi outra imensa felicidade, quero que saiba que do que depender de nós, estaremos sempre prestigiando essa maravilha chamada FEFOL, que já faz parte do calendário de cultura nacional.

Quanto ao nome do patrocinador do ônibus, trata-se do SR. Ivan Leite, ilustre Secretário Estadual da Indústria, Comércio e Turismo, cujo apoio foi definitivo para a nossa participação no Festival.

Agradeço as palavras elogiosas a mim dirigidas, retribuo com os mais sinceros agradecimentos, desejando que a fé e a força para futuras conquistas sejam constantes.

Respeitosamente,

**Gérson Santos Silva**

Folclorista

\*

**Petrópolis - RJ**, 30 de setembro de 1997

Mestre José Sant'anna

Grato pela bela revista que me enviou, com o material alusivo ao 33.º Festival do Folclore.

Segue Encontro com o Folclore n.º 18, com o meu abraço.

**Francisco de Vasconcelos**

Folclorista, historiador e escritor.

\*

**Bom Jesus dos Perdões - SP**, 1.º de outubro de 1997

Caro José Sant'anna

Foi uma agradável surpresa receber o seu livro dedicado ao folclore poético - **Quadras Anônimas**. Trata-se de mais uma contribuição que V. traz para divulgar as coisas do povo, "coisas de Deus", como disse meu pai no seu pequeno livro **O Bom Povo**. Grato também pela sua oportuna dedicatória.

Por incrível que pareça no Dicionário do Cascudo não consta o verbete "quadras" ou "quadrinhas", tão importante em nosso populário. Prova que a grande obra está precisando mesmo de algumas anotações. Além de tudo, V. ensina a fazê-las

com as interessantes observações dedicadas ao **Folquetrovário Brasileiro**, que era desconhecida a palavra para mim. Sempre é tempo de se aprender.

O fruto de muitos anos de seu trabalho e pesquisas, destina-se a revigorar uma prática que está na alma trovadora de nossa gente. A trova brasileira ganha uma nova vida a partir do seu livro.

Um grande abraço.

**Hélio Damante**

**PS** - Estou lhe enviando xerox da carta que mandei ao Papa, em sua presente visita ao Brasil, pedindo a volta da Festa da Santa Cruz a 3 de maio. Pode divulgá-la e aproveitá-la na próxima edição dos Anais de Olímpia. HD

**Bom Jesus dos Perdões - SP**, 25 de setembro de 1997

**Carta ao Papa:**

Beatíssimo Padre

Jornalista católico, historiador e presidente de honra da Comissão Paulista de Folclore, faço respeitoso e veemente apelo a Vossa Santidade, por ocasião de sua presente visita ao nosso País, no sentido de ser restabelecida no Brasil a festa da Santa Cruz a 3 de maio, por motivo do V Centenário de sua descoberta, que transcorre no ano 2000, junto com o grande jubileu destinado a comemorar o início do terceiro milênio da Redenção.

Como sabe Vossa Santidade, o Brasil é universamente conhecido como Terra da Santa Cruz. A respectiva festa, chamada da Invenção ou Descoberta da Santa Cruz, foi recentemente suprimida no calendário da Igreja Universal, conservando-se em seu lugar a da Exaltação da Santa Cruz, a 14 de setembro, a qual não tem o mesmo significado para o povo brasileiro.

A reforma do calendário, recomendou, porém, que se conservassem as festas suprimidas, em geral para simplificar o ano eclesiástico, nos países onde firmaram tradição. Caso do Brasil, não apenas por ser uma data popular, com marcante presença nas tradições nacionais e na toponímia, como também porque nosso País tem a Cruz de Cristo nas armas, bandeira e insígnias nacionais e, até há pouco tempo, na moeda.

Trata-se de um fenômeno de acul-

turação, inspirado pela missiologia jesuítica e que tem seu protótipo no Cruzeiro do Sul, símbolo cristão esculpido pelo Criador no céu austral e descoberto também pelos primeiros navegantes.

Certo do apoio de vários dos nossos bispos a este pedido, humildemente coloco-o nas mãos de Vossa Santidade.

Servo em Cristo.

**Hélio Damante**

\*

**Prefeitura de Ituiutaba  
Biblioteca Municipal Senador  
Camilo Chaves**

**Ituiutaba - MG**, 02 de outubro de 1997

Prezados Senhores:

Visando um ensino de qualidade, onde o educando encontre cada vez mais informações, e tendo conhecimento de que a Prefeitura Municipal de Olímpia desenvolve um Projeto com muito sucesso sobre "Folclore", que são editados livros, esta Biblioteca vem a presença de V. S.<sup>a</sup> requerer doações sobre este assunto, pois o mesmo é extenso e nosso acervo é escasso.

Na certeza de seu pronto atendimento a esse pedido, agradecendo antecipadamente, e aproveitando para apresentar a V. S.<sup>as</sup> protestos de consideração e respeito.

Atenciosamente,

**Ilza Moraes de Carvalho**

Diretora

\*

**Natal**, 6 de outubro de 1997

Prezado José Sant'anna,

Faço votos que tudo esteja bem com você e que o Festival de Folclore de Olímpia tenha tido muito sucesso como nos anos anteriores.

Estou lhe enviando um exemplar do jornalzinho O ROSÁRIO, com um pequeno texto meu de interesse folclórico.

Também segue o estudo sobre Lampião, do colega da Comissão norte-rio-grandense de Folclore, Gutemberg Costa, que me pediu que lhe enviasse este exemplar já que não dispunha de seu endereço.

É possível incluir algum pequeno artigo meu sobre folclore no anuário do Folclore de Olímpia no próximo número? Ou é restrito a assuntos do folclore paulista?, ou a pesquisadores de Olímpia? Por favor, me informe esta possibilidade.

## CORRESPONDÊNCIAS

Cordialmente e sempre ao dispor,  
**Ulisses Passarelli**  
Secretário da Comissão norte-rio-grandense de Folclore.

\*

**João Pessoa - PB**, 6 de outubro de 1997

Ilmo. José Sant'anna  
Presidente da Comissão de Folclore de Olímpia

Associação Olimpense de Defesa do Folclore Brasileiro

Foi com grande satisfação que recebemos o significativo Anuário do 33.º Festival do Folclore de Olímpia e o sugestivo e importante livro Folclore poético: Quadras anônimas de sua autoria.

Parabéns ao caro colega e a toda a equipe responsável por estas excelentes publicações que, além de terem uma bela apresentação gráfica, vêm divulgando, com regularidade, importantes trabalhos, artigos de pesquisadores, notícias, correspondências relacionadas com a cultura popular, notadamente em Olímpia, justamente apelidada de "A Capital do Folclore" e que vem contando com o decisivo e esclarecido apoio da Prefeitura Municipal e, também, com a colaboração do BRADESCO.

Juntamente com o Prof. Altimar Pimentel e todos os que fazem esta Comissão Paraibana de Folclore, enviamos congratulações por esse dinâmico e perseverante trabalho que vem sendo desenvolvido sob a sua dedicada coordenação.

Queremos agradecer-lhe, ainda, as palavras incentivadoras ao nosso trabalho de pesquisas, que o colega teve a gentileza de nos enviar. Como pode observar, continuamos batalhando como nos é possível, mas muito firmes nos propósitos de valorização e preservação das nossas manifestações culturais populares.

Com elevado apreço, tendo em vista um intercâmbio cultural permanente, cordialmente,

**Prof.º Francisco Neuma Fechine Borges**

Secretária da Comissão Paraibana de Folclore

\*

**Belém - PA**, 06 de outubro de 1997

Ilmo. amigo  
Prof. José Sant'anna  
M.D. Coordenador do 33.º FEFOL

Após mais um festival, desta vez na sua 33.ª edição, com certeza muitas foram as dificuldades, muitos obstáculos surgiram no decorrer do evento, mas, certamente todos superados com a ajuda divina e com a vossa sabedoria.

Nós que compartilhamos e comungamos do mesmo ideal, pedimos ao nosso bom Deus, que iluminasse os caminhos de todos que compuseram a sua brilhante equipe e que tudo acontecesse da forma em que foi planejado, para que no final todos os objetivos fossem alcançados. Assim sendo, todos aqueles que compõem o Grupo Parafolclórico "OS BAIÓARAS", parabenizamos Vossa Senhoria e equipe por mais um FEFOL, ao mesmo tempo que acusamos o recebimento do CONVITE PROGRAMA E ANUÁRIO DO 33.º FEFOL, que sem sombras de dúvidas irão contribuir grandemente para nossos estudos e pesquisas desta disciplina tão importante e que tanto merece nossa atenção.

Embora distantes fisicamente e após 8 anos de participação neste FEFOL, somos testemunhas do quanto cresceu e crescerá ainda mais a nível de divulgação nacional a "Capital do Folclore", porém, espiritualmente torcemos todos principalmente pela sua saúde e pelo sucesso do 33.º FEFOL.

Atenciosamente  
**Professor Edson Janary Padilha Castro**

Presidente do G.P. "OS BAIÓARAS"

\*

**RIO - RJ - 7/10/1997**

Prezado Prof. Sant'anna

Agradeço a gentileza pelo envio do sempre esperado Anuário do FEFOL - 33.º Festival do Folclore de Olímpia, portando carinhosa dedicatória, com o inconfundível estilo de seu elevado espírito humano.

Meus agradecimentos extensivos à sua valiosa equipe, que muito se empenha, fazendo deste tradicional festival um marco incontestado do Folclore de nosso País.

Seu grato admirador

**Afonso M. Furtado da Silva** -  
Folclorista-Estudioso de Folia de Reis

\*

**São Paulo - SP**, 07 de outubro de 1997

Companheiro José Sant'anna,

Saudações caboclas

É sempre de grande prazer e respeito que me abasteço para dirigir-me à sua equipe para agradecer o recebimento do anuário das festas folclóricas de Olímpia, e, acabo de receber o 33.º, aliás, idade que o protagonista maior de nosso povo partiu da Terra para ficar eternamente no universo, inclusive iluminando as manifestações populares mais bonitas da nossa cultura no ciclo natalino (folia de reis, reisado, guerreiro, chegada, etc.).

Apesar das tentativas da globalização para com a formação cultural, as nossas raízes continuam brotando flores e gerando frutos, resistindo e "incomodando" literalmente a cultura popular espontânea de nosso país, prova é que só nesse ano conseguimos registrar até o mês de maio: guerreiro alagoano, congada do vale do Paraíba - SP, festa do divino, folia de reis de São Sebastião - Jequitibá - MG (a nossa capital mineira do folclore), cantigas das destaladeiras de fumo, Arapiraca - AL, batuque de Piracicaba - SP, fandango do Pontal da Barra - AL, enfim só pequenos exemplos para mostrarmos que o povo está, esteve e sempre estará, se manifestando através de sua verdadeira identidade que é a sua CULTURA POPULAR ESPONTÂNEA.

Quero e, serei, se Deus quiser, mineiro, paulista, goiano, matogrossense, paranaense, nordestino, dependendo da manifestação onde eu estiver junto com o povo de cada canto desta nação brasileira, para, cada vez mais me abrasileirar e conseqüentemente, me tornar universal falando a linguagem do meu povo (principalmente através da cantoria, que é com o que eu me identifico melhor).

E vamos parando por aqui com versos de Arapiraca - AL no trabalho de destalar o fumo no mês de agosto:

Fazendeiro, quero beber,  
Na vida tenho prazer.  
(Se não beber vou-m'embora)  
A carta que te escrevi  
Tirei da palma da mão.  
(Se não beber vou-m'embora)  
A tinta tirei dos olhos,  
A pena do coração.  
(Se não beber vou-m'embora)

Um abraço caboclo,  
**Eliezer Teixeira**

## CORRESPONDÊNCIAS

Folclorista, pesquisador, músico

\*

**Brasília - DF**, 08 de outubro de 1997

Prezado Professor José Sant'anna  
Recebi, com grande emoção e alegria, o Anuário do 33.º Festival do Folclore (10 a 17 de agosto), que me chegou como demonstração da gentileza e da fidalguia que o caracterizam.

Senti-me emocionada em ver os frutos de sua perseverança, pois, se a nossa querida cidade cada vez mais se destaca como a "Capital Nacional do Folclore", deve-o à sua dedicação, ao seu esforço, ao seu idealismo. O sucesso da nossa representação nas comemorações do quinto centenário de La Laguna, em Tenerife - Espanha, bem demonstra que seu trabalho vem encontrando eco no coração da comunidade de Olímpia.

A alegria ficou por conta de constatar que, apesar de todas as atividades que desenvolve, o Sr. não se esquece dos amigos, mesmo dos que, como eu, se encontram distantes.

Quero parabenizá-lo por este Anuário, tanto pela forma, pela estética, quanto pelo conteúdo; hajam vistas a qualidade e clareza dos textos.

Perdoe-me, portanto, por não lhe ter respondido imediatamente. A culpa, porém, não é minha: é do Anuário. A capa e o sumário me interessaram tanto, que me envolvi com a leitura dos artigos, retardando este agradecimento. Prenderam-me a atenção, principalmente, o "Folclore do Namoro", pela delicadeza do tema, e o "Folclore e morte", pela maneira cuidadosa e didática com que o Sr. tratou um assunto tão difícil.

Na oportunidade, solicito-lhe que, se possível, me envie alguns exemplares desse e/ou de outro material. Ficarei muito feliz em divulgar seu trabalho e nossa cidade, no Tocantins.

Um abraço da amiga e aluna.

**Êda Spejorin Patrocínio**

Do Gabinete do Senador Carlos Patrocínio

\*

**Rio de Janeiro - RJ**, 08 de outubro de 1997

Prezado Amigo:

Mais uma vez quero parabenizá-lo pelos 33 anos de luta em prol da divulgação e da valorização da cultura do nosso povo.

Infelizmente, ainda não foi desta vez que pude satisfazer a minha grande vontade de conhecer Olímpia e o trabalho que vocês e seus colaboradores vêm desenvolvendo, pois justamente no mês de agosto também tenho muitos compromissos à frente da Divisão de Folclore.

Muito agradeço sua gentileza por enviar-me o Anuário do 33.º Festival do Folclore de Olímpia e o livro Quadras Anônimas, paciente e dedicado trabalho de sua autoria, que registra a rica tradição oral olímpense.

Um abraço fraterno

**Delzimar Coutinho**

Da Comissão Nacional de Folclore

**Governo do Estado de São Paulo**

**Secretaria do Estado da Cultura**

**Departamento de Atividades Regionais da Cultura**

**São Paulo - SP**, 10 de outubro de 1997

Ofício Convite Especial

Senhor Prefeito

O Estado de São Paulo, através de sua Secretaria da Cultura, estará realizando no período de 11 a 31 de outubro de 1997, em parceria com diversos segmentos culturais, o evento multifacetário "Revelando São Paulo", que contempla a cultura tradicional no Estado.

Consta do programa, a realização de um seminário, que leva o nome do Evento, no período de 22 a 24 de outubro, das 9 às 13 h, no auditório do MAC - Museu de Arte Contemporânea - Unidade Ibirapuera.

Temos a honra de convidar Vossa Excelência para a cerimônia de abertura do Seminário "Revelando São Paulo" - dia 22 de outubro - às 9 h - Auditório do MAC - Museu de arte Contemporânea - Unidade Ibirapuera - Pavilhão da Bienal - 3.º andar - Portão 3.

Esperando contar com a participação de autoridades governamentais, secretários da cultura dos demais Estados, prefeitos municipais, além de estudiosos, pesquisadores e interessados no assunto, a presença de Vossa Excelência será importante e consignará maior brilhantismo ao Evento.

Sendo o que nos apresenta, renovamos nossos protestos de elevada e distinta consideração.

Sendo o que se nos apresenta, renovamos nossos protestos de elevado e distinta consideração.

**Geny Abdelmalack**

Diretora Técnica do DARC

Excelentíssimo Senhor  
**JOSÉ FERNANDO RIZZATTI**  
Prefeito Municipal de  
Olímpia - SP

\*

**Comissão Catarinense de Folclore**

**Florianópolis - SC**, 10 de outubro de 1997

Dr. José Sant'anna - Olímpia - SP  
Caro professor amigo:

Dou abaixo o meu pronunciamento sobre o 33.º Festival do Folclore: OLÍMPIA, importante cidade de São Paulo, destaca-se das demais do Estado e do Brasil, pela importância que lhe é atribuída pela realização do seu Festival de Folclore, já no 33.º ano.

A natureza cultural que lhe é atribuída, decorre por reunir grupos folclóricos da maioria dos Estados, o que lhe coloca em destaque durante o mês de agosto em todo o Brasil, com a realização do seu Festival, sob o comando da figura insigne do Prof. Dr. José Sant'anna que aglutina em torno de si uma equipe de intelectuais integrantes do Museu "Maria Olímpia" e da Associação Olímpiense de Defesa do Folclore Brasileiro. Destaca-se entre outros a escritora Iseh Bueno de Camargo, e colaboradores responsáveis pelo corpo redacional da Revista que consagra anualmente com a sua edição o Festival do Folclore do importante município paulista. A Revista patrocinada pelo BRADESCO se destaca pela primorosa impressão gráfica que coloca o parque da indústria - gráfica do BRADESCO entre as grandes empresas do Brasil. A Revista que é editada em face dos Festivais, destaca-se redacionalmente pela importância das matérias nela inserida, com a participação de pesquisadores da comunidade olímpiense e pronunciamento do ilustre Prefeito José Fernando Rizzatti, além da colaboração de folcloristas de renome nacional, registro de obras e pronunciamentos de doutos da ciência folclórica.

As manifestações de muitos mes-

## CORRESPONDÊNCIAS

tres da cultura popular brasileira, são verdadeiras "aulas" de folclore do Brasil, tornando a Revista no seu todo um repositório da sabedoria popular. A extensão das pesquisas publicadas, são obras válidas, que levam aos estudantes de nossas escolas conhecimentos de inusitados saber. Eis o porquê do meu entusiasmo em ser também um leitor destacado de "doutos" do saber popular. O meu efusivo abraço.

**Doralécio Soares**

Presidente

\*

**Rio - RJ**, 10/10/97

Querido Sant'anna,

As flores deste cartão são para comemorar os lançamentos do "Anuário" do 33.º Festival de Folclore e do "Quadradas Anônimas", de sua autoria. Em ambos, uma grande quantidade de imprecações, com rico material folclórico.

Quero então cumprimentá-lo e desejar muita saúde para prosseguir em seus belos trabalhos.

Com carinho,

**Cáscia Frade**

Da Comissão Nacional de Folclore

\*

**João Pessoa - PB**, 15 de outubro de 1997

Meu caro Sant'anna

Neste tempo de globalização, que pode ser traduzido por americanização, e conseqüentemente nivelamento cultural a partir dos ditames avassaladores importados, fico a pensar o que haveria de ser de nossas tradições mais legítimas, mais brasileiras e que refletem o espírito e a criatividade de nosso povo se não houvesse pessoas raras e especiais como você.

Digo-o de coração e em verdade, pois temo que o Brasil perca definitivamente o seu rosto, que o nosso povo resvale na vala comum dos colonizados, sem identidade própria.

Por todos esses temores, vejo no trabalho que você e uns poucos estão realizando por estes Brasis como uma perspectiva de que alguma coisa seja salva.

Agradeço-lhe a gentileza do envio do Anuário do 33.º Festival do Folclore. Como sempre uma publicação do maior interesse tanto pela documentação realizada como pela

amplitude de assuntos. Para mim, que atualmente estou interessado no conto popular, sempre encontro matéria para pesquisa e estudo no Anuário.

Tenho também comigo o Folclore Poético - Quadradas Anônimas de sua autoria. Obra que me fez percorrer velhos caminhos da juventude quando apaixonei-me pelas quadrinhas. Descobri algumas já do meu conhecimento e muitas que se revelam apaixonantes pela criatividade do nosso povo.

Trabalho exemplar esse seu, pois resgata e pereniza em letra de forma um valioso manancial da alma brasileira, onde repontam influências e até importações portuguesas.

Por tudo isto, meu caro Sant'anna, todos nós somos-lhe devedores.

Envio-lhe os Contos Populares da Paraíba - Patos - recolhidos durante a jornada de Contadores de Estórias da Paraíba por mim coordenada quando professor da Universidade Federal da Paraíba, oportunidade em que reunimos um acervo de mais de 1700 narrativas.

Receba um abraço fraterno e a muita admiração do

**Altimar Pimentel**

Folclorista, pesquisador, escritor

\*

**São Paulo - SP**, 19 de outubro de 1997

Prezado Prof. José Sant'anna,

É com satisfação que, mais uma vez, posso agradecer o recebimento do programa do Festival do Folclore de Olímpia e o Anuário desse importante evento.

Cumprimentos a você e a sua equipe por mais esse resultado de um grande trabalho e constante dedicação.

O abraço de

**Maria do Carmo Vendramini**

Folclorista

\*

**Curitiba - PR**, 19 de outubro de 1997

("Antes tarde do que nunca"...)

Prezadíssimo José Sant'anna

Recebi o Anuário do 33.º Festival de Olímpia, que agradeço também em nome da Comissão Paranaense de Folclore. E mais, a linda mensagem que você escreveu no início. A você, como diz o povo, "desejo o mesmo, em dobro".

Quero parabenizar a Prefeitura de Olímpia por mais esta vitória, que faz de Olímpia a Capital do Folclore Brasileiro em agosto e a belíssima revista, com tantas informações. Na sua "correspondência" a gente lê a "fala" de tantos amigos desse Brasil querido e também se delicia com as colaborações: o Folclore do namoro, Coração e Folclore, Futebol e Folclore, Contos Folclóricos e Folclore e Morte (seus, parabéns) e o Panorama Folclórico, com seus registros, afinal, uma alegria para quem lê e para o coração da gente.

Ao José Sant'anna também um abraço pelo seu "quadradas anônimas", um verdadeiro manual da arte da trova. Até um dia!

**Roselys Vellozo Roderjan**

Presidente da Comissão Paranaense de Folclore

\*

**Aracaju - SE**, 20 de outubro de 1997

Caro amigo Dr. José Sant'anna

Acuso o recebimento do Anuário do 33.º Festival do Folclore, como sempre de parabéns pelo conteúdo e pelo bom gosto. Sinto muito saudade dessa terra querida. Agradeço, do fundo do coração, a presteza de todos os anos lembrar-se de mim, enviando-me um exemplar dessa colossal revista.

Que Deus abençoe o trabalho que se desenvolve em Olímpia em torno da cultura popular.

Um forte abraço.

**João Francisco dos Santos**

Folclorista

\*

**Conceição da Barra - ES**, 21 de outubro de 1997

Prezadíssimo Professor José Sant'anna

Recebi o Anuário de Folclore de 1997. Li-o com muita atenção. Quanta coisa importante para o conhecimento do Folclore Nacional. Olímpia, a cidade Celeste, não hesita em realizar o maior festival folclórico do País, bem como, em manter, com regularidade, uma revista excelente, a porta de apoio aos que pretendem conhecer o folclore da nossa gente.

Sinto muita saudade do festival de Olímpia, quando dele participei como coordenadora do Grupo Reis de Boi, de Conceição da Barra.

Esperando em Deus, num dia re-

## CORRESPONDÊNCIAS

tornar a essa cidade, desejo a todos pleno sucesso, e gostaria que o senhor aceitasse meu convite para participar da festa de Ticumbi, nos dias 31-12- 97 e 1º-1-98.

Li a dedicatória maravilhosa. Se Deus quiser, não haverá sombras, porém muita luz para todos nós. Amém.

Atenciosamente,  
**Adelice Machado Pereira**  
\*

**São José dos Campos - SP**, 24 de outubro de 1997

Prezado Sant'anna

Recebi seu tão esperado "Quadradas Anônimas". Agradeço suas palavras animadoras. Chegaram na hora certa... Este espaço (sede do Museu) será inaugurado dia 3 de dezembro. A foto dos bonecos é do Piraquara ("gerado" em minha mente aí em Olímpia em 1987). Como sempre a disputa pela sua Revista é muito grande. Aliás ela tem sido fonte de pesquisa nas escolas dos meus netos. Um grande abraço.

**Angela Savastano**

Coordenadora do Museu - Folclorista

\*

**Fortaleza - CE**, 29 de outubro de 1997

Ilustríssimo Prof. Sant'anna

Recebi prazerosamente os dois exemplares do 32.º e 33.º ANUÁRIOS DO FESTIVAL DO FOLCLORE, realizados em Olímpia, contendo trabalhos da mais significativa importância para os estudos folclóricos brasileiros.

Dei-os a conhecer ao Professor Oscar Rodrigues, Secretário de Cultura de Maracanaú (município da Região Metropolitana de Fortaleza, onde atuou politicamente e presto assessoria à prefeitura na área jornalística). Ele ficou extremamente interessado em adquirir pelo menos um exemplar de cada, os quais após lidos e analisados ficarão à disposição dos pesquisadores na biblioteca local, ainda muito pobre em assuntos de folclore.

Se houver assentimento da parte de V. S.<sup>a</sup> a correspondência pode ser enviada para o meu endereço residencial ou para o professor Oscar Rodrigues: Secretaria Municipal de Cultura e Desporto - Maracanaú - CE. CEP: 61 900-000.

Por tudo antecipadamente grato, ponho-me ao seu dispor para o que for possível.

Atenciosamente,  
**Barros Alves**  
Folclorista, jornalista e escritor  
\*

**São Paulo - SP**, 31 de outubro de 1997

Sant'anna!

Li e reli QUADRAS ANÔNIMAS, com atenção, seguindo a crítica de Rothschild. Em cada página faço comparações com as que conheço desde a infância.

Você, no entanto, encontrou tantas e tantas que preciso começar a estudar "outra vez".

Lembro-me de sua idéia a respeito de compilar quadrinhas. Depois a vontade de selecionar e classificá-las.

Hoje tenho em mãos sua antiga idéia, concretizada.

Valeu a pena a espera do resultado da sua pesquisa árdua, pacientemente analisada.

Naturalmente você já recebeu todos os elogios possíveis e imagináveis, por isso mesmo não quero, neste final, repetir a quadrinha da página de número noventa e cinco, MAS VOU TRANSCREVÊ-LA:

"Quem diz o que já foi dito,  
Precisa tomar cuidado  
Para que os outros não digam  
Que está a chover no molhado".

O abraço sempre amigo da  
**Laura Della Mônica**  
Professora de Folclore, escritora.  
\*

**Juazeiro -BA**, 3 de novembro de 1997

Caro professor Sant'anna

O nosso grande abraço desejando-lhe muita saúde, paz e sucesso nos seus empreendimentos. Recebi o Anuário Folclórico do Festival - 1997, e como sempre fiquei encantada. A cada dia apresenta um conteúdo fantástico, um trabalho tão bem elaborado que nos fascina e fornece um conhecimento pleno da cultura brasileira sem discriminação, restrições ou coisas que o valha, mas o certo é que o anuário é uma bela jóia do folclore brasileiro e por que não dizer da Literatura Brasileira? E, o que mais me alegra é sentir em

todas as páginas a sua presença, o seu labor e sua paixão pelo folclore brasileiro. A preocupação de resgatar e preservar os nossos valores culturais. Que Deus o abençoe e à sua equipe. Estão realizando um grande trabalho para o Brasil de hoje, amanhã e de sempre.

Acabo de chegar e encontro um exemplar de Quadradas Anônimas. Que beleza! O Senhor, meu caro amigo, é um iluminado. Quadradas, uma gramática leve e divertida, uma síntese do folclore brasileiro. Com o coração repleto de amor pela terra brasileira, a alma cheia de luz divina, concebem tanta beleza, tantos saberes, que encantam e conquistam todos aqueles que têm a felicidade de conhecer tão encantador trabalho. Parabéns Prof. Sant'anna. O senhor é uma personalidade repleta de luz e sabedoria. E que prazer o senhor tem de difundir e ensinar a todos os seus saberes e conhecimentos múltiplos. Vicencia uma partilha cultural merecedora dos mais sinceros aplausos e gratidão do povo brasileiro. E eu me sinto feliz em ser lembrada, de merecer do grande e ilustre amigo a atenção de receber os seus belos e profícuos trabalhos, e aonde vou os mostro a todos, seguindo as suas pegadas da partilha cultural por si vivenciada ao longo dos anos.

Que Deus o abençoe e o ilumine a cada dia e cada vez mais.

Aos amigos daí o nosso abraço.

Mais uma vez muito grata. As minhas palavras não chegam a traduzir a minha tão sincera gratidão.

Até breve,

**Maria Izabel M. Figueiredo**  
Professora de Folclore

Em tempo: Continuo com as pesquisas do Folclore e com o Reis-de-Boi, Samba-de-Véio e o "show" noites Juazeirenses - com toadas dos remeiros, penitentes, Terno de Reis - O Terno das Camponesas e outras manifestações e minhas lendas. Amo o Folclore. É a minha paixão.

\*

**Comissão Paraense de Folclore Belém - PA**, 6 de novembro de 1997

Estimado confrade e amigo Sant'anna

Estava pensando escrever para você a fim principalmente de cobrar-lhe o sempre constante envio

## CORRESPONDÊNCIAS

do trabalho sobre o Festival de Olímpia, quando recebi FOLCLORE POÉTICO - QUADRAS ANÔNIMAS, que você me ofereceu, por isso aproveitei o ensejo para agradecer a remessa de tão interessante obra. Assim como para indagar a demora do que acima estou citando. Seu propósito em coletar produções populares é sobremodo muito válido.

Aceite pois meu abraço e meus parabéns.

Um beijo da amiga

**Maria Brígido** - Presidente

\*

**Itapira - SP**, 18 de novembro de 1997

Nobre folclorista, estimado amigo Sant'anna

Em minhas mãos, relendo-o, cedia de emoção e admiração, o seu livro - Folclore Poético - Quadras Anônimas - edição comemorativa do 33.º FEFOL de Olímpia ; claro que levarei tempo para inteirar-me, como quero e gosto, de todos os assuntos incluídos nestas 222 páginas que levam o seu valioso timbre.

Nas páginas 6, li com emoção saudosista:

“O que tens, ó, Juliana  
Que estás tristes a chorar?  
Não é nada minha mãe,  
Dom Jorge vai se casar”.

Na minha primeira infância, entre quatro e cinco anos (ou seis e sete), paravam pelas esquinas de casa, cantadores forasteiros, violão e caixinha de esmola ; essa era a “voga” de todos. Aprendi e gravei na memória, modinha inteira e música; passarei na pauta, no meu piano, cantarei, e mandarei para a sua coleção.

Como esta muitas outras lembranças vividas naqueles meus primitivos anos, nesta rua empoeirada, casas singelas, nós a molecada de rua... coisa querida, reler tudo no seu livro que tanto me faz bem! Ler à página 102, 104, 105, enfim, obrigada pelo presente e parabéns pelo trabalho admirável. Tudo no livro é admirável. Voltarei a tecer maiores comentários. Até breve.

Que tal o meu livro: A FESTA DO 13 E DAS CONGADAS DE ITAPIRA - percebeu o meu desabafo? O 2.º

tomo, que sairá o ano que vem em maio, será injetado de maior mordacidade.

Renovo minha admiração e o meu apreço pela sua brilhante, intensiva, carreira de perfeito folclorista, prêmio humano de Olímpia e do Brasil.

**Odette Coppo**

Folclorista, escritora

\*

**São Carlos - SP**, 24 de novembro de 1997

Caro Prof. José Sant'anna

Primeiramente, desejo-lhe muita saúde. Fiquei imensamente satisfeito em receber o anuário referente ao 33.º FEFOL, e Quadras Anônimas. Meu muito obrigado, pela atenção, e que Deus lhe ilumine sempre, para poder oferecer ao mundo, através de suas obras, sempre perfeitas, conhecimento, cultura e lazer.

Professor, o país lhe deve muito em reconhecimento, por este grande trabalho em prol da cultura do nosso povo através do folclore.

Um forte abraço

**Sérgio Albertini**

Folclorista por adoção

\*

**São Paulo - SP**, 2 de dezembro de 1997

Caro José Sant'anna

Acabo de receber Folclore Poético: quadras anônimas, que muito agradeço.

Com os meus cumprimentos por mais esse trabalho, envio o meu abraço.

**Maria do Carmo Vendramini**

Folclorista

\*

**São José do Campos - SP**, 02 de dezembro de 1997

Ofício n.º 038/97

Exm.º Sr.

D.D. José Fernando Rizzatti,  
Prefeito Municipal - Olímpia

É com muita satisfação que vimos, através do presente, agradecer o recebimento do livro “Folclore Poético - Quadras Anônimas” em comemoração aos 33 anos do Festival do Folclore de Olímpia, o qual, sem dúvida, enriquecerá o acervo da nossa biblioteca.

Sem mais para o presente e na certeza de que a soma dos nossos

esforços contribui para o desenvolvimento cultural da sociedade.

Atenciosamente,

**Oswaldo Ferreira de Almeida Jr.** - Diretor Cultural

\*

**Pompeu - MG**, 4 de dezembro de 1997

Caro Professor Sant'anna

Agradeço-lhe, de coração, o pronto atendimento a meu pedido dos Anuários do 29.º e 33.º Fefol, bem como de Quadras Anônimas. Parabéns por mais este valioso trabalho de preservação e divulgação da cultura popular. O livro, de leitura saborosa, é também rico manual de estudo. Gostaria de receber mais cinco exemplares de Quadras Anônimas.

Aproveito a oportunidade para desejar-lhe um feliz Natal, saúde, paz e muitas realizações no ano vindouro.

Afetuosamente,

**Edméia Faria**

\*

**São Paulo - SP**, 4 de dezembro de 1997

Senhor Coordenador,

Agradeço os exemplares Anuário do 33.º Festival do Folclore e Quadras Anônimas.

As palavras gentis das dedicatórias servem de incentivo para a luta diária.

Obrigada pela atenção!

**Raquel Volpato Serbino**

Coordenadora de Ensino do Interior

\*

**Secretaria da Cultura  
Gabinete do Secretário**

**São Paulo - SP**, 05 de dezembro de 1997

Ofício GSE - n.º 113/97

Senhor Prefeito

José Fernando Rizzatti

Olímpia - SP

Acusamos o recebimento do livro “Quadras Anônimas” - Folclore Poético.

Agradecemos o envio do material e cumprimentamos o Prof. José Sant'anna pela pesquisa e divulgação da cultura popular na comemoração do 33.º Festival do Folclore de Olímpia - Jubileu de Pórfiro.

Aproveitamos para renovar nos-

## CORRESPONDÊNCIAS

dos votos de estima e consideração.

**Marcos Mendonça**  
Secretário da Cultura

\*

**Maringá - PR**, 11 de dezembro de 1997

Ilustre mestre, querido amigo  
Professor Sant'anna

Com muito prazer e emoção que venho a sua presença para apresentar os meus agradecimentos pela remessa da grandiosa revista que muito tem colaborado para a continuidade do nosso trabalho. Sem dúvidas, o Grupo Fogança cresceu, conquistou seu lugar, e devemos em grande parte pela existência do seu trabalho, da sua força, sua coragem que nos dá impulsão para acreditar que podemos buscar, estudar, aprender e reproduzir, com simplicidade, as manifestações populares do povo brasileiro na área da dança.

O Grupo realizou um sonho ao ser convidado para o Festival do Pirineus, nossa turnê foi abençoada, realizamos 48 (quarenta e oito) espetáculos coroados de êxito, encantamos franceses e espanhóis, e já recebemos convite para retornar no ano de 1999 para o grande Festival de Dijon, o maior no gênero, na Europa. Queremos que saiba, dedicamos toda esta conquista ao nosso grande mestre, VOCÊ, o qual amamos e respeitamos, e estamos ansiosos para sermos privilegiados com um convite para participarmos da sua maravilhosa festa e, poderemos pessoalmente contar toda a nossa aventura nestes 58 dias de turnê.

Estamos enviando o CD do grupo, trilha sonora do espetáculo, "Sul, Centro, Norte, "Fogança Dança o Brasil", que levamos para Europa. "Para nossa alegria ficou entre os 5 (cinco) melhores do mundo, isso é dos 28(vinte e oito) países participantes. Receba este singelo presente, meu querido mestre, com todo nosso respeito e carinho. Continue a luta. A luta é um sinal de vitória, de vencedor.

Um grande abraço a você e a toda sua equipe, como a todos desta cidade maravilhosa, que sempre nos recebeu de coração e sorriso abertos.

Um feliz Natal e um Ano Novo com muita saúde e sabedoria.

**Sueli A. de Souza** - Grupo Fo-

gança

\*

**São Paulo - SP**, 18 de dezembro de 1997

Querido amigo Sant'anna

Primeiramente quero agradecer-lhe pela revista do Folclore e pelo fantástico livro Quadras Anônimas, de sua autoria, peças literárias que muito contribuirão para a minha formação sobre cultura do povo. Minhas profusas pelos dois lançamentos culturais.

Estou com saudade de você. Recordações dos trabalhos em prol do Festival do Folclore. Tanto trabalho! Quando virá a São Paulo?

Recomende-me aos amigos.

Um abraço da amiga

**Cármen Beatriz**

\*

**Taubaté - SP**, 23-12-97

Natal de 1997

Ao estimado, atuante, culto escritor e folclorista José Sant'anna, nossos parabéns pela sua valiosa atuação no resgate e preservação das manifestações folclóricas de nosso país.

Nossos agradecimentos pelo seu livro "Quadras Anônimas" resultado precioso de "pacientes e beneditinas pesquisas" de nossas tradições, que refletem a alma brasileira.

Agradeço também, encantada, o "Anuário do 33.º Festival do Folclore" de Olímpia, que sem dúvida é a Capital Nacional do Folclore.

Parabéns a você e àqueles que lhe prestam colaboração. Feliz Natal! Feliz Ano Novo, pleno de realizações!

**Maria Morgado de Abreu e família** - Folclorista

\*

**Natal - RN**, 27 de dezembro de 1997

Prezado Sant'anna,

Segue-lhe este exemplar do nosso boletim n.º 3, repleto de sinceros votos de excelente 98, próspero e cheio de saúde e paz.

Não é a oportunidade adequada, mas como a vida corrida de hoje dá-nos poucas oportunidades, venho acanhadamente lhe manifestar uma falta ou "frustração", não sei se me expressei bem, porque este ano, nem eu, nem o Deífilo tivemos o prazer

de **saborear** o excelente anuário de Olímpia. Se ainda tiver disponibilidade, temos pleno interesse. Perdoe-me esta petulância. Não é arrogância, é carência de informações do folclore brasileiro, neste país com tão poucas publicações neste campo e por morarmos tão longe, numa situação financeira que pouco permite viagens a festivais da natureza do de Olímpia.

Certo de sua compreensão, desculpa-me por qualquer petulância involuntária e agradeço desde já sua atenção.

**Ulisses Passarelli** - Folclorista

**Ituiutaba - MG**, 04 de fevereiro de 1998

Prezados Senhores,

A Escola Municipal do CAIC "Aureliano Joaquim da Silva", em Ituiutaba, MG, vem humildemente solicitar a V. S.ªs exemplares do "ANUÁRIO DO FESTIVAL DO FOLCLORE" que muito enriquecerão o acervo cultural de nossa escola.

Valemo-nos da oportunidade para expressar nosso reconhecimento pela atenção que V.S.ªs dispensarem à presente solicitação.

Atenciosamente,

**Maria de Fátima Salomão dos Reis** - Coordenadora de Cultura  
**Hilda Müller** - Diretora Geral

\*

**Passos - MG** - 15 de fevereiro de 1998

Prezado Prof. Sant'anna

Saudações:

Muito feliz e contente por novamente ser agraciado com o exemplar do anuário do 33.º Festival do Folclore de Olímpia, o qual é apreciado e guardado como relíquia, além de ser muito valioso nos trabalhos escolares de nossos filhos.

Que Deus ilumine o seu caminho, trazendo-lhe muita paz, saúde e entendimento.

Obrigado. Um grande abraço.

**Natalino de Rezende**

\*

**Natal - RN**, 17 de março de 1998

Prezado Sant'anna

Saudações cordiais!

Recebi, com alegria, mais um Anuário do notável festival de Olímpia, referente ao ano de 1997. Espetacu-

## CORRESPONDÊNCIAS

lar como os outros, de ótimo nível, muito mais que um informativo de festival, uma fonte de pesquisas. Agradeço de coração.

Estão de parabéns pelo trabalho louvável.

Despeço-me com um abraço fraterno, desejando paz, saúde e prosperidade.

### Ulisses Passarelli

**P.S.** Caro José Sant'anna, tenho um pequeno artigo sobre um tipo raro de moçambique de Minas Gerais, que uns chamam de "Moçambique-pé-no-chão", e ainda recolhi uns dados sobre ele, apesar de estar quase desaparecido. Se houver um pequeno espaço para futura publicação num de seus anuários, ficaria extremamente grato. Se houver interesse por assunto que não seja de São Paulo e possibilidade de publicação, favor informar-me. Desde já manifesto agradecimentos.

### Ulisses Passarelli

\*

**Campinas - SP**, 17 de março de 1998

Excelentíssimo Senhor  
Prefeito Municipal José Fernando Rizzatti

Preclaro Amigo:

Tenho, embora com humildade e um silêncio de apreciação, acompanhado a História recente da minha querida e inesquecível OLÍMPIA, onde nasci, cresci e adquiri princípios e conceitos que até hoje cultuo e defendo. Nunca esqueci meu berço e minha gente, embora as circunstâncias da existência que só conseguem aumentar o amor filial que me empolga e orgulha sempre.

Esse mesmo orgulho renasceu ao receber essa dádiva tão sentimental e sensível, esse livro magnífico e bonito que enobrece a cidade e seu mais precioso estímulo, o FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA. JOSÉ SANT'ANNA é meu irmão, toda OLÍMPIA o sabe, e estava demorando para mostrar ao mundo os seus tantos anos de sadia pesquisa e dedicação. Até que enfim chegou a hora. E chegou maravilhosa, dadivosa, esplendorosa, etc...

Agradeço a delicadeza. Não me contive e escrevi algumas linhas a respeito do FOLCLORE POÉTICO -

QUADRAS ANÔNIMAS, em minha coluna semanal "O DEFENSOR", de Taquaritinga. Segue a página da edição em que foram publicadas.

Reitero a admiração silenciosa e constante, de cidadão feliz e que ama verdadeiramente sua urbe, pedindo transmita-a ao nobilíssimo JOSÉ SANT'ANNA, irmão e amigo desde nossa já distante mocidade.

Abraços fraternos do

ALCY GIGLIOTTI

Ex-juiz de Direito, jornalista e escritor.

### O ARTIGO:

#### Nossos Amigos, os Livros (2)

Até que enfim! José Sant'anna, esse verdadeiro mago do Folclore Nacional, põe em livro a sua vasta e amorosa vivência e experiência nesse amor imenso em que transformou, em seu coração puro e idealista, o Folclore, origem e história da Nacionalidade. Sant'anna é de Olímpia. Já realizou, nesta cidade Menina-Moça tão linda e harmonizada, trinta e três Festivais do Folclore, na sua cidade querida e idolatrada, por afeto e gratidão. Figura exponencial, conhecido nacional e internacionalmente, navega a sua tranquilidade e competência pelas ruas da minha Olímpia, cortada pelo Córrego dos Olhos D'Água e pertinho do Rio Grande, terra de brasileiros ilustres e cenário de estórias, lindas e alegres ou trágicas, que compõem uma História fascinante e ainda não contada.

Pois é! José Sant'anna lançou, em edição comemorativa dos 33 anos do Festival, que criou e dirige durante todo esse tempo, esse livro valioso e excepcional, que chamou de "Folclore Poético - Quadras Anônimas". Na verdade, no livro alguma História, de Olímpia e do Folclore; a presença do queridíssimo Professor Rothschild Mathias Netto, a esbanjar lucidez e amor por sua cidade de adoção. E, depois, um mundo de conhecimentos, outro mundo de belezas e mais um mundão de humildade e simplicidade, os apanágios de grandeza do Homem e da Vida.

Um orgulho insopitável, meu caro Sant'anna. E uma saudade doída da minha terra e de minha gente inesquecida. Parabéns. A todos e, sobre-

tudo, a Olímpia de cidadãos como esses, dedicados ao Folclore. Ah! se outros em outras áreas surgissem, em todas as comunidades do Brasil!!!.

(Em "O Defensor", pág. 4, Taquaritinga - SP, 28/2/1998).

\*

### Asflag - Associação Folclórica de Lagarto

**Lagarto - SE**, 18 de março de 1998

Exm.º Sr. José F. Rizzatti

Prefeito Municipal de Olímpia

Venho através deste, agradecer-lhe imensamente pelo certificado de Honra ao Mérito, o qual tive notícias por meio do baluarte da cultura brasileira, José Sant'anna. Agradeço em nome de todos os componentes dos Grupos Folclóricos que dirijo e acompanho com dedicação e respeito e ponho-me humildemente à disposição para que a chama do folclore brasileiro seja eternamente acesa.

Aproveito a oportunidade para expressar os mais sinceros votos de consideração.

Atenciosamente,

**Gérson Santos Silva** - presidente

\*

### Asflag - Associação Folclórica de Lagarto

**Lagarto - SE**, 18 de março de 1998

Caríssimo José Sant'anna,

Não sabe o quanto emocionado fiquei quando recebi a sua tão agradável carta e, mais ainda ao receber a notícia sobre o Certificado de Honra ao Mérito. Pode parecer vaidade, mas a causa maior de tanta felicidade foi o reconhecimento feito com bastante dedicação e amor, mas não fui eu que ganhei sozinho tal honra, pois todos os componentes dos grupos e a cidade de Lagarto fazem parte ativa deste momento e desta história.

Quero agradecer-lhe por tudo isso e ponho-me sempre disponível para lutar pela preservação e engrandecimento do Folclore Nacional.

Respeitosamente despeço-me, rogando a Deus que o ilumine sempre.

Abraços,

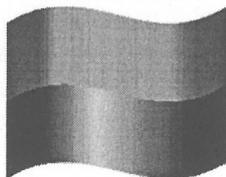
**Gérson Santos Silva** - presidente.

# 34.º FESTIVAL DO FOLCLORE

9 A 16 DE AGOSTO DE 1998

## PATROCINADORES:

FUNDO  
NACIONAL DA  
CULTURA



MINISTÉRIO  
DA CULTURA



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA



Associação Olimpiense  
de Defesa do Folclore Brasileiro



**Bradesco**



## Prefeitura Municipal de Olímpia Estado de São Paulo

# Trigésimo Quarto Festival do Folclore Jubileu de Âmbar Momento de Afirmação Nacional

O Bradesco é um banco de sentimentos benignos e corajosos. Trabalha com toda a alma e todo o coração. Ama o Brasil porque ele é o seu berço. E tem orgulho de ser brasileiro.

A Diretoria do Bradesco nos atende com solicitude, porque sabe que promover a cultura popular, em suas várias formas de expressão, divulgando-a, é ir ao encontro do alicerce de toda a cultura.

**Folclore e Bradesco** são duas palavras que formam um binômio cultural eufônico, harmonioso, dotadas de essência de muito valor nacional. Formam um par perfeito. A primeira se relaciona ao conhecimento que tem nosso povo. A segunda contribui para o progresso econômico do País.

Além disso, o Bradesco há dezessete anos (Jubileu de Rosa) vem prestando sua colaboração contínua para a publicação do Anuário de Folclore.

O Anuário, como fonte de comunicação, tem grande força educativa em nossos dias, para nosso País. Não somente transmite informações, mas oferece oportunidade de cultura e lazer.

Na realidade, é um instrumento que, de forma velada e subliminar, comunica uma visão da cultura do homem simples brasileiro.

Por esta razão outro patrocinador do anuário, senão o Bradesco, desequilibraria a sonoridade do mágico dístico **Bradesco e Folclore**.

Eis a razão por que somos Bradesco.

*José Sant'anna*

Coordenador do Festival

**Bradesco é cultura**



### ALGUNS INTEGRANTES DOS GRUPOS:



*Terno de Moçambique "São Benedito",  
do capitão Adelis Paula dos Santos.*



*Terno de Congada "Chapéu de Fitas",  
do capitão José Francisco Ferreira.*

Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia

Fotos: Fefol de 1997

"Consideramos o Folclore um complexo de fenômenos sócio-culturais que mostram a mentalidade e o comportamento de grupamentos humanos, atendendo basicamente a cinco características – coletividade, empirismo, espontaneidade, funcionalidade e tradição. (Outras duas características que alguns autores insistem em realçar – a oralidade e o anonimato – nós as consideramos apenas secundárias, uma vez que há fatos folclóricos de transmissão não-oral e também fatos cujo autor é conhecido). Esses traços que formam a cultura **do povo** são mantidos pelos costumes e pela imitação, sendo importante no caso atentar-se para a interação dos membros da coletividade, compreendendo que as manifestações do populário se difundem de modo não-formal – daí sua vivência empírica, ou seja, sem teoria, a-científica por natureza."

*Américo Pellegrini Filho - U.S.P.  
Do livro Folclore Paulista - 1985*

COLABORAÇÃO:



**Bradesco**